

MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E
ARTÍSTICO NACIONAL
MUSEU IMPERIAL

ANUÁRIO
DO
MUSEU IMPERIAL

Edição Comemorativa

50 Anos do Museu Imperial (1943-1993)
150 Anos de Fundação de Petrópolis (1843-1993)

Petrópolis

1995

Anuário do Museu Imperial

Número Especial

Coordenação Editorial: Maurício Vicente Ferreira Junior

Presidente da República

Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Cultura

Francisco Weffort

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Glauco Campello

Diretora do Museu Imperial

Maria de Lourdes Parreiras Horta

Coordenadora Técnica

Evelina Grunberg

Coordenadora Administrativa

Dora Maria Pereira Rego Correa

ISSN 0103-2593

Museu Imperial/IPHAN
Rua da Imperatriz, 220 - Centro
Petrópolis/RJ - CEP 25610-320
Tel.: (0242) 42-7012 - Fax: 43-8540
Brasil

APRESENTAÇÃO

O Museu Imperial, comemorando os 50 anos de sua abertura ao público, em 1943, e os 150 anos da fundação da cidade de Petrópolis, resolveu reeditar uma já raridade bibliográfica - o volume **CIDADE DE PETRÓPOLIS: reedição de quatro obras raras**, publicado em 1957 em comemoração ao centenário da elevação da povoação de Petrópolis à categoria de cidade.

A apresentação da primeira edição, pelo então diretor do museu Francisco Marques dos Santos, já diz o suficiente sobre o conteúdo da obra e a importância dos quatro “*livrinhos*” encontrados na Biblioteca do Museu Imperial, raridades bibliográficas para os que querem conhecer a história da nossa cidade.

O presente volume sai à luz dois anos depois do previsto. Em setembro de 1992, em reunião da equipe técnica do museu para preparar as comemorações do sesquicentenário da cidade e o cinquentenário da instituição, da qual participou o antigo diretor Lourenço Luiz Lacombe, decidiu-se que a edição do **Anuário Comemorativo** deveria reproduzir, na íntegra, a reedição já histórica e de há muito esgotada das “*quatro obras raras*”, que recuperam de maneira única, singela e original os primórdios da vida da cidade e as impressões daqueles que usufruíram do “... *lugar da terra que talvez melhor mereça...*”, segundo um dos autores, “...*ser intitulado paraíso terrestre!*”.

Com a nostalgia daquele paraíso perdido que sonhamos ser possível recuperar, imaginamos que não faríamos “... *trabalho (mais) útil e digno de Petrópolis.*”, a exemplo de J. Tinoco em seu **Guia de Viagem**, de 1885, do que colocar novamente à disposição do público as informações e a poesia descritiva contidas nestes quatro pequenos “*opúsculos*” e em suas ilustrações originais.

Retomando a idéia de Marques dos Santos, que cita Tinoco em sua apresentação, seguimos o velho preceito com o qual o curioso jornalista finaliza o seu prefácio ao **Guia de Viagem**: “*Bien choisir parmi les vieilles choses c’est presque inventer des choses nouvelles*”. Acreditamos que ao escolher a reedição

da reedição das *quatro obras raras* existentes em nossa biblioteca, não estaremos inventando uma coisa nova em termos de edição, mas estaremos, sim, renovando, redescobrimo, revigorando uma visão da cidade de Petrópolis que, através destes textos, ajuda-nos a ver e reiventar o futuro de nossa antiga povoação e seus arredores.

Como diz Marques dos Santos em sua apresentação, regozija-se esta Casa com a possibilidade de poder continuar a obra de seus antecessores, que cumprindo sua missão institucional, procuraram contribuir para o conhecimento e o estudo da história petropolitana e fluminense. Alegramo-nos igualmente pelo fato de podermos dar acesso às novas gerações de pesquisadores, estudantes e amantes de Petrópolis, às fontes cristalinas das origens dessa história. Outros motivos reforçam esses sentimentos. O primeiro é o de podermos dar continuidade à edição dos anuários do Museu Imperial, série já clássica na historiografia da cidade e do país, e cujos primeiros números, a partir de 1940, já são igualmente raros, procurados por inúmeros pesquisadores e interessados, como referencial seguro e fértil de informações para o estudo do período imperial, para o conhecimento do conteúdo inesgotável do nosso Arquivo Histórico, das artes e dos acervos nacionais, em especial os do Museu Imperial. São até hoje 43 volumes que sintetizam os trabalhos do Museu e de seus pesquisadores nos anos em que não se publicou um Anuário. O volume comemorativo dos 50 anos da instituição foi previsto para ser lançado em 16 de março de 1993, na abertura das comemorações do Sesquicentenário da Fundação da Cidade, inaugurada com a exposição A Cidade e a Serra, especialmente preparada pelo museu, com o grande apoio das comunidades e grupos culturais fundadores e constituidores de Petrópolis. Inúmeros fatores atrasaram e impediram o cumprimento do prazo previsto, e só agora, neste inverno de 1995, é possível lançar o presente Anuário. Por se tratar de um volume especial, comemorativo das duas datas marcantes na vida do Museu Imperial e da Cidade de Petrópolis, a publicação apresenta características diversas dos tradicionais anuários: não se apresentam aqui relatórios anuais de atividades e de visitação do museu, nem os diferentes artigos e textos sobre os temas pertinentes ao acervo e à função institucional do mesmo. O próximo volume da série, que esperamos poder publicar já neste mesmo ano, retomará o formato tradicional, recuperando os dados e informações sobre os últimos anos de trabalho do museu, a partir do último número publicado. A presente publicação restringe-se assim à reedição, na íntegra, dos relatos das viagens a Petrópolis e de sua vida e estabelecimentos existentes na segunda metade do século passado, pelos autores **Carlos Augusto Taunay**, **Revert Henry Klumb**, **José Nicolau Tinoco de Almeida** e **Tomás Cameron**. Mantivemos a apresentação da primeira edição, de 1957, reproduzimos as folhas de rosto de cada obra, bem como as notas e comentários aos textos originais. Este é o segundo e talvez o mais importante motivo do júbilo com que apresentamos esta reedição: a possibilidade de oferecer aos leitores as notas revistas, comentadas e ampliadas por Lourenço Luiz Lacombe, do trabalho que realizou para a edição original deste volume. Já na

aposentadoria compulsória, após mais de meio século de dedicação a este museu, o nosso caríssimo amigo e diretor por 23 anos, Lourenço Lacombe, continuou seu trabalho diário de historiador, pesquisador e museólogo de rara competência e capacidade, em seu novo gabinete junto aos técnicos da casa. Ali, nos últimos quatro anos, dedicou-se à redação de seu último trabalho de fôlego, a ‘História do Palácio Imperial de Petrópolis’, ainda inédito. Com igual entusiasmo, encarregou-se de rever e ampliar seus comentários e notas à edição anterior, ao longo dos dois últimos anos de preparação deste Anuário Comemorativo. A morte respeitou sua tarefa, aguardando o ponto final, um ponto que não vinha nunca, pois como dizia Lacombe, precisaria pesquisar mais, precisaria de mais tempo para verificar alguns pontos, para checar algumas informações. O ponto final, finalmente, foi colocado, mas a missão do velho amigo e professor não se deu por terminada. Continuará, sem dúvida, em outras esferas, a redescobrir aquilo que não está nos livros ou nos periódicos de qualquer época. Lacombe continuará assim a verificar, pessoalmente desta vez, junto aos personagens que tanto amava, a verdade das histórias e estórias que gostava de contar sobre a cidade que conheceu como ninguém... Continuará ainda a inspirar e a guiar os discípulos e amigos que tanto admiravam e aos quais serviu de exemplo ao longo de sua risonha vida. Resta-nos trabalhar para multiplicar os frutos deste trabalho.

Maria de Lourdes Parreiras Horta
Diretora

**CIDADE DE
PETRÓPOLIS**

REEDIÇÃO DE QUATRO OBRAS RARAS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

**CIDADE
DE
PETRÓPOLIS**

REEDIÇÃO DE QUATRO OBRAS RARAS

MUSEU IMPERIAL

PETROPOLIS

1957

Reprodução da folha de rosto da edição original de
CIDADE DE PETRÓPOLIS: Reedição de Quatro Obras Raras, 1957.

APRESENTAÇÃO

O MUSEU IMPERIAL, comemorando a efeméride do centenário da elevação de Petrópolis à categoria de Cidade, resolveu editar, através de sua Divisão de Documentação Histórica, o presente volume, constituído de quatro raridades bibliográficas sobre esta Cidade.

Não se pode igualar o valor de todas – ou melhor, não têm elas o mesmo grau de interesse; mas valem pelas informações divulgadas.

Embora resumidamente, queremos nos referir aos autores desses livros, cujas folhas de rosto são reproduzidas em clichês.

CARLOS AUGUSTO TAUNAY – Seu livrinho, Viagem Pitoresca a Petrópolis, editado em 1862 por Eduardo e Henrique Laemmert, adornado com seis litografias de Malté, executadas em Stuttgart, d’après fotografias de Klumb, representando vistas de Petrópolis e um mapa, é um hino a esta terra, e nem lhe faltam românticas poesias de Joaquim Norberto de Sousa Silva. Trata-se de pequeno volume de 144 páginas e foi identificado como sendo de autoria do major de engenheiros Carlos Augusto Taunay, por Sacramento Blake.

Não poderíamos deixar de incluir *** ⁽¹⁾ nesta publicação, porque foi grande entusiasta de Petrópolis. Diz, em suas primeiras linhas: “Petrópolis é o lugar da terra que talvez melhor mereça do que qualquer outro, ser intitulado paraíso terrestre!”

E à página 3 ... “essa Suiça [com s pequeno] eternamente verdejante e florida, essa morada da Saúde e do bem estar, em uma palavra, esse paraíso terrestre a quem [sic] chamam de Petrópolis”.

Nessas palavras, expressão da verdade, sente-se o filho do amigo da Cascatinha da Tijuca; o irmão de Félix Emílio Taunay, eterno amante do Belo, mestre dos mais queridos de dom Pedro II.

(1). O autor esconde seu nome sob três asteriscos.

Carlos Taunay, que ingressara no Corpo de Engenheiros, diferenciava-se, porém, no gênio, de seus irmãos e não teve a bonomia ascética do mano Teodoro, o poeta dos Idílios Brasileiros, cultor de grego e de latim, cônsul de França, protetor de seus compatriotas e mecenas dos necessitados que o procuravam.

No exemplar da obra pertencente ao MUSEU IMPERIAL não há vestígio do mapa de Petrópolis que ocorre em outros exemplares. Não acreditamos que esteja desfalcado este volume, de vez que declara o autor na Advertência, pág. VIII: “aos que se interessam com mais especialidade pela topografia, se destinou uma edição acompanhada de uma linda planta colorida da cidade e quarteirões coloniais”... Daí se poderá inferir que nem todos os exemplares ostentavam o mapa.

O estilo de Carlos Taunay, como já notara o comentarista da Gazeta de Petrópolis, embora vivo e fluente, denota o de escritor estrangeiro, evadido de galicismos, que o professor Lacombe achou preferível conservar, para não tirar o pitoresco do original. Foi apenas unificada a grafia de certos topônimos, como Palatinado e Palatinato, por uma questão de homogeneidade.

E como o visconde de Taunay, também achamos desnecessária, quando não ridícula, a divulgação da lenda do padre, cuja ausência não faria a menor falta e que foi mantida por questão de honestidade, desde que se trata de reeditar a obra.

Eis em poucas linhas o que desejamos dizer de Carlos Taunay, que foi culto e patriota, bom francês e brasileiro naturalizado. Deixou diversos trabalhos esparsos, sendo, talvez, Viagem Pitoresca a Petrópolis o mais interessante desta série.

REVERT HENRY KLUMB publicou, em 1872, dez anos depois de Carlos Augusto Taunay, a obra Doze horas em diligência, guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora, ilustrando-a com 31 litografias, inclusive um retrato de Mariano Procópio Ferreira Lage, 29 vistas e uma planta da Estrada União e Indústria. Publicando-a na Tipografia de J.J. Pereira Braga, dedicou-a à imperatriz d. Teresa Cristina.

Narra Klumb pormenores de sua vida, pois já se encontrava no Brasil havia vinte anos, sendo fotógrafo de Suas Majestades e Altezas Imperiais. Em antigos álbuns de família, não raro encontram-se fotografias desse artista, que no Brasil exerceu grande atividade.

Doze horas em diligência, eis uma publicação palpitante, pela vivacidade que Klumb dá ao processamento da pitoresca viagem que nos primórdios da Estrada União e Indústria fazia-se do Rio a Petrópolis e depois de Petrópolis a Juiz de Fora, mudando-se doze vezes os animais de tiro, em

diligência, ou ônibus no padrão da Mazeppa que se encontra na seção de viaturas do MUSEU IMPERIAL ⁽²⁾.

Ao sr. Gilberto Ferrez, autor de Iconografia Petropolitana e de outros trabalhos de investigação histórica, agradecemos a gentileza do empréstimo do mais belo dos exemplares dessa raríssima obra, adquirida em livreiro de Paris, contendo o carimbo da biblioteca do Castelo d'Eu. Ao primeiro diretor do MUSEU IMPERIAL, dr. Alcindo de Azevedo Sodré, cabe, ao que se nos afigura, o primeiro estudo sobre Klumb, servindo-se do exemplar mutilado existente na Biblioteca Nacional. A presente e fragmentaria reedição da obra de Klumb, na parte portuguesa, pois que ela é bilingüe (em português e francês), representa solução feliz para todos os que, em vão, procuram essa raridade bibliográfica, em busca de informações sobre Petrópolis. Também fragmentariamente, esse trabalho aparece na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 230 (janeiro-março, 1956) no capítulo V, do estudo sobre Mariano Procópio, de autoria de Albino de Oliveira Esteves.

JOSÉ NICOLAU TINOCO DE ALMEIDA – Nasceu em 19 de dezembro de 1852, no município de Itaboraí e faleceu em 1887. Foi apreciado repórter da imprensa carioca, exercendo a profissão no Jornal do Comércio durante dezesseis anos; incumbido sempre de serviços da maior importância, acompanhou o imperador em viagens às províncias, inclusive ao Paraná em 1880, e em 1885 na comitiva da princesa Isabel, à inauguração da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba.

O Tinoco, do Jornal, como era conhecido, foi autor de Petrópolis-Guia de Viagem, impresso na Tipografia de L. Winter, à rua do Hospício, 91, Rio de Janeiro, em novembro de 1885.

Nas breves linhas com que apresentou o seu Guia, diz que, em falta de melhor, seria ele de proveito, pois fôra muito penoso elaborá-lo, sendo mais difícil obter dados e informações do que fazer obra própria. Conclui a sua apresentação dizendo que obedeceu ao velho preceito, “*Bien choisir parmi les vieilles choses c'est presque inventer des choses nouvelles*”, julgando ter feito trabalho útil e digno de Petrópolis. Preocupado, de fato, em fazer obra de divulgação, seu livro é um verdadeiro guia de viagem.

TOMÁS CAMERON, filho de ingleses, nasceu no Rio de Janeiro, em 1838. Veio, ainda moço, para Petrópolis, trabalhando com Quintino Bocaiúva e Augusto Emílio Zaluar, fundadores do Jornal O Paraíba.

Afastando-se de Petrópolis, para Paraíba do Sul, lá fundou O Paraibano. Em 1866, em Juiz de Fora, lançou O Farol, que existiu até nossos dias e é de tão grata lembrança àquela cidade.

(2). A Mazeppa, cedida ao Museu Rodoviário, em Paraibuna, ainda hoje poderia ir a Juiz de Fora; acha-se em magnífico estado de conservação, faltando-lhe apenas o correame.

Em 1872, de retorno a Petrópolis, ingressou no Mercantil, de Bartolomeu Pereira Sudré. Jornalista, poeta, dramaturgo, teve Cameron proveitosa existência. Nos últimos anos da vida, abriu modesta livraria e exerceu o cargo de auxiliar-bibliotecário da Câmara Municipal.

O último opúsculo reproduzido neste volume, Os Estabelecimentos úteis de Petrópolis, constitui outra raridade, cuja cópia nos foi facultada pelo diretor da Biblioteca Municipal, José Kopke Fróis. Impresso nas oficinas de O Mercantil, ou seja na tipografia de B. P. Sudré, à rua Teresa 66, contém 80 páginas, sem ilustrações, e consta de dez capítulos. São conhecidos dois outros trabalhos de Cameron, impressos em O Mercantil: o Guia de Petrópolis para o ano de 1855 e uma peça teatral.

Ao sr. Lourenço Luiz Lacombe, chefe da nossa Divisão de Documentação Histórica, coube a tarefa de anotar as obras reeditadas, com elementos do arquivo do MUSEU IMPERIAL e de seus conhecimentos no assunto.

Assim, com o presente volume, serão divulgados quatro verdadeiros cimélios, dificilmente encontrados em bibliotecas. Apresentam valor informativo, como é o caso das obras de Cameron e Tinoco. Quanto às publicações de Taunay e de Klumb, acrescente-se-lhes valor iconográfico, pois são ornadas de belas ilustrações, revivendo a tranqüilidade patriarcal de nossa antiga cidade.

Regozija-se esta Casa com a cooperação que tem procurado dar à cultura histórica petropolitana, conforme lhe é determinado pelo seu estatuto regimental. Entrega, portanto, o MUSEU IMPERIAL, à sua cidade, esta oferenda que interessará àqueles que estudarem o seu passado.

Francisco Marques dos Santos
Diretor

*. F. Marques dos Santos foi Diretor do Museu Imperial de 1954 a 1967. (Nota do anotador, Prof. Lourenço Luiz Lacombe).

VIAGEM PITTORESCA

A

RETROPOLIS

PARA SERVIR DE

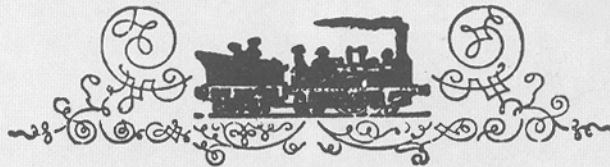
ROTEIRO AOS VIAJANTES

E

RECORDAÇÃO DESTA AMENO TORRÃO BRASILEIRO

POR ***

ADORNADO COM 6 VISTAS.



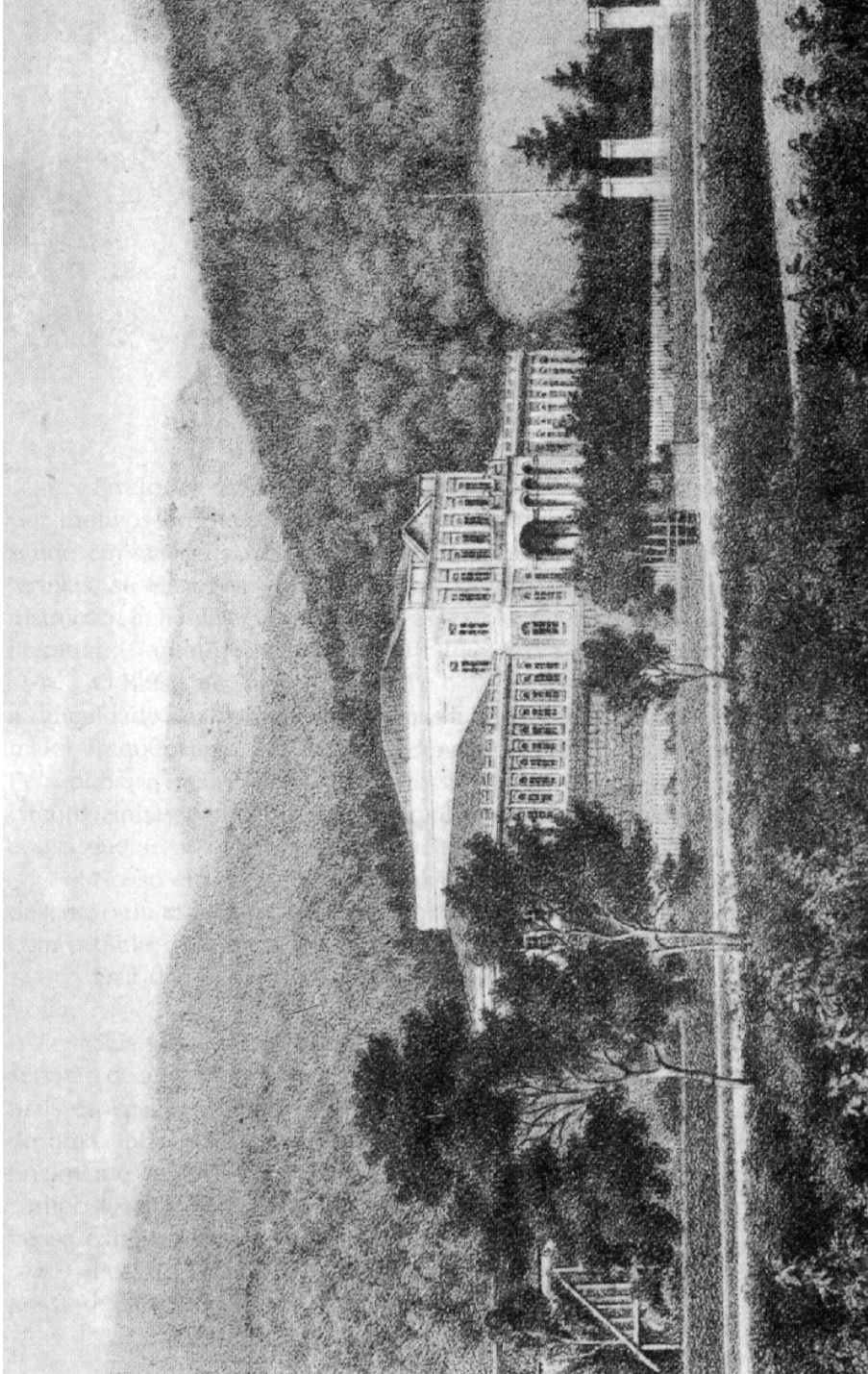
RIO DE JANEIRO

EDITORES-PROPRIETARIOS

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

1862

Reprodução da folha de rosto do livro de Carlos Taunay.
Dim.: 16 x 10 cm.



PALÁCIO IMPERIAL

ADVERTÊNCIA

Em todos os países onde existem lugares periodicamente visitados por motivos de devoção, curiosidade, divertimento ou melhoramento de saúde em razão da salubridade do clima ou eficácia das caldas e banhos termais, se escrevem guias, roteiros, itinerários, viagens, descrições para instrução e habilitação dos itinerantes de que resultou novo ramo de literatura, o qual de per si encheu bibliotecas não pequenas.

O Brasil até agora nada teve e nada precisava ter nesse gênero, visto a dificuldade das comunicações; mas a adoção dos caminhos de ferro e a maior frequência de certas residências de verão, especialmente da de Petrópolis, a mais aprazível e acessível de quantas existem nas serras circunvizinhas, parecem avisar-nos que chegou a ocasião de publicar alguma coisa que se assemelhe às obras acima apontadas.

Nosso ensaio sobre Petrópolis não é propriamente guia, itinerário, descrição ou estatística, mas tem um caráter misto que se poderia qualificar com o título de viagem de fantasia.

Está dividido em três capítulos ou partes: 1ª, Ida – 2ª, Estada – 3ª, Volta.

Seis vistas primorosamente litografadas, que adornam este livrinho, servirão de agradável recordação aos visitantes, e aos que se interessam com mais especialidade pela topografia se destinou uma edição acompanhada de uma linda planta colorida da cidade e quarteirões coloniais; para dar finalmente maior realce à nossa obra, rematamo-la com uma deliciosa composição poética, inspirada pelos encantos das regiões petropolitanas ao nosso exímio poeta o sr. Norberto.

Possa a concorrência do público remunerar os nossos esforços e a nossa dedicação.

PETRÓPOLIS

I

Petrópolis é o lugar da terra que talvez melhor mereça, do que qualquer outro, ser intitulado paraíso terrestre.

Essa residência de prazer não somente se acha em todas as condições dos vales alpinos, sitios de trezentas a quinhentas braças de elevação na atmosfera, onde, em todos os países, durante os ardores da canícula a gente procura frescura e salubridade à sombra dos bosques, à beira dos córregos, no seio das perspectivas encantadoras; porém, a tantas vantagens naturais, adiciona aqueles que o emprego de avultados capitais só pode proporcionar.

São estas últimas o acesso pronto e fácil por uma estrada modelo e um povoado opulento fornecido de agradáveis moradas e bons hotéis, recortado por ruas largas e direitas, muito bem niveladas e macadamizadas, irradiando em várias direções por passeios de sege, que ao longo dos rios sussurrantes, entre chácaras, pitorescos chalés e choças de colonos, conduzem a graciosas cascatas ou enlevantes pontos de vista.

Ambas estas causas concorreram para que a região petropolitana não tenha rival no orbe civilizado. Fora dos trópicos todas as Suiças alpinas, pirineais, tirolianas, etc., apesar do quanto se fez para as embelezar, tornam-se, durante mais de seis meses em um ano, infernos de ventania e gelo, e, entre os trópicos, não se pode citar outra para a qual, tendo a natureza doada a primeira entrada de localidade paradisíaca, o homem haja acrescentado todas as benfeitorias da civilização.

Talvez no Himalaia a rica Inglaterra realizasse, para sua doentia aristocracia asiática, estabelecimentos mais estrondosos; mas é forçoso procurar ao longe, através distritos abrasados, aquele éden himalaiano; enquanto o Rio de Janeiro possui no seu limiar, a três ou quatro horas de passeio, e ligada por linha telegráfica, essa Suiça eternamente verdejante

e florida, essa morada da saúde e do bem estar, em uma palavra, esse paraíso terrestre a quem chamam Petrópolis.

A mesma viagem constitui de per si um divertimento de primor: é um complexo de três modos de locomoção; por mar em barco de vapor, no litoral por caminho de ferro, na serra em caleças e carruagens. A pessoa que o empreender pela primeira vez, por pouco que seja sensível ao belo, não se arrependeria do ensejo, mesmo se ao chegar na garganta da vila Teresa, Moisés da peregrinação, fosse obrigada a voltar no trem descendente.

O embarque na praia Pequena, graças à grandiosa *gara* que protege a ponte, não apresenta aqueles embaraços e desgostos que acompanham o entrar nos vapores em outros embarcadouros da cidade. Verdadeiramente essa ponte poderia estar mais assejada, ornada, pintada e resguardada dos ardores do sol; mas a boa gente janeirense não está acostumada a tantos mimos; e aliás, desde que se larga o cais, não há tempo para reparar nas faltas, porque os olhos são logo captados pelo aspecto dos andares de edifícios sobranceiros à Prainha ⁽¹⁾, do arsenal da marinha com o mosteiro que o domina ⁽²⁾, do canal da Alfândega, da Ilha das Cobras, do porto mercante com tantos navios arvorando as bandeiras de quase todas as nações do mundo, enfim de todo aquele magnífico painel que, ao desenvolver-se à proporção que o barco se aparta, faz esquecer, pela magnificência da moldura de montes com cúpulas e picos tão grandiosa e elegantemente perfilados desde o Pão-de-Açúcar até as derradeiras garupas da Tijuca, todas as heresias contra o culto do bom gosto, todos os crimes de lesa-arquitetura da metrópole brasileira.

Porém, já ficaram atrás a ilha das Enxadas, as bóias, a estação dos navios de guerra, eis o barco chegado pela través da Barra, em frente da cidade de Niterói, com suas praias, promontórios, rochedos e arrabaldes de morros amamelonados, acidentes da paisagem bem dignos que se lhes outorgue um olhar, durante o qual já vão se prolongando as lindas ilhas próximas ao morro da Armação, entre as quais a do bom conde de Gestas ⁽³⁾ realça pela preeminência de uma torre desmantelada; resquício, não de feudal fortificação, mas de um moinho de vento.

Entretanto a derrota já inclina para a Ilha do Governador, maior do que certos principados italianos ou alemães, cuja superfície verdejante ondulada, cujas praias ocupadas por quase não interrompida série de casas, sítios, manufaturas de cal, olarias, choças de pescadores, eclipsadas cá e lá por bonitas ilhas e ilhotas, enlevam os olhos, que correm de um a outro objeto atraídos, ora pela elegância das palmeiras, às quais uma dessas ilhas pela abundância dos régios vegetais deveu o apelido ⁽⁴⁾, ora pela primazia de algum edifício do qual se quer saber o nome e destino.

Durante esse entretenimento dos passageiros, o vapor, embora retardado por dois pesados saveiros, às vezes três, que leva a reboque,

economia pouco digna da companhia, abrindo esforçadamente espumante prateado caminho entre as ondas transparentes vai sucessivamente se aproximando, como se lhes devesse passar revista, de cada uma dessas ilhas que apresentam todos os contrastes, sendo umas revestidas da mais viçosa vegetação, enquanto outras, simples lajedo incessantemente lavado pelas vagas, não oferecem nem o vestígio de um líquen. Ao pé dessas pedras lisas outros rochedos, mais sobranceiros à onda, se ufanam das tribos vegetais, bromélias e saxífragas que as invadiram.

Um pouco adiante nova ilha, de maior importância, desenrolando, à móvel sombra dos coqueiros balanceados pela viração, declívios de esmeraldino gramen, coroados por uma casinha risonha meio escondida entre mangueiras, bananeiras, laranjeiras e outro arvoredado frutífero, dá vontade de se mandar aí desembarcar como em cantinho onde deve morar a felicidade.

Mais arredada na perspectiva, algum tanto à direita, não se esqueça a famosa ilha de Paquetá, com seu satélite, a ilha de Brocolhó⁽⁵⁾, sua corte de ilhotas secundárias, sua vanguarda e guarda-costas de rochedos e pedras erráticas; complexo tão harmonioso, pousada tão cheia de encantos, que o bom rei d. João, que não pecava por nimiamente poético, exclamara: “É essa a verdadeira ilha dos amores!”

Eis-nos entretanto próximos à ponta oriental da Ilha do Governador, separada, por pequeno estreito ou boqueirão, da do mesmo nome que, com seus três promontórios formando um triângulo, representa uma Trinácia, uma Sicília em ponto pequeno.

Quando a viagem se fazia pela Vila da Estrela, se passava o boqueirão, e quase que se podia alcançar com a mão nos dois pedregosos paredões do estreito a riquíssima vegetação tropical de cactos, agaves, canas, aloés, orquídeas, marântes, ananases silvestres que à porfia as alcatifam, banhando as raízes e frondes na água salgada. Agora orça-se, e, deixando o boqueirão à esquerda, roçando quase a costa oriental da Sicília em miniatura, faz-se proa sobre Mauá, em mar desembaraçado que não oferece objeto algum saliente, salvo um montão ou abrolho de rochedos soltos, desordenadamente acumulados, bem parecido ao destroço de um palácio ciclópeo.

Esse fenomenal acervo, produto e muda testemunha do período dos cataclismas, recebe o olhar de despedida aos espetáculos do mar, porque agora a serra absorve mais e mais a atenção, à proporção que, em o barco se lhe conchegando, a enorme massa invadindo maior porção do céu, descortina em maravilhosos quadros seus cumes asserrilhados por cúpulas, obeliscos, torreões, gáveas, seus flancos assombrados por matos coevos do granito, seus contrafortes, uns vindo expirar no meio da planície, outros atingindo o mesmo mar em destacados outeiros e montículos, como se o

rebanho de montes e colinas de que fala a escritura houvesse vindo, saltando à porfia, banhar os pés no salgado elemento.

Ou a muralha agigantada se enleve em vigoroso verde escuro sobre o esmalte de um céu desnublado, ou nuvens em cúmulos resplandecentes de deslumbrante alvura invadam os cumes, ou a trovoada ribombando nos vales e grutas evolucione em chuviscos, em turbilhões, em imensos cortinados de vapores, mostrando e levando a miúdo os variados incidentes desse drama de mil peripécias, o espectador fica igualmente estupefato de admiração.

O barco, topando no cais de Mauá, põe termo ao êxtase. A ponte e estação com simplicidade primitiva não tem teto nem acomodações; aliás falta tempo para observar, porque é preciso já e já se arranjar nos carros do caminho de ferro, cujas portinholas se trancam à chave como se se encerrassem irracionais, prática irritante a par de perigosa, em caso de acidente, e de que a França ficou livre com a terrível experiência do desastre de Versalhes, quando muita gente que cuidava ir se divertir, foi queimada viva.

Os carros ou vagões são mais cômodos e arejados do que os do caminho de ferro de Pedro II, bem que anteriores. Instalados apenas os viajores, apita o engenheiro, assobia a máquina, estremece, avança, anda, corre, e em breve voa entre dois muros de verdura. Quantas árvores raras, quanto vegetal precioso, quantos cipós, quanto tronco sobrecarregado de parasitas e bromélias, quanta flor, quanta folhagem, desfilam perante os olhos! O botanista recém-chegado da Europa, desesperado de apenas poder pela vertiginosa velocidade da corrida, reconhecer as famílias, se sente tentado de dar consigo pela portinhola fora.

Ouve-se repentino assobio. O trem modera a marcha, se arrasta, para na estação de Inhomirim que da saída para os diferentes povoados do litoral. Os caminhos que vêm convergir à estação, a lindeza das vistas sobre fazendas, pastos, vargens, morros plantados de café convidam a que se examinem. Mas novo assobio dá sinal de nova corrida. Com alguns minutos mais ladeia-se o importante estabelecimento do Fragoso, outrora o empório do trânsito para Petrópolis. Aí se entrava nos veículos carroceiros para subir a serra; aí pousavam a mor parte das tropas que faziam os transportes entre Minas e o porto da Vila da Estrela. Hoje a via férrea atinge a raiz da serra. A única homenagem que o trem rende ao Fragoso é de o salvar com atroante prolongado assobio, íamos dizendo, irônico, como querendo toar: *Sic transit gloria mundi*.

Com efeito, Fragoso tornou a ser mera fazenda, perdendo seu movimento comercial, bem como o porto da Estrela, de que Petrópolis herdou durante alguns anos para perder também tão transitória importância à prol de Pedro do Rio, que a não guardará muito tempo. Para nos consolar

dessas pequenas decadências de freguesia, a estatística nos ensina que elas redundam em bem dos interesses do país. Que matéria para reflexões político-econômicas se a locomotiva desse tempo!... Mas já ei-la no campo onde existia a fábrica da pólvora ⁽⁶⁾; eis que o último assobio anuncia que se está chegando à estação.

Logo se abrem as células correciona-locomotivas [*Sic*]. Os viajores soltos devem, com a sua bagagem, ascender os carros, caleças e cupês que os esperam; embora a localidade com as particularidades do antigo destino, dos hotéis, da gara, único ponto para o qual a companhia desembolsou dinheiro em construções, inspire desejos de a inspecionar, urge partir.

Desde o abalar dos carros ao zunido dos chicotes, quatro posantes burros os enlevam a largo trote, serra acima; em breve os primeiros ziguezagues estão transitados, em breve domina-se sobre a vargem que separa o pé da serra da praia, a qual parece estender-se à medida que se sobe; a datar desse momento o viajor não cessa de admirar, ora a excelência da estrada e as dificuldades que se houveram de vencer para uma obra que mesmo na Europa se estimaria de primeira ordem; ora a frescura da vegetação, o cristalino dos regatos, o primor dos pontos de vista uma vez, conforme os rodeios, sobre as grutas e vertentes das montanhas, e logo sobre a planície e bacia de Niterói. Quanto mais se ganha no subir, mais cresce o encanto. Eis matos virgens, capoeiras, capinzais, eis no seio dos roçados, que a fatura da estrada necessitara, árvores contemporâneas de Villegagnon, escapos ao ferro e ao fogo, ostentando orgulhosos sobre seus gigantescos braços inúmeras famílias de parasitas que os revestem: eis à sombra deles, entre rochedos, cascatelas sussurantes; eis perspectivas atordoantes, ao redor, acima, em baixo; à cada volta o aspecto varia para melhor; o espetáculo toma proporções mais majestosas.

Passado o lugar da parada onde se mudam as parelhas, pouco acima do Cortiço, antigo quartel do inspetor da estrada, a vista abrange quase tudo do recôncavo dessa baía do Rio de Janeiro, que não tem igual no mundo. Poder-se-ia, como sobre vastíssimo mapa topográfico, estudar os contornos, contar as ilhas, os povoados, as habitações, notar os incidentes, traçar a derrota que se fez em barco de vapor e via férrea, se o veículo desfilando tão depressa, a cena não desaparecesse para logo reaparecer em maior altura, mas fugitivamente, por interferência e contínuos eclipses. Neste jogo a paciência se apura; sente-se o desejo de apear; ao menos nutre-se o projeto de tornar a vir de passeio para se fartar de tão maravilhoso prospecto.

No comenos o botanista se reparte entre o gozo das paisagens e a inspeção da flora montanhosa que sucedeu à do litoral, enquanto o mineralogista, reencontrando amiudadamente as pedras erráticas, e rolações rochedos parceiros dos de que achou a baía semeada, se abisma em conjecturas. Que mão demorou estes nos declívios e sobranceiras cimalthas

dos montes, ou os arranjou em furnas e cavernas que convidam os ermitões a que as habitem, enquanto espalhava aqueles nas águas niteroienses como as contas de colossal rosário que se haveria desfiado...? Não é ocasião de resolver tais problemas; os últimos ziguezagues estão superados; depressa um derradeiro lance de vista aos incomensuráveis horizontes da perspectiva!... já lhe viramos as costas em rápido galope, através a garganta na descida para Vila Teresa ⁽⁷⁾.

Já penetramos nos vales interiores! Que mudança de aspecto; entretanto o primeiro olhar não simpatiza com o quadro que se apresenta. O terreno ocreoso, rachado, cansado; a vegetação escura e escassa; o arvoredado acanhado; os armazéns fechados; os pastos e ranchos desertos falam de abandono. A idéia de uma decepção quase que se apodera da mente, quando o veículo, passando rapidamente essa triste zona, leva a sítios mais engraçados, corre entre moradas de casas elegantes com jardins em que as flores da Europa fraternizam com as do Brasil, e além dos quais se descobre, nos vales paralelos ou perpendiculares à estrada, na beira de límpidos riachos, lindas colônias com asseiadadas casinholas, capinzais, e terrenos cultivados que contrastam agradavelmente com o sombrio mato dos morros. Estes painéis que alegram a vista, o ar balsâmico e vivificante das regiões elevadas que dilata o peito, realçam o sentimento do bem-estar. Vive-se com maior facilidade: parece que os cuidados da terra ficaram lá em baixo, e que porção da felicidade do céu mais próximo se insinuou no coração. – Nesta disposição, após um último lance em rua declive que desemboca em outra larga, diretamente prolongada até perder de vista – entra-se em Petrópolis.

II

Mas então as impressões mudam de natureza; às emoções tão rápidas, variadas, contrastadas da viagem sucede no espírito a quietação, oriunda do isolamento com o resto do mundo, por tantas barreiras de morros interpostos, da alta estação que se alcançou. Sente-se vontade de esfregar os olhos como se acabassem de ser sobreferidos por longa série de deslumbramentos, ou antes opera-se uma reação provocada pela parte material da frágil humanidade. A vivacidade do ar assanhara o estômago enquanto as agitações do transporte esgotavam grande parte do fluido nervoso; quase a única preocupação é a do albergue e refeição, para onde aliás as complacentes carruagens levam à toda pressa, uns para os hotéis, outros para casa dos amigos, estoutros ao seio das famílias, nas chácaras ou moradas próprias ou alugadas. Apenas se chega, depois de ter feito honra à comida, passa-se noite

deliciosa, cujo repouso, nem calor, nem baratas, nem mosquitos nem qualquer bicho daninho inquietam.

Ao acordar, também acorda a curiosidade; quer-se visitar esse Petrópolis onde se chegou tão comodamente na véspera através tão belos espetáculos.

Antes de tudo é preciso que nos entendamos: a condição indispensável para que as impressões da viagem e chegada tenham sido as que descrevemos, é que o tempo fosse bom, que brilhante sol iluminasse as cenas da carreira, e que se não entrasse em Petrópolis com chuva desfeita. No caso contrário a vinda não é menos desagradável e tristonho do que se se viajasse no país o mais chão e monótono do mundo, e a chegada não menos enfadonha do que se se entrasse em Belém ou Moji das Cruzes. Porém, quando chove, qual a locomoção que não seja penosa? Qual o lugar que não seja aborrecido? O que então pode determinar a preferência são, para a viagem, bons veículos que abriguem da chuva, e para a chegada, bom albergue com boa mesa e cama. Ora, em todo o Brasil, a que ponto se poderá chegar tão bem transportado do que a Petrópolis? E aonde se acharão tão bons hotéis? Portanto é sumamente injusto desacreditar Petrópolis, porque deu-se a má sorte de subir o sojornar em tempo chuvoso, péssima circunstância, que não é freqüente senão durante o estio, quando aliás as chuvas visitam também, a miudo, as regiões do litoral.

Uma queixa mais real e que não poucas vezes se encobriu sob o véu daquela, é o alto preço da condução; mas não é aqui o lugar de nos ocuparmos com este desagradável assunto, tão nocivo à prosperidade de Petrópolis. Deixemos de parte toda a consideração entristecente, e percorramos essa cidade campestre, improvisada nos vales, gargantas, brenhas e bibocas do alto da serra da Estrela, na ponta da cordilheira mais próxima do Rio de Janeiro, por S. M. o Imperador d. Pedro II.

Conforme as propostas, mapas e planos que lhe foram apresentados pelo seu mordomo Paulo Barbosa da Silva, de acordo com o major Koeler, S. M. Imperial decidiu a fundação da povoação vernal e colônia, que haviam de ter o seu augusto nome, e onde se construiria um palácio de verão para a imperial família.

As razões de higiene, bem estar, e atilada previsão que determinaram tão hábeis engenheiros na escolha da localidade e da delineação topográfica do novo povoado, pertencem à história de Petrópolis, de que talvez algum dia nos ocuparemos.

Nosso atual dever é de fazer o ofício de cicerone junto às pessoas dos visitantes.

Geralmente a rua do Imperador⁽⁸⁾ serve de ponto de partida. Ela é a base da área da cidade; nela vêm convergir as outras ruas, em cujo prolongamento se estendem os caminhos que conduzem aos pontos em comunicação com Petrópolis.

A concepção e confecção dessa rua traçada a cordel em estreito vale que corre aproximadamente do oeste ao este, e no centro do qual dois rios, o Quitandinha e o Córrego Seco ⁽⁹⁾, partindo de dois pontos opostos vêm fazer barra, para juntos correrem em direção quase perpendicular, é o que os franceses chamam *tour de force*.

Hoje que o projeto se acha realizado, ainda que o contemplar o alinhamento perfeito entre tais barrancos, de uma via mais larga que as largas da cidade nova, mais direita que a chamada no rio *Direita* (sem dúvida por eufemismo, pois esta é a única das importantes que visivelmente se acotovele), e de um comprimento de mais do dobro, ou antes dessa conjunção de duas ruas gêmeas, separadas por um canal, inspire admiração, não é possível fazer idéia das dificuldades que se haviam de vencer para a apresentar no estado em que atualmente a vemos.

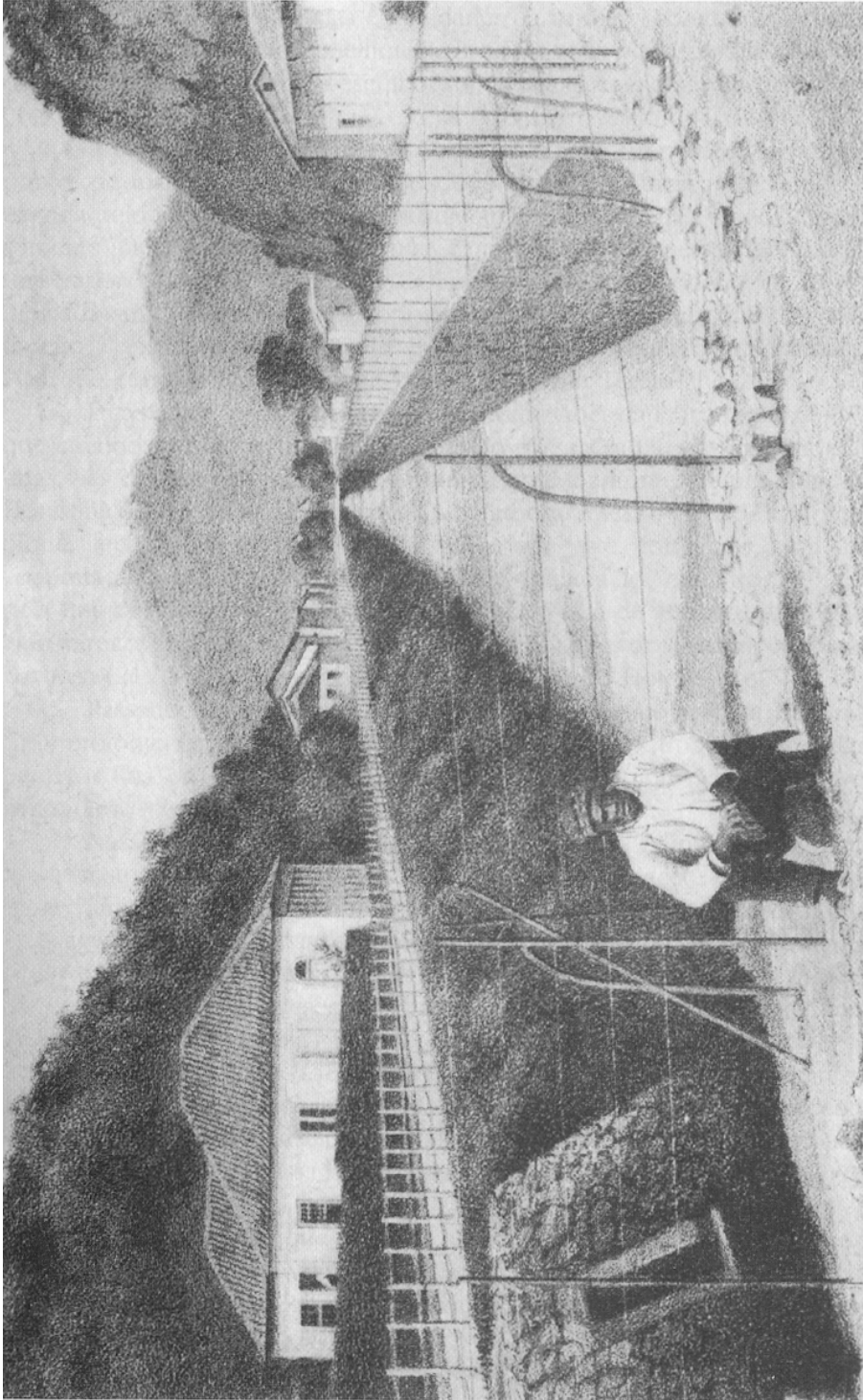
Com efeito, o vale não se prolongava em direção retilínea. As bicadas dos outeiros que o desenhavam se entrelaçavam e contrariavam. No ponto da confluência dos dois rios havia um vão de bastante largura, mas em quase sua totalidade pantanoso. Os mesmos riachos, caprichosos e torrenciais como córregos de montanha, tinham leitos tortuosos, desiguais, pedregosos, ora precipitando-se em rápidos e catadupas, ora espalhando-se em lodosos charcos ⁽¹⁰⁾.

O grafômetro e nível dos engenheiros, a enxada, pá, alavanca, e carrinho de mão dos colonos, deram conta de obstáculos que se poderiam supor insuperáveis.

Recortados os pés dos morros, estes se alinharam como praças de regimento amestrado. Com o entulho os pântanos se ressecaram, as torrentes domadas correram entre paredões paralelos, a confluência fez-se em tanque simétrico, seguindo reunidos por outro canal perpendicular no rumo do norte entre dois cais ou vias de nova rua, a da Imperatriz ⁽¹¹⁾, até encontrar com uma fralda do morro do Belvedere, que obriga o canal à nova direção, na qual o seguiremos quando por lá dirigirmos a nossa visita.

Nessa rua do Imperador assim traçada, acabada e aperfeiçoada em um comprimento de oitocentas braças, que facilmente se poderá alongar até mil, os proprietários dos prazos urbanos, sítos sobre o prolongamento, edificaram casas e prédios de maior ou menor importância e valor, conforme seus meios e projetos, alguns com andares e aspecto senhoril, entre os quais prima o do defunto tenente-general Pinto Peixoto ⁽¹²⁾, outros térreos ou peitoris.

Geralmente na rua do Imperador os edifícios servem antes para hotéis, oficinas, lojas, armazéns, padarias, tendas de carneiros, cocheiras, etc., do que para moradas: aí é o centro do movimento comercial e ambulatório da cidade, o ponto de reunião onde se tratam os negócios, se encontram os interessados; onde se esperam os carros que trazem



RUA DO IMPERADOR

passageiros, correspondências e novidades da capital; sobretudo na frente do Hotel Bragança, um dos melhores e mais em voga por ser fronteiro à rua de D. Januária ⁽¹³⁾, donde desembocam os tais carros, há muita animação ⁽¹⁴⁾.

A comunicação das duas vias irmãs da Rua do Imperador se faz por pontes de madeira, a cuja simplicidade não falta elegância nem a solidez exigida pelo incessante trânsito dos veículos. Se contam não menos de seis somente para o serviço dessa rua. Uma na entrada oeste da rua do Imperador, em frente da rua de D. Francisca ⁽¹⁵⁾; outra defrente da rua indicada supra de D. Januária, principal via da ida e volta para o Rio de Janeiro; ambas essas ruas, Francisca e Januária, sendo ramos da rua Aureliana ⁽¹⁶⁾ que conduz à estrada geral pela rua de Vila Teresa.

Duas outras pontes fronteiras às duas metades da Praça Imperial ⁽¹⁷⁾ que circunda o tanque da confluência, dão passagem para essa praça e às duas vias da Rua da Imperatriz. A quinta ponte faz frente, de um lado, ao Hotel Suíço ⁽¹⁸⁾, do outro, à rua de Paulo Barbosa. A sexta, verdadeira ponte-dique, fecha a rua do Imperador pelo lado este, formando, por sua continuação, em ângulo reto, o lado esquerdo da rua do Toneleiro ⁽¹⁹⁾ que, pela rua dos Mineiros ⁽²⁰⁾, conduz à Estrada Velha de Minas, enquanto o lado direito dessa Rua do Toneleiro reconduz, pela do Honório e Paulo Barbosa ⁽²¹⁾, à rua Imperial ⁽²²⁾, junto à ponte do Hotel Suíço.

Passando-se essa ponte, voltando à esquerda até a Praça Imperial ⁽²³⁾, prolonga-se um dos lados de um recinto cujos outros limites, a dita praça, a Rua da Imperatriz, e os perfilamentos do morro do *Belvedere*, circundam.

Nesse recinto, sobre artificial chapada formada pelo decrestamento dos encostos do dito morro, está assentado o imperial palacete, que faz frente à rua da Imperatriz, e na sua simplicidade tendo somente sobre embasamento duas alas peitoris e um pavilhão central de sobrado, não deixa de ter, pela posição dominante sobre a maior parte da cidade, certo aspecto que impõe. Os terraços e jardins, se desenvolvem aos pés da chapada, até encontrar com as ruas do Imperador e Imperatriz, de que são separadas por gradis.

Seguindo agora o lado direito do canal que divide a rua da Imperatriz e, aproximadamente no meio dela, achamos uma ponte, exatamente colocada no eixo do palácio imperial, larga e sólida, que conduz ao cais esquerdo, para o qual passamos, e pouco mais abaixo topamos com a capela católica ⁽²⁴⁾.

Talvez se repare que a capela não tenha sido edificada também no eixo da ponte; todavia a atual disposição, ainda que menos regular, ressalva da observação que em Petrópolis a majestade terrestre está em melhores condições a respeito de alojamento do que a majestade divina; o que na verdade seria irreverencioso, se a coincidência não fosse fortuita e

provisória; pois que o projeto é de levantar a matriz petropolitana sobre outra fralda do morro do *Belvedere*, a mesma que obriga o canal a se desviar, a qual já se acha aplainada, ficando sobranceira ao terrapleno do palácio ⁽²⁵⁾.

O prolongamento do cais direito da rua da Imperatriz, sob o nome de travessa Wylep ⁽²⁶⁾, penetra a garganta artificial que os atrevidos desmoronamentos do defunto cônsul holandês praticaram entre terrapleno destinado à projetada matriz e a casa que ele edificou com peristilo de colunata que apresenta na perspectiva o frontispício de templo grego ⁽²⁷⁾.

A travessa Wylep dá trânsito para a rua Joinville ⁽²⁸⁾, que logo procuraremos, agora, depois de termos observado que o ramo direito da Rua da Imperatriz não pode admitir prédios por ser cortado entre o canal, os jardins e os terrenos do palácio imperial, para os quais dá entrada por assás elegante portão de ferro de semi-círculo reentrante, seguiremos no seu desvio o canal cujas duas beiras nessa nova direção formam a rua de D. Maria II ⁽²⁹⁾, a qual conduz, prolongando do lado direito a esplanada da matriz e do lado esquerdo o morro do Cruzeiro, à praça de D. Pedro de Alcântara ⁽³⁰⁾.

Antes de atingir esta praça, o canal dá nova volta sob ângulo direito à esquerda, acompanhado sempre por duas vias ou cais, que, nessa nova direção, constituem nova rua, a de D. Afonso ⁽³¹⁾, que leva à praça do mesmo nome ⁽³²⁾, onde o canal volta novamente à direita, também sob ângulo direito, acompanhando-o outra rua, a de Bragança ⁽³³⁾.

Antes de passarmos à rua de Bragança, entraremos pela direita na de Bourbon ⁽³⁴⁾, quase perfilada com aquela, porque ela nos reconduz, através a garganta do morro do Cruzeiro, à extremidade ocidental da rua do Imperador, em frente da ponte e rua de D. Francisca.

Retrocedendo à rua de Bragança, ela nos leva à dos Artistas ⁽³⁵⁾, que lhe é perpendicular, e onde o canal novamente desviado por morro fronteiro, dobra à direita. Nesse contorno o cais direito do canal toma o nome de rua dos Franceses ⁽³⁶⁾, circulando o morro do mesmo nome.

Enquanto à rua dos Artistas, ela desemboca à direita na praça da Confluência assim denominada, por ser aí que as águas do canal, que mudou o nome em cada rua que acompanhou, fazem barra com o rio Piabanha, a que levam o tributo do Quitandinha e Córrego Seco. Entretanto os colonos alemães, achando no vocábulo Confluência a toada de *Coblentz* que soava melhor aos seus ouvidos tudescos, nunca apelidaram o largo por outro nome, que afinal parece haver prevalecido ⁽³⁷⁾.

Nessa praça de Coblentz ou Confluência, em a qual se desenhou e plantou, depois de terem secado pouco a pouco as árvores indígenas que a princípio se haviam poupado com grande mimo, um *square* ou quadra para passeio, cessa a canalização, e o rio Piabanha, enriquecido com todo o volume das águas que regaram Petrópolis, continua a correr entre as suas

ribanceiras naturais convertidas, de ambos os lados, em cômodos caminhos rodantes. Antes que faça barra, uma ponte fronteira ao jardim dá passagem para a ribanceira esquerda, que contorna a Chácara Mauá⁽³⁸⁾, e logo, dobrando a volta à esquerda que o Piabanha faz abaixo da confluência, acha-se outra ponte, fronteira ao portão da mesma chácara, que reconduz à ribanceira direita, sobre a qual água abaixo segue a magnífica estrada macadamizada União e Indústria, enquanto a mesma estrada, à direita, confundindo-se com a rua dos Protestantes⁽³⁹⁾, ao ponto onde essa rua faz esquina com a dos Franceses, atravessa a garganta do mesmo nome, atinge a praça de D. Pedro de Alcântara, acompanhando o canal pelo cais direito até à rua do Imperador, e em seguimento às de D. Januária e Aureliana⁽⁴⁰⁾, que põem em comunicação com a estrada de Vila Teresa. É essa uma das artérias percorridas noite e dia por trens ascendentes e descendentes de carretas que levam o café de serra acima para a *gara* da estação e em retorno trazem os gêneros de toda a sorte que o Rio de Janeiro permuta contra o café.

Contudo a verdadeira e mais freqüentada carreira pelos trens da companhia, é a que ao chegar à Rua do Imperador sem passar a ponte, dobra à esquerda, prolonga o jardim e dependências imperiais, o Hotel Suíço e outros prédios, até dobrar na rua do Toneleiro, para atingir a dos Mineiros, e em seguimento o cais esquerdo do Córrego Seco, até desembocar por uma ladeira na estrada de Vila Teresa⁽⁴¹⁾.

Nós havíamos ficado na praça de D. Pedro de Alcântara, porque, já conhecedores das ruas que os trens passam, topando nessa praça com a rua de Joinville, já mencionada, que na esquina dos Protestantes principia, somos convidados pela perspectiva de tão larga, longa, bem perfilada e nivelada avenida, a passeá-la.

Em direção paralela à rua do Imperador, a de Joinville prolonga o revés do terrapleno destinado à igreja matriz e monte do Belvedere, terminando junto a uma parte pantanosa do leito de um pequeno riacho, pomposamente apelidado rio de Almeida Torres⁽⁴²⁾; nesse ponto, na margem direita do pântano, pode-se continuar o passeio por um caminho que não é ainda rodante, mas muito liso e cômodo para gente de pé ou montada. Esse caminho⁽⁴³⁾, leva, entre vales, gargantas e ladeiras risonhas a uma gruta de esconderijos, cascatinhas, e vegetal ornamentação a mais graciosa que se possa imaginar, descoberta e arranjada primorosamente pelo digno superintendente de Petrópolis o tenente-coronel Marques Lisboa. Lá iremos, com bela companhia de pé ou em cavalgata para algum jucundo piquenique. Agora devemos passar por outra aberta à direita da rua, a garganta que isolando o monte do Belvedere da cadeia de morros a que pertence, conduz por um rodeio dessa mesma garganta, ao pátio interior do palácio⁽⁴⁴⁾. Um riachinho corria à luz do dia por essa garganta em procura

do Córrego Seco; ele corre atualmente em conduto subterrâneo, fornecendo por intervalos água para as casas de banho, os bebedouros das cavalariações e mais serviços, à semelhança desses benfeitores desconhecidos que se não revelam senão pelas suas boas obras.

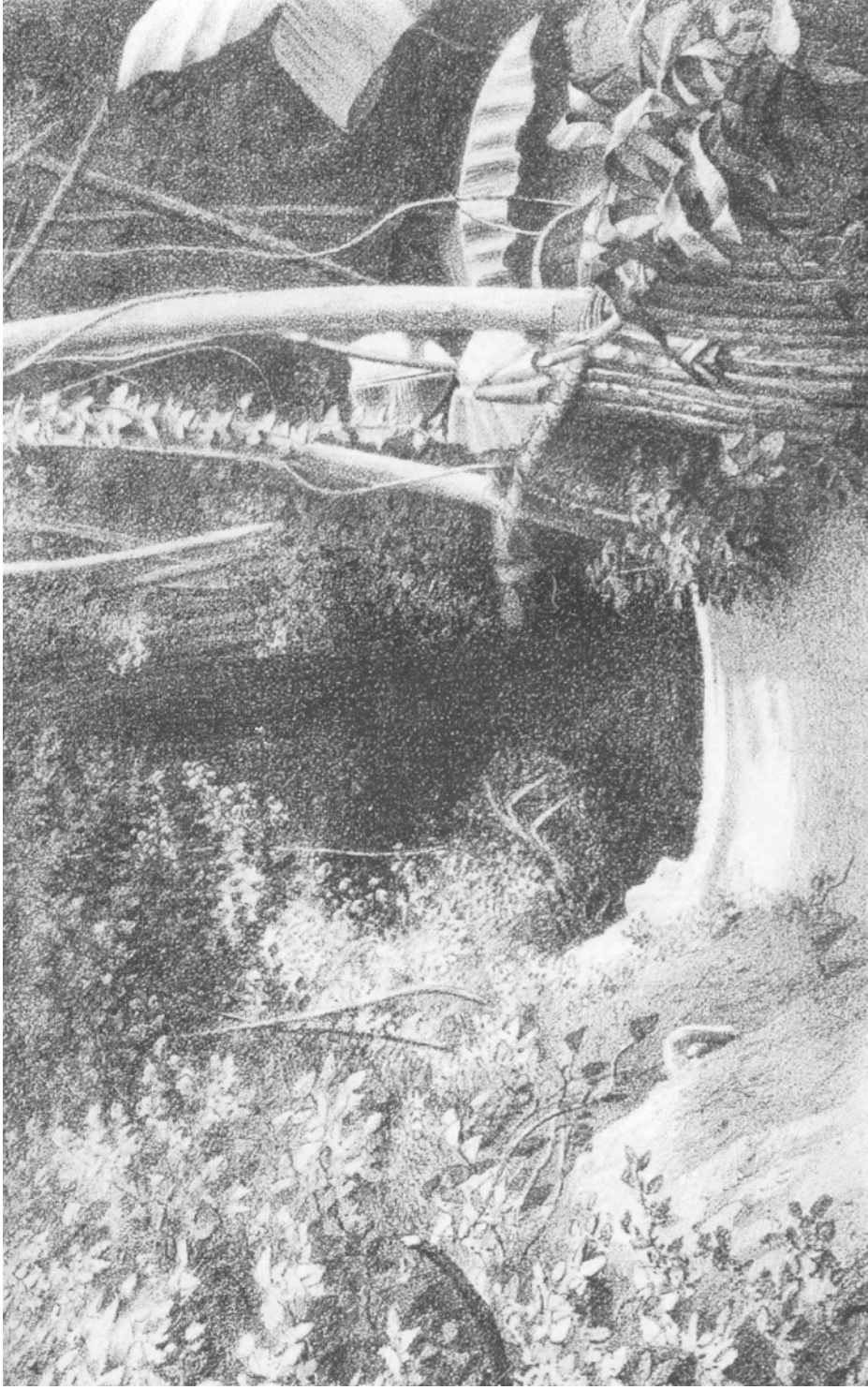
Do pátio interior do palácio se desce por larga avenida à rua do Imperador, pouco abaixo da ponte que abre passagem para a rua de Paulo Barbosa ⁽⁴⁵⁾.

Temos, pois, girado grande parte de Petrópolis; e o giro estará completo, quando, voltando à rua dos Artistas pelas do Imperador, Bourbon e Bragança, e voltando à esquerda nessa dos Artistas, teremos seguido a rua do Cemitério ⁽⁴⁶⁾, praça de Nassau ⁽⁴⁷⁾, em que à esquerda se vê o fúnebre estabelecimento, e a rua de Monte Caseros, direção que nos traz à margem do rio Piabanha, e, sem passar a bela ponte que o atravessa, haveremos acompanhado rio abaixo o caminho da direita, prolongando a frente do belo colégio modelo Kopke ⁽⁴⁸⁾, até nos acharmos outra vez na praça da Confluência ou Coblenz.

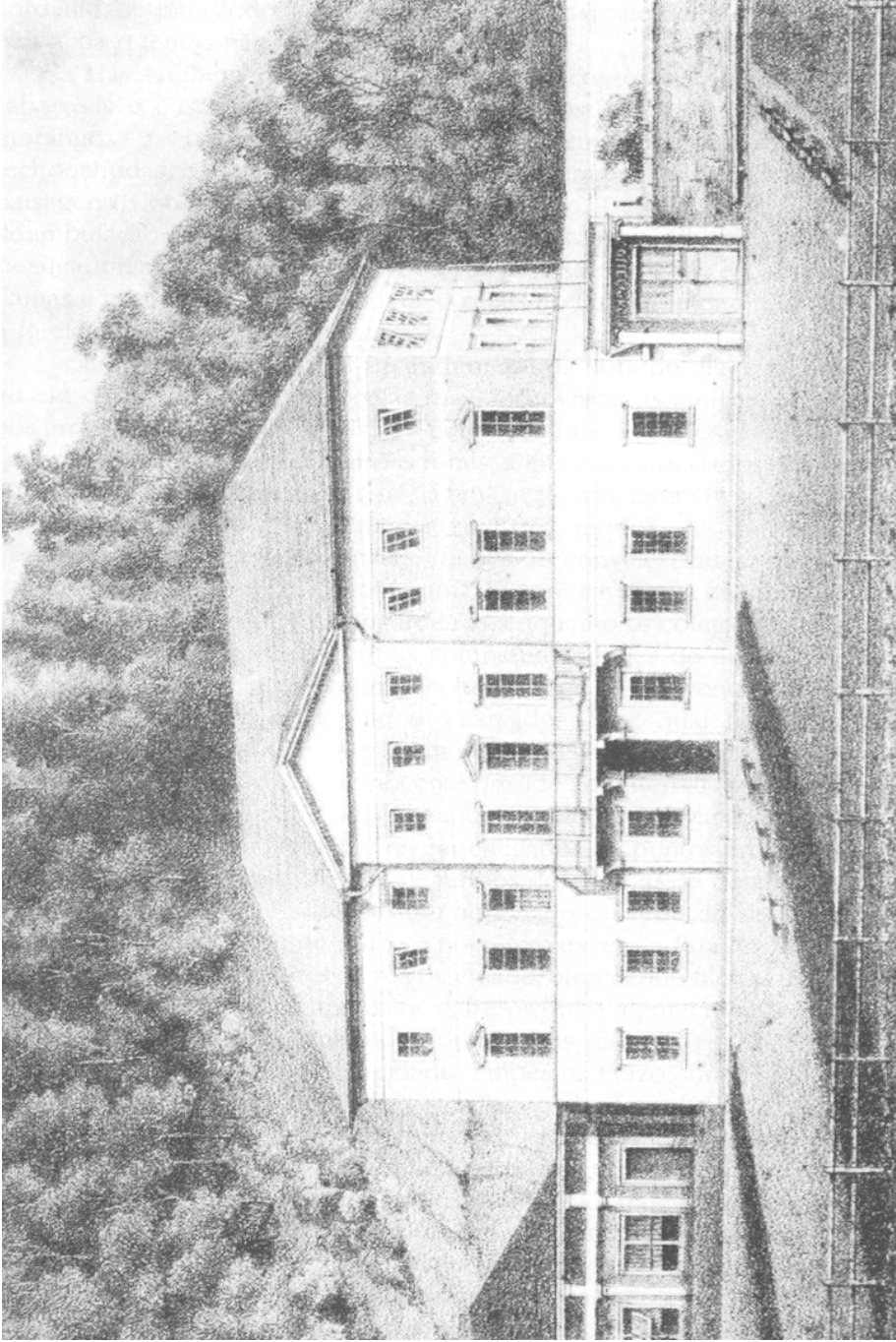
Chegados por aquele lado a esta praça ajardinada, havemos não somente contornado toda a cidade petropolitana como percorrido quase todas as ruas, a mor parte conjugadas com canal interposto. A respeito das que, abandonando os canais, são indivisas, a saber, as de Joinville, Protestantes, D. Januária, Paulo Barbosa, Bourbon, Monte Caseros, etc., são elas por compensação tão largas, lisas e bem macadamizadas, que duvidamos haja no Rio de Janeiro uma sequer que possa sustentar a comparação.

Esse tão perfeito quão inesperado tecido de comunicações entre gargantas, correntes, brenhas, pântanos, barracos e bibocas, é o que mais assombra os visitantes. Eles, na metrópole do Império, não haviam sido acostumados a nada que se pareça com o que vêm achar nesses bicos de serranias.

Porém, não nos demorem sobre comparações que abalariam o sossego de espírito, principal encanto dessa morada colocada tanto acima das paixões e inquietações da capital. Dir-se-ia que o privilégio das estações montanhosas seja infundir nas almas a quietude das florestas, e dos inabaláveis baluartes graníticos que elas vestem. Se divisa esse sossego nas fisionomias dos habitantes e turistas. O bem estar, os sentimentos simpáticos, a indulgência predominam. As rivalidades de partidos, os preconceitos de nacionalidade, as antipatias religiosas fazem tréguas. É terreno neutro onde todos fraternizam. A benevolência das relações não para em nenhum dos degraus da escada social. O escravo é dócil, o dono complacente; não se houve grito nem pancada. Há permuta perene de manifestações amantéticas. Todos passam vida de alegria, de amenidade recíproca, de caridade cristã. O exemplo de uma santa vida de família, de simplicidade dos hábitos, de



GRUTA DAS SAUDADES



COLÉGIO DE KOPKE

cordialidade para todos, de tolerante devoção, desce do alto do palácio e não acha quem o não siga.

Mas também quantos são os ares frescos e regeneradores! Quão saborosas e cristalinas as águas! Quão deliciosos o leite, a manteiga, os morangos, as hortaliças de primor! A contemplação das crianças tão rechonchudas, coradas e exultantes, bastaria para encher de satisfação. E as paisagens! Consumiriam-se os dias em passeios. Também todos os modos de ambulação são requisitados; berlindas, cupês, caleças, cabriolés, diligências, cavalgaduras, sem falarmos na locomoção pedestre, que não espanta às belas damas e mimosas demoiselles, para as quais no Rio de Janeiro a ida da casa à igreja próxima, era penosa tarefa.

Em Petrópolis, elas se encontram à toda hora do dia, com a família ou em chusmas, passeiando pelas ruas, indo visitar as amigas, ou admirar nos arredores os pontos de vista, o curso dos rios, as curiosidades que não faltam em nenhum dos quarteirões rurais, alguns mui arredados. Para visitar esses, arranjam-se partidas, já a pé, já em cavalgatas; também se vai de sege. De vez em quando combinam-se os três modos de transporte. As personagens graves, as mães, bebês e coalescentes ocupam as carruagens. Para os moços do tom e amazonas os cavalos. A pé já hão tomado a vanguarda os caçadores espingardeiros, enquanto os coletores e coletoras de borboletas e orquídeas com as competentes redes do ar flanqueiam a comitiva. A companhia se reúne no lugar onde se convencionou fazer a parada, cada qual com apetite desmarcado, fosse qual fosse o modo deambulatório que o trouxe. Os mantimentos são escolhidos e abundantíssimos. A alegria não menos viva que inocente preside ao fraternal ágape. A ida foi um divertimento, a parada uma festança, a volta uma ovação.

Indicaremos, a favor dos recém-chegados, os pontos preferidos para essas partidas e romarias, depois de termos descrito assás detalhadamente a região urbana, que é somente um abreviado ou redução do município privilegiado a que serve de núcleo, pois que, exceto a Rua do Imperador, que algum tanto usurpa ares de rua de cidade, oferecendo fileiras de prédios contíguos, com oficinas e armazéns entre os quais alguns rivalizariam com os melhores do Rio de Janeiro, as outras ruas não podem arvorar outra ambição senão a de pertencer à cidade campestre. Prazos ainda inocupados, posses abandonadas, jardins com cercados ou abertos, alternam com casas de aspecto mui contrastado, umas lindas e esquisitamente tratadas, outras menos que modestas, ora alinhadas na margem da rua, ora arredadas no centro do prazo ou assentadas sobre algum relevo, fralda, cimalha a pique. Cá algum figurão titular dessa ou daquela banda do Atlântico, algum negociante de grosso trato, algum fazendeiro rico edificaram elegantes casas de campo; ao lado encolhe-se humildemente a casinhola de um colono, ou de algum pequeno capitalista. Mais adiante surge o casebre do proletário,

o rancho da lavadeira. Em mais de um lugar uma morada que ameaça cair ou já desmoronada, outra abandonada antes de receber a cumieira, deixam o espectador atônito.

Sim! Esta cidade-criança, que conta apenas dezessete anos de existência, já tem ruínas e túmulos! Túmulos tão numerosos, que o primitivo cemitério na praça de Nassau já se achou nímiamente exíguo, consagrando-se outro de maiores proporções, mas em lugar mais longínquo e melhor escondido em embrenhando recanto. Esse mistério de ruínas e multiplicadas tumbas em cidade tão nova e sadia, terá em outro lugar a sua explicação.

Havemos já assinalado na rua do Imperador o que tem de mais notável. Não devemos passar em silêncio a bela casa peitoril com lindíssimo jardim ao lado ereto pelo major Rivière, hoje propriedade do barão de Pirassinunga, que lhe adicionou um vistoso pavilhão sobre o cimo do corte que finda o monte do Cruzeiro, cedendo lugar para o prédio ⁽⁴⁹⁾.

Merecem igualmente um golpe de vista as moradas dos srs. barão do Rio-Novo e barão de Entre-Rios ⁽⁵⁰⁾.

Na rua da Imperatriz achamos poucas casas, aliás de boa aparência, flanqueando a capela entre outras as dos srs. Avelar e Câmara ⁽⁵¹⁾, esta com jardim primorosamente entretido, e o palacete do sr. Vidal Leite Ribeiro, sito atrás de um square, ornado no centro de uma urna sobre pedestal, donde brota água ⁽⁵²⁾.

A rua de D. Maria II não apresenta, além do Hotel da Europa ⁽⁵³⁾, assaz vistoso prédio de dois andares; senão o palacete construído por um afamado dentista americano, hoje residência do ministro da Inglaterra. Essa engraçada vila que domina um belo jardim em declívio, está colocada na fralda do norte do morro do Cruzeiro; e sobe-se a ela por duas suaves rampas circulares, partindo simétricamente de um portão obumbrado por chorões ⁽⁵⁴⁾.

Sobre a praça de D. Pedro de Alcântara, na esquina das ruas dos Protestantes e de D. Afonso, o prédio do barão do Pilar, bem plantado, cercado de gradis com palacete no centro, chama a vista ⁽⁵⁵⁾. Na esquina fronteira das ruas dos Protestantes e Joinville, sobre a mesma praça quem passa não deixa de se agradar do prazo que foi do Frontin ⁽⁵⁶⁾, pelo bem arranjado da chácara e jardim, no qual o atual proprietário, M. Godard, velho de veneráveis cãs, esgota todos os recursos fertilizantes da horticultura belga ⁽⁵⁷⁾.

Em cima da propriedade de M. Godard, no encosto do morro cuja bicada ocupa, os dois chalés de Meinherr Carlos Spangenberg, a quem uma fábrica de bengalas artisticamente esculpidas deu fortuna e fama, atraem a vista pelo realce que emprestam à perspectiva ⁽⁵⁸⁾.

Na praça de Coblenz, em fralda de morro, levanta-se o palacete Mauá, já mencionado, que assoma ares de morada dominial. A chácara imediata,

pela profusão das orquídeas e bromélias, dispostas em arabescos que ornamentam a entrada, bem nos diria, sem o socorro da tabuleta, que aqui mora o horticultor Binot, criador de grande parte dos jardins petropolitanos, inclusive o imperial, e que hoje principiou em localidade próxima à primeira barreira da Estrada União e Indústria, com o nome de Retiro, uma fazenda de ensaio de culturas ⁽⁵⁹⁾.

A rua de Joinville está muito menos habitada do que mereceria ser por sua largura, comprimento e irrepreensível regularidade. Outrora o Hotel Moss, que passou à casa de educação de meninas sob a maternal direção de Mme. Diemer, fazia o atrativo desta rua. Alas! hoje quem fala no Moss, então tão falado em Petrópolis e que dera o nome ⁽⁶⁰⁾ a uma das mais admiráveis orquídeas da serra, a Catlêia de Moss ? A respeito das educandas de Mme. Diemer, são elas quase todas casadas e mães de família. O jardim tão floribundo e amorangado, virou a ser o que fôra antes; verdadeiro lamaçal ⁽⁶¹⁾.

O primor atual da rua é a Vila Weitzmann, assentada em crista proeminente do dorso da serrinha que se perfila do lado esquerdo da rua. Rampas suaves que cortam elegantemente os declívios arranjados e plantados com gosto, conduzem à bela habitação ⁽⁶²⁾.

A bonitinha casa do digno dr. Luís Carlos da Fonseca, por estar edificada em esplanada, cujo paredão sobranceia a rua, está de lá quase invisível e só se desfruta das alturas fronteiras ⁽⁶³⁾.

Antes de atingir essas moradas, topa-se à esquerda com a travessa Joinville ⁽⁶⁴⁾, que leva, subindo entre prazos coloniais, à chácara do sr. Bulhões ⁽⁶⁵⁾, hábil engenheiro da estrada União e Indústria, enquanto de frente, à direita, se oferece a travessa Wylep, já nossa conhecida, que conduz à rua da Imperatriz, poupando o demasiado circuito que os inquilinos da rua de Joinville tinham que dar pela praça de D. Pedro de Alcântara, antes que o bom do cônsul holandês abrisse a garganta. Nenhuma, melhor do que o digno dr. Touzet avalia o préstimo da tal travessa, logo que morando no fim da rua de Joinville em pequeno *cottage* de que pela magnífica coleção de orquídeas e bromélias que ajuntou e arranjou, fez apazível ninho, ele mais que ninguém, nas quotidianas visitas à sua numerosa clientela, se vale da encurtada passagem ⁽⁶⁶⁾.

Seria falta de atenção para as lembranças do passado não mencionar a casa nobre da defunta d. Alda, sita na rua de D. Januária, e outrora residência dos donos da sesmaria, antes que quiçá se sonhasse com a fundação de Petrópolis. Como aliás o prédio foi reedificado, pouco comemora dos tempos pretéritos ⁽⁶⁷⁾.

Não esqueçamos nessa mesma rua o elegante palacete de Mme. Guedes Pinto, atualmente Jones, filha do digno senador Lopes Gama ⁽⁶⁸⁾.

Mas havia de ser um nunca acabar o querer emaranhar-nos na nomenclatura e descrição de todas as casas, moradas, hotéis, palacetes de Petrópolis, além de que é conveniente deixar algum pasto à curiosidade e espírito de indagação dos visitantes.

Entretanto seria falta esquecer de mencionar a bela mansão do sr. Lamas, ministro da República do Uruguai, sita em terrapleno, obtido do desgastamento do morro na esquina que formam a estrada velha e rua dos Mineiros; ela produz elevante efeito na perspectiva, enquanto o jardim, lago e repuxo constituem o que nesse gênero Petrópolis pode apresentar de mais pitoresco ⁽⁶⁹⁾.

Voltando da casa do sr. Lamas, topamos na esquina da rua do Honório com o caminho que leva aos Palatinatos Inferior e Superior, e Quarteirão Suíço, com o Hotel Inglês, outrora o mais afamado e ainda um dos mais freqüentados de Petrópolis ⁽⁷⁰⁾. Na vinda do Rio de Janeiro chega-se a esse hotel em direitura não só pela estrada da União e Indústria, mas também por um desvio que se toma à direita na rua Teresa, pouco abaixo da garganta, e que alcança a beira do Córrego Seco, através o Palatinado Inferior ⁽⁷¹⁾.

Junto do Hotel Inglês a Companhia União e Indústria tem o seu escritório; e pouco mais abaixo, na rua de Paulo Barbosa, a Câmara Municipal celebra suas sessões, em casa que, por não ter as proporções do *Hotel de Ville* do Rio de Janeiro, ao menos se cingiu melhor às leis do bom gosto ⁽⁷²⁾.

Julgar-nos-íamos igualmente omissos se deixássemos de guiar os nossos viajores em um recanto merecedor de toda a consideração, mas que poucos se lembrariam de ir procurar sem serem avisados.

Na praça de D. Afonso ⁽⁷³⁾, à esquerda, ao sair da rua de Bourbon ⁽⁷⁴⁾, encontra-se uma travessa ⁽⁷⁵⁾ – chama-la-emos de Major Koeler – que parece dever espichar contra dorso de morro, porém que desemboca em um recinto plano quase circular, cuja dimensão surpreende, tudo circundado por colinas com arvoredos que o preservam de todo olhar indiscreto. Se o país fosse vulcânico, cuidaria a gente que estava no fundo de alguma cratera apagada. Seja o que fôr, esse retiro em um ermo, essa pequena Petrópolis encerrada na grande, era o prazo campestre que o major Koeler se havia reservado ⁽⁷⁶⁾; é lá que meditava os planos tendentes ao melhoramento da obra a que se havia dedicado; lá ele ensaiava as culturas que queria introduzir na colônia, hospedava os vegetais de todo o globo que desejava naturalizar em Petrópolis; lá, lutuosa fatalidade...! mas reservamos tão tristes recordações para lugar mais apropriado!

Essa breve descrição basta ao nosso ver para dar suficiente idéia de quanto a cidade de Petrópolis, dotada de ruas tão suaves ao andar e de tantos aspectos gratos à vista, oferece dentro do seu recinto de recursos para os passeios. Entretanto os visitantes e vilegiadores não se satisfazem tão facilmente. Eles procuram excursões e peregrinações a pontos d'ignos de

lhes deixarem duradouras lembranças, além de emoções do momento. Então a única dificuldade é o hesitar na escolha. De todos os lados as ruas são continuadas por caminhos rodáveis ao longo das ribanceiras dando saída nos diferentes quarteirões, cada qual com atrativos próprios.

Não procuraremos antecipar sobre a satisfação que se ressentir, em dobrado quinhão ao encontrar, sem prévio aviso e como descoberta própria, objetos e perspectivas que arrancam interjeições de admiração, contentando-nos com indicar sumariamente as localidades digne de serem visitadas, e as direções a seguir.

Retrocedendo pela estrada de Vila Teresa se vai à garganta, de cujo alto, obambulando vagarosamente as primeiras rampas, se desfruta até experimentar vertigens o incomparável panorama da baía de que se pesquisou apenas cá e lá algum relance na ocasião da vinda ⁽⁷⁷⁾.

Pode-se igualmente variar o passeio aquele ponto, visitando de passagem os Palatinados Inferior e Superior, extraviando-se até o quarteirão Suíço. Acidentes de águas, rochedos, matas e culturas dignas de entreter agradavelmente não faltam ali, bem como em os demais quarteirões; havendo sempre variedade no arranjo desses elementos, sempre os mesmos, das paisagens.

Assim, quando o passeio se dirige nas beiras do Quitandinha, rio acima, nota-se recreativa diversidade, por se apresentarem ali, de ambos os lados do córrego, colônias prósperas, ora quase apegadas ao abrupto declívio dos outeiros laterais, ora colocadas em vales que abrem perspectivas entre as serranias secundárias, e onde as plantações dos proprietários interessam, enxertando por assim dizer em perspectivas tropicais, amostras das européias, podendo muito bem equivocarem-se os olhos na natureza dos roçados claro-verdejantes, não havendo cousa que se possa à certa distância mais confundir com campos de trigo verde do que os tapetes de capim, enquanto o arvoredado frutífero europeu completa a ilusão; mas bem depressa alguma palmeira que sobrevive à destruição das matas, alguma secular árvore que pela grossura ou posição escapou ao machado, avisam logo da realidade; está-se em terreno neutro, o *rendez-vous* de todas as floras das diferentes zonas da terra, sem que haja precisão de estufas e outros artefatos dos horticultores.

Continuando a caminhar por esse rumo, atinge-se nos limites de algumas datas reservadas para pasto comum, a fazenda do Sr. Leblond, na qual o dono se esmerara em patronizar ricos e custosos ensaios do cultivo das árvores frutíferas de maior estimação na Europa, porém com insignificante resultado, porque onde faltam as vistas do dono, nada vingam, especialmente em tentativas agrícolas e hortícolas ⁽⁷⁸⁾.

Tomando à mão esquerda, se alcança o Alto do Imperador, donde se desfruta novo panorama sobre a baía, em nada inferior ao que se alcança da garganta de Vila Teresa.

Indicaremos outrossim como passeio divertido o seguir rio acima, o Piabanha, que em direitura levaria até a vila do Pati do Alferes, bem como a estrada para a Presidência, fazenda em situação não menos isolada do que pitoresca, que deveu o nome à circunstância de haver sido na origem a concessão rural do benemérito presidente da província Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, de saudosa memória, um dos homens de estado que nos tempestuosos tempos da abdicação e regência, com patriotismo acrisolado e extremoso desinteresse pessoal, mais contribuíram para consolidação da monarquia constitucional e sistema do progresso na ordem.

Essa comemoração de tão conspícuo cidadão, vem tanto mais a propósito, que Petrópolis teve nele um dos mais apaixonados promotores da sua criação e adiantamento ⁽⁷⁹⁾.

Outras muitas estradas, picadas, avenidas e saídas, o visitante curioso encontrará através os diferentes quarteirões que, quase todos tomaram nomes emprestados à terra alemã, lembrança feliz de quem os povoava com colonos dessa nacionalidade. Entretanto os alvos mais requisitados para os passeios, particularmente quando a visita é de poucos dias, são as três cascatas de maior fama, as de Itamarati, nova do Retiro do major Bulhões, engenheiro em chefe da estrada União e Indústria, e gruta das Saudades, do superintendente Vicente Marques Lisboa; dessa já fizemos sucinta descrição, quanto basta para suscitar o desejo de a visitar. Das outras duas também noticiaremos somente o que pode despertar a curiosidade sem a satisfazer.

A cascata de Itamarati é a de maior vulto de quantas se notam nas vizinhanças de Petrópolis. Para encontrá-la se segue a antiga estrada de Minas, e cortando à direita, por uma picada infelizmente assaz ruim e atolada ⁽⁸⁰⁾: mas a admiração faz esquecer o incômodo ao avistar essa maravilhosa cachoeira formada por três catadupas sobrepostas, sendo preciso ocupar sucessivamente três alturas diferentes para desfrutar todas as suas grandiosas belezas.

A cascata do Retiro, conquanto deva ceder a palma àquela, ao menos lhe leva vantagem pela comodidade do acesso, pois que se chega a ela pela magnífica Estrada União e Indústria, que de per si oferece passeio sem limite, e quando faltariam todos aqueles passeios, saídas, amenos prospectos e curiosidades que acabamos de mencionar, bastaria para que os petropolitanos não tivessem motivos de se queixar de não ter onde pudessem passear à vontade, seja de pé, a cavalo ou em veículos, pois que a tal estrada reúne em si, e nos horizontes laterais, tudo quanto exige a deambulação para ser deliciosa; chão liso como avenida de parque real, murmúrios de rios e correntezas caudalosas, perspectivas de todos os caracteres, artefatos de primor, colônias novas alternando com antigos estabelecimentos rurais, audaciosos cortes de morros, dominados por altaneiros cumes com profusão



ENTRADA DA WESTPHALIA

de rochedos, matos virgens, capoeiras, vertentes à pique e suaves declívios. Não falta o movimento comercial para animar a paisagem. Os carros da companhia, os comboios de carretas do tráfego, percorrem incessantemente abaixo e acima a linha macadamizada de permissão com as tropas e os viandantes, e para quem não tem medo de gastar e de ir avante essa linha maravilhosa, com acréscimo de encantos se estende até às beiras da Paraíba e além, fora da província, até à vila do Juiz de Fora.

Não é porém o nosso intuito descrever a obra da Companhia, magnífica em si senão em relação com o dinheiro que absorveu e fins que se tinham em vista, quando se empreendeu. Não nos pertence pronunciar uma opinião sobre seu préstimo absoluto, tanto mais que a mesma companhia, pelo seu relatório, foi assaz severa para consigo, mas somente na relação em que está com a cidade de Petrópolis.

Ora, evidentemente essa cidade tira da Estrada União e Indústria não só a vantagem de lindíssimo passeio, e abundância de víveres que lhe vem d'Além Paraíba, mas também a certeza de que as ruas do trânsito da companhia, bem como a estrada rodante da serra, nunca estarão em estado de abandono e deterioração.

Talvez essa última observação espante a quem até agora nos viu tanto exaltar os merecimentos de Petrópolis; mas exaltar merecimento não é penhorar a sua duração. Sem dúvida quem pela primeira vez visita essa cidade de prazer e vilegiatura, não pode senão admirar e maravilhar-se de que no Brasil em tal altura a arte e a natureza de mãos dadas tenham feito tanto para a comodidade e o embelezamento; mas nós, e conosco todos quantos tomaram conhecimento de Petrópolis há já quatorze, dez, oito ou mesmo cinco anos, não podemos deixar de confessar que no aspecto geral com o decurso do tempo, alguns sintomas pouco lisonjeiros se dão a perceber; construções novas quase que se não empreendem. Parou a edificação de vários prédios, cessaram os entulhos; de muitos jardins e hortas já não se trata. Em quase todos os logradouros públicos se haviam conservado altaneiras palmeiras e árvores seculares enriquecidos de riquíssima flora parasítica. Poucas entre essas pitorescas testemunhas das primeiras eras da cidade, existem; e as ainda em pé, ressecadas e mutiladas, anunciam próxima queda. Também certos caminhos de rodagem, ao longo dos rios, carcomidos pelas enchentes, não admitem mais os veículos; e certas picadas que davam fácil comunicação entre partes remotas dos quarteirões, em sítios retirados e florestas, têm-se entupido. Enfim, dois magníficos passeios, um no alto do Belvedere, outro no do Cruzeiro, donde se enxergava Petrópolis em ar de panorama, e cujo acesso era facilitado por suaves rampas, já de tal forma se abandonaram, que até agora omitimos qualquer menção deles; porque, se excetuarmos a rara excursão de algum curioso ou caçador, não servem senão para pasto de animais vagos e paragem de se fazer lenha com alguns

resquícios de cepos das belas árvores que se haviam adrede poupado nas derrubadas para prestar a sua sombra aos passeantes, e sob cuja cúpula o viço da grama dos bancos rústicos, das cercas e canteiros de roseiras e outros arbustos de ornato, encantava a vista; árvores, flores, bancos e canteiros de tal forma desapareceram, que nem sequer se pode reconhecer algum traço. E a nós, que muitas vezes subimos aqueles cumes, não seria fácil atinar com os primitivos lineamentos, caso quizessem pôr no antigo pé tão saudosos logradouros públicos, cuja lembrança somente avivamos para render homenagem ao sentimento artístico de que o major Koeler era dotado em alto grau.

Muito perdeu a cidade de Petrópolis, quando uma mortífera catástrofe, impossível de se prever, lhe roubou tão conspícuo fundador. Ele descansa em um recanto do cemitério antigo com o simples distintivo de modesta colunata e letreiro, dizendo apenas – que o major Júlio Frederico Koeler morreu em 21 de novembro de 1847, na idade de 43 anos⁽⁸¹⁾.

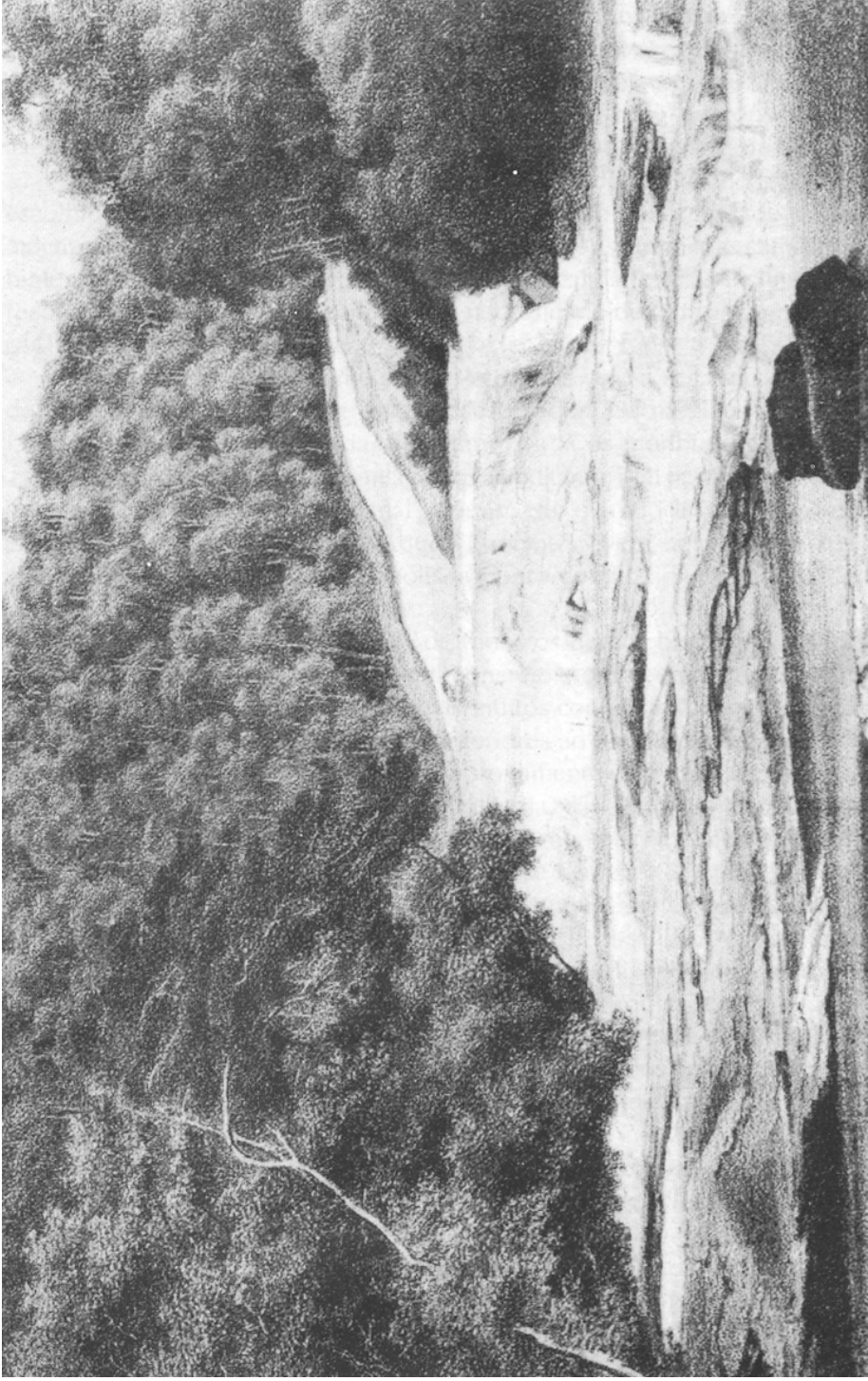
Não seria ato bem cabido que por via de uma subscrição, ou de uma resolução da Câmara Municipal, os petropolitanos erigissem uma estátua, fonte com busto, ou outro qualquer monumento, ao benemérito cidadão que presidiu ao primeiro desenvolvimento da colônia e cidade?⁽⁸²⁾

Quando, decorrido o tempo da lei, se der destino ao terreno atual desse inutilizado Campo da Morte, não ficará provávelmente sinal algum que faça lembrar às gerações novas o homem prestimoso, ao qual o lugar natalício deveu em grande parte seu ser e formosa disposição.

Agora que havemos entrado na última morada dos finados, é a propósito, por penosa que seja a tarefa, tratar tanto desse primitivo cemitério como do atual, que por insuficiência daquele, bem reconhecida na infausta época da invasão da cólera-morbo, foi por assim dizer improvisado em brenhas e fraldas assaz íngremes de colônias escondidas em recantinhos, que a Câmara comprou⁽⁸³⁾.

A vantagem do novo campo mortuário é que nunca há de faltar lugar, seja qual fôr a concorrência; enquanto à desvantagem, consiste ela em que o caminho a percorrer é longínquo e sumamente penoso, obtendo-se em compensação que o triste espetáculo da morada dos mortos seja removido das vistas dos que ainda se acham empenhados nas lutas da existência.

Aliás, ambos os cemitérios muito se parecem na qualidade do terreno, pantanoso na raiz, ocreoso-barrento no declívio que as chuvas desnudam e racham a ponto que não aparecem vestígio algum de grama, crescendo a esta circunstância que as formigas carregadeiras não consentem que flor alguma nem arbusto qualquer, afora alguns ciprestes e astrapéias, vinguem e prosperem ao lado das sepulturas. Embora a mão piedosa dos sobreviventes renove a plantação de violetas, saudades, cravos, roseiras, jasmims, cinerárias e quantas flores amam os túmulos; o incansável inimiguinho de noite e de



CASCATA DO RETIRO DO BULHÕES

dia em procissões de extermínio, prossegue a nociva tarefa até que faz esmorecer a mais pertinaz insistência dos saudosos veneradores dos defuntos; de forma que a nudez pedregulhosa do solo e desordenada colocação das tumbas concorrem para tornar de todo desconsolador o aspecto da fúnebre região, donde se sai com o coração magoado em demasia.

Em cidade tão nova, um cemitério abandonado por insuficiente, outro escolhido por se prestar a quanto desenvolvimento a mortandade poderia exigir, parecem desmentir quantos elogios fizemos às condições sumamente higiênicas dos ares, águas e temperatura da localidade; mas fáclmente se reconciliam os tais elogios com a triste necessidade de tão vasta necrópole ⁽⁸⁴⁾.

Mesmo por em extremo sadia, Petrópolis veio a ser estação não só de convalescentes, mas para casos desesperados. Os médicos do Rio de Janeiro, esgotada a sua ciência, mandam para lá os moribundos.

Realmente alguns casos milagrosos acreditaram a tal prática. Padecentes houveram em tal estado, que mal supunha-se, quando levados em rede, chegariam vivos à meia serra, e que entretanto vivem hoje tão lépidos e sadios quão agradecidos a Petrópolis, a ponto de não admitir a idéia de o deixar um instante.

Pórem, os milagres não são de todos os dias, sobretudo quando se trata dos tremendos tubérculos pulmonares. Acresce que a população primitiva foi e colonos, entre os quais muitos contavam idade avançada e bem deteriorados pelos sofrimentos anteriores ao final empossamento dos prazos. Outrossim, os trabalhos de desmoronamento de morros, das estradas, da serra e para a Companhia União e Indústria, das pedreiras, da caça, etc., não deixaram de ocasionar desastres e passamentos. Finalmente se conta em Petrópolis não menos de sete fábricas de cerveja! ⁽⁸⁵⁾.

Portanto, explica-se do modo o mais natural o avultado consumo que se faz de túmulos nesse grande empório de boa saúde. A respeito da nacionalidade dos consumidores é ela em alto grau diversificada, tanto pela origem como pela qualidade, logo que todas as hierarquias sociais, todos os sexos e idades, como em qualquer outra parte, e mais que em outra qualquer, todas as raças humanas têm aí seus mandatários nivelados pela geral e última naturalização da cova. Porque, segundo o diz o grande poeta dos idílios brasílicos:

Non vitam, at tumulum mutant qui transmare currunt.

(Os que passam o mar não mudam a vida, mudam o túmulo).

Mas em compensação deste tributo à morte, o rol das nascenças prova quão favorável ao bem-estar e propagação da espécie humana se acha essa localidade abençoada. Em parte alguma as crianças se encontram em maior número, e tão luzidias e rosadas com caras de verdadeiros querubins, que

quem chega do beira-mar fica estupefato pela diferença que nota entre as de lá e as de cá. No Rio de Janeiro a meninice não deixa se ser engraçada, mas pela palidez e acanhamento quase que mete dó; enquanto em Petrópolis a sua cor, robustez e exuberante vitalidade alegram o coração.

Aliás, como não haveriam em Petrópolis muitas crianças, e essas primorosas, quando lá não se respira senão sociabilidade, simpatias, ternuras e amores? Bem entendido, amores pudibundos e lícitos, os quais, nascidos à face do céu e da terra nesses passeios, cavalgatas, pagodes, e piqueniques já descritos, passaram pela capelinha de S. Pedro de Alcântara antes de procurar os esconderijos dos bosques e das grutas, tão propícios nessas alturas já separadas dos cuidados terrestres, que os esposos recém-ligados pelos laços do himeneu os procuram a porfia. A carioca manda seus noivos do bom tom em romaria a Petrópolis, não havendo lugar sobre a terra onde a lua de mel possa ser tão deliciosa. O Hotel Oriental ⁽⁸⁶⁾, que costuma hospedar os ditosos pares, se ufana de sua himenal clientela, a ponto de haver instaurado uma lista que já avulta e não está próxima de se fechar.

Quando se sai bem magoado da zona dos cemitérios, felizmente logo na rua dos Artistas se avista o tal bem-aventurado hotel do bom turco Said Ali, revivificando-se o espírito, mormente quando um desses afortunados pares, montando em fogosos ginetes parte em corrida, como para exalar a superabundância de felicidade que o afoga, ou com a mesma pressa volta para o amoroso ninho.

Visto este préstimo do hotel Oriental, não exitaríamos em lhe mudar o apelido, intitulado-o de hotel das Luas de Mel, dando-lhe por insígnia uma lua cheia despontando em céu cor de pérola, lua bem *redonda* e bem *cheia*, em lugar desse *vilain croissant turc*, que, como fervente mulçumano, *Said Ali* mandou pintar lá em cima da entrada principal, no centro do taboleiro. Ora o pintor, como que de propósito, exagerou as pontas do tal maldito crescente; o que vale é que o noivo ao penetrar no santuário oriental, todo absorto na contemplação da fiel consorte, não olha o arco debaixo do qual vão passando.

Por sabermos que a Superintendência de Petrópolis prepara uma estatística da cidade e distrito, que deve ser em subido grau completa, por haverem seus digníssimos empregados coligido com suma exatidão todos os precisos dados, não nos ocuparemos com esse trabalho, contentando-nos em remeter o leitor para o que o *Almanaque* dos irmãos *Laemmert* publica sobre o pessoal desse distrito, o qual proporciona informações exatas acerca dos estabelecimentos de administração, edilidade, polícia, educação pública e particular, comércio e indústrias com que deverá haver-se se acaso tomar a determinação de habitar temporária ou permanentemente tão agradável morada ⁽⁸⁷⁾.

Sendo entretanto a religião a indispensável base de toda a civilização, e a instrução religiosa o ponto de partida da moralização das nossas gerações, daríamos por incompleto nosso ensaio senão inteirássemos às pessoas que convocamos para Petrópolis das facilidades que essa cidade oferece, tanto para a observância do culto como para o pio ensino da mocidade dos seus muitos e mui freqüentados colégios.

Seria injustificável omissão não fazermos primeiramente menção do digno vigário (*M. le curé, pour les français*) *Abbé Germain*, sobre o qual descansa todo o peso das exigências do culto e ensino religioso; todas as virtudes cristãs nele realçam pela preeminência da mais evangélica caridade e amor do próximo, sem qualquer mistura de bigotismo e intolerância. O *Abbé Germain* nascera predestinado para ser vigário de Petrópolis, essa pátria dos sentimentos benévolos e das relações simpáticas, como já o havemos observado ⁽⁸⁸⁾.

Os dois distritos de que a freguesia ⁽⁸⁹⁾ se compõe contam de população fixa para cima de seis mil almas, entre as quais dois mil alemães católicos, e oitocentos protestantes. De outras nacionalidades estrangeiras apenas há sessenta franceses, quarenta italianos; o resto consta em grande parte de naturais de Portugal, sendo os brasileiros natos pouco numerosos, salvo no segundo distrito, onde muitas famílias dos conhecidos, sob a denominação de moradores, estão estabelecidos. A população flutuante mal se pode avaliar, variando muito de um ano para outro, tanto no número dos visitantes como dos trabalhadores para as obras da companhia. Para toda esta gente não há por bem dizer senão a Igreja Católica ou capela de S. Pedro de Alcântara, de que já falamos, a qual foi, há pouco mais de um ano, reedificada e decentemente arranjada, gastando-se uma soma de doze contos de réis, cuja metade foi fornecida por uma subscrição promovida entre os petropolitanos e seus hóspedes, e a outra metade pela administração provincial.

Aliás, como já o havemos observado, essa capela é somente provisória; devendo edificar-se matriz condizente com o número dos fiéis e importância da cidade na eminência já indicada, servindo depois a capela para templo do culto reformado, cujos sectários até hoje não têm podido celebrar os seus ofícios senão em sala particular alugada para esse fim ⁽⁹⁰⁾.

Não insistiremos sobre a pouca conveniência de tão prolongada falta de edifício sagrado para os protestantes, nem na justiça das queixas que essa inexplicável negligência motiva; porque realmente não há traço de má vontade algures. Se se efetuar a edificação da matriz nova, certamente os protestantes, visto seu limitado número, serão admiravelmente servidos, com a capela que se lhes destina ⁽⁹¹⁾.

Mas quando se poderá realizar tão benévola tenção? O mesmo grandioso da empresa obsta a que atualmente se ouse pôr mãos à obra; e

ainda que se principie, quando amanhecerá o dia em que os católicos inaugurarão a majestosa matriz, e os evangélicos tomarão posse da modesta capela? No comenos a perspectiva, por longínqua que seja, alimenta esperança e faz tomar paciência.

Apesar da nossa parcialidade a favor de Petrópolis, não podemos negar que os mantimentos, aliás de boa qualidade, e os objetos de consumo custam tão caro como no Rio de Janeiro; os que vêm de lá, sendo naturalmente carregados com o ônus do transporte, e os de produção de serra acima algum tanto mais barato; à vista do que o preço dos hotéis não é despropositado, a concorrência produzindo os seus bons efeitos costumados, bem como a respeito dos veículos e animais de aluguel para visitas e passeios. A respeito da facilidade das transações, geralmente falando, a boa fé, benevolência e sentimentos de fraternidade humanitária que presidem, como já o observamos, às relações sociais, não são estranhas às do tráfego diário. Quase que a desconfiança não tem admissão em Petrópolis: os quintais e terreiros ficam abertos, fechando-se apenas de noite as casas, das quais muitas têm varandas envidraçadas, facilímas de se abrirem por fora.

Não sendo, portanto, o gasto para a vida maior do que no Rio de Janeiro, a única razão ao nosso ver que impede a muitas famílias abastadas, nacionais ou estrangeiras, o irem passar a estação calorosa em Petrópolis, é o nímio preço das viagens; razão que nos dá a explicação da falta de progresso, ou antes, princípio de atrasamento a que já aludimos quando nos admirávamos que em cidade tão nova houvessem tantos túmulos e ruínas.

Da queixa concernente aos muitos túmulos, já demos motivos suficientes; da relativa às ruínas exporemos o que nos parece, em pequena memória que fará parte do apêndice, pois que não queremos entristecer o fim do nosso panegírico por considerações pouco animadoras, quando todo o nosso fito é propagar o entusiasmo por uma localidade que aos doentes apresenta lisonjeira perspectiva de cura pronta e completa, e aos sãos não só um asilo contra os ardores do estio, e perigos de saúde que acarreta, mas também uma estação de vida deliciosa, entre as cenas mais amenas da natureza, e distrações da sociedade divertidas a par de inocentes, em uma palavra, para acabar como principiamos, um verdadeiro paraíso terrestre.

III

A volta para o Rio de Janeiro em nada participa das lisonjeiras impressões que embalaram a vinda para Petrópolis.

O arrancar-se cedo às doçuras do repouso, em madrugada geralmente fresquinha demais; tratar apressadamente da bagagem, por pequena que

seja; despedir-se à brusca dos que ficam; colocar-se nas carruagens que disparam à toda brida, pouco tem de agradável. O espírito que não teve tempo de se erguer, antes se julgaria preia do fim assustador de um sonho ao princípio risonho, do que da realidade.

Entretanto, os carros vencem depressa a rua Teresa, traspassam a garganta e desfilam nos ziguezagues abaixo com tal rapidez, que já por antecipação se pressente a velocidade da via férrea. Se neblina intensa envolve a montanha, cuida-se que se desce no vácuo. Se o céu está claro e que o sol nascente ilumine e empurple já os cimos, enquanto um branco véu de vapores, superposto às vargens do litoral e águas da baía, oferece a ilusão de um oceano batendo a raiz da serra; não há tempo para desfrutar o fantástico espetáculo, sendo tão vertiginosa a corrida que os olhos mal o podem pesquisar, e como assombrados se viram para o leito da estrada, onde não deixam de reparar na enorme quantidade de pedras que exige o macadamizamento.

Com efeito, esse sistema, qual Saturno, vive de rocha pura, seja granito, quartzo, silicatos ou calcáreos. Em toda a extensão das rampas se enxergam montões ou paredões de fragmentos destinados a serem reduzidos a cascalho, alimento diário da via devoradora: razão porque todos os pitorescos rochedos, outrora ornamento da estrada e objeto dos estudos e admirações dos mineralogistas, geólogos, botânicos, artistas, já em grande parte despídos da graciosíssima cabeleira que Flora parasítica lhes emprestava, se acham meio derrocados pela mina e pela picareta, prevendo-se que não está longe o momento em que terão sido de todo arrasados.

Sem dúvida não há tudo que lastimar nesse desossamento dos lados do caminho. Algumas dessas pedras nada tinham de gracioso; outras ameaçavam talvez a segurança dos viandantes, e finalmente sob pena de a estrada virar em um encadeamento de lamaçais e caldeirões, é forçoso dar pasto à inextinguível fome de pedra da calçada; mas certamente alguns dos rochedos pela extraordinária beleza e raridade do seu aspecto, pelo inexplicável da sua configuração e colocação pelos cataclismos, outros pelas tradições que a eles se apegam, mereceriam haver sido poupados; quanto mais que a porção de alimento que devem subministrar ao macadame, não podem demorar nem por uma semana a época em que será preciso pedir a pedreiras mais afastadas o suprimento de granito que as beiras esgotadas hão de negar: aliás escolhendo-as por degraus de forma que os fragmentos escorreguem em lugar inferior ao donde se tiram, o trabalho há de ser insignificante.

Porém já é tarde para tal advertência. Justamente as preciosidades deste gênero mais dignas se serem religiosamente conservadas, estão ultrajadas e desfiguradas a ponto que quase se deseja a obra de destruição ultimada e sem resquício qualquer que possa avivar a saudade.

Que diria o major Koeler, tão apaixonado do pitoresco, admirador tão extremoso daquilo que chamava as jóias da serra, se assistisse a semelhante profanação? Enquanto conservasse a menor influência não consentiria em tal vandalismo! Novo motivo para deplorar a irreparável perda de tão conspícuo cidadão!

Entre todas essas jóias, uma ao menos nunca deveria ter sido assaltada pela implacável picareta dos macadamizantes. Queremos falar da gruta granítica que se encontra nos zigzagues acima do lugar chamado Cortiço, e que, em simetria com um gigantesco cubo granítico sito no mesmo alinhamento, enchia de pasmosa admiração, ao passar em frente, a todos os amantes da natureza; acrescento que à tal gruta se apegava curiosíssima tradição de ter sido ela refúgio de um padre foragido, que teve a felicidade de ali se abrigar das unhas dos inquisidores, com uma linda moça... Mas para que se não conceitue nímiamente mal desse padre, talvez os leitores levarão a bem que lhes contemos a legenda, tal qual um companheiro que o acaso nos deu em um dos carros da carreira, nô-la havia narrado na ida para Petrópolis.

Ao desfilar perante a gruta, algum perguntando se objeto tão notável não tinha nome? “Sim!” disse um indivíduo assaz jovial, já mais que setuagenário, cujo traje participava algum tanto da sem-cerimônia dos antigos fazendeiros, pouco cuidadosos de se vestir à moderna. “Sim! Nós a chamávamos a Gruta do Padre, se bem que o bom do padre por humildade e arrependimento a intitulasse do Sacrilégio. Falo de uma época recuada de mais de sessenta anos; porque a geração atual ignora todo esse dramático assunto, não menos que as circunstâncias que o motivaram. Nesse tempo não se sonhava nessa magnífica estrada, nessas habitações e roçados que as circundam, nessas derrubadas das fraldas que permitem contemplar os cumes. A mata virgem, a mais espessa e impenetrável, com barrancos, precipícios, redes intrincadas de cipós, camadas insondáveis de troncos tombados pela velhice, entremeados de grossos rochedos, pedras roladiças, musgos e vegetal estrume, obra de séculos, tudo remexido por numerosos riachos e torrentes com as ramificações em tempo de chuvas e trovoadas, envolvia todos os flancos da serra e vargens da planície, não parecendo querer admitir senão entes dotados de macacal agilidade, ou providos de asas, quais pássaros e borboletas. Entretanto os bichos silvestres, antas, catitus, pacas, tamanduás: após estes os seus inimigos, onças, raposas; e após todos eles os caçadores, sabiam introduzir-se nesses labirintos fechados ao homem dos povoados, mas que por sua parte os perseguidos e foragidos, urgidos pelo terror, a saber, os índios e pretos quilombolas rompem desesperadamente, resultando de tantos esforços aquilo que os engenheiros atuais intitulariam sistema de picadas que abrangia o conjunto da mata, e em certos pontos lançava raminhos de comunicação que davam saída no

caminho velho de Minas, o qual enxergamos daqui, galgando as sinuosidades da fralda oposta.

“Ora, meu pai, cuja traficância tinha necessidade de encobrir suas operações, não desdenhava o tal sistema de picadas, e como desde que tive a idade de dez anos ele me levava na sua companhia, melhor mesmo do que ele eu sabia das voltas e passagens; e ainda hoje, depois de tantos anos que abandonei o arriscado negócio, oposto que acharia lá em cima, entre os resquícios de mato, e dédalo dos rochedos e pedras soltas os desfiladeiros e corredores que admitiam além desses obstáculos nas maiores espessuras do restante da floresta.

“Esta gruta, que nos ficou atrás, era um dos pontos centrais onde vinham convergir muitas das picadas; e foi ali que durante certa noite tempestuosa meu pai guiou e aposentou um indivíduo alto, reforçado, todo vestido à mineira, cujo semblante estava encoberto por barba espessa, compridos cabelos e chapéu de grandes abas. Este, durante todo o trajeto levava, ora à costas, ora nos braços, ora com o socorro de meu pai nas passagens difíceis, um saco, quase da altura de um homem, de cujo conteúdo só o tal sujeito e meu pai tinham o segredo. Chegados com imensa pena e cansaço à gruta, pois chovia a potes e a trovoadas ribombava em todos os recantos da serra, ambos se encaixaram dentro com o saco, que cuidadosamente estenderam no chão. Meu pai deu ordem imediata aos peões e camaradas de irem à outra gruta acima armar o rancho, deixando dois jacás da bagagem que os pretos da comitiva levavam, intimando-me que os seguisse.

“Mas o medo de deixar meu pai e a curiosidade, não permitiram que obedecesse. Depois de ter subido alguns passos, após os companheiros, voltei com pés de lã, e me escondi detrás de uma pedra solta, cujos interstícios davam vista para tudo o que se passava no interior da espelunca.

“Tirou meu pai do bolso isca e pederneira com que bateu fogo, acendendo logo uma vela dessas que servem para o altar. No comenos o companheiro, ajoelhado junto ao saco que desligara, a cabeça curvada sobre a boca do envoltório, gemia e soluçava sem interrupção, até que havendo já claridade, ele com o socorro de meu pai desembarçou do saco uma pessoa em hábito de freira, todo sujo, esfarrapado e molhado; a tal pessoa, pela lividez e imobilidade, dava ares de defunta, e o tal sujeito que a trouxera, ao enxergar o rosto cadavérico, soltou desesperado grito: “Morta!... morta em estado de pecado mortal... morta por minha culpa!... Danação e inferno para a eternidade!... Injusto Deus... abjuro!...” Mas meu pai que conservava o maior sangue frio, pondo-lhe a mão sobre a boca o deteve, pronunciando em tom solene: “Sr. padre, não blasfeme! não desespere da bondade de Deus... antes veja se bate o coração... Será desfalecimento pelo cansaço, falta de ar e alimento, além da tal molhadela... Dispa-se antes de tudo a roupa ensopada... em um dos jacás temos lençóis e cobertor de lã enxutos... Mãos

à obra, enquanto vou acender fogo...” Com efeito, meu pai, reunindo lenha seca e folhas, restos de um arranchamento anterior, aprontou depressa radiante fogueira em um recanto da gruta; e tendo no entanto o padre despido precipitadamente e embrulhado em roupa seca a moribunda, ambos a levaram junto ao lume. O pobre homem dasvairado voltou um tanto a si, quando pondo a mão sobre o coração da mulher, sentiu leve palpitar... “Agora sim, disse meu pai, ânimo e atividade nos socorros... esfreguemos pés, pernas, mãos e braços com panos quentes... Já ferve água na panela; nessa cuia com dois pingos de cana e rapadura, temos uma bebida restaurante, de que é preciso fazer-lhe engolir algumas sorvidelas...” Tudo isto feito, e depois de bastante tempo de terrível ansiedade, afinal um abrir de olhos, um suspiro abafado, deram sinal que a moça voltava à vida; um débil roseado tingiu os lábios e faces; as mãos se remexeram; a respiração se tornou regular; um sono restaurador provocado pelo calor, e a bebida espirituosa se apoderou dela... estava salva!

“De repente o padre, como fora de si, se atirando aos pés de meu pai, abraçando-lhe os joelhos, entre lágrimas e soluços exclamava: Meu anjo tutelar!... Duas vezes te devo a vida...” Mas meu pai, trêmulo, confuso, não menos desfeito em pranto, caiu igualmente de joelhos junto do outro, gritando: “Reverendíssimo! Por amor de Deus? Que esquecimento é este? Eu pobre pecador é que me devo arrastar a seus pés! Vós que não somente me salvaste da forca, que eu havia bem merecido, mas também fizestes de mim um homem de bem!...” “Foste tu, tornava o padre, que me salvaste das masmorras da inquisição, e me ajudaste a tirar essa inocente do abominável *in pace* das freiras...” Ambos eles em um paroxismo de enternecimento, de gratidão recíproca, de exaltamento pela ressurreição da moça, se abraçavam convulsivamente chorando, soluçando, e soltando a um tempo exclamações de júbilo.

“Eu impressionável criança, que jamais assistira a semelhantes cenas, ouvindo meu pai chorar e gritar, olvidei o interesse que tinha em ficar escondido, puz-me a chorar e a dar berros... “Quem lá vai?”, exclamou meu pai, erguendo-se de pé, e correndo fora da gruta onde logo me descobriu.

“És tu, pequeno jararaca (vociferou ele); bem o deveria ter adivinhado, perverso furão!” e agarrando-me com uma mão, ia com a outra me infligir formidável castigo, quando o padre, que o seguira, o deteve: “Perdoai à criança; seu bom coração é que o atraçou; ele não nos há de denunciar: não é assim, meu caro menino?” me disse ele em tom brando e paternal, que me amoleceu a alma; e redobrando o choro, eu asseverei que bem longe de falar do que vira, antes me deixaria fazer em tiras. “Pois bem, disse meu pai, estás perdoado; e logo que pressentiste o que se passou, ficarás para servir durante alguns dias este santo homem, o melhor e o mais virtuoso de todos os tonsurados do vice-reinado brasileiro, e aquela inocente

menina, que não é freira apesar do hábito: ambos vítimas de uma tentação superior à força humana, e perseguidos desapiedadamente por entes indignos de lhes lavar os pés... Jura que lhes obedecerás tanto e melhor do que a mim próprio, e que todo o teu empenho será em vigiar para a sua segurança”. Jurei com uma resolução maior do que o comportaria a minha idade; o que tinha presenciado me havia envelhecido de um par de anos, e a cooperação que se requisitava de mim, lisonjeava o meu amor próprio de criança.

“O tempo urgia para que, reanimadas as nossas forças com o alimento dos jacás, tratássemos de preparar um mingauzinho para a moça quando acordasse, e organizar algum tanto a habitação do par de refugiados; feito o que, meu pai se despediu para não voltar senão passados alguns dias, durante os quais o farnel que se havia arranjado nos havia de bastar.

“Para abreviar acrescentarei, que desde esse dia, eu fui o mais fiel e dedicado servidor dos hóspedes da gruta; e não só o servidor, como a sentinela, o provedor, o mensageiro, o cão de caça.

“O digno padre apenas viu no fim de algumas semanas a interessante moça restituída à saúde, cortou os cabelos e a barba hirsuta, tornando a vestir os hábitos religiosos, embora meu pai o avisasse que assim talvez corresse perigo de ser reconhecido – “Não! não! replicou ele; assaz tenho faltado a todos os meus deveres. Necessidade imperiosa exigira o meu disfarce, mas cessando quase o perigo, não quero continuar a infringir os mandamentos de Deus e da Igreja”.

“... Quão belo era ele no traço sagrado! Nunca na minha vida me foi dado contemplar em outra pessoa feições regulares e majestosas a par de simpáticas em tal grau de perfeição. Dava ares de um Nosso Senhor deitando olhares de compaixão para Santa Madalena, cuja imagem eu possuía desde o dia em que me crismei.

“De mais a mais o padre Arcângelo, assim se chamava ele, era alto, robusto, ágil, ativo, dedicado ao trabalho manual contra o costume geral da terra, dando como razão que seguia o exemplo dos apóstolos.

“Tendo feito o propósito de dedicar a gruta a orações e exercícios pios e de penitência (missa não disse durante muitos anos, por na sua consciência se considerar indigno), ele antes que houvesse findado o segundo mês da era do refúgio, locução que adotara, havia levantado no grotão ou barranco de que a tal gruta ou caverna tapava a entrada, e na margem do regato que a circunda, uma grande choupana de pau-a-pique, com telhado de folhas de palmeiras, prontificando mesas, assentos, girões, repartições de quartos, havendo em separado um para ele e outro para a moça.

“E essa, perguntamos por uma só voz, qual era ela?... A moça?... a moça?... Repetiu como para si o bom do homem, enxugando certa umidade que lhe brotou dos olhos...

“Nunca talvez houve outra no mundo com tão angélico semblante... Bem merecia o seu nome de Ângela: os olhos azuis, grandes em demasia, tinham pouca vivacidade, mas nadavam em tais irradiações de indizível ternura, que derretiam a alma de quem a considerava... A boquinha, vermelha como uma pitanga, se conservava quase sempre meio aberta, como de quem é algum tanto fraco de entendimento; o que ela era na realidade. Dava ares da Santa Madalena da minha imagem, e tanto mais que suas miradas para o padre tinham a mesma expressão de amor inefável e absoluta entrega do seu ser... Jamais enquanto ele estava presente, os olhos dela o perdiam de vista...; e, quando ausente, ficava a devota imóvel em interior contemplação... Ele da sua parte a furto olhava para ela como o Nosso Senhor da imagem para a preciosa penitente; mas se pensava que ela dava fé do sentimento que o dominava, assumia ares de impenetrável seriedade. Contudo bem se via que as duas criaturas, um par como a terra de Santa Cruz talvez nunca visse outro igual, se adoravam como Adão e Eva expulsos do Paraíso... Mas com as mesmas cenas de remorso e repreensão do homem para a mulher tentadora... A Eva, coitadinha, prostrada aos pés do Adão irado não respondia senão com lágrimas e olhares capazes de amansar um tigre... Não poucas vezes, ao voltar repentinamente de alguma caçada ou mensagem, eu pressentia o rumor dessas crises, fazendo grande bulha de fora para que cuidassem que nada havia pressentido... Também do enxergão de palha de milho que me servia de cama em um cantinho da cozinha, percebia gemidos, soluços, admoestações, ameaças de fogo eterno... Não suspeitavam que criança, como eu era, não dormisse profundamente, e desse fé de tudo que se passava alta noite. De dia, além de que eles se conservavam na mais casta reserva na minha presença, tinha eu o cuidado de me fazer de tolo.

“Com meu pai, que vigiava de perto por nossa segurança e bem-estar, fazendo-nos visitas mensais, o padre não tinha segredos a respeito da paixão que o torturava... Um dia que eles passejavam juntos na mata em conversação íntima, cuidando que eu estava bem longe a dar conta de algum recado, escondido detrás do tronco de uma grossa tapinhoã, ouvi toda a prática em que o bom sacerdote, cuja crença era das mais sinceras, deplorava a sua fraqueza como homem, queixando-se de que a lei canônica do catolicismo se tivesse tornado tão severa, quando nos tempos primitivos do cristianismo, a igreja havia ao princípio admitido, e depois tolerado, quase até aos nossos tempos, o casamento dos padres, datando somente do Concílio de Trento a proibição absoluta, mesmo dos meios-termos sobre os quais se havia fechado os olhos! “Com efeito, exclamava o digno eclesiástico, se entre os gelos polares, lá nas Noruegas, Suécias, Escócias, Escandinávias, a ordem clerical não tem podido suportar o jugo do celibato absoluto, como é que nós, sob as chamas dos verões tropicais, o poderíamos suportar!...” E com

suma eloquência ele entrou a desenvolver todas as invencíveis razões que mais tarde esse imortal padre Feijó, salvador em dias aziagos, da cidade do Rio de Janeiro, e talvez do império todo, preservando-nos por sua energia dos horrores da anarquia e da dissolução, ousou aventar perante a cúria romana, o mundo e o céu a favor do casamento dos padres... “Bem, disse meu pai, tendes carradas de razão; estudai a questão, meu nobre e santo amigo, e, sossegando vosso espírito, não atormenteis tanto a pobre Ângela!...”

“Calados puzeram-se eles a caminhar, e eu me sumi serpeando à moda de caninana entre os cipós e taquaras, e por longo desvio os fui encontrar já de volta à casa; e logo, despedindo-se meu pai, o padre deitou-lhe a bênção com certo ar de serenidade que ainda eu lhe não havia visto, recomendando que não esquecesse trazer os livros e sumas de que havia dado a lista.

“Vieram os livros, e o padre que era grande teólogo, se empenhou diariamente em os ler e comentar, havendo desde então maior sossego no seu semblante, e maior alegria e harmonia na casa... Ângela parecia haver ressuscitado.

“Aliás, com o decurso do tempo, a choupana e chácara adjacente se tinham tornado habitação não menos cômoda que farta. O padre pertencia a uma família das mais honradas e abastadas da província, que por intermédio de meu pai entrou a se comunicar com o parente, mandando-lhe quanto dinheiro ele requeresse. Seus pedidos eram limitados ao preciso para ornar e paramentar a gruta que servia de oratório, e para obras de caridade... Sim, negros quilombolas, desertores, infelizes perseguidos pela justiça, famílias dos pobres índios, e dos moradores da estrada, eram por ele acolhidos, afagados, protegidos, socorridos e catequizados. De mais a mais curava os doentes que o vinham procurar em romaria, estendendo-se a fama da sua santidade e sabedoria desde as vilas da Estrela, Inhomirim e S. Francisco, no litoral, até os confins da província de Minas, serra acima.

“Com um pouco de charlatanismo, ajudado de qualquer pia fraude, v. g., fazendo que se descobrisse algum ícone sagrado no chão da gruta, ou que se apregoasse as curas milagrosas da fonte cristalina que surdia ao pé do granital paredão, quão fácil lhe teria sido criar um desses focos de milagres que a crença supersticiosa dos povos consagra a todo sempre! Mas a singeleza e pureza de fé do padre Arcângelo não admitiam semelhantes jesuíticas alicantinas.

“Entretanto os anos haviam passado. O rei d. João VI, fugindo de Bonaparte, tinha vindo acolher-se ao Brasil e havia estabelecido a corte no Rio de Janeiro. Já se não falava em inquisição; o bispo e autoridades eclesiásticas eram outras. Do processo do vigário Arcângelo de... quem conservava lá a menor lembrança? Bem se poderia ir apresentar na corte,

reivindicar o antigo benefício ou mesmo galgar as dignidades clericais. Porém a consciência nunca lho consentiria como ele o declarou solenemente a meu pai e a mim (eu tinha então a idade de homem). Um dia em que insistíamos para que, abandonando o seu retiro, voltasse ao grêmio da sociedade...”Não! nunca! Eu a mim mesmo impuz a pena de cumprir a minha sentença no meu desterro voluntário, logo que, se fugi das masmorras da inquisição não foi para evitar os tratos e o mesmo queimadeiro que eu havia merecido, mas para não desamparar aquela inocente Ângela, carne da minha carne, alma da minha alma, fraca no entendimento, mas grande no sentimento, que não sucumbiu senão porque confundia Deus com o sacerdote; indigno sacerdote que esta superabundância de amor sublime aniquilou e prostrou a ponto de o fazer preia do instinto do bruto!... Ao pé dos altares!... Deus de misericórdia!... De certo não abandonarei essa gruta senão quando soar a hora da prescrição... então me retirarei para Portugal, e me secularizando, à face de Deus e do mundo, eu desposarei aquela minha predestinada Eva.”

“Assim fez: meu pai e eu acompanhamos o par angélico, Arcângelo e Ângela, apelidos quase de predestinação, como augúrio do inevitável laço que havia de prender dois entes tão adoráveis, a bordo do navio que os levou para Lisboa.

“Meu pai não era então o cigano pouco escrupuloso que havia roçado tão de perto a corda de que o bom vigário o salvara, bem como da eterna perdição pelos seus conselhos e instruções. De então em diante, vivendo da sua profissão de traficante ambulante em escravos e animais, não usou mais dos expedientes que tanto o haviam malquistado com a justiça, suprimindo pela atividade, economia e frugalidade, o desfalque que a honradez causava nos ganhos.

“Será preciso dizer que na companhia dos habitantes da gruta, e com o ensino do virtuoso e sábio padre, havia eu saído um jovem assaz instruído, com sólidos princípios de religião e moralidade? Meu gosto, inclinando-me para a lavoura, o bom vigário me havia fornecido os meios de comprar uma fazenda assaz vantajosa em que vivo bem satisfeito com a minha família na santa simplicidade do antigo viver do nosso país.

“Enquanto criança, a vinda do padre com a moça para a gruta, e vida que ali faziam, eram para mim mistérios insondáveis... Quando rapaz apurava os miolos para penetrar o segredo; interrogava, às vezes, meu pai, mas este ficou mudo até os haver embarcado. Então ele me contou tintim por tintim toda essa interessantíssima, quase milagrosa história... “Contai-no-la! exclamaram por uma voz os três parceiros do cupê. De boa gana, replicou o jocoso ancião com risadinha de mofa, eu vô-la contaria, mas eis-nos chegados à junção da estrada nova com o caminho velho que hei de seguir; vejo as cavalgadas que me esperam com o rapaz: a primeira vez que nos

encontrarmos, esperai pela história; Deus sabe quando, porque em dez anos não desço certamente três vezes à côrte. Adeus minha boa gente...” E, apeando-se porque já tinha parado o carro, tratou apressadamente de ajuntar a bagagem que o cocheiro impaciente lhe atirava; o que apenas feito, ressoou o chicote, e a largo trote dispararam as bestas.

Com a súbita desapareição do cronista da gruta ficamos tão estupefatos, que não tinha vindo à mente de nenhum de nós perguntar-lhe pelo nome, nem do sítio da sua residência, bem como da freguesia de que o padre Arcângelo fôra vigário... nem sequer qualquer circunstância que nos pudesse servir de fio para alcançarmos os pormenores da vida anterior, primeiros encontros e fases dos amores com a enigmática Ângela, desse belo e virtuoso padre, até o dia do refúgio na gruta. Jamais havemos de nos perdoar a nossa falta de presença de espírito. Como haviam caído, ele nas unhas dos inquisidores, ela no *in pace* das freiras? Como haviam conseguido escapar?...

Estas recordações do incidente da vinda invadiram de tal forma nossa mente, na volta, ao passar perante a gruta, que nos achamos, quase sem o perceber, encaixados em uma das células correcionais do caminho de ferro, e levados a todo vapor antes de dar fé de nós.

Quando, sacudindo as conjecturas e sonhos sobre a história do padre Arcângelo, olhei para os companheiros dos vagões, observei que a mor parte deles não deixava de estar igualmente absortos por preocupações. Com efeito, cada um ia ao encontro dos negócios e afazeres da sua vida. O episódio da peregrinação que, à moda de sonho encantador, havia entrecortado o fio da vida real, lá ficava nas alturas de que com tanta rapidez nos havíamos afastado... Cada um por antecipada excogitação reatava aquele fio, lembrando-se do ponto em que deixara as cousas, e do que haveria de fazer ao entrar em casa ou no escritório.

O ar mais pesado e o bafo mais opressivo dos pântanos do litoral, davam aviso de que havia findado a vida dos embaladores idílios de Petrópolis... A rapidez dos carros, mesmo a velocidade da via férrea, quase não correspondiam ao impaciente desejo de chegar... e por consequência, dizemo-lo com pesar, o atrasamento na marcha do barco de vapor em tal disposição se assemelha a uma verdadeira tortura... ninguém há, entre os passageiros, que se não enfade e não pergunte com amargura para que tanta pressa no trânsito terrestre, se no mar se perde o tempo que se havia ganho? Como! A companhia que faz pagar tão caro a passagem, nos surrupia uma hora para poupar algumas toneladas de carvão no mês? Não é isto solene mangação, intolerável abuso do monopólio?... Uma vez aquecida a máquina, não precisa tanto combustível para alimentar a sua atividade, que seja preciso pôr em apuros a paciência da pobre gente. Livre dos saveiros que reboca, o vapor, em uma hora, vence facilmente a distância; portanto as duas viagens de ida e volta consomem duas horas do dia, ficando vinte e duas para que

a companhia a seu bel-prazer conduza o café e fazendas de retorno. Então os administradores podem de um só lance fazer arrastar quantos saveiros quiserem, demorando a viagem o tempo preciso sem incômodo de ninguém.

Estas e outras tais queixas se ouvem à ré e à prôa, porque não há outro assunto que mais condiga com o mau humor que predomina.

As mesmas paisagens que durante a vinda tanto distraíam e encantavam, perdem agora esse poder, visto que àquela hora do dia o sol da manhã fronteiro à cidade envolve quase sempre todos os objetos em véu avermelhado que pouco deixa ver dos detalhes.

Que resta, pois, para matar o tempo? As recriminações contra aquilo que dobra a dose da demora e do enfado, contra a cobiça e sem cerimônia da companhia, que por tão pequeno interesse trata tão de resto os fregueses.

Essa fórmula, com poucas variações, é forçosamente o preâmbulo das práticas e conversações que improvisam entre si os impacientes passageiros. Dali, por natural declínio, segue a crítica de outra negligência; a saber: a falta de passadiço coberto entre o lugar onde param os vagões e o do embarque no vapor, sendo a distância assaz extensa sobre tabuado desigual e vacilante para, em tempo de sol, ficar a gente tostada, e em ocasião de chuva, molhada e resfriada.

Uma vez solta a rédea à maledicência, se entra a passar revista a muitos outros vexames e abusos não só já da companhia mauense, mas de todas as companhias, bem como das suas empresas, sem esquecer as do governo.

Comemoram-se os esbanjamentos de dinheiro, patronatos, escandalosas injustiças, espertezas das diretorias exorbitantemente retribuídas, má direção dos trabalhos, destruição das matas, das águas, ímpia ousadia com que os engenheiros aniquilam ou profanam as maiores raridades.

Enquanto nas outras capitais civilizadas a todo custo se criam outeiros e cascatas artificiais, cá parece haver empenho em fazer guerra de morte às belezas desse gênero de que a natureza nos dotou com pródiga mão. Sonham em arrasar o morro do Castelo, colocam uma carapuça, *un bonnet de coton*, ao Corcovado, já afamado em todo o orbe: da bonitinha catadupa da Carioca, no lugar donde partem os canos, já não existe vestígio, e por um triz a cascata pequena da Tijuca, tão admirada pelos estrangeiros que a visitam em romaria, não ficou em seco.

Sobre esse inesgotável tema e sobre o mau gosto que preside a construção dos edifícios públicos, os quais pela mor parte mais se parecem com barracões e arranchamentos, do que com obras arquitetônicas, se declamava com calorosa indignação.

Um dos nossos altos titulares, que outrora figurara entre os primeiros atores da cena política, mas atualmente, pela idade avançada, vive um tanto retirado da lide, durante toda a discussão, sentadinho pacificamente em um

recanto, se havia conservado calado, prestando ouvidos com certo ar ironicamente complacente. De repente, alçando a voz, “tudo isto será assim, disse, e ainda pior, entretanto eu ousou avançar que não obstante o atual atrasamento, o Rio de Janeiro é a Paris da América do Sul; e como se diz que os suecos são os franceses do norte da Europa, e os polacos os do oeste, direi que os rio-janeirenses, e para abreviar os janeirenses, são os parisienses desse nosso meio continente transatlântico.”

Todos nós, pelo respeito ficando mudos, ele continuou: “O traço mais saliente da índole do parisiense não é a sua sujeição ao despotismo da moda? Ora, como duas vezes cada mês os paquetes nos trazem cá em 23 dias os jornais e figurinos da moda, que com antecipação nos ensinam e mostram como Paris se vestirá de então a dois meses; segue-se que nossas madamas de alto coturno, bem como nossos janotas e sirigambéias, adotando ilico [*Sic*] os novos enfeites e vestidos, se apresentam à nova moda um bom mês antes do que os parisienses.

“Paris se preza sobretudo de ser apurado conhecedor e admirador apaixonadíssimo da grande música, embora lhe reste uma pontinha daquela orelha velche que Voltaire tanto lhe reprovava; *une chanson* ou *un pont neuf*, melhor lhe sabem do que todas as óperas do mundo. Do mesmo modo no Rio de Janeiro, se bem que francamente falando, (eu entro na súcia), se prefira uma modinha e um lunduzinho às mais ribombantes partituras de Meyerbeer e de Verdi, o bom tom quer que se morra por primas-donas e tenores dos *ut de poitrine*; cada peça dessas se paga mais caro do que um ministério *au grand complet*, mesmo depois que se inventou uma sétima pasta ⁽⁹²⁾.

“Paris é incansável engolidor de moscas; e o Rio de Janeiro de mosquitos.

“Faz-se acreditar a qualquer parisiense que *les vessies sont des lanternes*. Qualquer janeirenses acredita que glóbulos são pílulas.

“Outra similitude. A população de uma cidade se divide em proprietários e locatários. Pois os proprietários da capital da França e os da metrópole do Brasil de tal forma se assemelham, que haveria razão para crer que descendem da mesma estirpe, a de Monsieur Vautour. Qual ramo dessa gloriosa estirpe leva a primazia? Se o proprietário de Paris tem inventado o *sous-sol* (subsolo), onde conserva seus semelhantes em adega (*à la cave*); os janeirenses imaginaram o cortiço, onde socam entes humanos em alvéolos.

“Portanto eu o repito – Rio de Janeiro é a Paris...”

“Halte lá!” gritou de repente um indivíduo que nos tinham dito haver chegado por um dos últimos paquetes de Bordéus, e que pelos ademanos e desembaraço não podia deixar de ser algum parisiense; “halte lá! Rio de Janeiro non estar Paris... Rio de Janeiro *puer* mucho... beaucoup; à Rio de

Janeiro lo solidó e lo liquidó va chacuno dia sur la testa du negro a la mar... il faut se boucher le nariz... puah! puah!”

“Ah! ah! ah! replicou o nosso fidalgo, seria isso a objeção? Então Mosiou [*Sic*] virá cá nos dizer que Paris tem bom cheiro? Quem atravessou os antigos quarteirões de Paris, *ses quartiers honteux*, como lá os designam, quem respirou as emanações dos regos das ruas e dos formidáveis *plombs* de despejo quem encontrou certos comboios noturnos ao passar dos quais os metais se oxidam, sabe bem o contrário... Entretanto não menos se admira Paris.

“Digamo-lo alto e bom som de uma vez: feder, *puer*, para falar como Mosiou, é o característico de toda aglomeração de humanos, o triste resultado da má digestão daquele maldito pomo que nossa primeira mãe fez engolir ao marido... e quanto mais amplas as proporções das aglomerações, mais fedorentas se tornam. Ide cheirar *London* emprestando seu Tâmis, um volume de água maior do que o de nossa baía!... Conduzi as vossas ventas a Lisboa, Madri, Marselha, Nápoles, Constantinopla; a Nanquim! a Pequim!...

“E como vós imaginais que na antiguidade cheiravam as cidades? Por exemplo, Atenas, a elegante Atenas, Atenas coroada de violetas? Aristófanos vô-lo dirá.

“Em quanto a Roma, soberana do mundo, com seus quatro milhões de habitantes, é preciso lembrar-se que todos os perfumes e aromas do mundo eram lá importados para que os órgãos olfativos não fizessem explosão... Sim, desde a sua fundação, não vai longe de trinta séculos, até hoje, em que o Sumo Pontífice o pobre Pio Nono mal sabe se ficará outro ano na sua capital, Roma tem fedido vinte e quatro horas cada dia. Somai!

“Toda a chalaça de parte, fica bem evidente que o mau cheiro em nada vale para que o Rio de Janeiro não seja assemelhado a Paris.

“Mas então, objetamos nós, não é Paris a cidade das magnificências monumentais coordenadas em imensas linhas, segundo todas as regras do gosto e da elegância?...” “Sem dúvida, interrompeu com certo estro arrebatante e eloquente personagem; mas não é o Rio de Janeiro a cidade das magnificências naturais, ao redor da qual as serras, montes, rochedos, águas, matas, mar e céu dos trópicos foram coordenados pelo Divino Arquiteto em perspectivas de que parte alguma do globo terrestre apresenta os encantos e a variedade? Paris, ainda que a façam quatro vezes mais soberba, se poderá jamais dar a moldura paradisíaca do Rio de Janeiro? Enquanto a metrópole do Brasil virá algum dia, não sei quando, talvez daqui a quatro ou cinco séculos, embora se ande depressa na nossa era de vapor e eletricidade (aliás a questão de tempo nada importa ao negócio), resplandecer nessa mirífica moldura de todas as glórias arquitetônicas e artísticas... À qual das cidades ficará a vantagem em último recurso!... Ah!

Se o bom rei d. João VI ao chegar quizesse ou antes soubesse... já os grandes delineamentos da nova Jerusalém estariam em via de execução!”

Sobre tão audaz asserção da possível futura superioridade do Rio de Janeiro sobre Paris, travou-se então renhida polêmica. Todos entraram a gritar juntos, uns para sustentar o dito do engenhoso figurão, que rindo nas suas barbas não disse mais palavra, outros para protestar, apontando os incômodos da cidade, falta de asseio, e outros quejandos vitupérios, estes chamando o governo a contas, estoutros a Câmara Municipal, não deixando o nosso parisiense de meter a sua colherada naquela algarávia de que acima damos amostra, o que trazia carradas de gargalhadas, cujo efeito foi excelente para moderar o fogo da discussão às vezes aceso a ponto de poder subir a uma argumentação mais frizante; quando de repente, sem reparar no prévio aviso do calor e fedor das praias, graças à nímiamente calorosa controvérsia, encostamos ao cais... dispersando-se como por encanto a súcia, cada um lançou mão da bagagem, e, galgando à porfia a ponte movediça, correu a tratar da sua vida.

PETRÓPOLIS

Noble fille, salut!...

A. DE MUSSET.

I

Lá cai a selva umbrosa,
E o tronco, em vez de rama,
Se envolve em densa chama,
Que o torna cinza, pó!
Não foi o raio forte,
Não foi o vento vago
Que fêz tão grande estrago;
– Foi só o homem, só!

Horríveis precipícios
Os montes patenteiam;
Aqui rochas se alteiam,
Ali se abatem, caem!
Aqui as águas correm
Sonoras reboando...
Ali horri-tronando
Em densos jorros saem.

Gigante ressupino,
Talhado a cem cabeças,
Mas não te ensoberbeças,
Vencido enfim vás ser!
Galgando altivos cumes
A estrada tortuosa,
Serpente majestosa,
Lá vai segura ter.

Carlos Augusto Taunay

Lá vai – que caminhando
Desbasta aqui um monte,
Ali lança uma ponte
Ao abismo todo horror;
Aqui as catadupas,
Que jorram sussurrando,
Ao vale encaminhando,
As doma sem pavor.

Lá vai – na alta serra,
No meio da floresta,
Aonde hórrida e mesta
A fera há seu covil
Mudar o leito aos rios,
Abrir ruas formosas
A habitações famosas,
A vila inda infantil!

Lá vai – aonde bela
A brisa tem das flores
Angélicos odores,
Que sabe despargir;
E o sol rasgando as nuvens,
O sol é deleitoso,
Brilhante, almo e pomposo
Seus raios a espargir.

Lá vai – aonde correm
Os plácidos regatos,
Tão belos e tão gratos
No surdo sussurar!
Onde canais ligeiros
Vestidos de verdura,
Dão tanta formosura
A ruas mil sem par!

Salve, nascente vila,
Petrópolis formosa,
Petrópolis ditosa,
Ridente a se elevar!
Rainha das montanhas,
Soberba a fronte erguendo,
Nos vales te estendendo,
És bela a prosperar!

II

Petrópolis nascente! – Tu és bela
Ainda envolta em véus
De escuras nuvens, que te cingem e toldam
Os tão risonhos céus!

Outros meditem sobre as decaídas
Cidades que lá estão...
Sobre seus restos, sepulcrais ruínas
Esparsas pelo chão...

Que vale deplorar junto da campa
A bela que morreu?
Mirar-lhe as faces pálidas e murchas,
Se a viva cor perdeu?

Ver das arv' res os troncos abatidos,
E a rama extinta, em pó,
E dizer: “Foi outrora uma floresta,
E agora é cinza só?”

Eu vi a aldeia do indiano ousado
Em vila se tornar,
E crescer, e cidade florescente
Lá jaz a prosperar! (*)

*. A cidade de Niterói, capital da província do Rio de Janeiro, começou, como é geralmente sabido, por uma aldeia de índios fundada por Martim Afonso de Sousa, antes Araribóia.

Carlos Augusto Taunay

Formosa entre as formosas como é bela (**)
No mar a se rever,
Com seus lagos e ilhas, grutas, montes,
Que me encham de prazer!

Assim hoje Petrópolis se ostenta
No berço inda infantil,
Como a virgem olhi-negra da floresta
Sorrindo tão gentil!

Doce brisa, esses véus de nevoeiros
Vem me descortinar,
Vem sob um céu sereno e entre altos montes
Petrópolis mostrar.

Ontem, escalando horríveis serranias,
Da noite a escuridão,
Estes muros entrei, quando troava
Raucíssonos trovão.

E entre as sombras Petrópolis fulgindo
Eu vi-a aparecer,
Qual vê o nauta a suspirada terra
Das vagas a se erguer!

***. Niterói é bela! Petrópolis tem suas ruas espaçosas, seus canais bordados de relva, suas Colônias cortadas por seus rios murmurando tão aprazivelmente, seus edifícios rústicos ou suntuosos, seus montes escamados de verdura, seus ares saudáveis, suas águas puras e cristalinas; mas Niterói está assentada à beira da magnífica baía dos Tamoios, com suas casas em anfiteatro, cingidas por um cais bordado de verdes nogueiras com suas folhas de prata e sob ele a praia alvejando e as ondas azuis de seu mar dourado a se quebrarem em brancas flores! O mar a circunda e vai morrer formando um lago a que chamam baía de S. Lourenço de Maruí, toda torneada de verdes e altas montanhas, depois de ter deixado a Ponta da Areia com suas ilhas tão pitorescas, nova Veneza! Ou quebra-se com fúria nas praias de Icaraí contra os seus penedos, ou entra pelo Saco de S. Francisco e forma novo lago S. Lourenço com suas choupanas de índios, com seu monte rival pela paisagem do Monte da Glória, e superior pela sua vista, Engenhoca, S. Gonçalo com seus engenhos, Santa Rosa e Ingá com suas chácaras e seus edifícios campestres, Itaipu com suas lagoas contrastando com o seu mar sem fim, com o seu horizonte imenso, encerram em si belezas de todo o gênero.*

Viagem Pitoresca a Petrópolis

A alma então opressa de tristeza,
De saudade e dor,
Folgou com ela, e em fervorosas preces
Subiu té ao Senhor.

E hoje, sobre o monte que domina
Suas ruas e canais,
Vejo-a tão bela, e namorada e linda,
E assim me encanta mais!

Eis seus templos; – de um povo inda nascente
Tributo ao Deus de amor,
Onde as vozes harmônicas se alternam
Em místico fervor!

Além, – na triste terra hospitaleira
Já dorme o que morreu; (***)
Foi-lhe acerbo o destino em solo estranho,
Que cedo o escondeu!

E aonde se sorri a primavera
Com mágico esplendor,
Impera a morte já! Suspira a brisa
O seu hino de dor!

III

Eis aqui Vila Teresa,
Que mostra os Palatinatos,
Sítios risonhos e gratos,
E a Petrópolis conduz;
E já a aurora desponta
Por entre rúbidas flores,
E entre os céus de esplendores
E a terra de viva luz!

***. Em Nassau, o cemitério. Refere-se ao major Koeler, fundador de Petrópolis.

Carlos Augusto Taunay

Eu gosto ver-te, Petrópolis,
Do teu sono despertando,
E com vida te elevando
Aos raios dalva manhã:
Tu és bela, és sedutora,
Como é sedutora e bela
A merencória donzela,
A tranci-loura alemã.

Eis Nassau, eis Westphalia,
Bingen, Siméria, Mosela,
E a Castelânia tão bela,
E as Renânias também!
Por margens que adornam flores,
Seus rios acompanhando,
Se vão nas águas mirando
Com mil encantos que tem.

À falda de um verde monte,
À frente de um lindo rio
Do germânico sombrio
Jaz a triste habitação;
Aí cultiva cuidadoso
Essa terra que o alimenta,
E a sua prole sustenta,
Tanto de seu coração!

E o murmúrio das águas,
Que mil saudades acorda,
Tristes idéias recorda
A seu gênio pensador;
Se escuta o nome da pátria,
Em vão a pátria procura,
Estranha-lhe a formosura,
Admira-lhe o esplendor!

E aqui não lavra a terra
O miserando cativo,
Sem o menor lenitivo
Regando-a com seu suor!
Só o germano contente
De seu solo brasileiro,
Ao terreno hospitaleiro
Se acostuma com amor!

E aqui lhe é caro a vida
Naquele suave engano
Que o destino cru, tirano,
Jamais deixa assaz durar!
E aqui vê o asilo,
Da grata hospitalidade,
E goza da liberdade
Qu' é tão doce de gozar!

E a vida passa alegre,
Seus amores descantando,
Com seus filhos cultivando
Este solo que o hospedou,
E não mais a fome teme
À sua prole tão cara,
Por quem dantes se assustara
Sobre a terra que a gerou!

IV

Fonte de eterna luz, astro da vida,
Vem; – rasga-me o véu de espessas nuvens,
Que a alma me entristecem, que me pesam,
E deixa-me gozar belezas tantas!
É puro o anil do céu; – os altos cumes
Da serra, roto o véu dos nevoeiros,
Reverdejam-me aos olhos coroados
Do elmo de granito, que soberbo
Tem por seu morrião lindas palmeiras;

Sonora em leves quedas vem rolando
A água cristalina que nas ruas
Da formosa Petrópolis se escoa
Por leitos escamados de verdura,
E seguindo no vale se espreguiça,
E morre pelas meandrosas margens
Onde gigantes árvores se inclinam
E teto de esmeralda às ondas formam!
A brisa matutina repassando
Por flores mil, sem nome, tão formosas,
É mais pura, mais grata! Ouço cantando
As avezinhas darem vida aos bosques,
E o raio do sol vivificante,
Que aqui me aquece, a natureza anima!
Amigo, a quem a sorte desde a infância
Pelos sagrado [*Sic*] laços da amizade
Nos há ligado! Coração ardente,
Cheio de pátrio amor, e puro e raro,
Quando a pátria metida na rudeza
Ah! nem visa o porvir – brilhante outrora!
Comigo vem gozar, vem ver comigo
Estas por ti já decantadas cenas.
Ao menos mais feliz cá te não punge
Doce saudade a recordar-te a esposa
E os tenros filhos, como eu tão longe,
Tão longe deles! Poderei mais vê-los?
Enleios d'alma, nunca tantos dias
Se passaram sequer que não os visse,
Que não beijasse no seu rosto o riso,
Terno, tão meigo e cândido brincando,
Qual zéfiro benigno dentre as flores,
Ou como o céu depois da tempestade
No adelgaçar das nuvens ! Minha esposa
Fagueira a me abraçar sorria amores!
Por essas horas no jardim, no meio
Das flores aljofradas pela aurora
Eu folgava com eles! Pela tarde
Ao descambar do sol corria as praias,
Testemunhas também de nossos brincos,
Enquanto os pais anosos praticavam
Sob a copa argentada das nogueiras;
Com eles lá também brincando e rindo

Entre os teus filhos, serafins mimosos
E lindos, de alva tez, madeixas de ouro,
Via a amizade hereditária e boa
Dos pais passar aos inocentes netos.
Oh! nesta hora também por mim suspiram,
Do agulhão da saudade traspassados!
Assim do sabiá tenros filhinhos
Que a noite viram longa e tenebrosa
Cair, sumir-se, sem que o pai tornasse
Pela volta da fresca madrugada,
Enchem os ares de mil tristes vozes!
Irão talvez sem mim rindo e folgando
Por entre as flores exercer seus brincos;
Ou recostados nos maternos braços,
Como as implumes aves sob as asas
Da nutriz que os criou e que os protege,
Perguntarão por mim. Os altos serros,
Que de lá tão remotos e longínquos
Parecem remontar os céus, rasgando
Com as calvas frentes de granito as nuvens,
Verão cheios de pasmo se em resposta
Lhe disserem: “Ei-lo lá! Lá tão distante!”
Nos negros olhos ondeando o pranto
Buscarão me avistar – como o gigante
No monte erguido, – e buscarão de balde!
Dias felizes! Escoai-vos, ide-vos;
De novo torne a ver inda de longe
O mar, os montes e o horizonte infindo,
Depois as terras que nascer me viram,
Depois o teto que me abriga a prole;
E alma saudosa esvoaçando em torno,
Como a andorinha junto de seu ninho,
Mitigará saudades, ansiosa
Por ver o fim de tão comprida ausência.
Ria-se muito embora o duro Estóico;
Como o tamoio outrora que adorava
A rêde em que nasceu, a *taba* amiga,
Longe dos filhos, longe da consorte
Prazeres para mim são um tormento!
Testemunha fiel, leal amigo,
Ah! não ignoras como vivo e gozo
Por junto de meu lar! Mas, felizmente,

Não podes me invejar; triste e proscrito
E quem nem entre os seus sequer depara
Com doce paz, que lhe abonance os dias.
De novo as trevas engrossando descem,
E em densos turbilhões que tudo inundam,
As ruas magníficas invadem,
E como um manto espesso e lutuoso
Toda a bela Petrópolis envolvem,
E rarefeitas sobre os montes pousam.
Assim também acaso me sorrindo
Vem de novo o pesar; tristes lembranças
Em contínuo tropel afluem, acodem!
Brisa, brisa de flores perfumada,
Brisa, que tantas vezes te hei cantado,
Que tantas vezes a teu bardo amante
Mitigaste o tormento da saudade,
Rompe da longa serra os nevoeiros
Tão densos que me cercam de tristeza,
E passa a magnífica baía
E te encaminha a Niterói; formosa
Mais do que Guanabara, ingênua sempre
Por entre arbustos florescendo e rindo,
E na margem do lago se espelhando
No azulado cristal das mortas águas;
Vai e penetra em minha triste casa,
Leva-me aos lares meus um só suspiro
Dentre os supiros mil que ao peito arranco:
Ah! diz aos filhos e à consorte amante
Que o pai, que o esposo, que o teu triste vate
Sentado sobre a ponte da Saudade,
Vendo correr do Palatino as águas,
Pensa neles, a Deus por eles pede!

V

Oh! que maravilha, que mágicas cenas
Que quadro assombroso, que rico painel!...
Minha alma se eleva a tanta grandeza
Aonde se abate; Vernet, teu pincel!
Quem foi que dos cumes dos montes tão altos
As águas aos vales assim dirigiu?
Quem deu-lhe essa voz tronante, sonora?

Quem tanta magia assim lhe imprimiu?
Quem disse a essas águas: – Rolai sonoras?
Quem disse a essas rochas: – Erguei-vos, cá? -
Quem disse a esses troncos de rama frondosa:
– P’ra adorno do solo erguei-vos aqui – ?
Foi uma só voz – sublime – potente,
Que tudo criou com tanto primor!
Que vida lhe deu na luz eviterna!
Foi Deus, Adonai, Eterno, Senhor!!!
Oh! como tuas obras são grandes, imensas
Tiradas do nada – e todas primor! -
E para cantá-las a voz se me humilha,
Acanha-se a lira do vate de amor!
Assim como outrora o índio valente
À vista de tanta grandeza sem par
Só disse esse – nome – , que ainda conserva,
E que raça estranha soi inda lhe dar:
Assim eu também não tenho outras vozes
Que exprimam o que vêem estes olhos meus;
Minha alma absorta não diz outro nome
Senão o teu nome, teu nome que é – DEUS!!!
Eu só pretendia saber como chamas
Teus mundos, teus astros, mil astros e mil!
Humana ciência de falsas deidades
O nome lhes deu, sacrílego, vil!
Porém que te importa a voz fraca e débil?
Se tens nos teus astros hosana eternal?
Que lira, que vate jamais te há prestado
Da natura o hino, p’ra ti sem igual!
Oh águas sonoras!... Extinta é a raça
Que o nome vos deu de Itamarati;
Ao luso sucede o frio germano,
Porém vós perenes correreis aqui!

J. NORBERTO

Petrópolis, janeiro 1850.

ENSAIO PARA A SOLUÇÃO DO PROBLEMA DE TORNAR MAIS BARATA A VIAGEM DE PETRÓPOLIS

O preço da viagem para Petrópolis se pode dividir em três frações: barco de vapor, 2\$000; caminho de ferro, 2\$000; subida da serra em carros, 4\$000; total, 8\$000.

Sem falarmos nos preços anteriores ao caminho de ferro, que eram mais moderados, observaremos que quando esse caminho atingia somente o Frágoso, o transporte desde a cidade até essa estação custava somente 2\$000, e o lugar no veículo para subir a serra 5\$000. Com o prolongamento da via férrea até à raiz da serra o abatimento de 1\$000 teve lugar neste preço de 5\$000. Pareceria justo que o abatimento fosse a favor dos viajores. Todo o melhoramento nas vias de comunicação supõe uma bonificação de despesa para os transitantes. O contrário teve lugar. O barco de vapor aproveitou a diferença; fez pagar a passagem 2\$000. Entretanto esse barco, que outrora efetuava o trânsito em pouco menos de uma hora, ao grande gosto dos passageiros, gasta agora perto de duas horas, sendo obrigado a rebocar dois pesados saveiros, às vezes três, carregados dos cafés e gêneros da companhia. Bem longe de dobrar o preço, a companhia o deveria ter desdobrado, pois que a bem do seu interesse ela impunha aos passageiros o tédio de mais uma hora de trânsito do mar. *Time is money.*

Teria sido então 500 rs.; e de certo o preço da viagem em barco de vapor, da cidade a qualquer ponto da circunferência interior da baía, jamais deveria passar dessa quantia de 500 rs. Porém, no Brasil, nunca ainda administração qualquer, pública ou particular, quis compreender que a

consumação só pode tomar amplidão e atividade quando convidada pela barateza. Quer-se desde os primeiros dias em que uma empresa marcha, realizar lucros, exageram-se as tarifas, de forma que, só urgido pela necessidade o público se serve dela, e o mais escassamente que pode. Se na França se dissesse que uma excursão de 23 minutos em caminho de ferro custa 6 francos (2\$000), arrepiavam-se os cabelos.

500 rs. pagariam muito bem o trânsito no caminho de ferro; os quais, adicionados aos 500 que deveria levar o barco, perfazem 1\$000, quarta parte do preço atual que percebe a companhia; mas como qualquer transição não deve ser violenta, admitiríamos por enquanto 2\$000, 1\$000 da via férrea e 1\$000 do barco de vapor, mesmo consentindo que continuasse o seu serviço de reboque, se bem que a economia nos pareça mesquinha, mormente durante a estação de vilegiatura.

Agora temos que nos entender com os empreendedores dos veículos para a estrada da serra. Os tais empreendedores defenderiam com mais justiça do que a companhia a tarifa atual. Parece-nos entretanto que o próprio interesse os poderia convencer que ganhariam em abater 1\$000 no preço, que viria a ser de 3\$000 para subir a serra, e julgamos que essa quantia remuneraria suficientemente o serviço, visto que um rebatimento de perto de metade sobre o custo da viagem (5\$ em vez de 8\$000), aumentaria necessariamente o número dos viajores (*).

Julgamos que no atual sistema de condução há grande desperdício de força animal. Quatro possantes burros, quais os que fazem o serviço, mudando à meia viagem, puxariam com igual rapidez e sem maior cansaço uma *diligência* ou *ônibus* com doze ou quatorze passageiros, se o veículo, montado sobre rodas de largo diâmetro, fosse construído conforme todas as leis da dinâmica, ciência para a qual aliás os fabricantes de carros não só no Brasil, mas em todos os países, sempre professaram magnífico desdém.

Nossa admiração por Petrópolis, e o interesse que votamos à companhia por ter ela contribuído tanto (a questão pecuniária à parte), a tornar o acesso fácil e cômodo, nos inspiraram as observações que precedem. Fazemos toda justiça à boa construção do caminho de ferro, à exatidão com que o serviço se faz, à sua velocidade; louvamos a marcha dos vapores, quando não tinham dois saveiros a reboque (ilógico atraso após a rapidez da via férrea), e desejamos de todo o coração a prosperidade da mesma companhia, prosperidade tão íntimamente ligada à de Petrópolis.

*. Não será fora de propósito observar que para as pessoas de alguma representação, e mormente senhoras, ao preço seco da viagem deve-se acrescentar o da viagem dos fâmulos, das bagagens, molhaduras, veículos de ida e volta à *gara* no Rio de Janeiro, etc., etc.

Diversas causas têm concorrido para essa improvisada prosperidade de Petrópolis na localidade que a precisão de uma estação primaveral durante o estio na Serra dos Órgãos, à menor distância do que Nova Friburgo e de mais fácil e pronto acesso que o sítio do March ⁽⁹³⁾ ou qualquer outro vale da serra, induzira a escolher:

1º. A residência da corte, da diplomacia e da classe abastada.

2º. O estabelecimento de colégios bem dirigidos de ambos os sexos.

3º. O refúgio que ali se achava contra a febre amarela.

4º. O empório do comércio dos distritos adjacentes das províncias do Rio de Janeiro e Minas, que, com prejuízo da Vila da Estrela, onde anteriormente convergiam as tropas, coube a Petrópolis, apenas a estrada de rodagem ficar acabada.

A construção da grandiosa estrada da Companhia União e Indústria já tirou a Petrópolis essa quarta fonte de riqueza e engrandecimento a favor interinamente de *Pedro do Rio*, e atualmente do *Juiz de Fora*, que a seu turno perderá, e brevemente, o privilégio, vendo-o estacionar mais e mais longe à proporção que a estrada se entranhar para o interior, o que não pode deixar de ser se ao governo geral ou mineiro-provincial não faltarem completamente juízo e previdência.

No Rio de Janeiro os espíritos estão reconciliados com a nímia apreensão da febre amarela que de epidêmica se tornou endêmica: eis portanto a terceira causa muito enfraquecida.

Sem dúvida as duas primeiras causas de prosperidade não fenecerão tão depressa. Petrópolis pode ainda contar com a corte, a diplomacia, os ricos turistas e as casas de educação. Entretanto, poder-se-ia temer uma perigosa concorrência, que de um instante a outro aparecerá, logo que o caminho de ferro de Pedro II atingir distritos montanhosos, onde se apresentarão infalivelmente localidades com condições de clima e situação pitoresca, suficientes para que a moda as adote e ponha em grande favor, uma vez que a diretora da via férrea fixe preços moderados. A rapidez, comodidade e barateza de uma viagem feita de um só relance, que permite ir e voltar, uma e mais vezes em um só dia, seriam motivos sedutores demais, mormente para as pequenas bolsas.

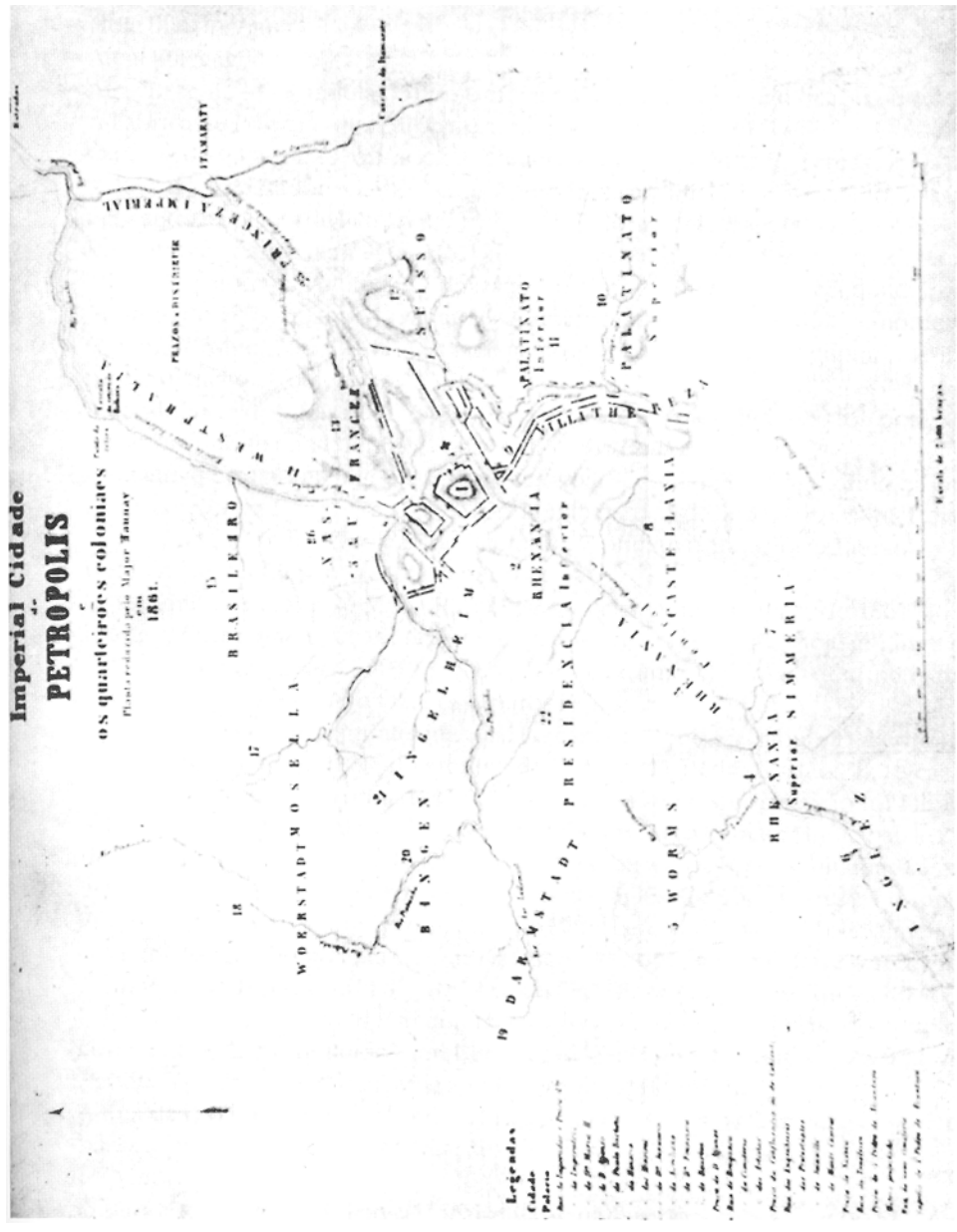
Entretanto, Petrópolis, além da vantagem de prioridade, terá muitos dados a seu favor se se estabelecer a tarifa a mais baixa que for possível para ali chegar.

Esta modicidade de preços abriria também, além dos *trains de plaisir*, a preço reduzido, que já a companhia deveria ter montado, novo ramo de receita. Logo que a estrada rodável da Companhia União e Indústria, oferecesse às famílias que habitam as fazendas e distritos que ela atravessa, toda a comodidade para visitar a miúdo a metrópole do Império, não haveria festa, procissão ou cerimônia nacional no Rio de Janeiro, sem grande

Carlos Augusto Taunay

concurso de curiosos de serra acima que se organizariam, para esse fim, em comboios de peregrinação.

Porém, na atualidade, os desembolsos da viagem, sobretudo para famílias numerosas, desanimam de empreender a excursão.



NOTAS

1. Hoje Praça Mauá.
2. Mosteiro de São Bento.
3. Hoje Ilha do Viana.
4. Atual Villegagnon.
5. Aliás Brocoió – Corruptela do nome indígena Borocóio, que significa sussurro.
6. A Fábrica de Pólvora foi instalada e começou a funcionar em 1867.
7. O nome do quarteirão foi dado em homenagem à imperatriz d. Teresa Cristina.
8. A rua do Imperador recebeu esse nome logo no início da povoação, assim figurando na planta de Petrópolis, elaborada pelo major Koeler, editada em 1846. Por decisão da Câmara Municipal de 5 de dezembro de 1889 foi mudada a denominação para avenida Quinze de Novembro, que permaneceu até 9 de outubro de 1979, quando novo ato da Câmara restabeleceu o primitivo nome.
9. O nome foi mudado para rio Palatino logo no início da povoação já figurando assim na cit. planta de Koeler.
10. A confluência dos dois rios (hoje sob o obelisco dos colonizadores) foi, por isso mesmo, durante muito tempo, conhecida como *Bacia*.
11. A rua teve esse nome logo no início da povoação, igualmente figurando na cit. planta de Koeler. Por decisão da Câmara Municipal de 5 de dezembro de 1889 teve o nome mudado para avenida 7 de Setembro. O primitivo nome foi restaurado por deliberação da Câmara de 4 de janeiro de 1983.
12. O tenente-general José Maria Pinto Peixoto faleceu a 5 de maio de 1861 (Rio Branco, *Efemérides*). A casa ficava na rua do Imperador n.56 (hoje abrange o espaço ocupado pelos ns. 503 a 533. Em 1868 a casa ameaçava ruína e era intimada a viúva do marechal [*sic*] a fazer os reparos necessários.
Aí se instalou no ano seguinte um hotel (v. carta da princesa Isabel a d. Pedro II, de 15 de fevereiro de 1869, no arquivo do príncipe d. Pedro Gastão: “[...] a casa do Pinto Peixoto transformada em hotel.”. Seu primeiro proprietário foi Filipe Schwabenland que instalou nas lojas um botequim (ata da Câmara Municipal de 29 de dezembro de 1874). Hotel dos Estrangeiros passou a chamar-se o estabelecimento, vendido em 1875 ao súdito inglês George Beresford o qual aparece no *Laemmert* como proprietário do Hotel Beresford, mas que, oficialmente se chamava Hotel Grão Pará (v. louça conservada no Museu Imperial e o anúncio do *Mercantil* de 30 de abril de 1877: “Hotel Grão Pará – de J. Beresford, à Rua do Imperador, 90.”. Em 15 de setembro de 1893 realizou-se o leilão do “muito conhecido e bem montado Hotel Beresford” conforme anúncio da *Gazeta de Petrópolis*, desse dia. Quem teria sucedido a Jorge Beresford?
13. A rua de D. Januária, atual avenida Marechal Deodoro, teve a mesma origem e passou pelas mesmas transformações de nomes das ruas do Imperador e da Imperatriz (v. nota 1).
14. O “Grande Hotel de Bragança” localizava-se na rua do Imperador e ocupava o espaço onde hoje estão os prédios de ns. 906 a 958, compreendendo: A Predileta, CAEMPE, Valéria Modas, rua Dr. Alencar Lima, Banco do Brasil, Papelaria Petrópolis e A Ótica.

O estabelecimento foi fundado em 1848, fundindo-se mais tarde com o Hotel de

França, que lhe ficava contíguo e que pertencia (*Laemmert* de 1868) a Filipe Schwalenland que o vendeu por volta de 1870 a Desidério Dujardin. Em 1872 R. H. Klumb – ainda menciona separadamente os dois hotéis. Quando foi este, incorporado ao Bragança, pertencia a João Batista Olive.

O primeiro proprietário do Hotel Bragança foi Tomás Charbonier, sucedido por sua viúva Paulina Josefa Joana Sigaux. Passou depois às mãos de Manuel Bregaro que o arrendou a José Narciso Coelho. Foi depois propriedade de José Martins Correia, e mais tarde dirigido por João Meyer e, em 1869, passou às mãos de Antônio Pereira de Campos. O prédio foi demolido em 1926. Nessa época pertencia o Hotel ao Dr. João Franklin de Alencar Lima, cuja viúva abriu, no centro do velho prédio a Rua Dr. Alencar Lima, nome dado pela municipalidade por Ato n. 10, de 30 de março de 1926.

15. A rua de D. Francisca, hoje avenida General Osório teve a mesma origem e passou pelas mesmas mudanças de nomes que a rua do Imperador (v. nota 1).

16. Aliás Aureliano, nome dado em homenagem a Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho (visconde com grandeza de Sepetiba em 1855) presidente da província na época da colonização de Petrópolis. Seu nome não figura na planta de Koeler. Sugere Antônio Machado (“Nomenclatura Urbana de Petrópolis” – *Centenário de Petrópolis*, v.I, p. 236) que “talvez antes de 1848 tivesse surgido a rua Aureliano”. Mas várias atas da Câmara Municipal, a partir de 1870 chamam-a de “rua Aureliana”! Prossegue Antônio Machado: “Nome dos mais ligados à história de Petrópolis, os iconoclastas de 1890 [*sic*] não tiveram dúvida de riscá-lo da nomenclatura local, passando a ser avenida Bolívar.” Somente em 1932 o prefeito ledo Fiúza fez revigorar uma deliberação da Câmara de 1899 (que não entrara em vigor) restabelecendo o nome de rua Aureliano. Mas somente em 1938 recebeu o nome de avenida Aureliano Coutinho.

17 - A praça Imperial, hoje praça D. Pedro II, figura na planta de Koeler como praça do Imperador. E como tal aparece nas primeiras atas da Câmara Municipal. Dela diz Antônio Machado (*ob.cit.p.144*): “Existem hoje duas praças-jardim com o nome de praça D. Pedro II, fronteiras, mas perfeitamente distintas, separadas pelo rio Quitandinha e pelas duas vias da av. 7 de Setembro”(rua da Imperatriz). Informa o mesmo cit. historiador (*op. e 1. cit.*) que a área à direita do Quitandinha - onde se encontra o monumento dos expedicionários “só teria sido reservada para logradouro público quando foi murada a quinta imperial [embora atribua a planta de Koeler aos dois lados o nome de praça Imperial]. Recebeu este trecho oficialmente [?] o nome de praça da Imperatriz. Nos fins da monarquia [quando?] dava-se às duas áreas o nome de D. Pedro II.” Mas na ata da sessão de 15 de janeiro de 1873, requer o vereador Rocha Fragofo fosse destinada a quantia de 2 contos de réis no ajardinamento da praça D. Pedro [*sic*] “compreendendo a margem direita e esquerda do rio Quitandinha.” Mas só em 1874 (ata da Câmara de 7 de abril) depois de embelezada com lagos, repuxos e cascatas, recebeu oficialmente o nome de “Praça de D. Pedro II.”

18. O Hotel Suíço ficava na rua do Imperador onde hoje estão o prédio dos Correios e Telégrafos, à av. Epitácio Pessoa e o Colégio Estadual D. Pedro II. Foi o primeiro hotel de Petrópolis, cujo proprietário era Francisco Gabriel Chiffelle e funcionou a partir de 1848. O naturalista Hermann Burmeister, que aí se hospedou em 1851,

tece-lhe grandes elogios. É onde se hospeda o herói da *Viuvinha*, romance de José de Alencar, cujo enredo se passa em 1850. O prédio foi construído pelo major Koeler no prazo n. 3 da Vila Imperial e logo passou à propriedade da firma Dupasquier & Chiffelle. A construção acha-se já assinalada na planta do major Koeler. O hotel foi a leilão em 1855 e três anos depois, informa o *Laemmert*, pertencia a Jacques Larguier. Um anúncio estampado no *Mercantil* de 21 de junho de 1859, informa pertencer, na ocasião, a João Mendes Cirne. O mesmo jornal, a 7 de novembro de 1883, noticia a demolição do prédio, cujo prazo foi incorporado aos terrenos do Palácio Imperial.

19. Aliás rua Toneleros, que hoje se desdobra nas ruas Dr. Porciúncula (deliberação da Câmara de 17 de abril de 1896) e Caldas Viana (idem de 10 de março de 1938) separadas hoje pela estação rodoviária.

20. A rua dos Mineiros, atual rua Silva Jardim (resolução da Câmara de 1º de agosto de 1896) não figura na planta de Koeler, só aparecendo na de Otto Reymarus, de 1854. Era trecho da primitiva estrada para Minas, origem de seu nome inicial.

21. As ruas do Honório e de Paulo Barbosa formam hoje a rua Paulo Barbosa. Na planta de 1846, sendo que esta com o nome de rua do Mordomo, que aparece convertido em Paulo [sic] Barbosa na planta de 1854, de Otto Reimarus. Em que data teria o nome de Paulo Barbosa suplantado a do Mordomo? Rua do Honório é uma homenagem a Honório Hermeto Carneiro Leão, (que seria marquês de Paraná) foreiro n. 1 de Petrópolis. Em 1890 foi substituído o nome da rua Paulo Barbosa por avenida Washington, embora (Antônio Machado, *ob.cit.*p. 230/31) “tivesse respeitado o trecho conhecido por Honório, este nome foi caindo em desuso e quando se restabeleceu a denominação tradicional de Paulo Barbosa esta se estendeu à rua toda.” Informa Walter Bretz (*Tribuna de Petrópolis*, 30/10/1927) que em 2 de dezembro de 1899 foi restabelecido o nome primitivo mas o ato não foi executado [?]. O nome atual da rua Paulo Barbosa data de 5 de agosto de 1913 quando foi oferecido à Câmara Municipal, pelos herdeiros do Mordomo, o busto em mármore do conselheiro, obra de Pettrich, que ainda lá se encontra.

22. Aliás rua do Imperador.

23. Praça D. Pedro II.

24. A primitiva capela, depois igreja de São Pedro de Alcântara (a matriz velha, como era conhecida) elevava-se na rua da Imperatriz, no ponto onde se abriu depois a rua Oscar Weinschenck. Erguida sob projeto de Koeler que já a localizou na planta de 1846. Foi a catedral do primeiro bispado de Petrópolis, sendo demolida em 1926.

25. Onde hoje se ergue a catedral de S. Pedro de Alcântara.

26. A travessa Wylep, hoje rua Raul de Leoni, não consta da planta de Koeler. Wylep foi cônsul da Holanda no Rio de Janeiro, onde era estabelecido com casa comercial. Informa Antônio Machado que o terreno fora adquirido à viscondessa de Macaé e que, à custa de “esforçados desaterros”, abriu uma vereda cujas extremidades iam da rua da Imperatriz à rua de Joinville (Ipiranga) que, com o correr do tempo passou a ser conhecida como travessa Wylep. Em 1928 (ato de 10/11/) deu-lhe a Câmara Municipal o nome de rua Raul de Leoni.

27. A casa construída por Wylep pertenceu mais tarde ao comendador Máximo de Sousa a quem sucedeu Joaquim Francisco Moreira e depois a Paulo Figueira de

Melo. Foi demolida na década de 40 e em seu lugar ergue-se hoje um edifício de apartamentos.

O Museu Imperial possui o retrato de Wylep (falecido em 1860), óleo de George M. Heaton.

28. A rua de Joinville não consta da planta de Koeler, aonde se vê o rio de Almeida Torres (ainda não capeado); mas figura no mapa de Reimarus de 1854. Por resolução municipal de 5 de dezembro de 1889 passou a rua de Joinville a ser avenida Ipiranga, nome que se estenderia ao trecho ligando esta rua à Floriano Peixoto. Este trecho, conhecido depois como rua Nova Ipiranga, recebeu, em 1923 o nome de rua Alberto Torres.

29. A rua de D. Maria II é hoje a avenida Tiradentes. Figura na planta de Koeler com o primitivo nome. A 5 de dezembro de 1889, pelo mesmo ato que mudou o nome da rua do Imperador, teve seu nome mudado para avenida Silva Xavier e, em 1922, para avenida Tiradentes.

30. A “praça de D. Pedro de Alcântara”, figura na planta de Koeler como “igreja a praça S. Pedro de Alcântara”, nome mantido por Reimarus no seu mapa de 1854. Durante algum tempo foi chamada pelo povo de largo da Princesa, denominação que não se oficializou. Em 1929 recebeu o nome de praça Princesa Isabel. Em 1873 foi a praça ajardinada a expensas do barão de Carapebus e de Rodrigo Delfim Pereira (ata da Câmara de 8 de fevereiro).

Como se vê no mapa de 1846 era o local reservado para a igreja mencionada no decreto de 16 de março, e que fora erguida provisoriamente (v. nota 24) à rua da Imperatriz. Mas desde o início da povoação estava reservado para esse fim o terreno em que hoje foi erguida a Catedral e onde somente em 1876 foi assentada a pedra fundamental. Mas verificando-se então que o local reservado para a construção era insuficiente, segundo o projeto do engenheiro Francisco Monteiro Caminhoá, foi adquirido o terreno do barão do Flamengo que lhe ficava anexo, dando frente para a rua de Joinville, atual avenida Ipiranga. (Guilherme Auler, *A Princesa e Petrópolis*, p.53). Esse projeto é de 1883. As obras estiveram paralisadas durante muitos anos e só foram retomadas e terminadas, com as modificações dos engenheiros Heitor da Silva Costa e Guilherme Pedro Eppinghaus, e a igreja inaugurada em 1926.

31. A rua de D. Afonso (hoje Avenida Koeler) figura na planta de 1846 com o seu primitivo nome, estendendo-se muito além dos seus atuais limites: atravessando a praça da Liberdade e entrando por um caminho bastante irregular e que veio a ser a rua Barão do Amazonas. A 5 de dezembro de 1889 passou a rua de D. Afonso a ser avenida 28 de Setembro e em 1895 recebeu o nome de avenida Koeler.

32 - A praça, ou melhor dizendo “largo D. Afonso”(como foi por muitos e muitos anos conhecida) hoje praça da Liberdade, figura na planta de Koeler com seu primitivo nome. Pela já citada deliberação de 5 de dezembro de 1889 passou a ser praça da Liberdade. Em 5 de dezembro de 1923 (ato n. 78) recebeu o nome de praça Rui Barbosa, mas continuando a ser conhecida como praça da Liberdade, nome que foi, afinal, oficializado por ato do prefeito em 1993.

33. A rua de Bragança, hoje avenida Roberto Silveira, figura na planta de Koeler com aquele nome. A 5 de dezembro de 1889 passou a ostentar o nome de avenida Primeiro de Março. Era primitivamente um simples caminho, só totalmente aberto em 1850. Pela deliberação 1.372, de 14 de abril de 1961, recebeu o nome de

Avenida Roberto Silveira.

34. A rua de Bourbon não consta da planta de Koeler. Só foi aberta em 1868 pelo empreiteiro Joaquim Francisco Leitão, conforme ata da Câmara de 16 de janeiro de 1869. A 5 de dezembro de 1889 passou a chamar-se rua Cruzeiro. A 25 de maio de 1931 recebeu o nome de João Pessoa e em 6 de novembro de 1989 o de Dr. Nelson de Sá Earp.

35. A rua dos Artistas se desdobra hoje em rua Padre Siqueira (à margem direita do rio Quitandinha) e rua Alfredo Pachá, à margem oposta. A planta de Koeler já menciona a rua dos Artistas de ambos os lados do rio Quitandinha - da ponte em frente ao atual edifício Príncipe de Nassau até a praça do Palácio de Cristal. A 15 de março de 1871 apresenta à Câmara o vereador José Henrique de Paiva uma proposta dando o nome de "rua de D. Leopoldina" à rua dos Artistas. Pela resolução de 5 de dezembro de 1889 passou a rua a chamar-se Sete de Abril.

36. A rua dos Franceses não figura na planta de Koeler. Antônio Machado (*ob.cit.* p. 161) informa que essa denominação dada por Taunay "se chegou a ser usada teve efêmera duração."

37. A planta de Koeler denomina o logradouro como praça de Coblenz, em homenagem à cidade renana do mesmo nome - que fica na confluência (daí o nome) dos rios Reno e Mosela; à semelhança dos rios Quitandinha e Piabanha que aí confluem. Por isso era chamada de praça da Confluência. Nesse recinto foi construído em 1884 um pavilhão encomendado pelo conde d'Eu, à semelhança do seu congênere londrino e que ficou conhecido como Palácio de Cristal, onde passaram a se realizar as exposições hortícolas e agrícolas, sob o patrocínio da princesa Isabel. Alcindo Sodré (*Comissão do Centenário cit. v. II, p. 125*) escreve: "Depois foi campo de Sant'Anna, Passeio Público, praça Calógeras, praça Moreno e, por fim, Palácio de Cristal."

38. A chácara Mauá, aqui citada, foi propriedade de Irineu Evangelista de Sousa, barão e visconde com grandeza de Mauá em 1854 e 1874, respectivamente. O prédio foi o *único* construído por Mauá para sua residência. Pertenceu mais tarde a Alberto de Faria (biógrafo do grande brasileiro) e hoje é propriedade da sua neta, sra. Maria Lúcia Proença. Localiza-se à praça Mariano Procópio n.3 - esquina da avenida Piabanha. Na planta de Koeler já figura uma construção no prazo em apreço. Neste palacete está hoje instalada a Prefeitura Municipal de Petrópolis.

39. A rua dos Protestantes, hoje rua Treze de Maio, figura com aquele nome na planta de Koeler. Por resolução da Câmara de 1872 passou a rua a chamar-se rua da Princesa D. Isabel, nome mudado em 5 de dezembro de 1889 para rua Treze de Maio.

40. Aliás Aureliano, como já foi dito (v. nota 16).

41. A ladeira é hoje a rua Visconde de Bom Retiro e um trecho da rua Sousa Franco.

42. O rio de Almeida Torres desce capeado pela rua Ipiranga e se atira no Quitandinha, depois de uma grande volta, em frente ao palácio da princesa. É representado na litografia de Gr. C. [?] divulgada na *Iconografia Petropolitana*, cit. p. 233.

43. Esse caminho recebeu o nome de rua Fonseca Ramos em 1896.

44. Há um depoimento da princesa Isabel sobre essa rua. Em carta ao imperador, de 20/10/1864, diz ela: "Hoje de tarde demos um passeio: fomos aos banheiros à rua de Joinville (Ipiranga) e descemos pelo morro que está detrás do banheiro de mamãe." (arq. do príncipe d. Pedro Gastão).

45. Essa "larga avenida" ligando a rua de Joinville à rua do Imperador, passando por dentro dos terrenos do palácio, veio a constituir-se na rua Epitácio Pessoa. Dava acesso direto ao quartel dos semanários.

46. A rua do Cemitério não figura na planta de Koeler, mas sim na de Reymarus, de 1846. Essa rua foi aterrada, por ser muito baixa, segundo petição do morador Teodoro Schaefer à Câmara Municipal (ata de 19/06/1875). Pela deliberação n. 8, de 25/11/1904 passou a chamar-se rua Fabrício de Matos.

47. A praça de Nassau assim figura na planta de Koeler. Em 1883 passou a chamar-se praça Berrini, nome substituído em 1890 para praça Juarez. Um detalhe curioso, assinalado por Antônio Machado é ter ela ostentado, em certa época, na placa respectiva, o nome de praça *Jaurès!* Pela deliberação n. 21, de 03/03/1917, passou a chamar-se praça Dr. Oswaldo Cruz.

48. O colégio Kopke, oficialmente chamado colégio de Petrópolis, funcionava à rua de Nassau (av. Piabanha) no local onde foi aberta a rua Walter Bretz, nome que recebeu por decreto lei n. 116 de 25/05/1945, do prefeito Alcindo Sodré. Foi construído pelo engenheiro Guilherme Kopke e teve como primeiro diretor o irmão deste Henrique Kopke. Foi o primeiro grande educandário de Petrópolis e que haveria de alcançar justa fama pelos seus métodos pedagógicos. Henrique Kopke, o pioneiro do ensino particular em Petrópolis, faleceu nessa cidade a 10 de dezembro de 1881, com 79 anos de idade, repousando seu corpo no cemitério municipal.

No mesmo prédio funcionariam mais tarde os colégios do padre Moreira e Eugênio Werneck. De 1902 a 1907 nele se instalou o bispado de Petrópolis, ao tempo de d. João Francisco Braga.

O prédio foi impiedosamente demolido.

49. A casa do major Carlos Filipe Garçon Rivière (nomeado em 1840 para o conselho diretor das obras da estrada da Estrela a Paraibuna, juntamente com o major Koeler e Frederico Carneiro de Campos) localizava-se à rua do Imperador, onde hoje se ergue o edifício Marchese. São os prazos números 114 e 115 da Vila Imperial, aforados, inicialmente, ao engenheiro da colônia Eugênio Augusto Jeanne e João Luís André que os transferiram a Rivière e a Henrique Chanel, respectivamente. Em 1850 tornou-se Rivière proprietário também do prazo 115. No primeiro desses prazos construiu bela residência e no outro um parque com repuxos e estátuas de louça do Porto. O conjunto foi fixado em óleo de Facchinetti em 1869 (v. Gilberto Ferrez, *Iconografia Petropolitana*, p. 202). Em 1857 passou a propriedade a Joaquim Henrique de Araújo Filho, barão e visconde de Pirassinunga em 1858 e 1876, respectivamente. Transferiu este os prazos a Valbert Roble. Nessa época (quando foi pintada a tela de Facchinetti) aí funcionou a padaria Francesa de Gustavo Roble (seria parente do anterior?), fornecedor da Casa Imperial. *A Gazeta de Petrópolis* (09/03/1893) informa: "a casa do major Rivière é hoje ocupada pela confeitaria Francesa, pelo sr. Lima, dentista [?] e outros."

50. José Antônio Barroso de Carvalho, barão e visconde com grandeza do Rio Novo, em 1856 e 1867 respectivamente. Sua casa se erguia no terreno hoje ocupado pelo colégio Santa Isabel que, no inventário da viscondessa, foi adquirido pelos padres Paiva e pelo monsenhor Bacelar e doado às irmãs de caridade.

Antônio Barroso Pereira, barão e visconde de Entre Rios em 1877 e 1883,

respectivamente. Sua residência ficava próxima à do Visconde do Rio Novo, onde hoje está a farmácia Petrópolis.

51. As casas dos srs. Avelar e Câmara situavam-se, a primeira, no atual n. 99 da rua da Imperatriz e a segunda, que lhe ficava contígua, pertencia a Pedro José da Câmara, e erguia-se no local onde hoje se encontra a secretaria de Obras da prefeitura, na esquina da praça Visconde de Mauá. É o prazo 126 da Vila Imperial, figurando na planta de Koeler já com uma construção. Foi dos primeiros prédios de Petrópolis. D. Pedro II a ele se refere no seu diário de 1862.

Por volta de 1850 foi ocupado pelo visconde de Mauá. E entre os anos de 1870 e 72 ali residiu o chefe-de-divisão Vítor de S. Tiago Subrá, “sucessor de Câmara” conforme ata da Câmara de 09/01/1872. Nele residiria, por muitos anos, o médico homeopata, Moreira da Fonseca, cujos herdeiros venderam-no à prefeitura.

52. Joaquim Vidal Leite Ribeiro residia no prédio onde funciona hoje a Câmara Municipal. A propriedade pertencia então a José Carlos Mayrink da Silva Ferrão. Leite Ribeiro seria seu inquilino. A propriedade se constitui dos prazos 127, 128 e 129 da Vila Imperial que, na planta de Koeler, vinham até a rua da Imperatriz, não existindo a praça, formando esta o jardim da residência; mas em 1854, de acordo com o relatório do diretor da colônia, já a praça (com o nome de praça Municipal) fora destacada da propriedade e em seu centro estava sendo construído um chafariz. E no relatório do ano seguinte escreve o novo diretor: “o novo chafariz [então existiria um anterior?] da praça Municipal, projetado pelo coronel Guillobel [...]. O vaso de mármore, encomendado [...] para a Itália, a fim de adornar esta fonte, chegou bem acondicionado”[...]. O primeiro foreiro desses prazos foi José Alexandre Alves Pereira Ribeiro Cirne, em 1850 (informação obtida na Companhia Imobiliária de Petrópolis) e no mesmo ano os transferiu a Mayrink, que os vendeu em 1891 a José Paulo de Almeida, barão de Guaraciaba em 1887. Três anos mais tarde passava o imóvel à propriedade da Câmara Municipal pela quantia de 60 contos de réis. Informa Antônio Machado (ob. cit. p. 263) ter sido o prédio “levantado pelo dr. Marinho de Azevedo, médico de nomeada no Rio de Janeiro” mas não indica a época em que poderia tê-lo feito.

53. O Hotel da Europa “assaz vistoso prédio de dois andares” existiu na rua D. Maria II (atual av. Tiradentes) de 1858 a 1864, segundo o *Almanaque Laemmert* que informa (vols. 1859-1860) ser propriedade de Bernachaud (?). Em 1863, informa a mesma publicação, pertencer ele a Roemer que, no ano seguinte aparece como dono do Hotel de Petrópolis (sem indicação do local) não figurando mais desde aí, naquele almanaque, o Hotel da Europa. Em 1869 apresentava o edifício tal estado de ruína que a Câmara intima sua demolição ou reconstrução (sessão da Câmara de 30/12).

Existiu posteriormente em Petrópolis, outro hotel d’Europa à rua 7 de Abril, hoje Alfredo Pachá.

54. Propriedade que se celebrizou como residência da baronesa de São Joaquim (sua inquilina por muitos anos) e hoje demolida (v. Ferrez, *Iconografia Petropolitana*, p. 214). Ficava na atual av. Tiradentes, 121. O *afamado dentista americano* foi Luís Bourdell, dentista da Casa Imperial, primeiro foreiro dos prazos 136, 137 e 138 da Vila Imperial, que os aforou em 1847. Em 1878 transferiu-os a Antônio Calazans Raythe que acrescentou à propriedade o prazo n. 135. Por sua morte herdou-os sua viúva, Maria Guilhermina Bernardes Raythe. - O ministro inglês, referido por

Taunay, é William Dougall Christie, que se notabilizou pelo triste incidente conhecido como “Questão Christie”.

55. O prédio do barão do Pilar foi mais tarde palácio da princesa, à avenida Koeler, 42. A propriedade, constituída pelos prazos 214, 215, 216 e 217 da Vila Imperial, pertenceram, inicialmente, a vários foreiros até que, - de 1849 em diante foram sendo transferidos a José Pedro da Mota Saião, barão do Pilar em 1851, elevado à grandeza no ano seguinte. De 1871 a 73 foram os prazos transferidos a Rodrigo Delfim Pereira que os transferiu aos condes d'Eu. O prédio foi grandemente ampliado, celebrizando-se pelo nascimento aí do primogênito da princesa Isabel, o príncipe do Grão Pará.

56. Gustavo Frontin, engenheiro, foi companheiro de Koeler na reforma da estrada da Serra.

57. Luís Godard, horticultor belga, residia numa casa situada à rua dos Protestantes (Treze de Maio) que foi depois moradia do padre Esch. Ficava a casa (que existiu ainda por muitos anos) junto à encosta do morro que dá acesso ao atual edifício Princesa. O prazo de Godard se estendia até a praça hoje Princesa Isabel, trecho que foi incorporado à propriedade vizinha (hoje na av. Ipiranga n. 35) prazo inicialmente pertencente a Teresa Ubelhart da Mota. Foi transferido em 1872 a Antônio Dias Coelho Neto dos Reis, barão, visconde com grandeza e conde de Carapebus, em 1867, 1874 e 1888, respectivamente, que construiu no mesmo ano de 1872 o chalé por tantos anos existente. Pertenceu depois a João Antônio Mendes Tota, barão de Mendes Tota em 1888, transferido mais tarde à família Grandmasson que o vendeu a Eduardo Simão, o qual demoliu o velho chalé e construiu o prédio atual.

58. Carlos Spangenberg, natural do Hanover, veio para o Rio de Janeiro em 1844, para trabalhar na Casa Leger, destinado a realizar trabalhos em madeira, de cuja arte já era senhor (Alcindo Sodré, “Bengala de Petrópolis”, *Comissão do Centenário* cit. v. VI, p. 95 e segs.). Mas logo transferiu-se para Petrópolis onde instalou em sua casa uma pequena indústria de objetos de madeira, sobressaindo as célebres *bengalas de Petrópolis*, de que possui o Museu Imperial alguns exemplares. D. Pedro II costumava presentear seus amigos da Europa com essas bengalas de Petrópolis, (ou Petrópolis, *tout court*) que atravessou assim o oceano figurando no *Cancioneiro Alegre* de Camilo Castelo Branco, respondendo a um crítico brasileiro: “Este sujeito escreveu-me que tem uma excelente bengala de Petrópolis com a qual me baterá se eu for ao Brasil.” E Artur Azevedo, em *Sonetos e Peças Líricas*, p. 53, escreve: “Surge à porta da rua o pai austero armado de um Petrópolis bem grosso.”

59. Jean Baptiste Binot foi o construtor dos jardins do Palácio Imperial por cujo trabalho cobrou a quantia de 7 contos de réis.

60. O Hotel Moss figura no *Laemmert* de 1849 e 50 sem indicação de endereço. Em 1851 aí aparece o Hotel de Turner Filler [*sic*], “antigo Hotel Moss” também sem indicar a localização. Nesse mesmo ano anuncia o *Jornal do Comércio* (17/04) a venda de um estabelecimento “que tem servido há 3 anos como hotel particular [...] além disso corre o rio de Almeida Torres [hoje canalizado] no meio do terreno.”

O cidadão britânico Moss, tronco de ilustre família de petropolitanos, foi dos primeiros foreiros da colônia (informação de seu descendente mons. José Moss Tapajós). “Ao rio que banha a Cremerie deu a superintendência de Petrópolis, o nome de rio Moss” (A. Machado, *ob.cit.*p.119).

61. Mme. Jenny Diemer (A. Machado, *ob. cit.* p. 136) manteve um colégio para meninas na atual avenida Ipiranga (rua de Joinville). Em março de 1858 com ela bordava a princesa Isabel, segundo correspondência conservada com o príncipe d. Pedro Gastão (v. Lourenço Lacombe, *Isabel a Princesa Redentora*, p. 40). Em 1860 recebia Mme. Diemer da Casa Imperial a quantia de 400 mil réis para ajuda de sua viagem à Europa, segundo o vol. 35 (p. 149) da Mordomia da Casa Imperial (Arquivo Nacional). A esse Colégio teria sucedido o de Mme. Cramer, segundo *O Paraíba*, de 15/08/1858: “Consta-nos que Mme. Cramer comprara ou comprará o colégio de meninas de Mme. Diemer, a fim de fundir os dois estabelecimentos em um só, que ficará funcionando na casa em que está estabelecido o de Mme. Diemer.” Do colégio Cramer, dizia o *Mercantil* de 1859 (A. Machado, *ob. cit.* p. 316) é, no que diz respeito ao sexo feminino, o mesmo que o colégio Kopke para os jovens alunos.

O marido de Mme. Diemer, Afonso Diemer, fora professor de desenho no Rio de Janeiro e aqui em Petrópolis ficou encarregado do interesse dos franceses.

62. A Vila Weitzmann é ainda citada em 1893 pela *Gazeta de Petrópolis* de 09/08. Ficava no atual n. 555 da avenida Ipiranga, onde hoje se encontra o convento da Virgem. G. H. [?] Weitzmann já era falecido em 1864, quando sua viúva requer à Câmara, por arrendamento perpétuo, o local onde fora enterrado seu marido - para si e seus filhos (ata da Câmara de 27/05/1864).

63. Ficava onde hoje é a residência do dr. José Nabuco e d. Maria do Carmo de Melo Franco Nabuco, à avenida Ipiranga, 544.

64. A travessa de Joinville é hoje a rua José Bonifácio. Originou-se de um caminho que principiava no prazo n. 405 do Quarteirão Francês, e para o qual davam acesso várias propriedades. Informa A. Machado (*ob. cit.* p. 149) que a 14/01/1890 foi a denominação mudada para travessa Garibaldi. Mas não parece ter prevalecido o novo nome, porque o povo continuou chamando-a de travessa Ipiranga, nome que foi oficializado por ato de 08/07/1891. Não obstante novo ato do prefeito de 1918, denominando-a de rua José Bonifácio, “que, indevidamente [*sic*] está sendo chamada de travessa Ipiranga”.

65. Antônio Maria de Oliveira Bulhões era capitão do corpo de engenheiros e foi chefe das obras da Companhia União e Indústria. É autor de uma carta corográfica da província do Rio de Janeiro.

66. Dr. Napoleão Touzet, médico filantropo francês. Residiu em Petrópolis entre 1860/70. Foi fundador da primeira casa de saúde particular depois da extinção da colônia, inaugurada em 1862 (ata da Câmara de 15/01/62). Devotado aos doentes durante a epidemia de cólera em 1856, tendo os petropolitanos feito cunhar uma medalha (cujo único exemplar figura na coleção do Museu Imperial) onde se lê: “Sabedoria e Filantropia. Ao exímio médico Dr. N. Touzet os habitantes de Petrópolis para sempre gratos.” Na subscrição para a confecção da medalha não era permitido assinar mais que um mil réis para que todos pudessem colaborar, obtendo-se a quantia de 805 mil réis.

Foi ainda professor de francês, história e geografia no colégio Kopke. Foi certamente nesse prédio que instalou o dr. Domingos de Lima Ferreira de Brito (moço fidalgo da Casa Imperial com exercício) a sua casa de saúde, continuando com a cultura de flores e a criação de animais (v. *A Princesa e Petrópolis*, ps. 31

e 44). Em 1861, segundo ata da Câmara de 29/04, foi nomeado médico do hospital Santa Teresa, do qual viria a ser diretor.

67. A primitiva casa da fazenda do Córrego Seco, onde hoje se ergue o edifício Pio XII, à avenida Marechal Deodoro (antiga rua D. Januária), constitui o prazo n. 82 da Vila Imperial. Fora propriedade de José Vieira Afonso, (herdeiro da fazenda e não da sesmaria) que a vendeu em 1830 a d. Pedro I, passando por herança a d. Pedro II. Aí instalou o major Koeler a sede do serviço quando reconstruía a estrada da Serra. A casa foi então completamente reformada, como, aliás, escreve Taunay, e aí se hospedou o imperador em 1847. É de Manuel de Araújo Porto-Alegre a informação em carta a Paulo Barbosa (Apud A. J. Lacombe. "Paulo Barbosa e a Fundação de Petrópolis." *Cent. de Petrópolis*, cit. v. II, p. 46) "O imperador vai no dia 29 para lá mas para a casa do Koeler, que me dizem estar muito aumentada de obras" [etc.]. De forma que, acrescida ainda com as reformas por que passou o prédio pelos seus sucessivos proprietários, a casa já não mais conservava nada da primitiva sede da fazenda, a não ser a tradição...

Em 1849 foi o prazo aforado à viúva de Koeler que o transferiu a d. Alda Maria Nogueira. Em 7 de abril de 1859 noticiava *O Mercantil* o falecimento de d. Alda, informando ter deixado o prédio de Petrópolis para sua filha d. Ana Arruda da Silveira.

No período de 1861 a 1873 funcionou neste prédio o Hotel Mac Dowall. Nesse ano passou o negócio a pertencer a Ricardo Mills, que lhe mudou o nome para Hotel Inglês (Tinoco - v. a obra a respeito - chama-o de Hotel Mills). Foi o segundo estabelecimento com esse nome em Petrópolis. O primeiro funcionava à rua Paulo Barbosa (v. nota n. 70). O *Almanaque Laemmert* só menciona o Hotel Mac Dowall a partir de 1868, embora Cameron informe ser ele de 1861. Em 1907 foi o prazo de terras adquirido em leilão por Manuel Inácio de Macedo, cujos herdeiros, em 1927, retalharam entre si o imóvel, sendo a parte principal do prazo, com a casa histórica adquirida por Bernardino da Rocha Prista em 1935. É da época desses últimos proprietários o funcionamento no velho prédio das pensões Macedo e Geoffroy.

A casa foi demolida em 1942.

68. O palacete de Mme. Guedes Pinto pertencera ao major Araújo Maia. Jones foi um banqueiro alemão estabelecido no Rio de Janeiro.

69. A "bela mansão" é hoje sede da Reitoria da Universidade Católica de Petrópolis, fazendo frente para a rua Silva Jardim (aberta muito posteriormente) então rua dos Mineiros. A propriedade era constituída de 5 prazos, sendo 4 no Quarteirão Suiço e um no Palatinado Inferior. Seu primeiro foreiro foi Antônio José da Costa Dantas, que já devia residir no Córrego Seco em época anterior a 1843, possuindo um sítio cortado pelo rio Lomonosoff e pelo caminho de Minas, e cuja casa ficava no local onde hoje se ergue a estação rodoviária (A. Sodré: "A Fundação de Petrópolis". *Cent. de Petrópolis*, v. I, p. 21). A planta de Petrópolis do major Koeler já assinala num dos prazos duas construções. Antônio José da Costa Dantas (informa João Duarte Silveira - "portugueses na Formação de Petrópolis". *Cent. de Petrópolis*, cit. v. V, p. 12) ser ele negociante e habitar o Córrego Seco "para os lados do caminho de Minas, atualmente rua Silva Jardim. Foram-lhe dados os títulos de aforamento dos terrenos **que já ocupava** [o grifo é meu] quando o major Koeler assumiu a superintendência da Fazenda Imperial." Em 1852 foram esses prazos

transferidos ao ministro do Uruguai junto à corte de d. Pedro II, d. Andrés Lamas, que ampliou a velha casa, que conservou, - informa o filho do diplomata, acrescentando-lhe mais quatro peças - um corredor, uma sala e dois quartos. Ficava a casa junto ao morro (onde hoje está o Centro de Saúde) que descia até os fundos da casa. Em 1863, dois anos depois de sua transferência para Buenos Aires, transferia Lamas toda a propriedade a Joaquim Ribeiro de Avelar, visconde com grandeza de Ubá em 1887. Em 1864 foi a casa alugada ao conde d'Eu que aí passou a lua de mel. Estendia-se a imensa propriedade pelos terrenos das atuais ruas Benjamin Constant, Buenos Aires, Casimiro de Abreu e João Caetano. Por morte do titular foi a propriedade dividida entre seus herdeiros, quando seu genro, proprietário da maior porção, urbanizou todo o território, desbastando o morro, canalizando o rio Lomonosoff e abrindo ruas como Benjamin Constant, Santos Dumont (antiga ladeira do Costa Gama), Buenos Aires, Casimiro de Abreu. Em 1926, por ato n. 10, de 30 de março recebeu o nome de rua Figueira de Melo o trecho que começa na rua Santos Dumont e termina na junção da rua Barão de Águas Claras e Buenos Aires.

Em 1903 foi o restante da propriedade, compreendendo o velho solar, aforado às Irmãs de Sion, que aí construíram seu colégio, hoje Universidade Católica de Petrópolis.

70. Ficava o Hotel Inglês onde hoje se ergue o edifício Eduardo Simão, na esquina da rua Paulo Barbosa com a rua Sousa Franco (rua do Honório com Tonelero). Foi dos primeiros hotéis de Petrópolis. Constituía-se do prazo n. 41 da Vila Imperial aforado inicialmente (1847) a Maria Henriqueta Neto no ano seguinte transferido a Henrique Hine Carpenter, que aí inaugurou em 1849 o Hotel Inglês, segundo o *Jornal do Comércio* de 01/09/49. Mas o *Almanaque Laemmert* só cita esse estabelecimento a partir de 1851. Em 1858 e 59, informa ainda o mesmo Almanaque, ser seu proprietário Martin Giraud que, de 1863 a 64, cede lugar a Moret [*sic*] o qual aparece depois na mesma publicação como Guilherme Morrit. O anúncio do hotel aí figura pela última vez em 1869.

Guilherme Morrit, informa o capitão Burton, que o conheceu em 1867 (*Viagem aos Planaltos do Brasil*, p. 74) "fala em fechar em seu hotel e deixar o trabalho iniciado em 1853." O rev. Clark que aí se hospedou em 1857, classifica-o como "hotel de segunda ordem ou casa de pensão e que só se recomenda por ser inglês o seu dono; escreve com orgulho britânico.

Todos esses hoteleiros seriam inquilinos de Carpenter, falecido em 1873. Herdou-lhe o prazo o genro, George Thomas Land, como cabeça de sua mulher, Carolina Carpenter Land. Em 1930, no inventário desta é transferido o terreno para Osório Magalhães Sales que nele instalou, entre outros negócios, o Crédito Móvel. Hoje pertence o prazo a Eduardo Antônio Simão que fez no local erguer o atual edifício.

71. Esse caminho constitui atualmente a rua Visconde do Bom Retiro, segundo A. Machado (*ob.cit.* p. 206), informando ainda que o trecho foi aberto e calçado pela Companhia União e Indústria. O nome atual é de 1938.

72. Funcionava a Câmara Municipal em prédio hoje demolido, onde se ergue agora o edifício Rocha, à rua Paulo Barbosa 146, então n. 12.

73. Aliás largo de D. Afonso, hoje praça da Liberdade.

74. Hoje rua Dr. Nelson de Sá Earp.

75. A travessa, primitivo caminho, transformou-se nas atuais avenida Barão de Amazonas e rua Monsenhor Bacelar, que dão acesso ao bairro da Terra Santa, que compreende o grande prazo rural, figurando na planta de 1846 como propriedade do major Koeler. (quartel de Bragança?) - Esse mapa menciona um caminho sinuoso que partindo da rua de Bourbon (Dr. Nelson de Sá Earp) dava acesso ao dito prazo.

O trecho que hoje liga a praça da Liberdade à entrada da rua Monsenhor Bacelar (ou, melhor dizendo, ao Relógio das Flores) passou a se chamar avenida Barão de Amazonas em 1882.

A rua Monsenhor Bacelar igualmente não figura na planta de Koeler. Mas, da mesma forma havia aí um caminho sinuoso ligando a rua de Bragança (hoje av. Roberto Silveira) à Terra Santa. O *Mercantil* de 05/01/1887 ao anunciar uma venda de terrenos nessa rua, chama-a de rua do Paraíso. Será a origem do nome Valparaíso?

76. Era o prazo 1.449 do Quarteirão Renânia Inferior, segundo a planta de Koeler e que veio a desdobrar-se nos de números 1.422 e 1.423 na planta de Reymarus (1854), abrangendo as terras nas quais hoje se assenta o asilo dos desvalidos (agora Meninos de Petrópolis) fazendo frente para a praça Eugênia Figueira de Melo. O bairro é conhecido como Terra Santa.

77. A garganta é hoje a rua Lopes Trovão.

78. Informa A. Machado (*ob.cit.* p.135): "Parte do Quarteirão Inglês - e do Quarteirão Italiano - constituíram a propriedade de um sr. Leblond. Era apaixonado por árvores frutíferas" e "que infelizmente viu seus esforços tornarem-se infrutíferos por causas fortuitas", escreve a *Gazeta de Petrópolis*, de 12 de agosto de 1893. "O prédio da Loja Maçônica de Petrópolis - escreve A. Machado (*id.ib.*) - foi em tempo remoto a casa de moradia de um sr. Leblond." E adiante: "No sítio do Leblon [*sic*] desenvolve-se o núcleo residencial Independência" e conclui: "Quem sabe mesmo se esse respeitável estrangeiro [...] não é o mesmo que deu o nome ao lindo bairro atlântico do Rio de Janeiro?"

79. Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, visconde com grandeza de Sepetiba em 1855, foi o sexto presidente da província do Rio de Janeiro, tendo exercido o cargo de 12 de abril de 1844 a 3 de abril de 1848. Foi o responsável pelo contrato com a firma comercial de Dunquerque, Delrue & Cia., de que resultou a colonização de Petrópolis. Recebeu o prazo n. 3.419 do Quarteirão Renânia Inferior (segundo o mapa de Koeler) que na planta de Reymarus já aparece com o nome de Presidência.

80. Esse caminho, primitiva picada, como diz Taunay, existiu desde os primórdios de Petrópolis e era conhecido como caminho da Cascata. É hoje a rua Benjamin Constant.

81. Seus restos mortais encontram-se hoje sob a estátua erguida em sua memória, à praça Princesa Isabel - em frente à Catedral.

82. A estátua do major Koeler, obra do escultor Antônio Geraldês, foi levantada por iniciativa do prefeito Cordolino Ambrósio, em 1953.

83. O primitivo cemitério, foi localizado desde 1846, segundo planta de Koeler, no pequeno triângulo onde hoje se ergue o convento dos Franciscanos e a igreja do Sagrado Coração de Jesus, entre as atuais ruas Montecaseros, Frei Rogério e Frei

Luís. O cemitério por Taunay chamado de *novo* é o atual cemitério velho, à rua Fabrício de Matos. A mudança do cemitério do atual terreno dos franciscanos para a rua Fabrício de Matos é de 1872 (Talita de Oliveira Casadei, *Petrópolis, Relatos Históricos*, p. 99).

84. Por volta de 1870 visitou Petrópolis a escritora Carmen Gelabert que entusiasmada com a salubridade da cidade espanta-se por existir nela um cemitério! (Carmen Gelabert, "Visitantes Estrangeiros de Petrópolis", *Centenário* cit. v. V, p. 153).

85. Enumera o *Almanaque Laemmert* de 1861 seis fabricantes de cerveja: 1) José Bernasconi (Vila Teresa); 2) Augusto Chedel (rua Teresa); 3) Henrique Kremer (Fábrica Imperial, à rua dos Artistas) [seria a antecessora da Cervejaria Bohemia?]; 4) Timóteo Diniz (rua do Imperador); 5) Joaquim Chedel (rua de D. Januária); 6) Pedro Gerhard (Palatinado - em ponto pequeno [?]).

86. O Hotel Oriental erguia-se na atual rua Alfredo Pachá, onde hoje se encontra o edifício Príncipe de Nassau. No mesmo prédio do Oriental funcionou, por muitos anos, o Hotel d'Europa. O Hotel Oriental vem citado nos volumes do *Almanaque Laemmert* desde o ano de 1855 ao de 1865. Conferindo com esta informação diz a princesa Isabel em carta de dezembro de 1867: "... depois viemos pelo Hotel Oriental, que não é mais Hotel Oriental." (G. Auler, *A Princesa e Petrópolis*, cit. p. 29). Nos citados anos de sua existência, anunciava o *Laemmert*: "Hotel Oriental. De Said Ali: Rua dos Artistas em Petrópolis - Este Hotel, situado num dos melhores lugares, recomenda-se pela elegância e asseio das acomodações para cavalheiros e famílias e pela regularidade e prontidão do serviço e preços moderados." O mesmo anúncio vinha traduzido em francês, inglês e alemão. O proprietário do estabelecimento era turco poliglota que depois de ter acompanhado distinto fidalgo pelo mundo, como seu criado, veio estabelecer-se em Petrópolis como hoteleiro (Thomas Woodbine Hincliff, *South American Sketches*, p. 242). Era pai do prof. Said Ali Ida. Foi nesse hotel que se hospedou o arquiduque Maximiliano quando em 1860 visitou as princesas em Petrópolis, segundo informa a condessa de Barral em carta de 1 de fevereiro (v. do Autor, *Isabel, a Princesa Redentora*, p. 46/47).

Apesar de cerradas as portas desde 1866/67, só em 3 de novembro de 1883 realizou-se o leilão da massa falida (*O Mercantil* de 24 de Outubro de 1883).

87. Lê-se no *Almanaque Laemmert* para 1861:

MUNICÍPIO DE PETRÓPOLIS
FREGUESIA DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA (Cidade)
CÂMARA MUNICIPAL - Vereadores:

Presidente - Albino José de Siqueira. José Pinheiro de Siqueira. Augusto da Rocha Fragoso. Dr. Henrique Kopke. Dr. Tomás José da Porciúncula. Machado Guimarães. Francisco Caetano do Vale. J. C. de Barros.

Secretário - Carlos de Barros Falcão Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, serve interinamente Frederico Damecke.

Procurador - Gregório José Teixeira.

Fiscal - Tomás Gomes Machado.

Engenheiro - Ricardo Soares.

Porteiro - Guilherme Nicolay.

JUIZ DE DIREITO - Dr. José Caetano de Andrade Pinto.

JUIZ MUNICIPAL E DE ÓRFÃOS - Dr. João Carlos Garcia de Almeida.

Substitutos - dr. Henrique Kopke. José Pinheiro de Siqueira. João Vidal Leite Ribeiro. Joviano Varela.

DELEGADO DE POLÍCIA - dr. João Carlos Garcia de Almeida.

Substitutos - José Pinheiro de Siqueira. João Batista da Silva. José de Sousa Lima. José Joaquim da Nóbrega. Augusto da Rocha Fragoso. José Cândido Monteiro de Barros.

Subdelegado do 1º distrito - Ricardo Narciso da Fonseca

Substituto - Carlos de Barros Falcão Cavalcanti de Albuquerque Lacerda.

Escrivão - Joaquim Júlio da Silva.

Inspetores de Quarteirão:

1. João Meyer.
2. Tomás Gomes Machado.
3. Maximiano Gonçalves Paim Júnior.
4. Vago.
5. Vago.
6. Lucas Antônio Vila-Real.
7. Antônio Luís Campeão.
8. Bento José Gomes.
9. Vago.
10. Vago.
11. Francisco Inácio da Silva.

OFICIAIS DE JUSTIÇA - Eleutério José Garcia (carcereiro). Antônio Joaquim da Silva. Antônio Dias de Moura.

JUIZES DE PAZ - dr. Henrique Kopke. Dr. Tomás José da Porciúncula. José Pinheiro de Siqueira. João Batista da Silva.

Escrivão - Francisco Antônio Soares da Costa.

Tabelião e Escrivão de Órfãos - José Zeferino Dias.

Tabelião e Escrivão das Execuções - Joaquim Júlio da Silva

Distribuidor - Maximiano Gonçalves Paim Júnior.

Contador e Partidor - José Schaefer.

Depositário público - Modesto Cassiano Pinto Coelho da Cunha.

Porteiro dos Auditórios - Eleutério José Garcia.

COLETORA

Coletor Geral - Capitão João Bezerra Cavalcanti.

Coletor Provincial - Antônio Francisco Correia Viana.

Escrivão - Ricardo Thompson.

SUPERINTENDÊNCIA DA FAZENDA IMPERIAL

Superintendente - tenente-coronel Vicente Marques Lisboa.

Escrivão - Ricardo Narciso da Fonseca.

Ajudante do Escrivão e Fiel das Obras - Carlos de Barros Falcão Cavalcanti de Albuquerque Lacerda.

Mestre das Obras do Palácio - José Francisco Dias.

Apontador - Maximiano José Gudehus.

VIGÁRIO DA VARA - Padre Germain.

IRMANDADE DO S. S. SACRAMENTO

Provedor - tenente-coronel Vicente Marques Lisboa.

Notas

Secretário - Augusto da Rocha Fragoso.

Tesoureiro - Joaquim Martins Correia.

Procurador - Ricardo Narciso da Fonseca.

AGENTE DO CORREIO - Antônio José Correia de Lima.

Ajudante - Francisco Inácio da Silveira.

PROFESSORES PÚBLICOS - Jesuino José Alves. Pedro Tabora Correia de Bulhões.

Professora Pública - d. Zeferina Josefa Pinto Bulhões.

Professores das Escolas da Colônia - Pedro Jacoby, rua do Imperador. Henrique Monken, Nassau. Carlos Sager. Ana Maria Klaeser, Nassau. Maria Beck, rua de D. Januária. Martinho Dupont, Renânia.

SOCIEDADE DE INDÚSTRIA E AGRICULTURA - (Tem 150 sócios) - *presidente* - Augusto da Rocha Fragoso. *Vice-presidente* - Godofredo Augusto Schmidt. 1º *Secretário e Bibliotecário* - G. F. Busch. 2º *Bibliotecário* - Rieger. *Tesoureiro* - Augusto Lendel.

HOSPITAL - *Médico* - dr. Tomás José da Porciúncula. Além do médico há um enfermeiro, uma enfermeira, um ajudante enfermeiro, e um farmacêutico.

ENGENHEIROS CIVIS - Rodolfo Waehneltd. Augusto Vallienne. José Joaquim da Nóbrega.

MÉDICOS - dr. Tomás José da Porciúncula. Dr. Napoleão Touzet.

BOTICÁRIOS - José da Cruz Pinto Júnior, rua do Imperador. José Antônio de Carvalho, rua do Imperador.

PRINCIPAIS NEGOCIANTES - Andreas Fleschen, rua do Imperador. Antônio José da Rocha Silveira. Antônio Duarte Pinto, rua do Imperador. Bernadino de Araújo Costa Quissamã, Rua do Imperador, Francisco Inácio da Silveira, Renânia. Francisco Tavares Bastos, rua do Imperador. Freitas Irmão & C. Inácio José da Silva, rua do Imperador. Joaquim Martins Correia, rua do Imperador. Joaquim Gomes da Rocha, rua do Imperador. José Gomes Barbosa, rua dos Protestantes. João Alves de Brito, Vila Teresa. Leon Tridon, rua do Imperador. Manuel Cândido do Nascimento Brito. Vitorino Rodrigues de Figueiredo, rua do Imperador.

COLÉGIO DE MENINAS - Mme. Cramer, rua de Joinville.

COLÉGIOS DE MENINOS - Henrique Kopke, Nassau. Felisberto Alexandrino Drumond, rua do Imperador. Bernardo José Falletti, Palatinado.

HOTÉIS - De Bragança, de José Narciso Coelho, rua do Imperador. H. Inglês, de Martim Giraud. João Meyer, rua do Imperador. Said Ali, Hotel Oriental, rua dos Artistas. Viúva Wiebecke, rua de D. Januária.

CAFÉ E BILHARES - Pedro Deschepper, 6 bilhares, rua de D. Januária.

FÁBRICAS DE CERVEJA - José Bernasconi, Vila Teresa. Augusto Chedel, rua Teresa. Henrique Kremer, Fábrica Imperial, rua dos Artistas. Timóteo Duriez, rua do Imperador. Joaquim Chedel, rua de D. Januária. Pedro Gerhard, Palatinado (em ponto pequeno).

CARROS DE ALUGUEL - Para a serra - João Meyer & C. - Batista & C., rua do Imperador, 17; na corte, Trapiche Mauá - Jacó Thomas - Baltar & Land.

OLARIA - Maximiano José Gudehus, Darmstadt.

AÇOUGUES - André Koslowsky - Custódio Ribeiro Catão - Tomás Tavares Bastos, rua do Imperador.

PADARIAS - *João Hammes. *João Kistermann. *João Bretz. *João Pedro Theisen.

Jacó Latsch, Renânia.

SAPATEIROS - *Adão Rosenberg. *Conrado Crotz. Carlos Schroeter. Guilherme Weinschutz. José da Cunha Fernandes. *José Christ & Irmão, rua do Imperador, loja do Hotel de Bragança; tem sempre um grande sortimento de calçado nacional e estrangeiro, e encarregam-se de qualquer encomenda tanto para homens como para senhoras. João Christ, Renânia. *Filipe Einsfeld, Rua Monte Caseros. *Filipe Wagner.

CARPINTEIROS - João Ferreira Campinho - Joaquim de Faria - Matias Biel - Martim José de Sousa - *Pedro Gregorius - Antônio Schunk Munch - Adão Rieppel - Maquinista José Gueit.

PEDREIROS E CANTEIROS - Francisco Inácio - Domingos Francisco Batista - *Pedro Schmidt - José Gomes Salvador, José Fecher, Jacó Baumgaertner, Jacó Bechtluft.

PINTORES - *Filipe Wagner - Antônio Pister - *Carlos Dupont - Albert Berg.

MARCENEIROS EBANISTAS - *Adolfo Knuth - *Henrique Brohm - Conrado Vogt, com armazém de mobílias - José Zimmermann - Jacó Nicolay - *Pedro Nicolay - *João Nicolay - Pedro Eppinghaus - *Pedro Deschepper.

TORNEIRO - *Leonardo Knuth.

ESCULTOR DE BENGALA - Carlos Spangenberg, rua dos Protestantes.

CARPINTEIROS DE CARROS - *Nicolau Echternach - *Filipe Faulhaber - E. Augusto Schoen - *João Krancher - *Schroeder - *Frederico Goetz.

FERRARIA - *Limpricht - *Jacó Monken - José Sargaça - *Frederico Eppelsheimer - *Cristovão Schorch - *Daniel Theis - *Filipe Dietz - *Guilherme Geyer.

FUNILEIROS - *Carlos Kalkubl, rua do Imperador, 82 - Carlos Lange, rua do Imperador - Augusto Lendel, Rua do Imperador - *João Beker, rua Aureliano.

ARMAZÉNS DE TRASTES - Conrado Vogt, rua da Imperatriz.

CASAS DE COMISSÕES PARA CORTE - *Guilherme Gerhardt, rua do Imperador, 7 - *José Webler, rua Bourbon.

SERRALHEIROS - *Fred. Eppelsheimer, rua de D. Januária - II. Limpricht - Reicheld.

FERRADORES - M. A. Monteiro - Manuel da Silva - Baltar & Land.

COBRIDORES DE ARDÓSIAS - *Henrique Kraemer - Jacó Bähr - Carlos Kober - Kilian Webler.

RELOJOEIROS - Eugène Colon - José Siebler.

TAMANQUEIRO - Antônio Gomes da Fonseca, Palatinado inf.

TIPOGRAFIAS - Do Paraíba, rua do Imperador, 51 - Do Mercantil, rua Aureliano, 5 - Brasília, largo do Imperador, 5.

ARMARINHOS - Olive Irmão, rua do Imperador, 21 - Mme. Gossi, dito.

MODISTA - Catarina Armand.

ESTATUÁRIO - Luigi Baronto

SELEIRO - João Fermes. C. E. Schroeder, senior, rua de D. Januária.

JARDINEIRO FLORISTA - João Batista Binot, Nassau.

CUTILEIRO - João Batista Nicolau, Rua Teresa.

COLCHOEIRO E ESTOFADOR - Morais & Primo.

OURIVES - Carlos Rittmeyer - Frederico Guilherme Cöllen, rua do Imperador - José Siebler, rua do Imperador.

BARBEIROS - Antônio Duarte Ferreira, rua do Imperador, José Pinto de Oliveira, rua do Imperador. Júlio Alexandre Barreira, rua do Imperador, 18.

Notas

PERFUMISTA E LICORISTA - José Marcos Gossi, rua do Imperador.
CHAPELEIRO - Vitor Duriez.
TANOEIRO - João Lopes, Vila Teresa.
REPARTIÇÃO DO TELÉGRAFO - rua do Imperador.
ESTACIONÁRIO - José Francisco de Matos.
AJUDANTE - Davi Carlos da Rocha.

FREGUESIA DE S. JOSÉ DO RIO PRETO
2º DISTRITO DE PETRÓPOLIS

SUBDELEGADO - João Vieira do Nascimento.
SUBSTITUTOS - 1º tenente Francisco Caetano do Vale.
2º vago - 3º vago - 4º Luís Martins Ramos - 5º Reginaldo Dias Alves - 6º Vitorino José de Faria.

JUIZES DE PAZ - 1º Reginaldo Dias Alves - 2º Luís Martins Ramos - 3º tenente Francisco do Vale - 4º Vitorino José de Faria.

INSPETORES DE QUARTEIRÃO - 1º José Martins Ramos - 2º Antônio Dias Alves - 3º Joaquim José Sant'Ana - 4º Lauriano Martins Ramos - 5º José Alves Malta - 6º Serve o do 5º interinamente.

ESCRIVÃO - vago.

NEGOCIANTES - Antônio Tavares Bastos, estação. Antônio Martins Ramos, Itaipava. Antônio Luís Gomes Campeão, Eng. Novo. Viúva Bastos, Alto do Pegado. Cunha & Irmãos, Itaipava. Francisco Machado de Ávila, ponte dos Engenhos. Francisco da Cunha Teles, Pedro do Rio. Tenente Francisco Caetano do Vale, Sumidouro. José Francês, estrada Nova. João Lopes, Tapera. Joaquim Antônio dos Passos & Filho, Ventania. Joaquim Luís Ribeiro, Pedro do Rio. Pedro Berrini, Barra-Mansa e Jacuba. Jerônimo, ponte dos Engenhos. Luís Martins Ramos, Tabuões. Manuel Gomes da Silva, estrada Nova. Manuel José do Nascimento, morro do Ramos. Torquato da Silva Pimentel, Taquaril.

HOTEL - Meyer & Wismer, na estação.

PADEIROS - Joaquim Luís Ribeiro, Pedro do Rio. Cunha & Irmão, Barra Mansa. Berrini, Barra Mansa.

CASA DE ALUGAR CAVALOS - Manuel Ferrador, Pedro do Rio. Meyer & Wismer, estação. Recebem animais a trato.

MARCENEIRO - Frederico Lanck, Pedro do Rio.

CASAS DE GROSSO TRATO - Antônio Tavares Bastos, Estação. Joaquim Luís Ribeiro, Pedro do Rio.

FAZENDEIROS - d. Ana Luiza de Freitas Valente, Pedro do Rio. Francisco Caetano do Vale, Santo Antônio. Luís Martins Ramos, Tabuões. Lauriano José do Freitas, Tapera. Reginaldo Dias Alves, Cachoeira. Herdeiros de Leonardo José do Vale, Divisa. D. Brígida Maria Fragoso, Benfica. Vitorino José de Faria, Carvão. Felício Fernandes da Cunha, Santo Antônio. Manuel Homem da Costa Pimentel, Cuiabá. D. Jacinta Bastos, Alto do Pegado. Joaquim Antônio dos Passos, Ventania. Viúva de Simão Batista Loureiro, Barra-Mansa. João Batista Loureiro, Barra-Mansa. D. Joana Osório Beltrão, Barra-Mansa.

ESTAÇÃO DO PEDRO DO RIO DA COMPANHIA UNIÃO E INDÚSTRIA
ADMINISTRADOR - Manuel Henrique da Silva.

EMPREGADOS - Germano Neves da Silva Campos. Sérgio Augusto de Carvalho. Joaquim Estanislau d'Ascensão, João Vieira do Nascimento.

FIÉIS - Fortunato Antônio da Sa. Pinto (das cargas). Antônio Correia da Silva (do café). José Antônio de Carvalho Guimarães (idem). Bernardino José de Araújo (do sal).

CONDUTORES DAS DILIGÊNCIAS - João da Silveira. Antônio Brandão.

COCHEIROS DAS DILIGÊNCIAS - João Pedro Tomás. Jacó Wagner. José Francisco de Sá.

CAPATAZES DOS CARROS - Manuel Tavares. João Eloi. Belo. Francisco Raimundo. Manuel Batista.

ADMINISTRADOR DOS TRANSPORTES E DILIGÊNCIAS - W. Morrit.

AJUDANTE - Manuel Moreira de Azevedo. Há muitos carroceiros e trabalhadores nos armazéns, livres e escravos.

88. O padre Nicolau Germain, francês de nascimento, chegou ao Brasil como náufrago em 1854. Dedicou-se a trabalhos braçais enquanto aguardava da Europa os documentos comprobatórios de suas funções. Foi nomeado coadjutor do cônego Correia, o primeiro vigário de Petrópolis, sendo designado em 1858 para ocupar esse cargo, que exerceria até 1878.

89. Os dois distritos eram: a cidade e a vila de S. José do Rio Preto. Em sessão da Câmara de 22/02/1872 é aprovado o projeto dos vereadores Antônio Batista de Oliveira, Correia Lima e Augusto R. Fragoso no sentido de se dividir em três distritos o município.

90. O primeiro culto protestante foi celebrado em sala do *Quartel dos Colonos*, grande barracão que se erguia onde hoje está o edifício do Forum, à rua do Imperador, a 29 de agosto de 1845. Depois, ora, num ora noutro local, era o culto efetuado na antiga casa da fazenda, enquanto residência de Koeler, ou na escola do prof. Jacoby.

91. O fato de ser Petrópolis colonizado por alemães, na maioria protestantes, sugeriu a Paulo Barbosa a idéia de um templo ecumênico, o que foi violentamente reprovado pelo internúncio apostólico.

A idéia da construção de um templo evangélico é contemporânea da criação da colônia, mas só se concretizou muitos anos depois, pelo pastor Frederico Stroele. Em 1852 João Cristiano Moerken apresentava a "planta de uma igreja, casa para o padre e escola para a comunidade evangélica em Petrópolis", conservada na Biblioteca Nacional (v. *Iconografia* cit. p. 86). A aquisição do terreno à rua de Joinville (av. Ipiranga, 346) se deu em 1862 e o templo ficou pronto no ano seguinte, sendo inaugurado a 24 de maio de 1863. A *Iconografia* cit. divulga, à p. 134, uma aquarela de Hagedorn, desse mesmo ano, com a vista desse primitivo templo. Mas no ano anterior Gustavo Wachnelds exhibia, na Exposição de Belas Artes "um projeto de uma casa de orações dos protestantes em Petrópolis". Walter Bretz, porém, informa (*Tribuna de Petrópolis*, 19/06/1921) que o projeto desse primitivo templo é de Carlos Spangenberg. A torre foi acrescentada em 21 de junho de 1921, projeto de Rudolph Muller.

92. O Ministério da Agricultura criado em 1861.

93. Atual Teresópolis, antiga propriedade do súdito inglês George March.

DOZE HORAS EM DILIGENCIA
Guia do Viajante
DE
PETROPOLIS A JUIZ DE FÓRA

Escripto em dous idiomas Portuguez e Francez.



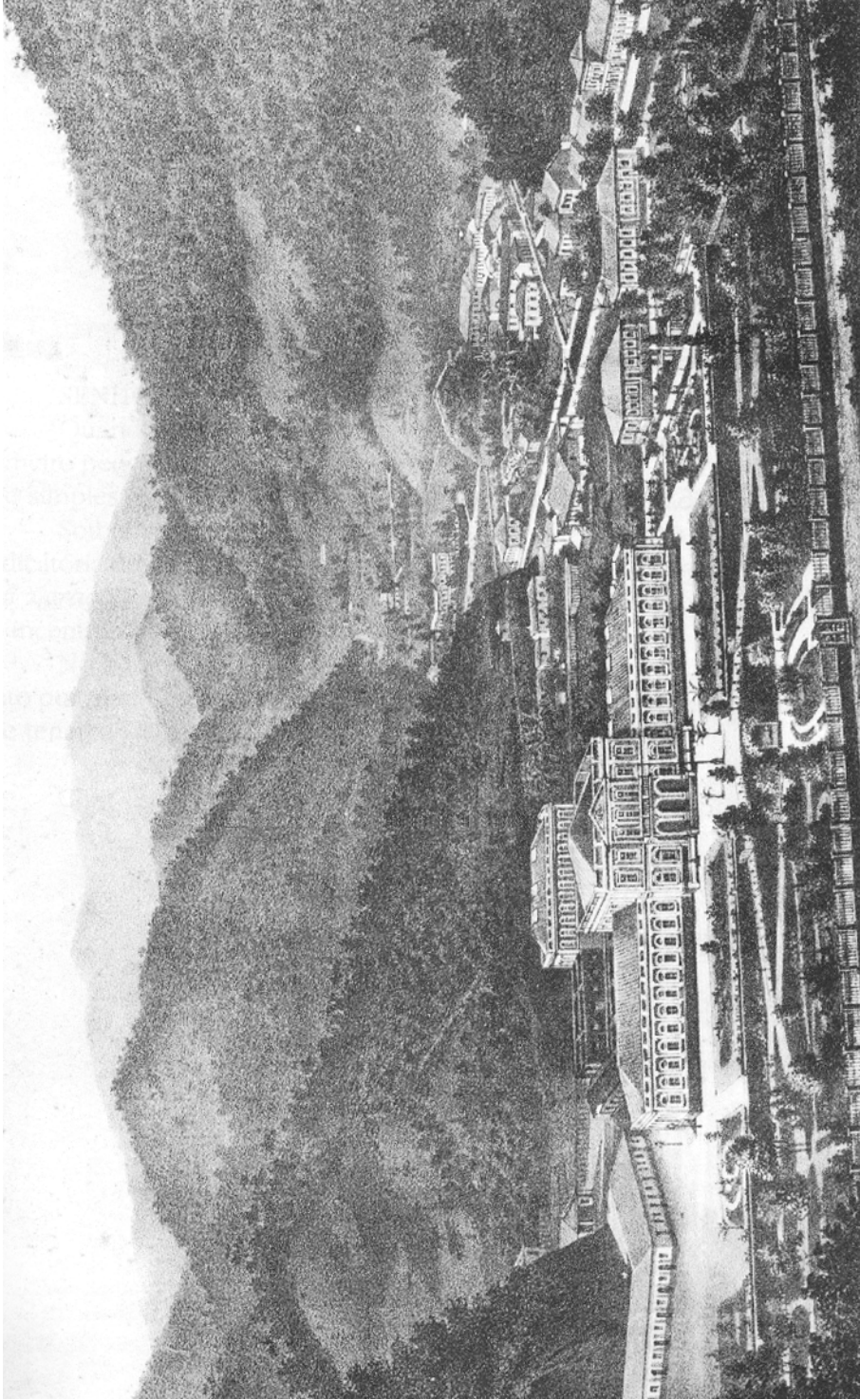
PELO PHOTOGRAPHO DE
SUAS Magestades e Altezas Imperiaes
E DA
Imperial Academia das Bellas-Artes
R.^t — H. KLUMB

Illustrada com 31 estampas sendo: 1 retrato, 29 vistas em lithographia
e uma planta perfil e longitudinal da Estrada União-Industria.

Rio de Janeiro.
NA PHOTOGRAPHIA KLUMB
49 RUA DO OUVIDOR 49
E EM CASA DO EDITOR J. J. DA COSTA PEREIRA BRAGA
25 E 26 RUA NOVA DO OUVIDOR 25 E 26

1872

Reprodução da folha de rosto da obra de Klumb
Dim.: 16 x 12 cm.



Petrópolis - Vista geral

À SUA MAJESTADE A IMPERATRIZ

SENHORA,

Quando concebi o projeto de escrever este pequeno livro, meu primeiro pensamento foi que só a Vossa Majestade me era permitido dedicar este simples ensaio descritivo de uma das mais belas estradas do Império.

Sou talvez muito presunçoso, ousando oferecer a Vossa Majestade a dedicatória deste opúsculo; entretanto ousou esperar que Vossa Majestade me fará a graça insigne de aceita-lo, ainda que não fosse mais senão para servir de incentivo ao sentimento que me inspirou.

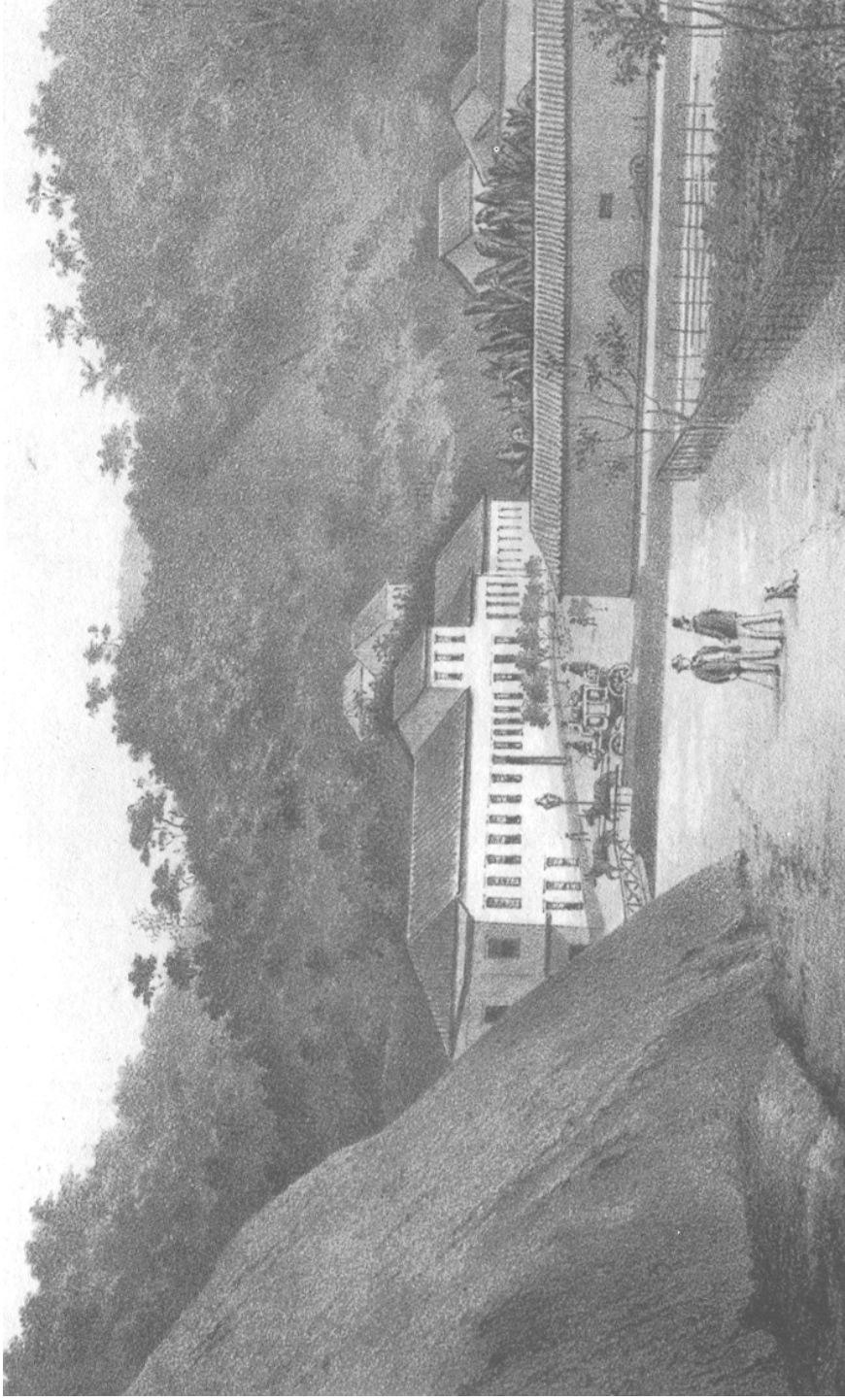
No benévolo acolhimento de Vossa Majestade - que já dignou fazer tanto por mim - procurarei os meios para realizar trabalhos mais importantes que tenciono fazer no futuro.

Com esta esperança

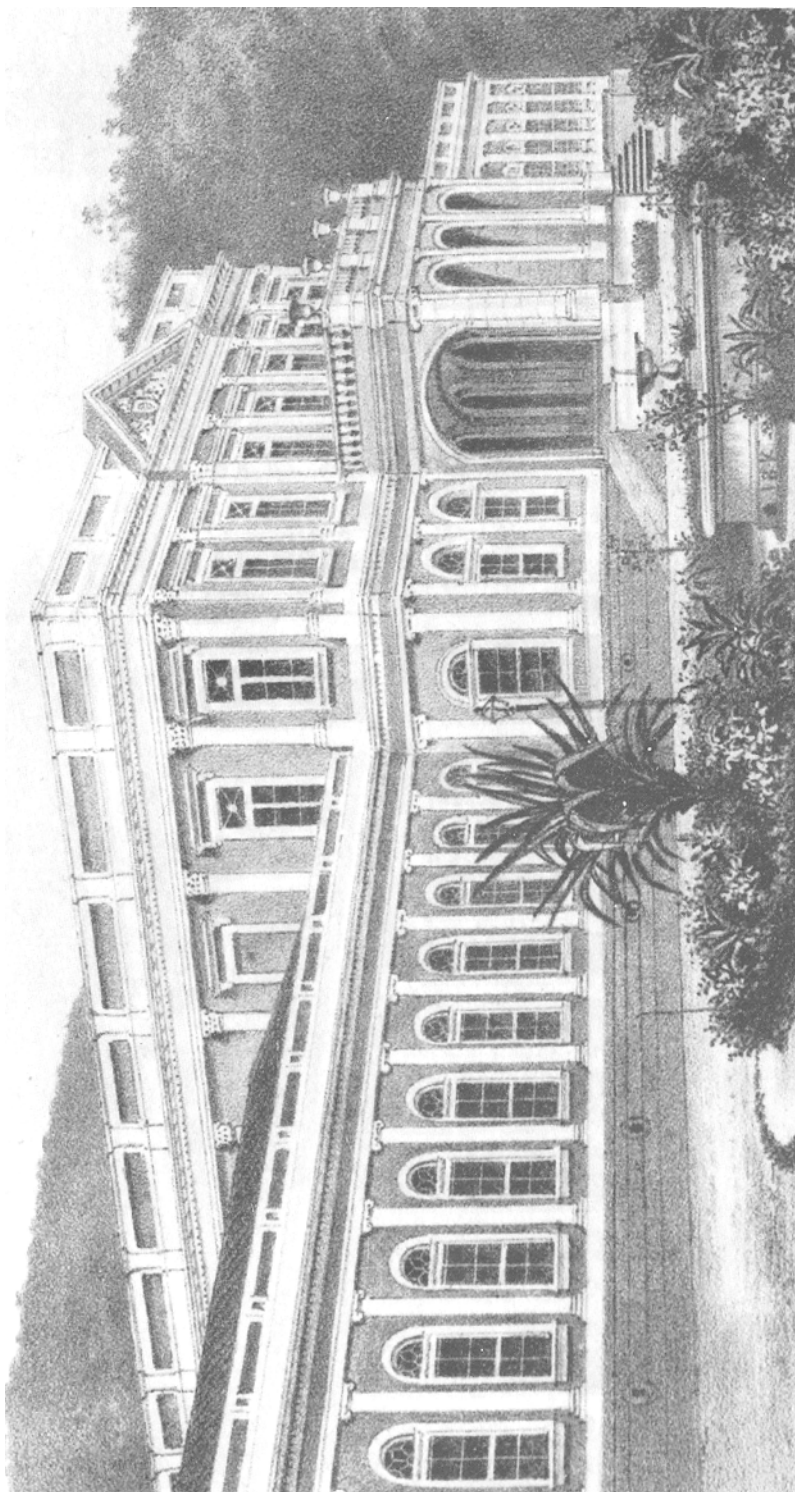
tenho a honra de ser
de V.M.

O muito humilde e obediente servo

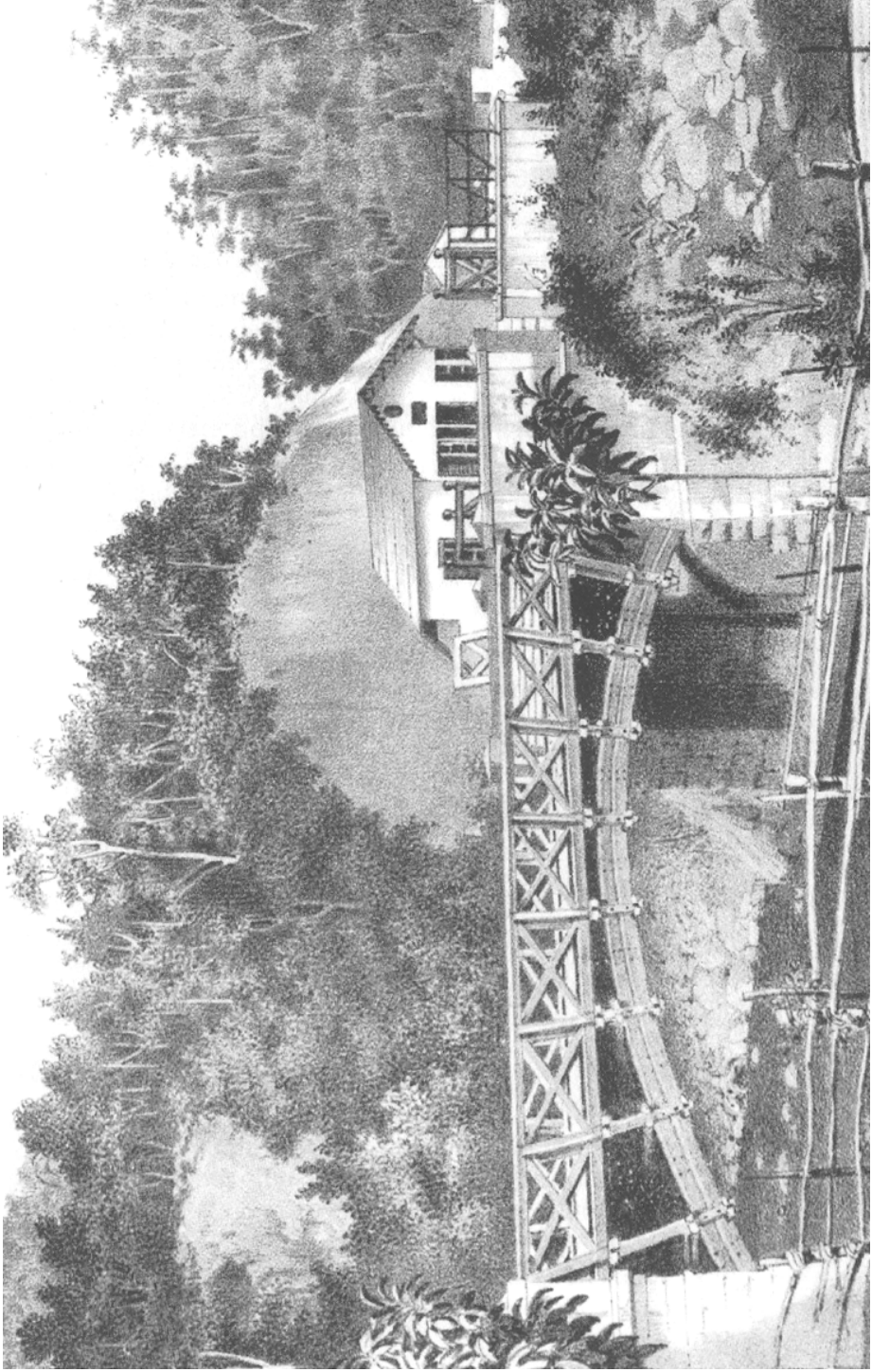
Revert - Henry Klumb.



PETRÓPOLIS - HOTEL INGLÉS



PETRÓPOLIS - PALÁCIO IMPERIAL



PONTE DO RETIRO

DO RIO DE JANEIRO A PETROPÓLIS

PELO VAPOR E PELA ESTRADA DE FERRO DE MAUÁ

SERVIÇO TODOS OS DIAS

Partida da Prainha ⁽¹⁾ às 6 horas da manhã nos domingos e dias de festejo; às 2 horas da tarde nos dias úteis.

Estas horas de partida são algumas vezes alteradas, porém os jornais indicam esta mudança alguns dias antes.

Há tálburis ⁽²⁾ para conduzir os passageiros à estação do embarque: tomados no interior da cidade, custam 500 réis; os carros de quatro lugares custam 2\$000.

Os bilhetes para Petrópolis são entregues para viagem inteira ou para as estações.

VIAGEM INTEIRA

1a. classe..... 8\$000

2a. classe..... 6\$000

3a. classe descalços..... 4\$000

Estabeleceu-se a 3a. classe para os escravos, porém as pessoas que querem tirar o calçado, ali são admitidas, o que frequentemente acontece com a maior parte dos trabalhadores dos campos ⁽³⁾.

Para as estações paga-se :

Da Prainha a Mauá, 1a. classe.....	1\$500
descalços.....	500
Da Prainha a Inhomirim, 1a. classe.....	2\$500
2a. classe.....	1\$500
descalços.....	1\$000
Da Prainha a Raiz da Serra, 1a. classe.....	4\$000
2a. classe.....	3\$000
descalços.....	1\$000
Carros da serra, 1a. classe.....	4\$000
2a. classe.....	3\$000

A viagem em vapor, os instantes passados sobre a estrada de ferro e a subida da serra, oferecem aos amadores as vistas as mais agradáveis. Do ponto culminante desta montanha elevada de 1000 metros, pouco mais ou menos, acima do nível do mar ⁽⁴⁾, um panorama imenso e de um aspecto verdadeiramente esplêndido encanta a vista. No extremo horizonte avista-se o Rio de Janeiro, com sua baía que o cinge, e que é tão vasta que poucas são conhecidas que a igualem.

Em breve ofereceremos aos nossos leitores um pequeno guia, do Rio de Janeiro a Petrópolis, para explicar esta viagem.

CHEGADA A PETRÓPOLIS

Encontra-se um confortável [*sic*] regular no Hotel de Bragança e na casa particular do sr. Dujardin, antigo Hotel de França ⁽⁵⁾.

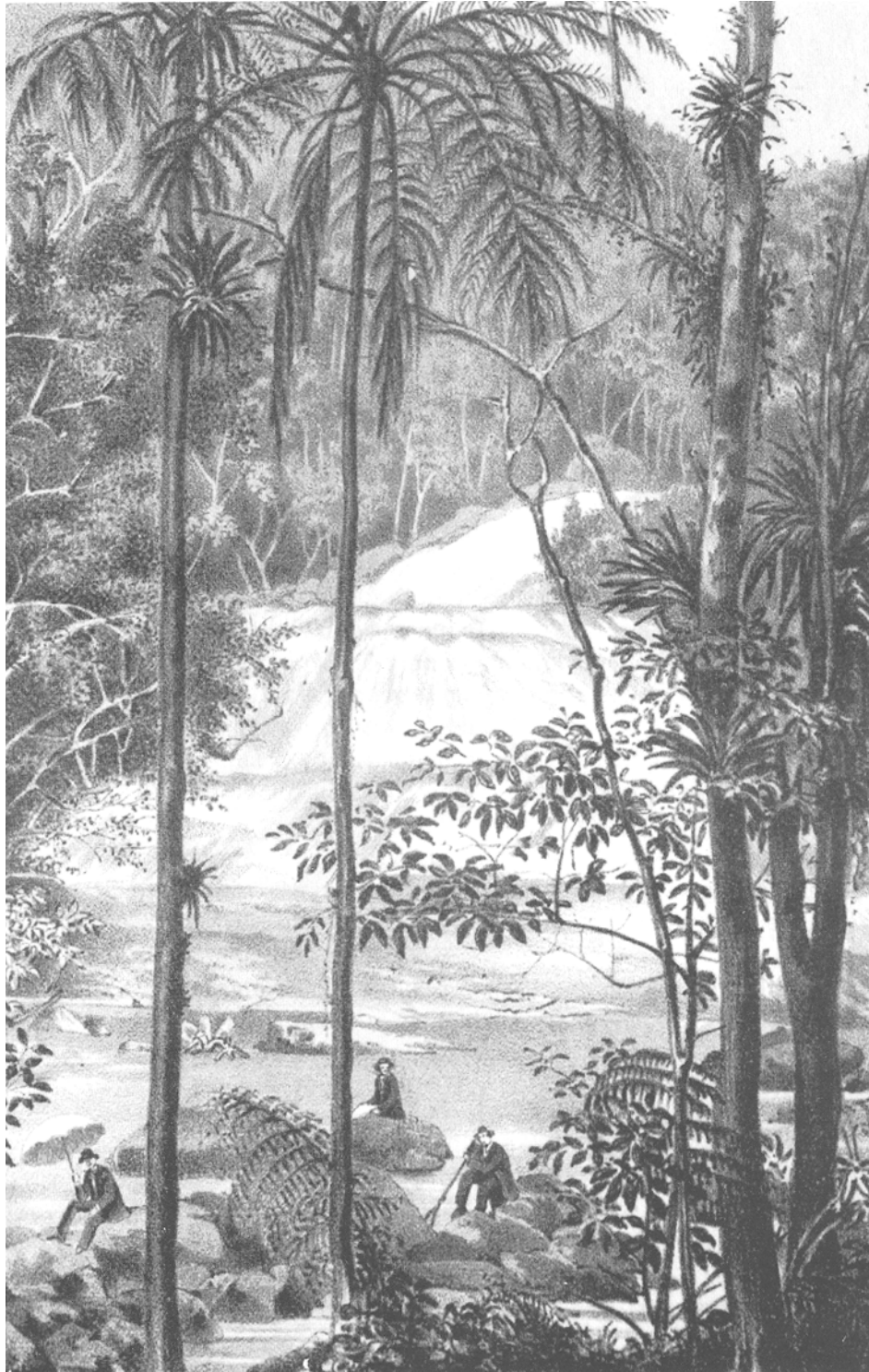
No Hotel de Bragança paga-se por pessoa e por dia 5\$000, (sem as bebidas), em casa do Sr. Dujardin trata-se com ele mesmo.

Encontra-se em Petrópolis carros e cavalos de aluguel para passeios nos arredores ⁽⁶⁾.

À tarde, as pessoas que gostam de baile, acharão ali o seu *desideratum*; os alemães, esses laboriosos colonos, entregam-se com fúria a este divertimento.

Nos domingos e dias de festejo principiam a dançar às 6 horas da tarde e finalizam 6 horas da manhã. Petrópolis não tendo a felicidade de possuir o gás - vejam os leitores como esses filhos da grande raça germânica sabem suprir esta falta de luz.

N.B. - Julgo eu dever observar aos meus leitores, que não é sempre prudente tomar os lugares do tejadilho para subir a serra, visto chover quase todos os dias, antes de chegar ao lugar do destino.



CASCATA DO BULHÕES - CASCATINHA

PREFÁCIO

Não é a primeira vez que experimento o desejo de tornar conhecida a bela estrada União-Indústria^(*); infelizmente nem sempre os meios pecuniários estão na relação desses desejos, as mais das vezes é-me impossível realizar minhas idéias.

No entretanto, um dia que me achava fazendo retratos, numa casa que me é cara, resolvi definitivamente pôr mãos à obra, escrevi estas *Doze Horas em Diligência*, que tenho a honra de recomendar aos meus leitores.

Num trabalho feito a galope, não se pode esperar encontrar estilo elegante e florido, mais sim uma ligeira descrição dos lugares notáveis, atravessados por uma estrada magnífica. Esta obra não tem merecimento senão o de ser: o primeiro *guia ilustrado* de desenhos copiados da fotografia⁽⁷⁾.

Ouso esperar que seja de tanta utilidade ao jovem brasileiro, desejoso de instruir-se, como ao estrangeiro dará por satisfeito de levar uma lembrança desta terra admirável, que nunca se percorre sem sentir vivas emoções, causadas pela variedade e o grandioso de sua natureza.

Se a minha simples descrição for útil à história, se os desenhos tirados de minhas fotografias atraírem a atenção dos amadores, se os quadros que eles representam causarem algumas sensações aos verdadeiros artistas, julgar-me-ei largamente recompensado das minhas fadigas e das minhas excursões nesta magnífica terra de *Santa Cruz*, que habito há quase 20 anos e que deixará na minha memória a mais bela lembrança da minha humilde existência.

*. A idéia primeira é de 1861, em 1863 trabalhei nela, em 1864, 1865 e 1866 continuei o trabalho, em 1867 e 1868 acabei às vistas, em 1870 tratei da publicação com um editor e enfim em 1872 vejo-a realizada!

A PARTIDA

São seis horas da manhã. Os sons agudos da trombeta fazem-se ouvir. É o condutor ^(*) que nos chama à diligência.

As mulas impacientes batem o chão com as patas frementes; já disparariam, se não fossem retidas pela mão vigorosa do criado de estribaria. Esse barulho discordante, reunido aos da trombeta, nos dizem suficientemente que não temos um instante a perder.

Entrem, entrem; partimos! ⁽⁸⁾.

Vamos com rapidez, deixando atrás de nós a rua do Imperador; à direita ergue-se gracioso, porém não concluído, o palácio imperial; entremos na rua dos Protestantes. Uma curva e depois nos achamos no vale encantador de Westphalia, último arrabalde deste *pequeno Versalhes Brasileiro*.

À esquerda, uma ponte atravessa o Piabanha, caprichoso riacho que nasce na vertente ocidental da cordilheira dos Órgãos, e que depois de haver banhado com seus tributários todos os valesinhos de Petrópolis, nos acompanhará em nossa excursão por mais de 60 km, ora calmo e límpido como um riacho de idílio, ora violento e feroso como uma torrente indomada. Do outro lado desta ponte existe o palacete do barão de Mauá, cujo nome e serviços prestados são sinceramente louvados por todos os brasileiros ⁽⁹⁾.

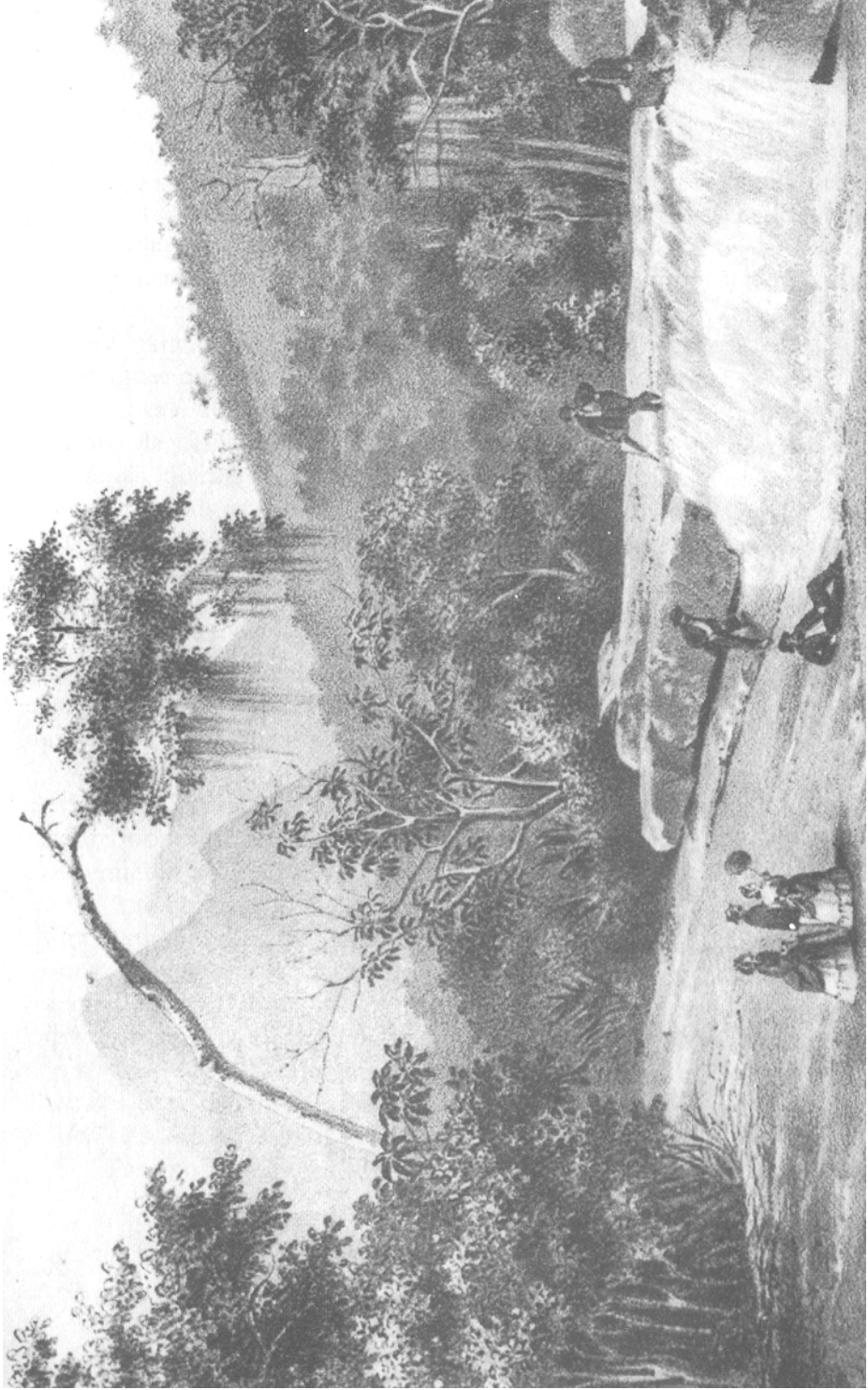
O barão de Mauá é um desses homens que honram sua época e elevam-se a si mesmo elevando seu país.

Marchamos com toda rapidez; nossas mulas atravessaram o espaço na razão de 16 km por cada hora. Ali a casa do embaixador da Rússia, o sr. de Glinka ⁽¹⁰⁾; em frente, num rochedo à nossa direita, uma chapa de mármore recorda os primeiros trabalhos da estrada *União-Indústria*, obra grandiosa que vamos hoje percorrer, devida à inteligente e incansável perseverança do finado comendador Mariano Procópio Ferreira Lage, que

*. Talvez João Alemão ou o menino Brandão: se for o último eu vos recomendo-o, ele merece muito ser apreciado.



SAMAMBAIA - Vale



CASCATA DOS CORREIAS

apesar de todos os obstáculos e superando todas as dificuldades, conseguiu finalmente dotar o seu país de uma via de comunicação admirável, que desenvolveu a riqueza de duas províncias e trouxe um progresso imenso que aumenta todos os dias.

Corremos sempre. Chegando à ponte do Retiro ⁽¹¹⁾; passamos para a margem esquerda do Piabanha; aqui e acolá transforma-se em torrente e suas cachoeiras sucessivas formam afinal a esplêndida cascata de Bulhões - Cascatinha - ⁽¹²⁾ que do carro não podemos ver, mas cujos surdos roncoss ouvimos por baixo dos pés como um trovão longínquo. Esta cascata acha-se 780 metros, pouco mais ou menos, acima do nível do mar, sendo um bonito passeio para os habitantes de Petrópolis; encontram-se ali picadas em ziguezague, de onde se descobrem quadros encantadores.

O vale Westphalia, que acabamos de percorrer, é freqüentemente o teatro de cenas de desolação, quando o Piabanha enche com chuvas diluvianas, que às vezes caem em Petrópolis; este pequeno rio sai de seu leito por demais estreito, atira-se, arrastando sobre sua passagem as árvores, as casas, o solo vegetal mesmo, deixando apenas o rochedo nu e assolado.

A noite medonha de 8 de janeiro de 1866, fora outras, deixará por muito tempo a sua terrível lembrança.

- Amigos, que nos acompanhais nesta viagem, embuçai os capotes, escondi o rosto nos *cache-nez*, se tivestes o cuidado de traze-los, porque o ar glacial que sopra neste lugar, torna-se ainda mais vivo pela rápida descida de Samambaia ⁽¹³⁾.

Estamos agora no ponto interseção de dois ou três vales, cercados de picos graníticos, elevados e muito pitorescos; mas por ora perfeitamente gelados, por causa de seus raios anaclásticos, e naturalmente tanto frio quanto calor emitem ao meio dia.

Este belo grupo de agulhas de granito, lançadas de um só jato a esta altura vertiginosa, pareceria talvez devido a uma dessas poderosas rupturas da casca sólida do nosso globo; dominando a paisagem torna-se infinitamente pitoresca, porém, sobretudo o que ainda mais se faz notável, é o efeito que produzem aquelas árvores, magníficas *Araucárias Brasilienses*, certamente que se pode supô-las contemporâneas dessas mesmas agulhas, porque suas alturas e seus estranhos aspectos indicam suficientemente que elas aí se acham desde longos anos.

Paremos 5 minutos. É a

Revert Henry Klumb

PRIMEIRA MUDA

CORREIAS

Na fazenda que se vê à nossa direita, há uma lembrança histórica. Em 1830 - 1831 d. Pedro I indo visitar a província de Minas Gerais aí parou; existe ainda o quarto onde foi convidado a passar a noite ⁽¹⁴⁾.

Um pouco mais longe da fazenda, a pouco mais ou menos 2 km, há uma pequena e linda cascata que de vez em quando é o alvo do passeio da família imperial; os estrangeiros que vão a Petrópolis raras vezes deixam de lá ir ⁽¹⁵⁾.

Andamos de novo a estrada plana, continua descendo quase insensivelmente até o alto do Taquaril.

Alcançamos a ponte do Bonsucesso, gracioso trabalho de ferro, sistema - vigas direitas e grades.

Esta ponte deve o seu nome ao rio que atravessa a que tem o seu confluente nas águas do Piabanha, por baixo mesmo do arco. Em 1866, na inundação de que já falei, as águas do Piabanha refluíram com uma impetuosidade tal, que a ponte correu graves riscos de destruição; os pilares ficaram suspensos no vão, sustentando-se só por sua força de inércia.

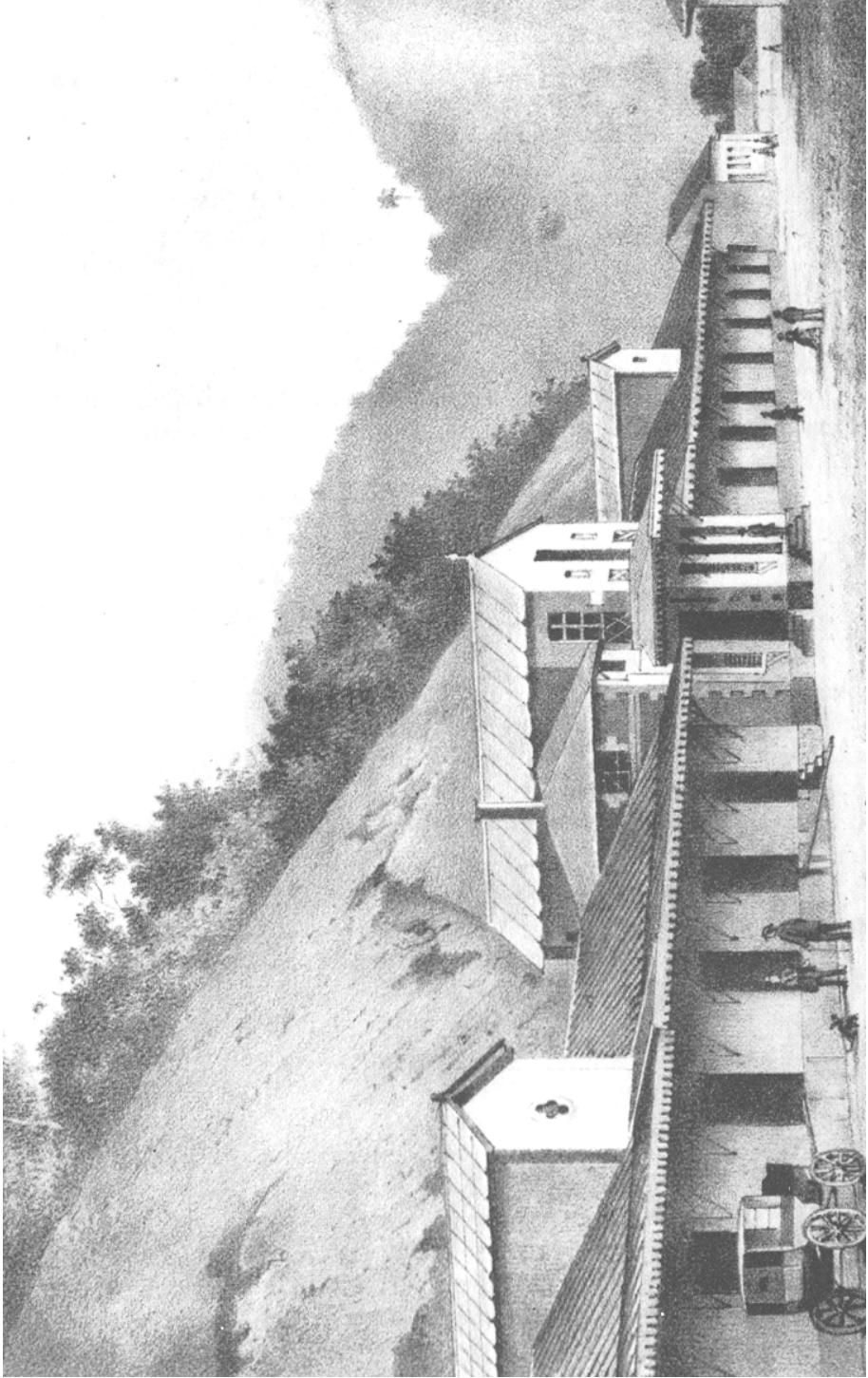
Novos trabalhos de consolidação foram feitos depois, e hoje nenhum acidente desta ordem é de temer-se.

Ainda outra ponte, chamada da Olaria, sobre o Piabanha: sua forma é singular, seus arcos laterais parecem-se com as caixas das rodas de um vapor, os ingleses chamam: *Bow String*, sistema muito moderno que se recomenda mais por sua solidez do que pela elegância.

O hábil engenheiro desta parte da estrada, o sr. Bulhões ⁽¹⁶⁾, empregou quase todos os sistemas de pontes conhecidos, combinando-os com uma inteligência rara, o que, junto ao encanto da variedade, reúne a vantagem de fazer desses trabalhos de arte especiais, um importante ponto de estudo para um jovem engenheiro. Uma outra ponte chamada de Santo Antônio, é de varões retos de ferro ⁽¹⁷⁾.

O vale que percorremos nada tem de muito notável por sua fertilidade; é ainda muito elevado, e o húmus vegetal arrastado sobre estes declives rochosos não chega a acumular-se em quantidade suficiente para formar um terreno próprio às culturas especiais; todavia, a fecundidade relativa deste terreno permite ao incansável colono de colher anualmente duas colheitas de milho, feijão e batatas que amadurecem sucessivamente e indenizam o trabalhador de suas fadigas e dos seus cuidados. De quantas famílias infelizes da Europa, este canto de terra faria a felicidade?

O homem inteligente que fez com labor deste terreno, estéril na aparência, um terreno mais produtivo que uma plantação de café, é um



PEDRO DO RIO - Estação

português Antônio Tavares Bastos. Emprega unicamente braços livres, e mesmo pagando-os bem, ainda lhe fica um benefício razoável. É à sua iniciativa, ouvimos dizer, que se deve esta capelinha chamada de Itaipava, que vemos por cima daquela trincheira, à nossa direita⁽¹⁸⁾.

À nossa esquerda vê-se a cascata chamada o Salto⁽¹⁹⁾: em certo tempo do ano pesca-se alí o peixe com cestos; a descrição que me fizeram lembrou-me a famigerada pesca dos (naze) *narizzes* que vi praticar em um pequeno rio da Suíça. À noite uma multidão de pessoas, munidas de archotes se entregavam a este divertimento. Era verdadeiramente curioso. Eu vi as duas margens do rio literalmente cobertas de peixes e como aqueles não serviam para comer, perguntava a mim mesmo porque razão o homem comprazia-se sempre e com tanta avidez na destruição? Aqui o caso não é o mesmo, porque parece que esses peixes são dos mais saborosos.

Algumas curvas, alguns pequenos recantos que fariam as delícias de um pintor, e os marcos quilométricos, fogem atrás de nós; contamos o n. 30 e estamos na

SEGUNDAMUDA

PEDRO DO RIO

Desta imensa estação, que foi a primeira da companhia, breve nada mais restará do que o desenho tirado da fotografia que acompanha este pequeno livro. Ao ruído e à animação sucederão a calma e o silêncio.

Durante os anos de 1858 e 1859, ela recebeu perto de 400.000 sacos de café; em 1867 apenas recebeu 5.187 sacos. É verdade que nos primeiros anos a estrada não ia além, e os lavradores deviam, à custa dos maiores sacrifícios, conduzir os seus produtos até a estação. Hoje os carros da companhia recebem os cafés em toda a extensão da estrada e os transportam até o Rio de Janeiro, com uma economia que se pode avaliar em 12.403:000\$000, em benefício da agricultura e do comércio, desde a criação desta magnífica via de comunicação.

A exportação do café que em 1858 era apenas de 126.276 sacos elevou-se em 1867 a 496.144 sacos, transportados pelos carros da Companhia e pode-se avaliar em quantia igual os transportados por carros particulares; os nove ou dez mil contos de réis empregados nesta obra nacional têm contribuído para o aumento da riqueza pública, e o finado Sr. Lage que foi dela o criador merecerá sempre os maiores elogios quando se falar em serviços prestados ao país.

Durante esta digressão estatística mudaram-se os animais da nossa diligência e a nova parelha nos arrasta com a mesma rapidez que a precedente.

O Piabanha corre à nossa esquerda, ora límpido e calmo, ora quebrando-se em cascatas no seu leito de rochedos; já vão surgindo à nossa frente os declives rochosos da garganta do Taquaril que o rio atravessa, precipitando-se por uma estreita fenda de granito; chegamos a um dos pontos mais pitorescos desta serra; à direita vêde aquela cascata chamada Jacuba, parece uma grande toalha d'água de quase 8 metros de largura; ela é tão regular que antes parece uma obra de arte do que da natureza.

O vale estreita-se cada vez mais, imensas paredes de granito elevam-se verticalmente de cada lado da estrada, seus flancos quase perpendiculares conservam nas suas anfractuosidades alguma terra, onde crescem uma multidão de *Bromélias*. Esta parte da estrada é quase toda lavrada na rocha, pendora o precipício, no fundo do qual correm roncando as ondas iradas do Piabanha.

Neste lugar do Taquaril selvagem e majestoso existe o único abaixamento desta serra que tínhamos à nossa esquerda desde Petrópolis, e portanto o único desfiladeiro possível para passar do vale superior do Piabanha ao da Posse.

Os trabalhos consideráveis feitos nesta estreita passagem, testemunham o poder, a vontade e a perseverança humana; com efeito, representam-se os primeiros mineiros, suspensos a umas cordas sobre paredes verticais, batendo o duro granito; por baixo dos pés as detonações das minas repercutidas pelos ecos confundiam-se com o estrondo das massas de pedras arrancadas pela pólvora, e que de queda em queda precipitavam-se no fundo do abismo.

Na época da construção desta parte da estrada S. M. o sr. d. Pedro II, que mostra sempre o mais vivo interesse por todos os melhoramentos do país, quis verificar esses trabalhos audaciosos; construiu-se para esse fim sobre umas barras de ferro fincadas no rochedo, um caminho, suspenso, vacilante e frágil, sobre o qual o Imperador passou duas vezes a cavalo, com toda a calma, como se estivesse passeando na quinta de São Cristovão.

Mudamos a direção; o sombrio desfiladeiro transposto, e após alguns ziguezagues vemos abrir-se um gracioso vale, no meio do qual se avista um grupo de casas brancas, é a

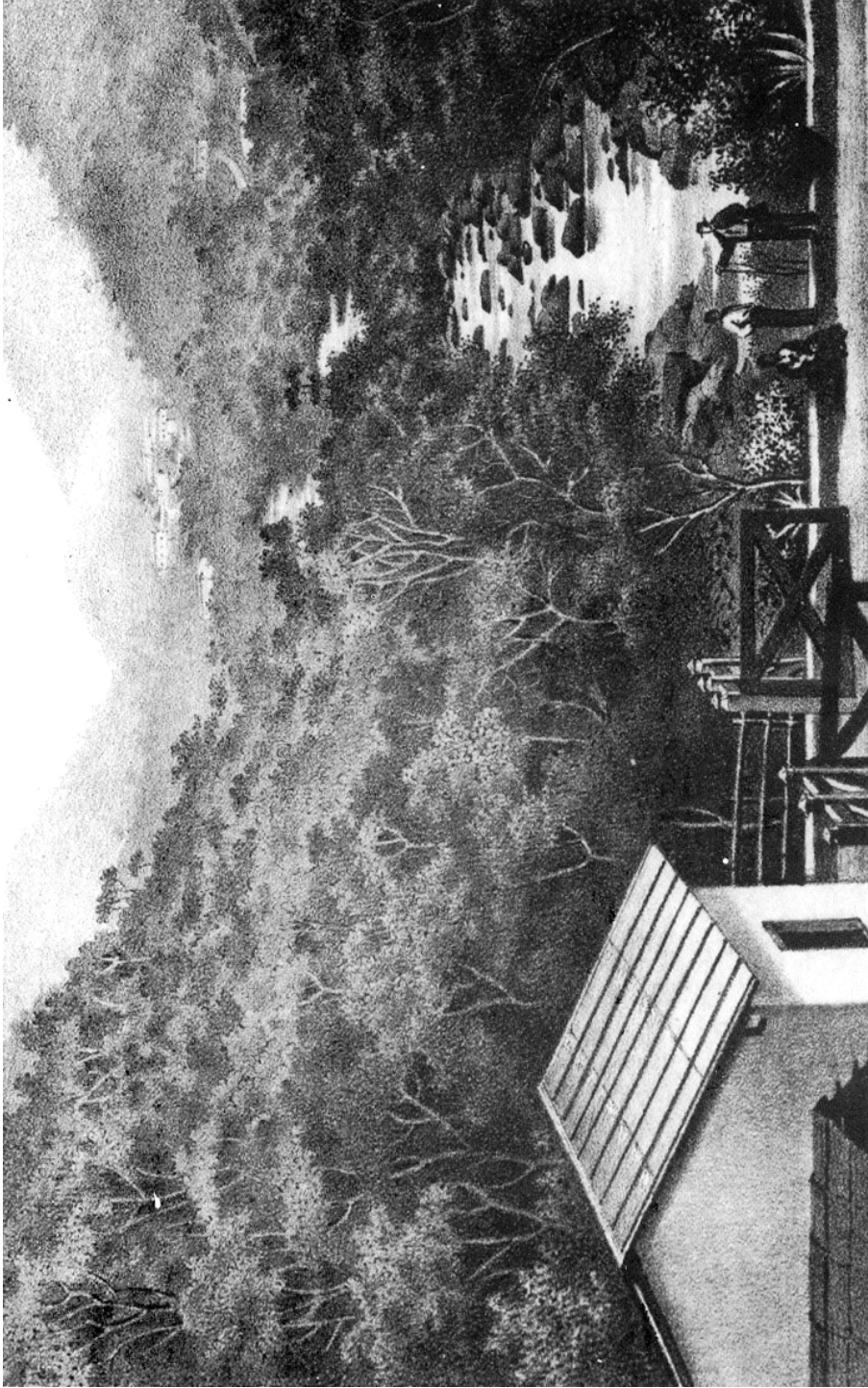
TERCEIRA MUDA

POSSE ^(19A)

Esta estação é, e será por muito tempo, de grande importância para a companhia; ao redor dela convergem todos os produtos da zona cafezeira do Rio Preto. O seu vale é pitoresco, os rochedos à nossa esquerda e as verdejantes plantações de capim, fazem um contraste agradável à vista.



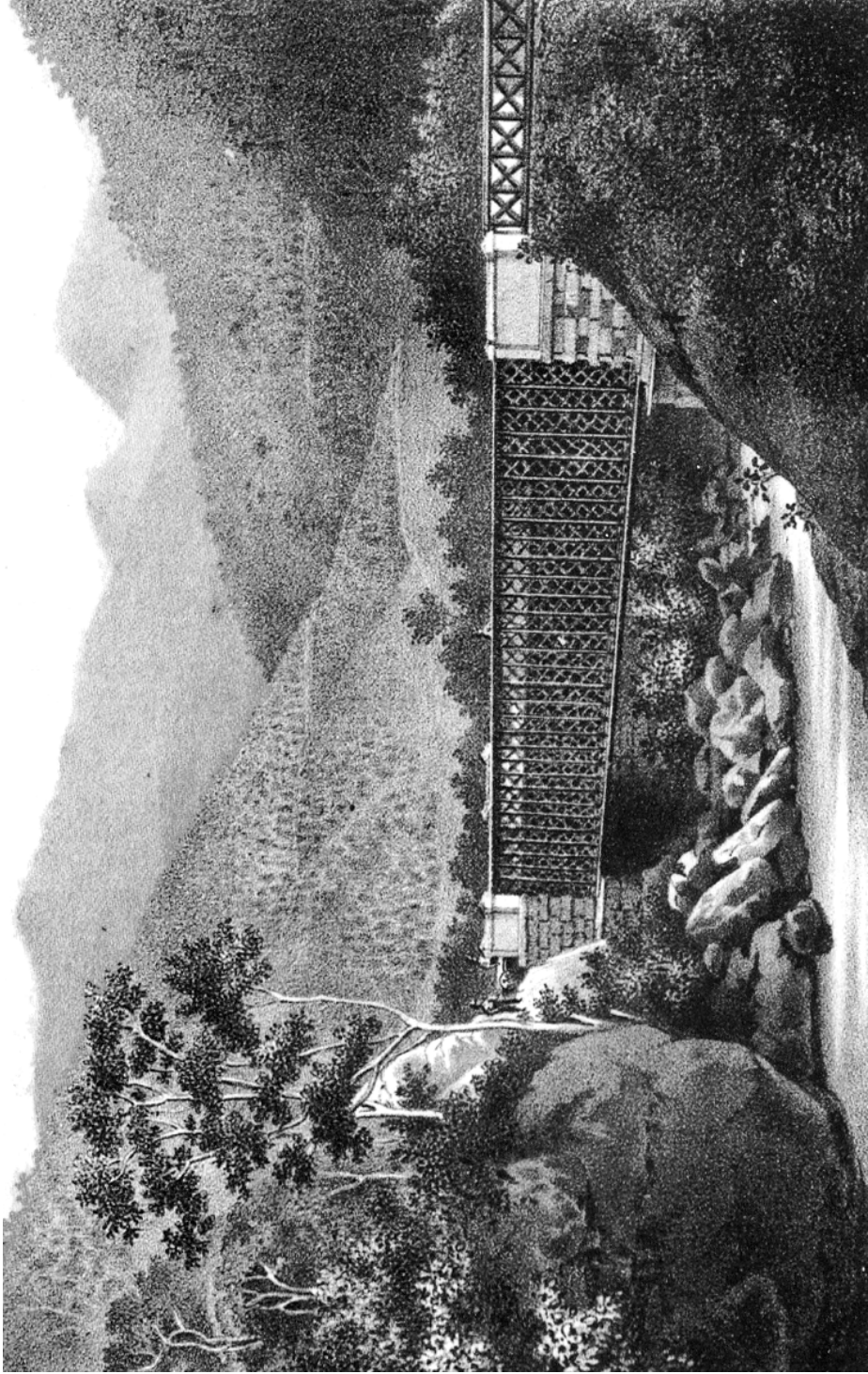
TAQUARIL - Passagem



VALE DA POSSE



POSSE - Estação



PONTE DA POSSE

O Piabanha, que corre límpido e tranquilo no meio dessas campinas, parece descansar de sua corrida furiosa, depois do desfiladeiro do Taquaril; os altos montes que nos cercam, cortados de vales que se desenvolvem em várias direções, contribuem para dar à paisagem um aspecto dos mais pitorescos.

Passamos defronte do hotel, a dois passos abre-se o vale que conduz a Aparecida⁽²⁰⁾; a companhia fez a despesa de um princípio de caminho de distrito, porém, o governo não tendo julgado conveniente dar o seu apoio para a conclusão das obras, o sr. Lage julgou de seu dever suspendê-las.

Chegamos à ponte da Posse^(20A), atravessamos ainda uma vez o nosso companheiro de Petrópolis, o Piabanha, e na sua margem esquerda continuamos nossa corrida.

Este ajuntamento de casas, este lugarejo, esta quase aldeia chama-se o - Areal⁽²¹⁾.

Desculpem, leitores benévolos, se por um momento eu abandono a estrada para falar de coisas que me são caras!

A dez minutos, à nossa esquerda, no alto dessa eminência, acha-se uma pequena fazenda; seu nome é *Saudade!*... palavra que nas línguas estrangeiras é intraduzível.

Achei nesta fazenda uma hospitalidade tão franca que nunca esquecerei; seu proprietário o sr. Benjamim Weinschenck⁽²²⁾, a quem pertence a maior parte das casas que vemos, quis sem dúvida perpetuar a lembrança da minha passagem na sua casa; porque, segundo me consta, conserva ele ainda a denominação de *Chalé* que dei a uma casinha que construiu então e que se acha perto deste *saudoso retiro!*

Mas, voltemos ao Areal, sem esquecer todavia que nesta fazenda eu vi a mais bela plantação de café dos arredores. Este lugar é um ponto comercial importante, por causa dos diferentes caminhos do Rio Preto, da Aparecida e do Carmo, lugares de muita produção, que confinam ali. Portanto não é raro encontrar, caminhando, um grande número de mulas, carregadas conforme os usos do país, e andando em longas fileiras atrás da *madrinha*, cujos arreios são ornados de chapas de prata, de campainhas e algumas vezes de uma boneca vestida e orgulhosamente posta na parte superior da cabeçada, de modo que fica entre as orelhas. Estes ouropéis, na crença ingênua dos tropeiros, são destinados a simbolizar a protetora da tropa.

À direita é a junção do Rio Preto e do Piabanha, uma ponte de madeira torcida e balançando, na época que escrevemos estas linhas, e uma outra mais longe que não podemos ver, faziam com as da companhia o mais lastimoso contraste.

Em redor de nós sobre as colinas aparecem longas linhas de arbustos, são as primeiras plantações de café importantes que temos encontrado,

Revert Henry Klumb

anunciam-nos a fazenda da Julioca, propriedade do major Koeler, filho do primeiro administrador e quase criador da colônia de Petrópolis ⁽²³⁾.

Alguns passos ainda e descemos na

QUARTA MUDA

JULIOCA

Este pequeno edifício de pedras, assaz original e gracioso em suas formas, não prestou os serviços que dele se esperava; o movimento comercial nesta estação foi sem importância. Esta pequena casa avarandada, que vemos, era em outros tempos a pousada de passagem do sr. Bulhões, engenheiro da estrada, quando fazia suas visitas de inspeção.

Esta morada é muito pequena, porém encantadora.

Não é verdade que ali se viveria feliz com ela?... sobretudo se, mais venturosa que a *Lisetta de Béranger*, ela pudesse conservar sempre os seus vinte anos ⁽²⁴⁾.

Estamos no carro; correr mais depressa; é difícil; descemos; à nossa direita o Piabanha quebra-se em cascatas, transpondo por saltos sucessivos as diferentes camadas de rochedos que obstruem seu leito. Neste vale, tão ondulado e tão cheio de rochas desmornadas, o sábio naturalista Agassiz achou os vestígios de cascalho de montes de gelo, que confirmam a célebre teoria do resfriamento do globo ⁽²⁵⁾, pois tanto frio fez naquele lugar, como diz este grande professor, que não se pode negar que hoje a temperatura está longe de assemelhar-se à dos polos.

Eis a ponte de Sant' Ana ^(25A); atravessamos ainda para a outra margem do Piabanha. Esta ponte é *enviezada*, com grandes vigas e grades, com pavimento inferior e *contraventement* (peças oblíquas) superior; é a mais bonita de todas as que vimos e ainda veremos: sua arquitetura faz dela um verdadeiro objeto de arte, elegante e leve.

No tempo de sua construção uma das grandes vigas caiu no rio, imaginem o trabalho que foi preciso para retirá-la.

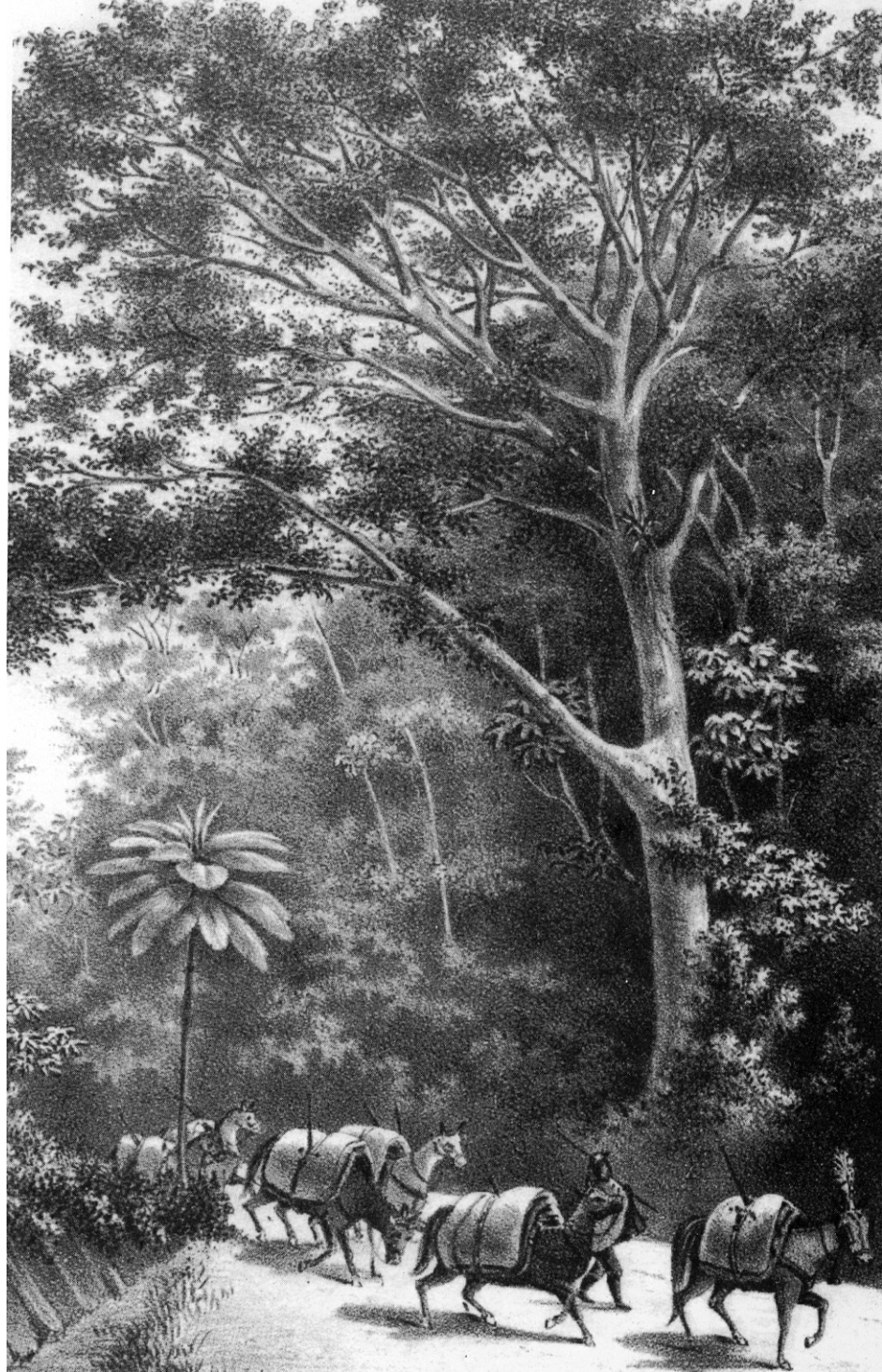
Estamos perto ou antes chegamos à

QUINTA MUDA

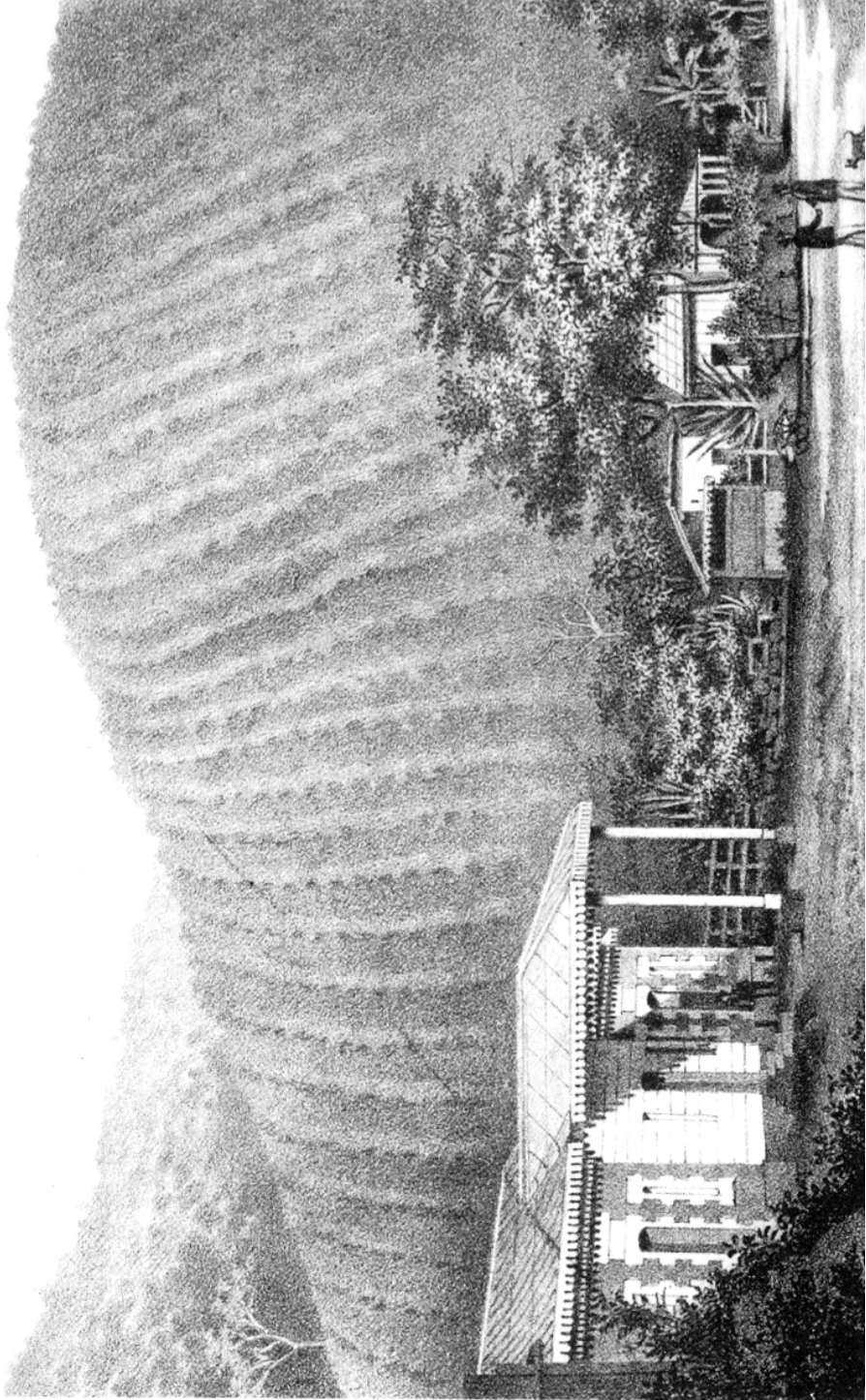
LUÍS GOMES ⁽²⁶⁾.

Ou Campo da Grama.

Esta estação foi toda construída com madeira, *sistema americano*. O interior é muito curioso; como solidez nada deixa a desejar, mas o preço elevado da mão de obra e, ainda mais, a dificuldade incalculável de obter madeiras, com facilidade, neste país das florestas virgens, pela falta absoluta



TROPA EM MARCHA



JULIOCA - Estação

de meios de transporte, há de restringir, e por muito tempo, a continuação deste sistema de construção.

Entramos no vale do Paraíba; a estrada é quase horizontal estamos ainda perto de uma ponte sobre o Piabanha, que pela última vez vamos atravessar; alguns quilômetros mais longe este pequeno rio irá levar o tributo de suas águas ao Paraíba. A ponte de que falo chama-se - Carlos Gomes - e a última construída pelo engenheiro Bulhões; é *de vigas tubulares e grades*; boa combinação do ferro empregado, leveza das vigas e força de sua construção; merece esta obra de arte a honra de ser citada como modelo nas obras tecnológicas da Europa.

Aqui estão longas linhas retas; as margens da estrada são guarnecidas profusamente de grandes e belas árvores; vê-se ali grande quantidade de *flamboião* [sic], árvore do Peru.

À direita e à esquerda estendem-se vastas florestas virgens e a vista abandona-se na contemplação dessas cortinas de verdura.

Estamos enfim no Paraíba, nome derivado de duas palavras indígenas - *Parahiba* - água clara - o qual toma nascença em uma pequena lagoa da serra Bocaina, cinco ou seis léguas ao nordeste da cidade de Parati, província do Rio de Janeiro.

Vamos atravessar este grande rio, sobre uma ponte de ferro de três arcos, de cinquenta metros de comprimento cada um; esta ponte, obra do engenheiro alemão o sr. Keller, ultimamente encarregado de uma missão de exploração no interior do Império, e atualmente na Europa, é um muito belo e seguro trabalho; é pena que considerações econômicas tenham feito sacrificar o aspecto monumental que lhe teria dado um maior pavimento e uma maior elevação acima da água. Apesar disto, é uma obra notável, tanto pela concepção, como pela execução; a alvenaria fez e faz ainda a admiração das pessoas competentes.

Um apito repercutiu no ar; um penacho de negra fumaça levanta-se acima de enormes edifícios de tijolos encarnados; isto nos anuncia a Estrada de Ferro D. Pedro II, ponto de encruzamento das duas estradas. São 11 horas e meia.

Será porventura necessário dizê-lo?

Neste momento o que nos deve sobretudo interessar, segundo me parece, é que nos será possível almoçar e depois descansar. Só subiremos agora no carro depois da chegada do trem, e ainda teremos de esperar a hora da sua partida do costume, fixada à 1 hora e 55 minutos.

Estamos no meio do caminho: o que pensais desta

Revert Henry Klumb

SEXTA MUDA

ENTRE-RIOS ⁽²⁷⁾

Aproveitaremos o momento de descanso que nos é dado, para dizer algumas palavras relativamente às rivalidades ocasionadas pelo encruzamento dessas duas estradas.

Certamente estimamos ver o progresso desenvolver-se neste formoso país, e não foi sem experimentar viva emoção que temos saudado a primeira locomotiva que chegou até aqui; entretanto ficamos também penalizados vendo tanto trabalho, tanta inteligência e tantos esforços empregados em um dos mais gigantescos trabalhos empreendidos até então no Brasil, como esta magnífica estrada - União-Indústria - ficarem por isso mesmo inutilizados dali a pouco.

O homem deve pois abandonar assim, o que lhe custou tantos cuidados e tantos sacrifícios para edificar?

Defronte está a estação da estrada de ferro, maciça, pesada e a nosso ver pouco segura.

Estamos certos que os construtores deste edifício hão de desculpar nossa franqueza, sobretudo quando souberem que podemos afiançar-lhes, ter visto esta estação, tão bem construída aparentemente, não poder resistir a uma chuva um pouco forte, nem mesmo a uma ventania, sem que no dia seguinte haja necessidade de alguns consertos.

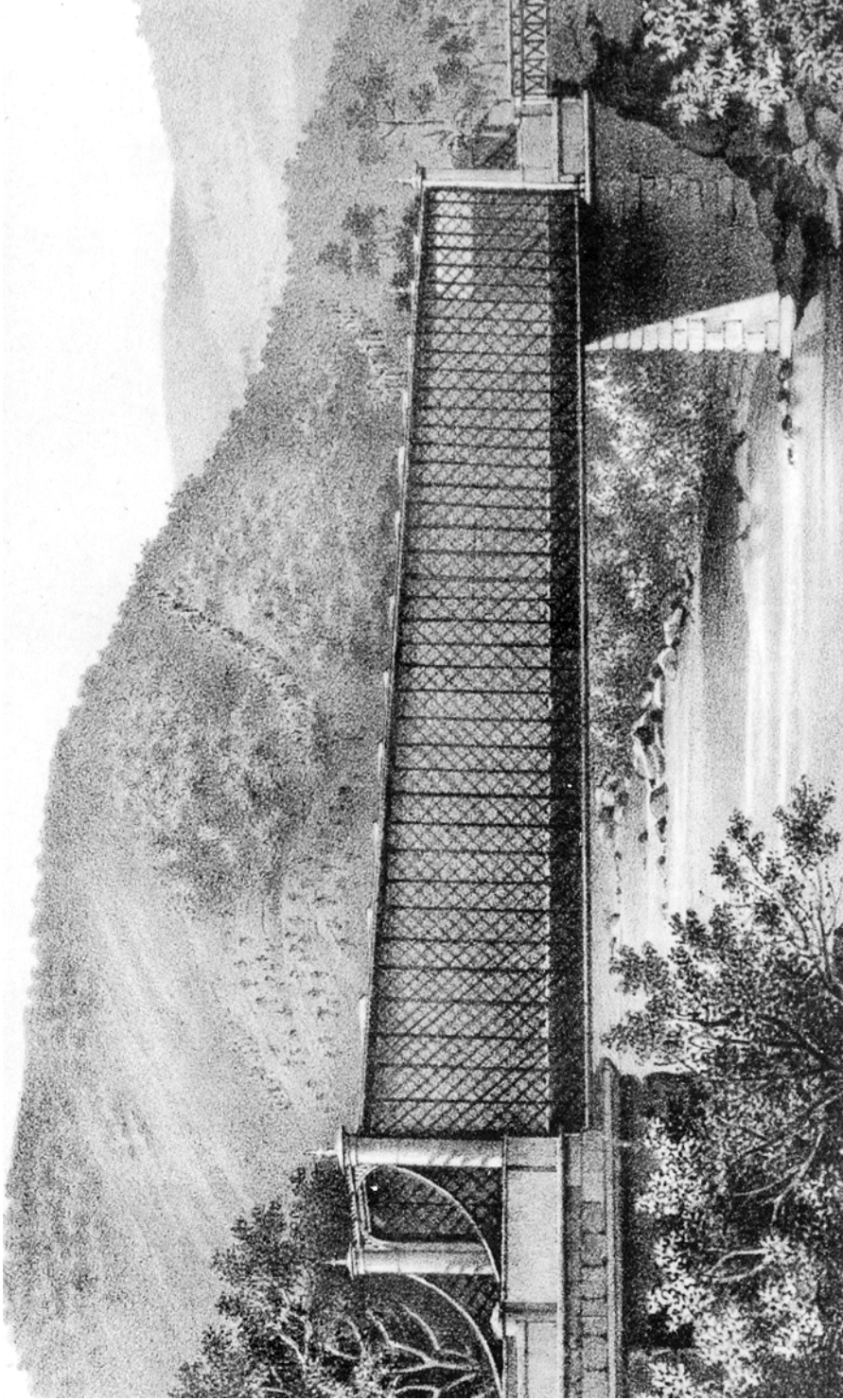
No horizonte longínquo fogem as linhas da estrada de ferro, e o Paraíba anda vagaroso trazendo de nosso lado as suas ondas. Em breve vos faremos conhecer suas curiosidades, se este itinerário tiver a fortuna de vos agradar, caros leitores; as casas brancas que a um km perdemos de vista, são da fazenda de Cantagalo, propriedade da baronesa de Entre-Rios ⁽²⁸⁾, mais longe achar-se a cidade da Paraíba do Sul, inteiramente decaída de sua antiga importância, a estrada de ferro acabando de dar-lhe os últimos golpes.

É 1 hora e 55 minutos, o condutor nos chama, subimos à diligência para continuar nossa viagem.

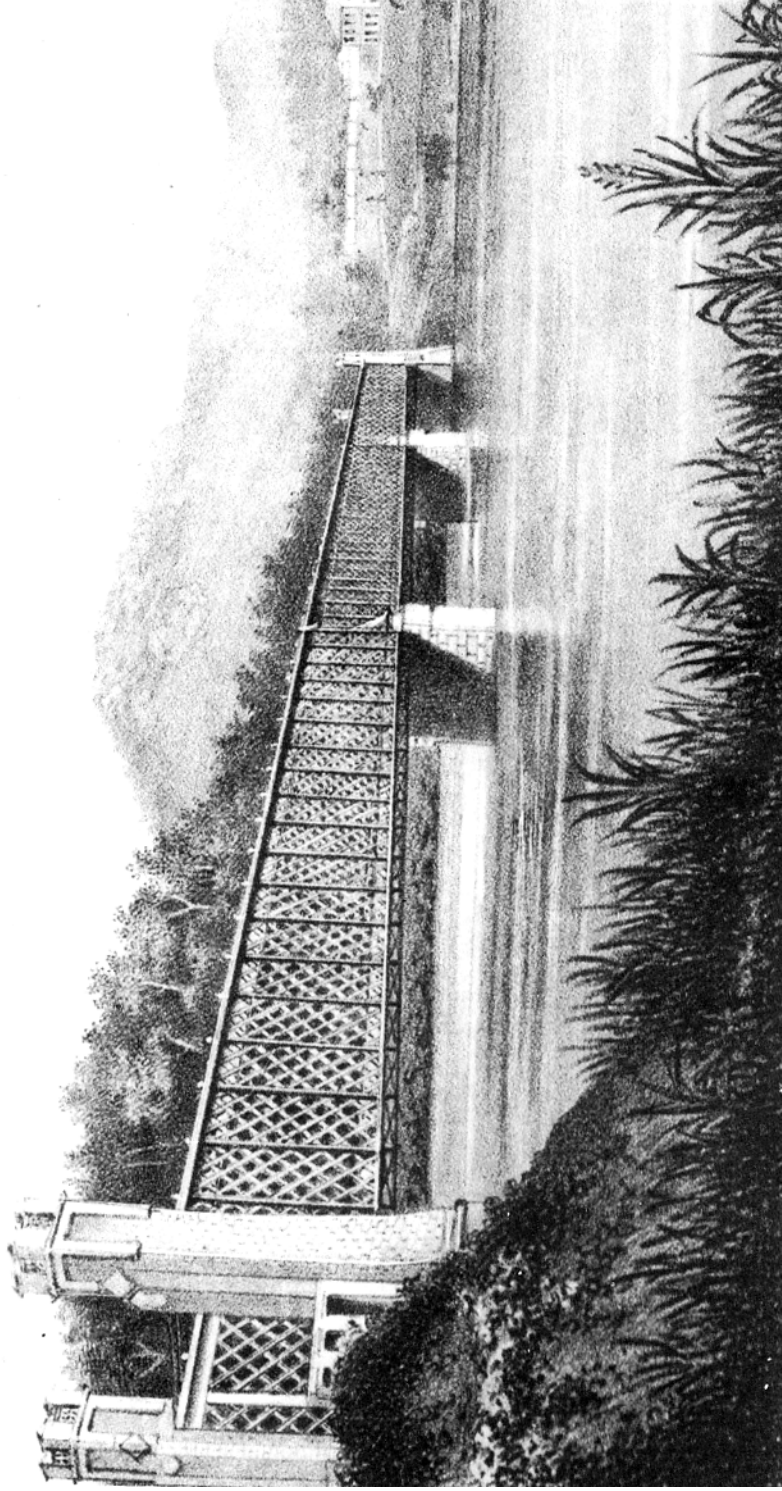
Desde Petrópolis que é de 845 ⁽²⁹⁾ metros elevado acima do nível do mar até aqui, onde não estamos mais do que a 302 metros somente; descemos agora, vamos subir até Juiz de Fora a 721 metros.

Muitas vezes desceremos e subiremos para travessar as diferentes ramificações da *Mantiqueira* e passar de um vale para outro.

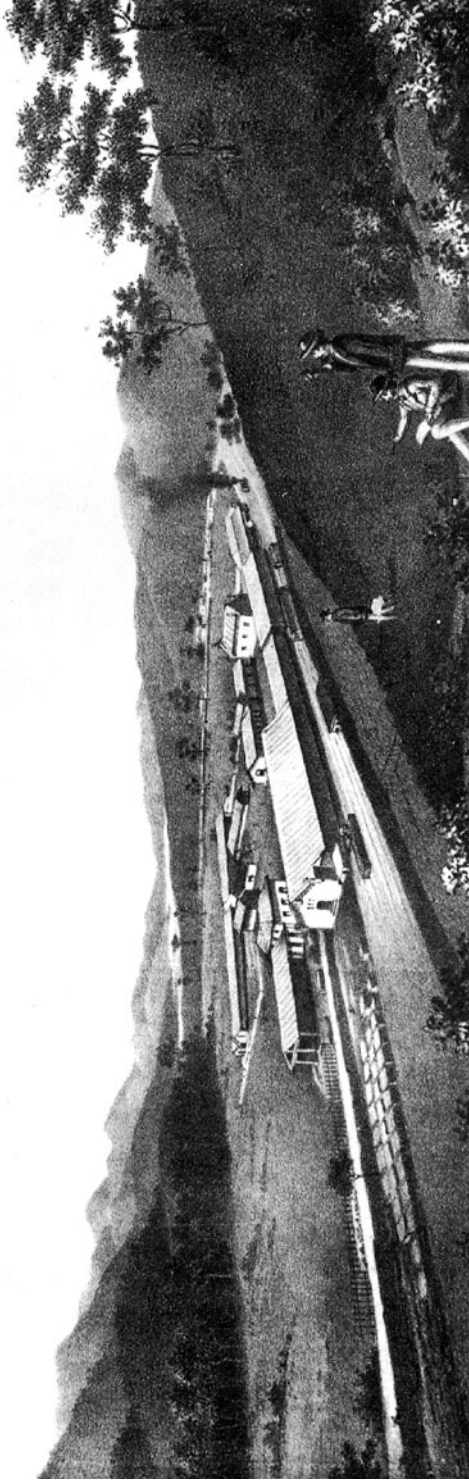
Estamos na serra das Abóboras que separa o vale do Paraíba dos do Paraíba e Rio Preto, ali penetramos por uma *miniatura de túnel*; depois de o haver transposto em um segundo, sendo este tempo mais que suficiente, apresenta-se à nossa vista um quadro bastante formoso. É a fazenda do finado visconde do Rio Novo ⁽³⁰⁾, *conde palatino*; a pequena capela que se



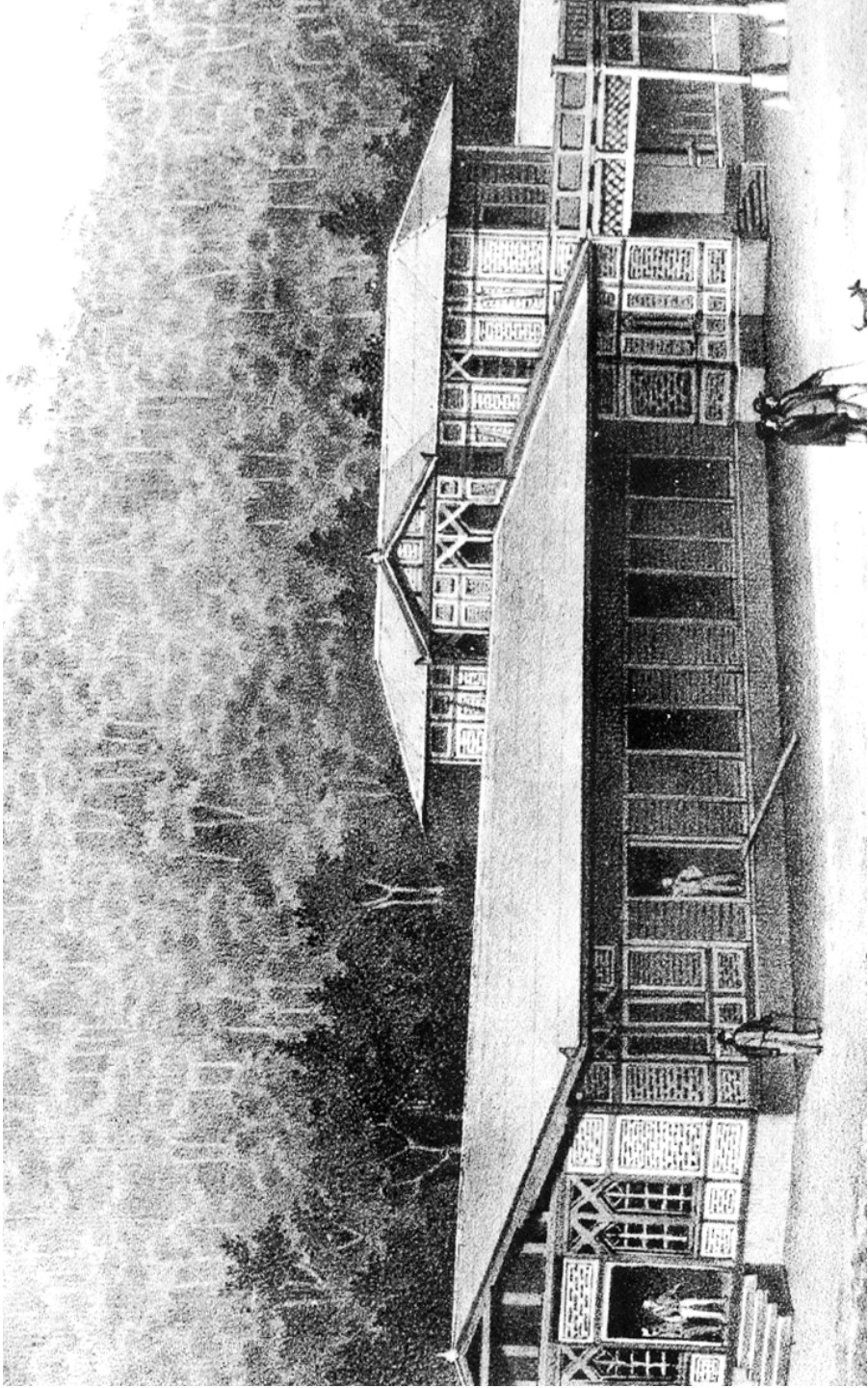
PONTE DE SANT'ANA



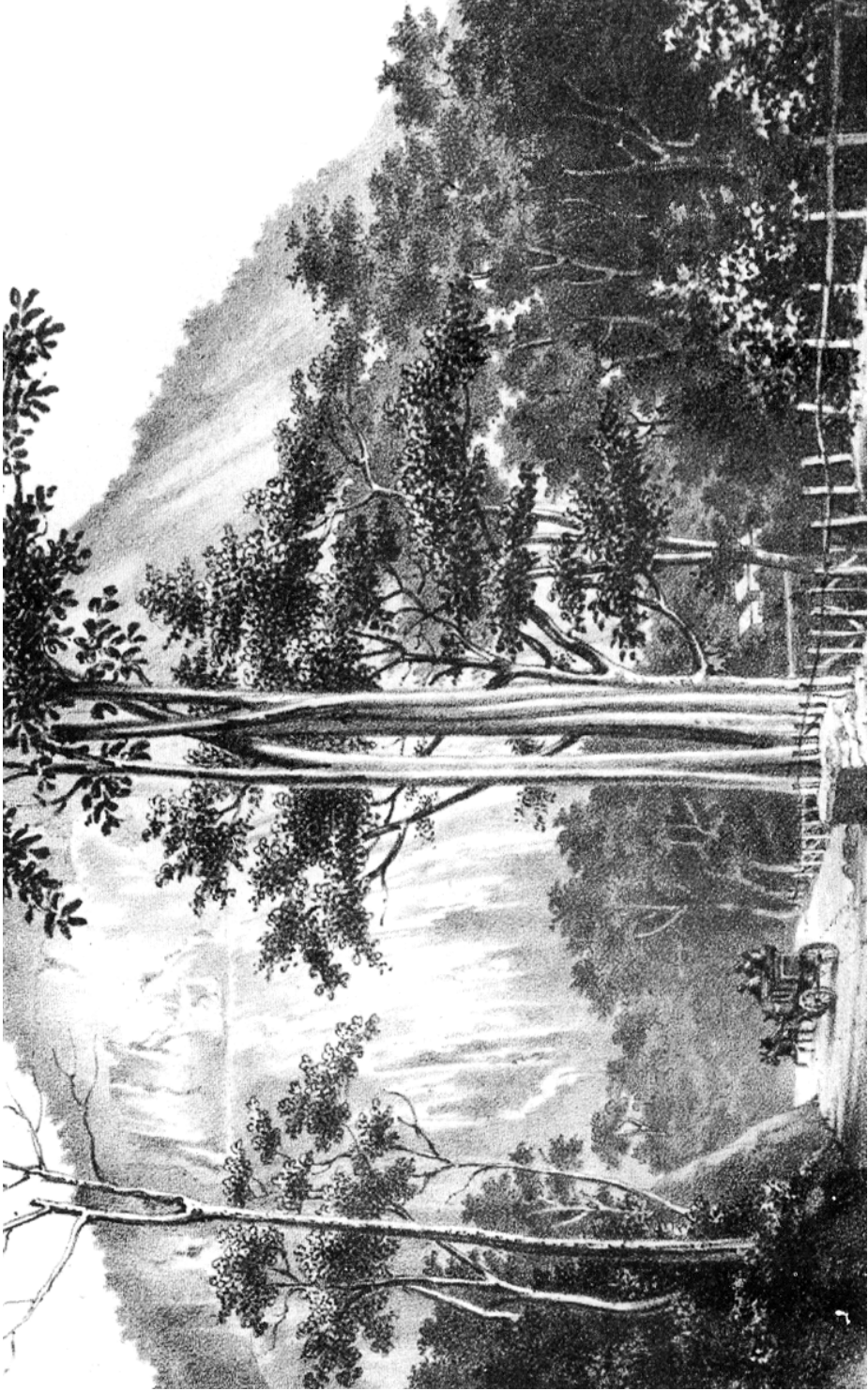
PONTE DAS GARÇAS SOBRE O PARAÍBA



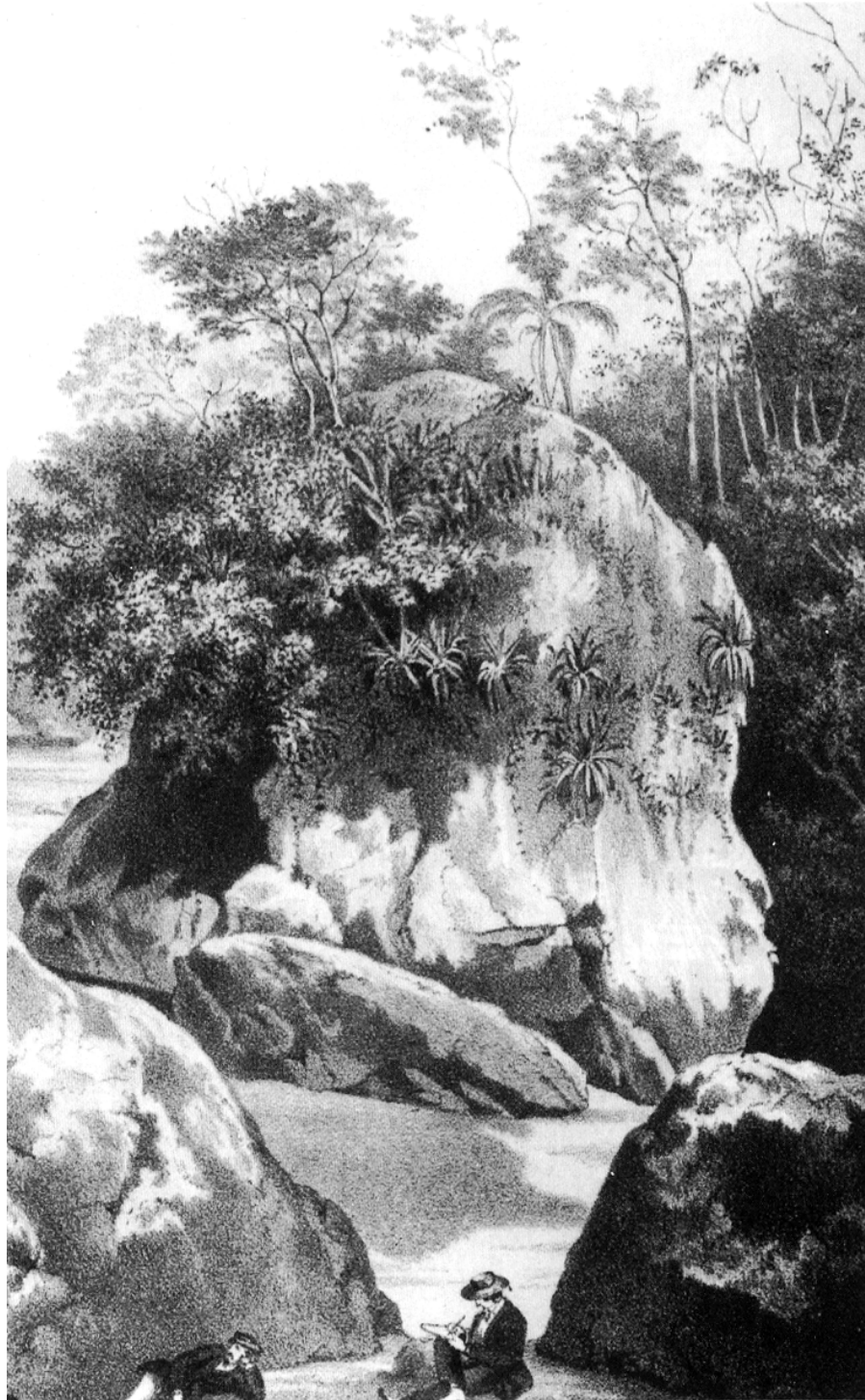
ENTRE-RIOS - Vista geral



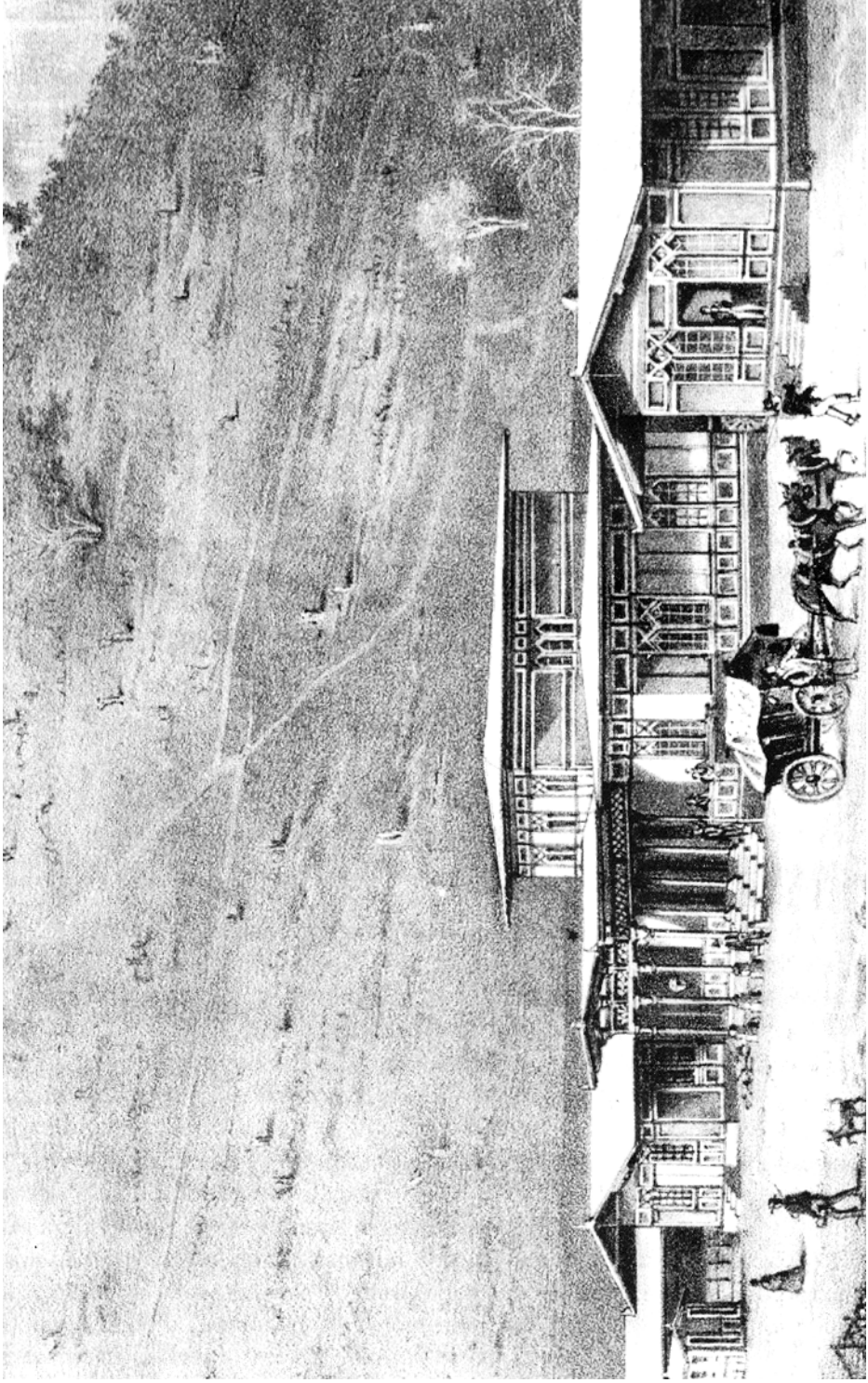
SERRARIA



PEDRA DA PARAIBUNA



CASCATA DO INFERNO - PARAIBUNA



PARAIBUNA - Estação

destaca no azul do céu no cume da colina termina o efeito do quadro.

O visconde que residiu na Europa introduziu na sua fazenda as máquinas e os aparelhos de cultura os mais modernos; seus produtos são expedidos diretamente para o nosso velho mundo com a marca da casa; ainda uma prova evidente dos conselhos judiciosos do sr. Lage aos lavradores do Brasil.

Todos os terrenos que vemos são de uma grande fertilidade; podemos julgar desta pelas formosas plantações de café, milho, arroz e mandioca, que nos circundam e fogem atrás de nós.

Já descemos ao vale do Paraibuna, uma encantadora amostra de floresta virgem nos proporciona uma sombra mais agradável. Em breve um largo rio, o Paraibuna, vai apresentar-se a nossos olhos; ele serve de limites às duas províncias, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

A propriedade que alcançamos com a mão esquerda na passagem, pertence ao fazendeiro Antônio Rodrigues Pinto de Andrade, filho do falecido e honrado barão do Piabanha; jamais me será possível elogiar bastante este fidalgo, tão querido enquanto vivo. Não tive a honra de o conhecer particularmente, porém tive a de ser apresentado a seus filhos! Pareceram-me justificar o adágio - tal pai, tais filhos ⁽³¹⁾.

Três minutos ainda e chegamos à

SÉTIMA MUDA

SERRARIA ⁽³²⁾.

A estação é construída em forma de chalé, ela tem uma certa importância para a companhia, por causa dos produtos que aqui chegam do Mar de Espanha e até de Leopoldina.

Uma pequena ponte de madeira, sistema americano, conduz o viajante à fronteira mineira; a estrada costeando e atravessando em três pontes diversas o rio Cágado, chega afinal à pequena cidade do Mar de Espanha, situada a 32 km da Serraria.

A ponte e a estrada foram feitas à custa da Companhia União-Indústria, cujo nome ainda por mais de uma vez encontraremos ligado aos melhoramentos do país.

Da Serraria a Paraibuna seguimos constantemente o rio; a estrada é plana e sem habitações; ela seria na verdade monótona, sem a vizinhança da água, que parece ali estar a propósito para romper algum tanto aquela solidão. Uma avenida de bambus de 4 km desperta a nossa atenção para apresentar uma espécie de voltas a perder de vista. Mais longe um pequeno bosque onde a estrada vai serpeando entre árvores e rochedos; faria julgar estarmos passeando em um parque inglês.

A estrondosa e grande cachoeira do Paraibuna contribui a entreter o viajante nesta ilusão.

À nossa esquerda eleva-se um velho casebre: a velha Paraibuna; era outrora uma espécie de alfândega, onde se percebiam os direitos sobre o ouro e os diamantes que vinham de Minas. Ali, o intrépido *Pais Leme* abriu uma passagem, no meio dessas solidões, e traçou a estrada entre os campos de Barbacena e a cidade da Paraíba do Sul ⁽³³⁾.

À nossa frente levanta-se uma colossal pirâmide - a pedra do Paraibuna - um imenso montão de granito, cuja parede vertical eleva-se de um só lance a mais de 400 metros de altura.

Enormes pedaços foram-se destacando desta massa imponente e rolaram aqui e acolá, alguns foram até o leito do rio e estorvando-lhe o curso formaram a ruidosa e selvagem cascata do Inferno. Vamos chegar à décima estação; antes de descer do carro permitam-me uma digressão.

A meia circunferência que se forma perto desta pequena igreja, atrás dessas estrebarias, é o princípio da estrada das Flores ⁽³⁴⁾, lindo caminho de distrito, cuja extensão é de 24 km, ele segue o vale do Rio Preto; a companhia foi auxiliada na execução dos trabalhos pela cooperação ativa dos proprietários limítrofes que compreenderam perfeitamente as vantagens resultantes para eles de uma saída que semelhante via daria aos seus produtos.

Este caminho está concluído há muito tempo, disse o engenheiro encarregado de sua construção, o sr. Audemars; é sobretudo a esse amigo que devo as informações que me ajudaram a fazer este pequeno livro; creio portanto dever aproveitar a ocasião que se oferece para lhe exprimir toda minha gratidão, tanto mais que foi na sua casa, na Paraibuna e seguindo seus conselhos que concebi firmeza e perseverança para prosseguir em outros trabalhos que em breve serão publicados.

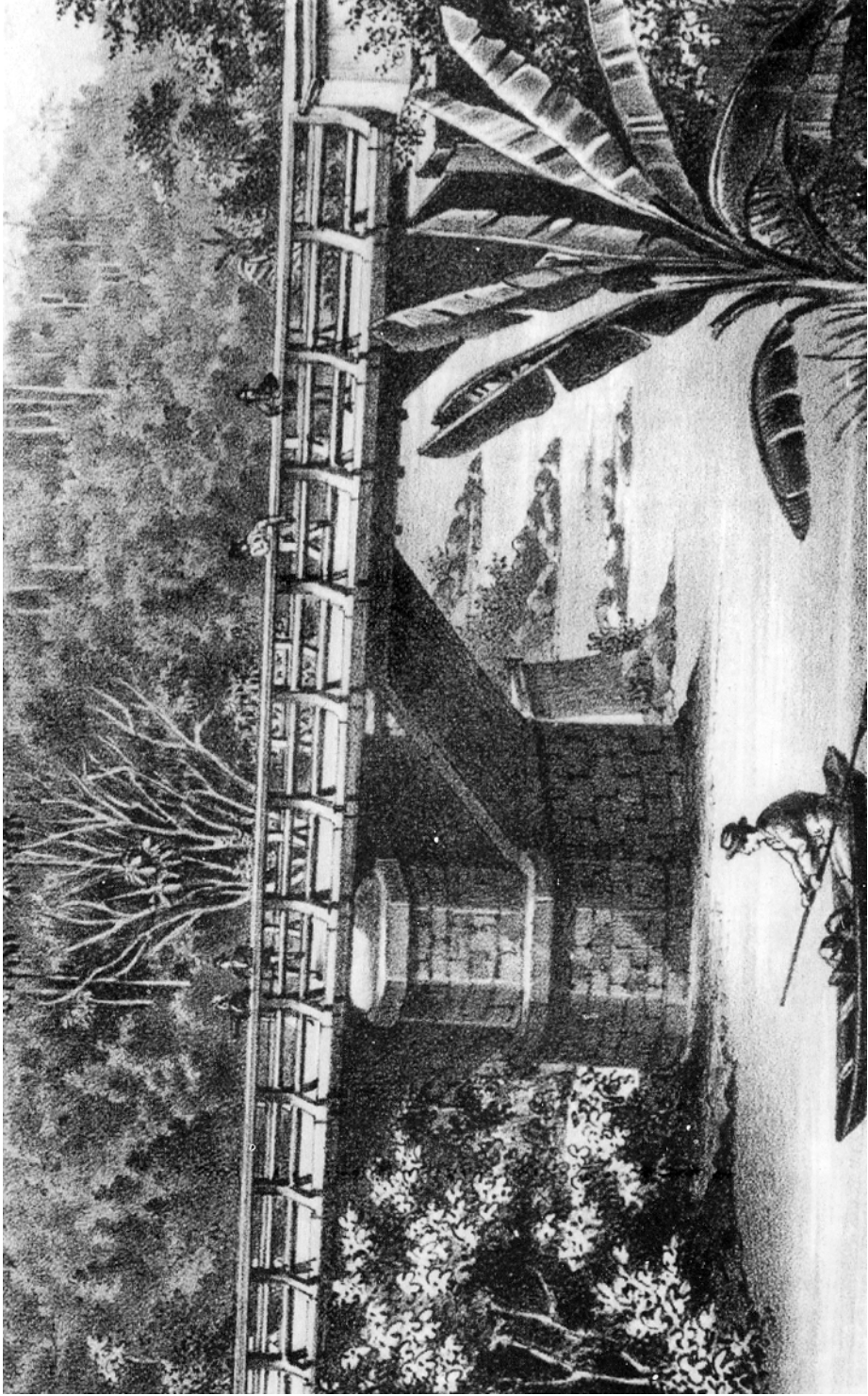
Porém chegamos. Para-se 5 minutos.

OITAVAMUDA

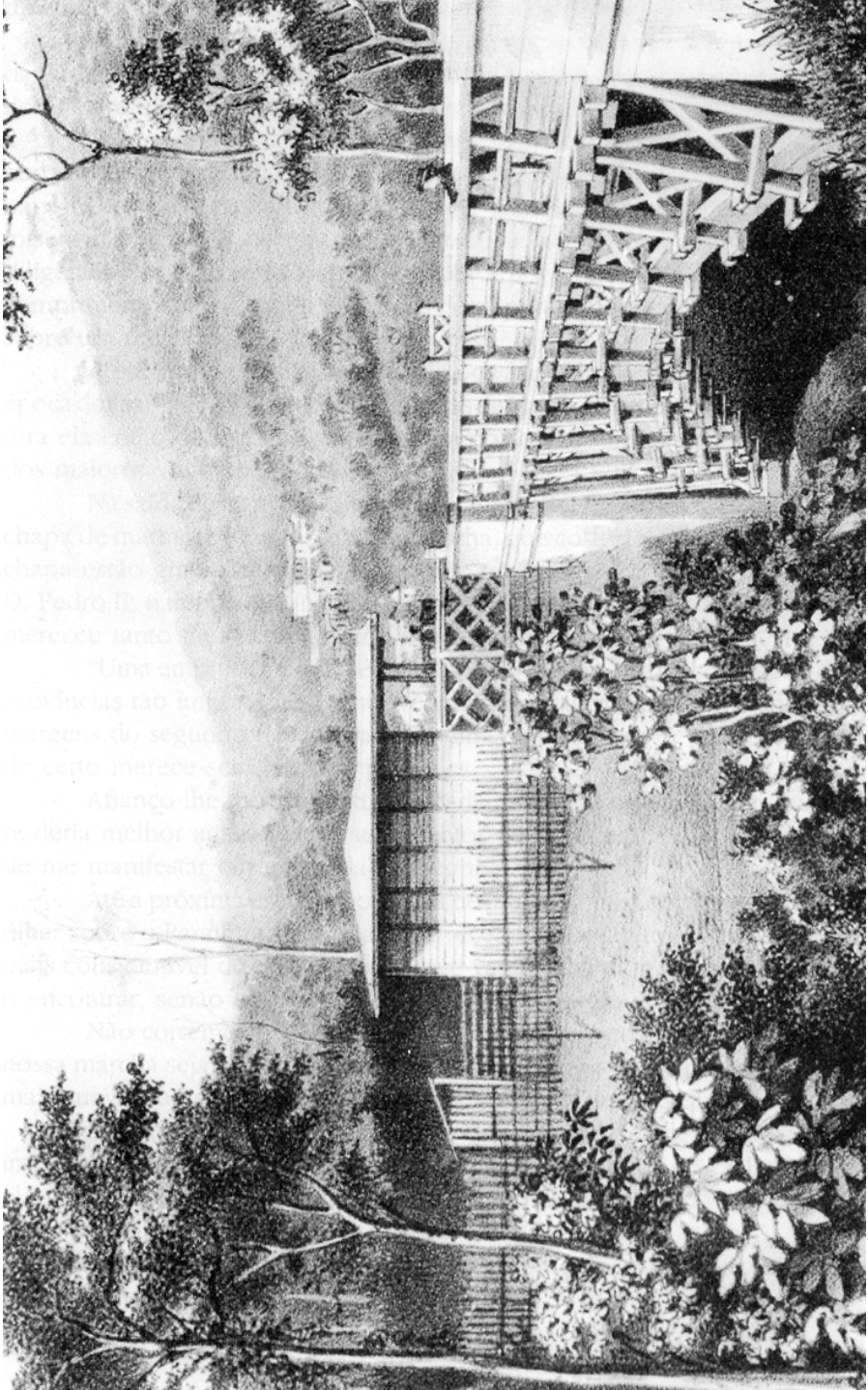
PARAIBUNA

Derivado de três palavras da língua indiana - *Para-hi-una* - água turva ou escura - e devendo sua origem à junção dos rios Barros e Preto, Paraibuna forma um gracioso panorama. Nosso desenho, copiado da fotografia, vô-lo representará melhor do que não saberia fazê-lo com uma longa descrição.

Gostamos desta estação!... salvo portanto o posto de soldados e o garbo dessa boa gente colocada à entrada da ponte. Contaram-nos que aquelas sentinelas eram encarregadas de guardar a fronteira que separa a província do Rio de Janeiro da de Minas Gerais; fronteira muitas vezes mais



PONTE DO ZAMBA



PONTE DE JOÃO CARLOS

difícil de transpor do que a grande muralha da China.

A grade que cerca a entrada da ponte, fecha-se às 6 horas precisas da tarde, ela somente se abre às 6 horas da manhã. É assim que durante 12 horas é proibido aos habitantes de uma província chegar no território vizinho, a menos de ser particularmente conhecido da sentinela, ou, viajante audacioso, que calcando aos pés os usos decrépitos, salta por cima da famosa barreira, o que aconteceu a este vosso criado. Deixemos, porém, esses miseráveis vexames de um fisco atrasado; a estrada está aberta diante da diligência. Passamos do outro lado desta ponte que tem 100 metros de comprimento; um talhamar dos arcos desta ponte é inteiramente construído sobre um rochedo.

A esta ponte se liga uma página da história do Brasil. Em 1842, na época dos sanguinolentos acontecimentos de Minas, os rebeldes a incendiaram (era ela então de madeira) este fato foi por muito tempo exprobado a um dos maiores vultos políticos do país ⁽³⁷⁾.

Na saída desta ponte, entrando na terra mineira, nossa vista para numa chapa de mármore branco, selada na rocha, que costeia a estrada. Sobre esta chapa estão gravadas as belas palavras, proferidas por S. M. o imperador d. Pedro II, na época da inauguração da estrada. Jamais tão nobre estímulo mereceu tanto de ser transmitido à posteridade. Damos pois o texto:

“Uma empresa cujo fim é a construção de uma estrada que ligue duas províncias tão importantes, e que, continuando talvez para o futuro até as margens do segundo rio do Brasil, reunirá os interesses de seis províncias, de certo merece ser chamada patriótica.

Afianço-lhe, pois a continuação de minha proteção, e creio que não poderia melhor agradecer os sentimentos de amor e fidelidade que acaba de me manifestar em nome da Companhia”.

Até a próxima estação pouco há de interessante. Lançamos um último olhar sobre o Paraibuna que acaba de receber o Rio Preto, não obstante ser mais considerável do que ele; em breve vamos abandoná-lo para não mais o encontrar, senão em Matias ⁽³⁶⁾, transformado em um simples regato.

Não corremos mais com a mesma rapidez que há pouco, ainda que nossa marcha seja acelerada, a subida é longa, temos que contar 10 km, por mais suave que seja a subida, as mulas sentem o serviço que lhes coube.

Passamos a Rancharia esta pequena cidade nascida de ontem, é a mais importante conglomeração de casas que temos encontrado desde Petrópolis, ela possui duas igrejas, um chafariz no meio da praça grande, um juiz de paz e eleitores. O que mais é preciso? dizia Lafontaine.

Nossas mulas responderiam, se lhes fosse possível, que é o descanso que achamos na

Revert Henry Klumb

NONA MUDA

SEMÃO PEREIRA ⁽³⁷⁾.

Nada de muito importante, nada mesmo de curioso nesta estação, seguiremos para Matias.

À nossa esquerda algumas casas cobertas de colmo; é um ensaio de colonização alemã tentado por um jovem fazendeiro o sr. dr. Duque, homem inteligente e entusiasta do progresso, esperamos que esta tentativa de colonização será coroada de feliz êxito, posto que algumas experiências feitas em outros lugares com os mesmos elementos tenham tido funestos resultados.

Atravessamos uma garganta elevada de 593 metros acima do nível do mar, e descemos de novo para o vale do Paraibuna que havíamos deixado a 8 km atrás, aqui está ele serpeando em um valezinho costeadado de verdes pastagens. Esta paisagem é graciosa como um idílio, ela descansa a vista da monotonia das brenhas e matas que há tanto tempo limitavam o horizonte.

Esta fazenda é a propriedade do barão de Bertioga; foi uma das primeiras onde se plantou o café; constringido e violentado, por assim dizer, o barão, que então tinha o nome plebeu de Silva Pinto, resolveu-se a empreender esta cultura, à qual deve sua colossal fortuna ⁽³⁸⁾.

O barão era empregado do sr. Vale da Gama, o qual zeloso propagador da nova planta, cuja importância tão bem adivinhava, obrigou o seu subordinado a plantá-lo no meio dos campos de milho, que constituíam toda a produção agrícola daquela época. Estes arbustos frutíferos, como os chamavam os fazendeiros rotineiros, formam hoje sem dúvida alguma o mais produtivo ramo da fortuna do Brasil.

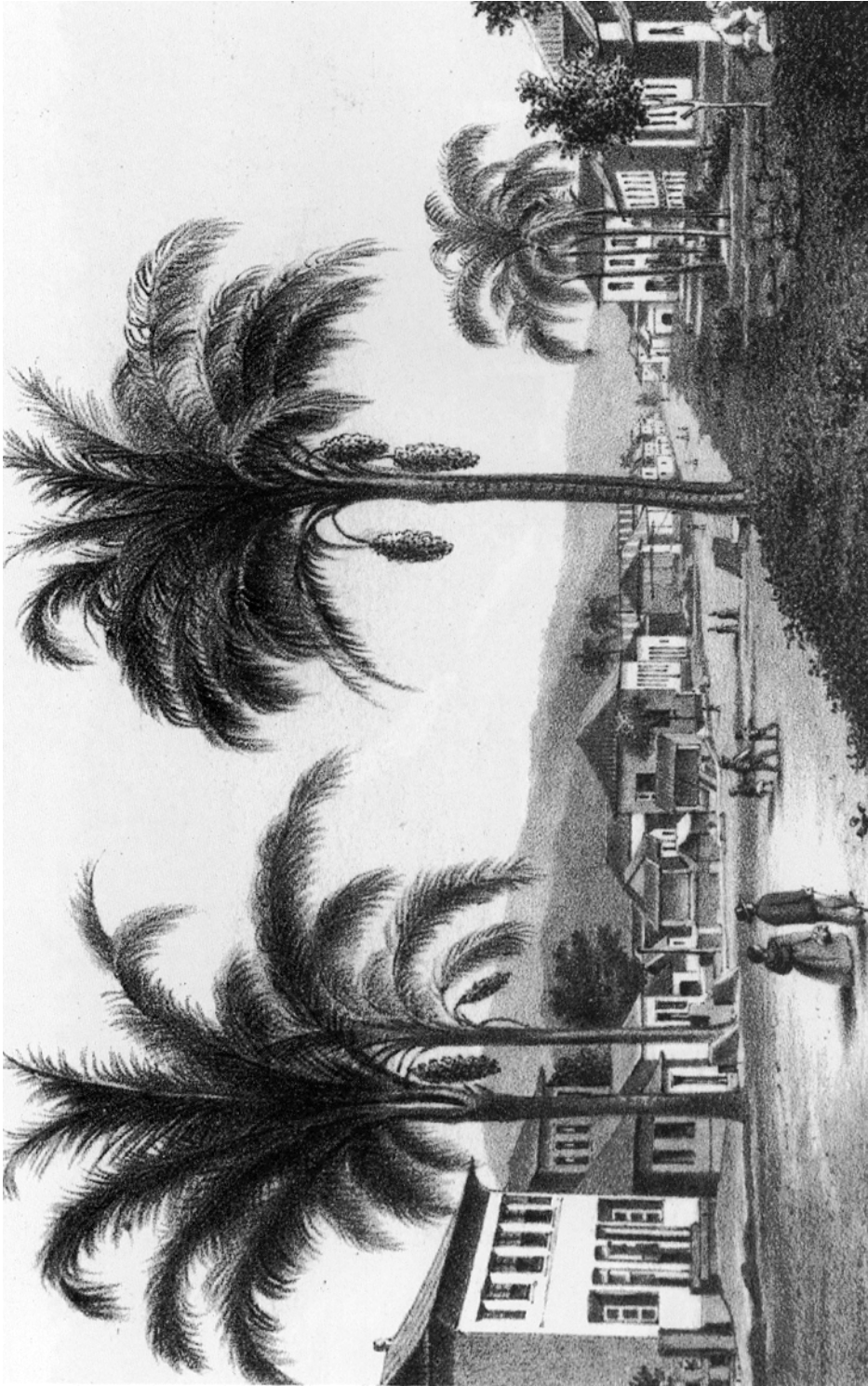
Ainda alguns grupos de coqueiros, formando graciosos quadros que estariam em lugar apropriado no álbum de um artista, e chegamos à

DÉCIMA MUDA

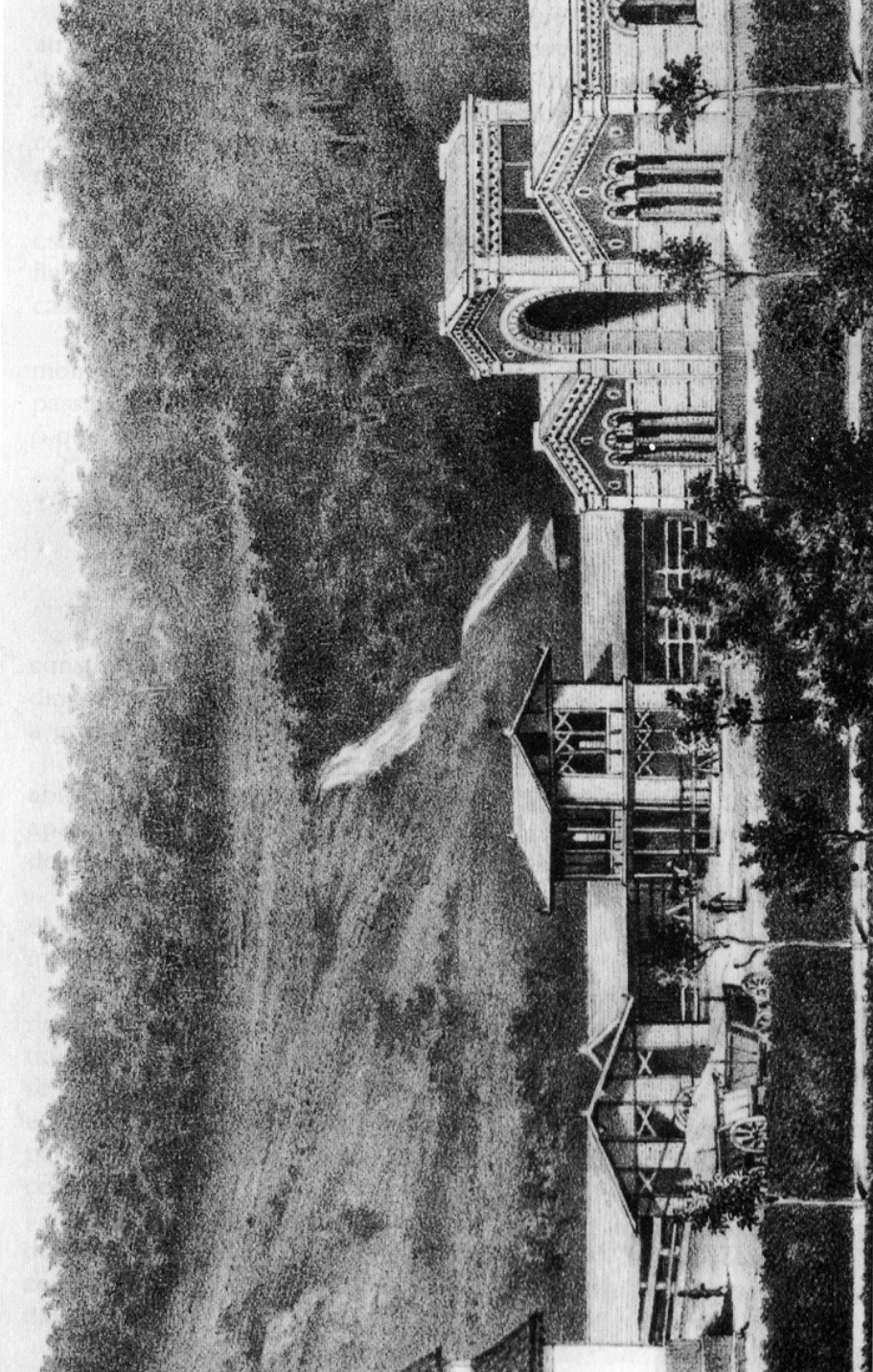
MATIAS ⁽³⁹⁾

É uma antiga barreira, onde pagavam-se os direitos sobre o ouro e os diamantes vindos de Minas Gerais; enormes quantidades desses preciosos minerais passaram neste lugar; a riqueza do país se apresenta hoje sob outras formas, carros enfileirados, carregados de café, de algodão e outros produtos agrícolas, provam suficientemente o que afirmamos.

À nossa direita uma pequena cascata cai em alva espuma do alto de um rochedo; porém subimos ao carro, o dia vai declinando e o nosso condutor parece com pressa de chegar.



CIDADES DO JUIJ DE FORA



JUIZ DE FORA - Estação

um rochedo; porém subimos ao carro, o dia vai declinando e o nosso condutor parece com pressa de chegar.

Passamos além do grupo de casas que formam o lugarejo de Matias, atravessamos uma zona onde nada de interessante se apresenta à nossa vista, depois atravessamos o Piabanha⁽⁴⁰⁾ sobre uma ponte de madeira, de estilo antigo, que difere das que temos visto; esta ponte se chama de Zamba, foi construída para a antiga estrada de Minas e foi utilizada para a passagem da nova.

Subimos um declive suave e contínuo, é a passagem da Marmela; a estrada lavrada de distância em distância num granito porfiróide costeia os flancos da montanha, e vê-se um abismo onde o Paraibuna quebra-se em cascatas.

Ela contorneia também eminências arredondadas e deixa-nos ver por momentos encantadores panoramas; a subida da Marmela é depois da passagem do Taquaril, o lugar mais pitoresco e o mais caprichoso e é também o que custou maiores despesas para a construção da estrada. Chegamos à

PENÚLTIMA MUDA

PONTE AMERICANA.

Enquanto mudam as nossas mulas, examinemos o sistema de construção desta ponte; ainda que feita com materiais de pequenas dimensões, é notável por sua solidez e a facilidade que oferece para atingir a grande alcance.

No Brasil este meio merece ser generalizado, em razão da grande abundância de madeiras de construção de excelentes qualidades, e que apesar disto são a maior parte das vezes queimadas no arrotar, por falta de emprego imediato.

Encaminhamo-nos para o Juiz de Fora, alcançamos o alto da garganta da Graminha, elevado de 745 metros acima do nível do mar, é o ponto o mais elevado que temos encontrado desde Petrópolis.

Esta passagem foi escolhida para evitar o grande desvio feito pelo rio que serpeia sob a nossa vista. Depois de uma descida assaz rápida, vamos transpor a última ponte, construída sobre nosso caminho. Esta ponte chama-se João Carlos, é de arcos de madeira. Esta obra é toda do francês o Sr. Flajelat engenheiro das minas, neste tempo vindo da França com licença temporária para o serviço da Companhia. Recomendamos esta obra às pessoas competentes.

Em torno de nós surgem algumas habitações, sentinelas avançadas do Juiz de Fora, o vale alarga-se, vamos chegando; à nossa esquerda o cemitério com sua capela, os monumentos funerários que a rodeiam são de tijolos.

Defronte de nós levanta-se o rochedo chamado - Alto do Imperador -; abaixo a cidade com sua longa linha de casas.

A diligência para no meio de um grupo de gente e de carros; são os empregados dos dez ou doze hotéis que vêm recrutar os viajantes alguns apeiam-se, nós vamos ainda mais longe, estamos na rua do Imperador, é costeada por casas novamente edificadas; este progresso é ainda devido à companhia.

Este lugarzinho é hoje o empório comercial de Minas Gerais e um pouco de Goiás.

Dois km mais ao oeste e chegamos à

ÚLTIMA MUDA

ESTAÇÃO DO JUIZ DE FORA ⁽⁴¹⁾.

Há na eminência à nossa direita um lindo castelinho, propriedade do finado sr. Lage, graciosa amostra do estilo - *renaissance italiano* -; este castelo é rodeado de um parque desenhado, plantado e conservado com um gosto que nos dá a idéia do que devia ser o proprietário: tanques de água límpida, onde nadam belos cisnes brancos e pretos, ilhas de bambus, viveiros naturais onde cantam e gorgeiam milhares de pássaros, jardins cheios de flores as mais curiosas e as mais raras plantas de interesse particular tornam este domínio um pequeno paraíso terrestre.

Em junho de 1861 a família imperial aí residiu. Nada poderia descrever a magnificiência das festas dadas pelo sr. Lage aos seus augustos hóspedes.

Como fotógrafo fazia parte dos convidados; já tinha assistido a muitas festas deste gênero; e nunca tinha presenciado uma festa tão deslumbrante.

Depois de 1861 o Imperador por vezes, honrou este domínio com sua presença.

A todo o viajante o sr. Lage deixava visitar com benevolência as belezas deste pequeno éden se tivesse a felicidade de encontrá-lo, encarregava-se com a melhor boa vontade de servir-lhe de cicerone.

Defronte do castelo estão os edifícios da estação, escritórios e armazéns, atrás estão as cavalariças; à esquerda na eminência acham-se as oficinas e suas dependências, na margem da estrada, entre a estação e o hotel um edifício de balcão, estilo de chalé que serve para alojar os hóspedes ilustres que a companhia recebe freqüentemente.

Na praça, defronte do castelo, vê-se uma igrejinha, nada de extraordinário na sua construção e decoração; na colina à esquerda, as habitações dos empregados da companhia, depois o Hotel União -; vamos ver se ali pode-se jantar ^(*).

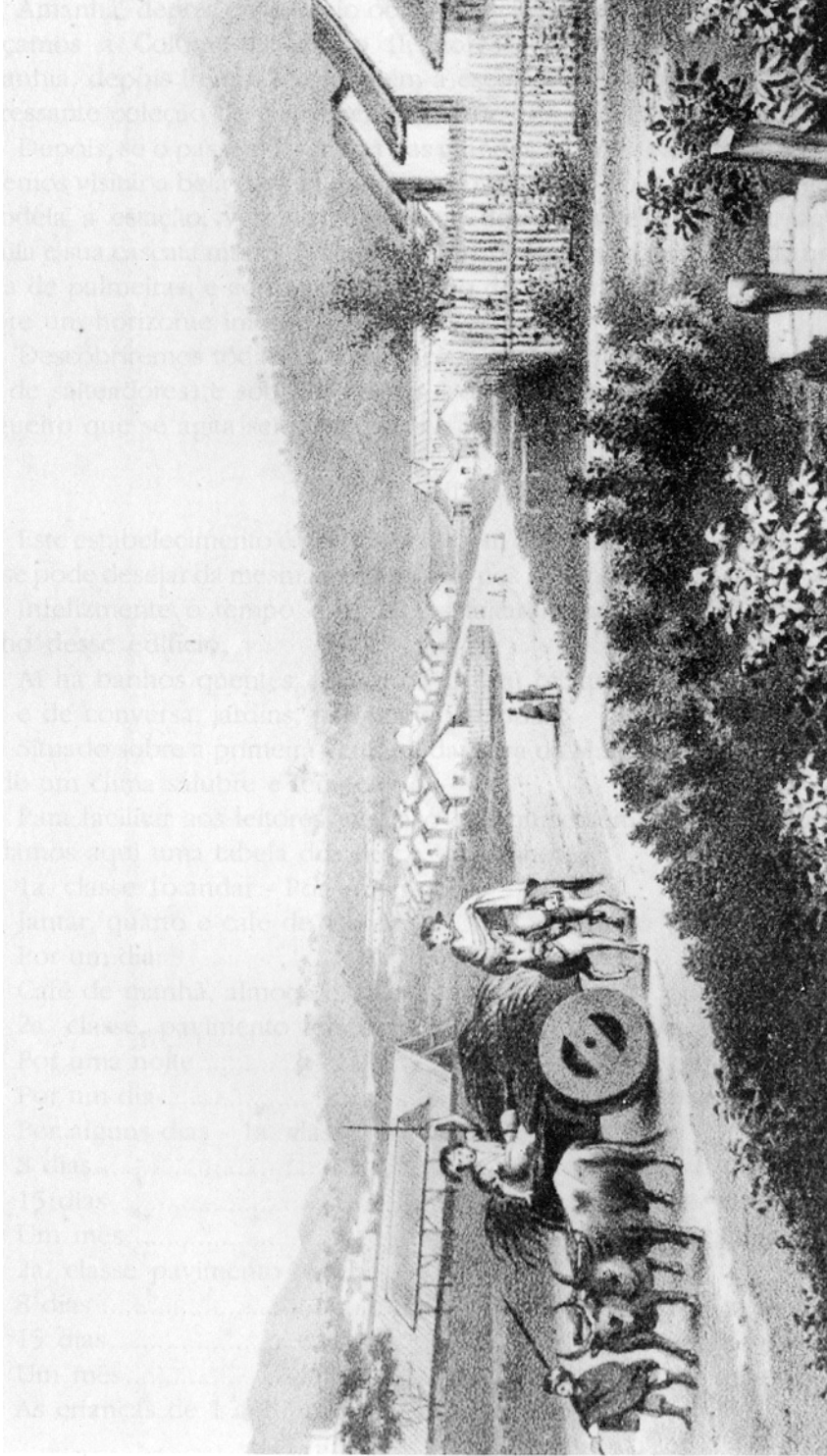
*. No fim deste pequeno livro damos uma nota particular a respeito deste hotel.



RETRATO DE MARIANO PROCÓPIO FERREIRA LAGE



JUIZ DE FORA - QUINTA DO COMENDADOR LAGE



JUIZ DE FORA - COLÔNIA PEDRO II

Amanhã, depois do passeio obrigatório nos jardins do sr. Lage, não esqueçamos a Colônia D. Pedro II, florescente aldeia fundada pela companhia, depois iremos ver também a escola agrícola com sua curiosa e interessante coleção de instrumentos aratórios e seus animais raros.

Depois, se o passeio à sombra das grandes árvores tem atrativos para vós, iremos visitar a bela cascata que forma o fundo do quadro da paisagem que rodeia a estação; veremos o bosque dos Príncipes com sua lagoa tranquila e sua cascata murmurante; o bosque da Imperatriz no meio de uma floresta de palmeiras, e como remate o alto do Imperador, de onde paira-se sobre um horizonte imenso.

Descobriremos todas as ramificações da *Mantiqueira* (antigamente couro de saltadores) e sob nossos pés, como infinitamente pequenos, o formigueiro que se agita sem ruído sob o nome de Juiz de Fora.

HOTEL UNIÃO ⁽⁴²⁾.

Este estabelecimento é um dos mais bem organizados, acha-se aí tudo o que se pode desejar da mesma maneira que nos melhores hotéis da Europa.

Infelizmente o tempo e os meios faltaram-me para dar aqui um desenho desse edifício.

Aí há banhos quentes, frios e de chuva, bilhares, piano, salões de leitura e de conversa, jardins, parques e varandas.

Situado sobre a primeira vertente da serra da Mantiqueira, esse lugar goza de um clima salubre e temperado.

Para facilitar aos leitores, no caso que quizessem ali passar alguns dias, damos aqui uma tabela dos preços desse hotel:

1a. classe 1o. andar - Por uma noite:	
Jantar, quarto e café de manhã	5\$000 por pessoa.
Por um dia:	
Café de manhã, almoço e quarto	6\$000 por pessoa.
2a. classe, pavimento térreo:	
Por uma noite	4\$000
Por um dia	5\$000
Por alguns dias - 1a. classe. 1o. andar:	
8 dias	5\$500 por pessoa.
15 dias	5\$000 por pessoa.
Um mês	4\$500 por pessoa.
2a. classe pavimento térreo:	
8 dias	4\$500 por pessoa.
15 dias	4\$250 por pessoa.
Um mês	4\$000 por pessoa.
As crianças de 1 a 10 anos pagam meio preço.	

DO RIO DE JANEIRO A PETRÓPOLIS POR ENTRE-RIOS ⁽⁴³⁾.

ESTRADA DE FERRO DE D. PEDRO II.

A estação é situada no campo de Sant' Ana, há tálburis do interior da cidade para conduzir os passageiros, o preço é de 500 réis; os carros de 4 rodas custam 2\$000.

Também há bondes que tomam-se no largo de São Francisco de Paula, custam 200 rs. por pessoa daí até a estação.

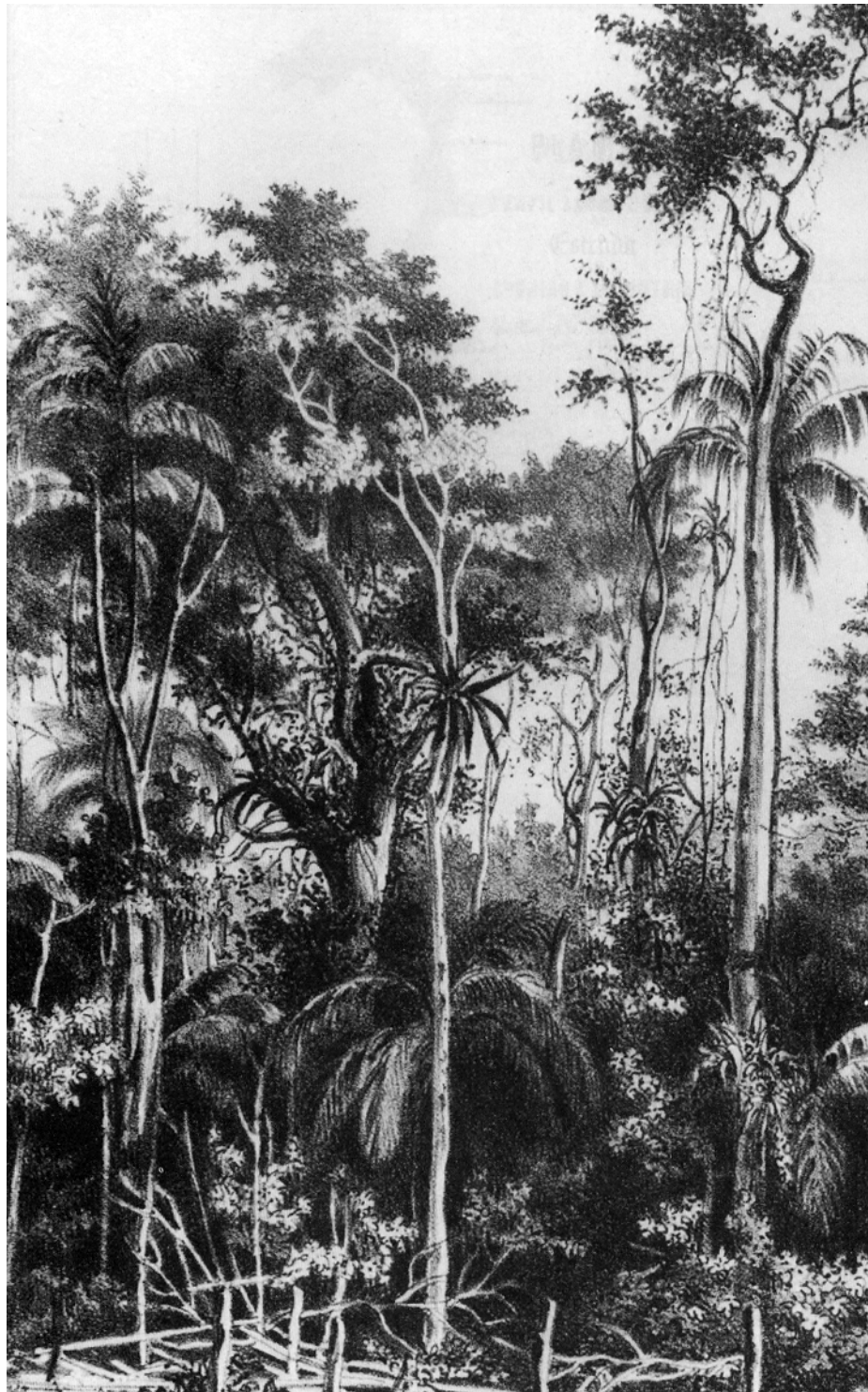
Os trens do caminho de ferro partem todos os dias às 6 horas da manhã; nos sábados há trens de passeio que partem ao meio-dia.

Os preços das passagens acham-se nas tabelas colocadas na sala de espera.

Em Entre-Rios o trem para uma hora para que os viajantes possam descansar e almoçar.

Um hotel perfeitamente organizado corresponde a todas as necessidades das pessoas que querem ir até aí.

Para os que devem ir adiante, isto é: a Juiz de Fora ou a Petrópolis a diligência sai a meia hora depois do meio dia para chegar a um ou outro lugar do destino pelas 6 horas da tarde.



BOSQUE DA IMPERATRIZ

NOTAS

1. Hoje Praça Mauá.
2. Tilburi - viatura ligeira, puxada por um só animal, com lugar para um único passageiro ao lado do cocheiro - inventada por um segeiro inglês, George Tilbury, por volta de 1818. Os primeiros veículos deste tipo que rodaram no Rio de Janeiro em 1846, eram pintados de amarelo, tendo dentro de uma elipse, o monograma do seu inventor - G.T. Mas o povo, na ignorância da origem da pequena viatura, associou as iniciais ao nome do Padre Guilherme Tilbury, que vivia entre nós desde antes do Independência - e passou a denominá-lo *Carrinho do Padre Tilbury*. Era um meio de condução rápido e barato, muito usado por médicos e parteiras.
3. Alcindo Sodré, no *Anuário do Museu Imperial*, v. VI p. 208/9, divulga no trabalho "Um Médico da Monarquia" - uma caricatura da *Semana Ilustrada*, quando Jobim, viajando na 3a. classe da Estrada de Ferro D. Pedro II, foi obrigado pelo guarda a tirar os sapatos.
4. A altitude de Petrópolis   de 1.015 m, segundo placa chumbada na porta do Palácio Amarelo, onde funciona a Câmara dos Vereadores - com os seguintes dizeres: "Referência de nível - /não destruir / altitude 1015 A / protegido pela Lei / Conselho Nacional de Geografia." Mas há outra placa semelhante em frente   Prospec, no Bingen (R. Dr. Paulo Hervé, 1162) com a indicação de 1.018 A.
5. Vide nota 14 da obra de Taunay, *Viagem Pitoreca a Petrópolis*.
6. Ainda hoje se encontram em Petrópolis carros de cavalo para passeio. Embora o letreiro oficial indique *charretes*, os carros, na verdade, são *vitórias*, nome que se vulgarizou por ter sido usado a partir do reinado da rainha Vitória.
7. Uma coleção das fotos a que se refere Klumb foi adquirida pelo Museu Imperial a um colecionador particular. Nem sempre o litógrafo conseguiu interpretar a fotografia, acrescentando personagens que não constam das fotos e colocando-os em locais impossíveis de se encontrarem.
8. A partida se dava do Hotel Inglês, se localizava na esquina das atuais ruas Paulo Barbosa e Dr. Porciúncula.
9. Irineu Evangelista de Souza, barão de Mauá, título que recebeu em 1854 por ocasião da inauguração da Estrada de Ferro de Petrópolis, que partia exatamente do porto de Mauá. Foi elevado a visconde com grandeza do mesmo título em 1874. Foi fazendeiro no município, pertencendo-lhe a fazenda de Santo Antônio e também proprietário da cidade, tendo adquirido em certa época o prédio em que hoje funciona a secretaria municipal de Obras. (vide nota 51 da cit. *Viagem Pitoresca*). Sobre o palacete aqui citado vide nota 38 do mesmo trabalho.
- 10 - Residia o então ministro da Rússia, Dimitri de Glinka, no in cio da Westfália, no prédio que viria a se celebrar como residência do barão do Rio Branco e onde seria assinado o tratado de Petrópolis. Vide *Iconografia* cit. p. 138. No prédio funciona a secretaria municipal de Planejamento.
11. Hoje limite do primeiro distrito do município. A denominação de *Retiro de São Tomás e São Luís* foi atribuida por Pedro Gonçalves Dias (pai do 1  vigário de Petrópolis)   fazenda que limitava com as terras imperiais. O herdeiro da propriedade, Tomás de Gonçalves Dias Goulão (filho de Pedro) teve várias

questões de limites com a fazenda imperial.

12. A *Cascatinha* recebeu o nome de cascata de Bulhões em homenagem a prof. Pedro Taborda de Bulhões.

13. A fazenda da Samambaia, cuja casa ainda permanece conservada, foi propriedade do 1º vigário de Petrópolis, o cônego da Capela Imperial, Luís Gonçalves Dias Correia, que a herdara dos pais, Pedro Gonçalves Dias (vide nota 11 acima) e Brites Maria da Assunção (esta, irmã do célebre padre Correia). Limitava-se pelo Piabanha - na chamada ponta dos Pinheiros Velhos - com a propriedade do irmão Tomás, o Retiro de São Tomás e São Luís, onde havia uma ponte ligando as duas fazendas.

14. D. Pedro I foi grande frequentador da fazenda dos Correias. Sua primeira estada aí foi no ano da Independência, quando de sua viagem a Minas, cujo quarto então ocupado, a tradição ainda conserva. Em 1972, comemorando o sesquicentenário dessa estada, inaugurou aí o Instituto Histórico de Petrópolis o seu retrato. De 1856 a 1865 arrendou a Cia. União e Indústria o solar dos Correias, fazendo aí a sua primeira estação de muda (v. Antônio de Machado - "Correias - Resenha de sua origem e evolução" - *Centenário de Petrópolis*, cit. v. IV, p. 150).

15. A "linda cascata", (o verdadeiro "poço do Imperador"), aqui reproduzida, fica na propriedade da família César Lopes, ao fundo do restaurante Chico Veríssimo, à rua Agostinho Goulão, 632. O local, chamado popularmente de *poço do Imperador* - que não é, evidentemente, este que aqui está - fica mais acima e não tem a beleza desta queda d'água.

16. Antônio Maria de Oliveira Bulhões, já cit. era o chefe das obras da Cia. União e Indústria.

17. O rio Santo Antônio corta a fazenda do mesmo nome, que pertencera a um irmão do padre Correia, o dr. Agostinho Correia da Silva Goulão.

18. A capelinha de Itaipava, deu origem ao cemitério de Itaipava.

19. A cascata chamada *Salto*, denominação que se perdeu.

19^A. Ficava a estação da Posse na confluência das estradas União e Indústria e Silveira da Mota.

20. Aparecida, fica hoje no distrito de Itaipava.

20^A. A ponte da Posse faz hoje a divisa entre os municípios de Petrópolis e de Areal.

21. Areal, antigo distrito de Três Rios, é hoje município autônomo. Seu nome provém de um grande *areal* existente no local.

22. Guilherme Benjamin Weinschenck (1810-1878) nascido em Uslar, na Alemanha, e falecido na sua fazenda, em Areal, em cujo cemitério está enterrado. Avô de Guilherme Weinschenck, que foi prefeito de Petrópolis.

23. O filho do major Koeler, Rodrigo de La Mare Koeler, conforme sua assinatura, era capitão da Guarda Nacional, tendo lutado no Paraguai, quando teve oportunidade de assistir a rendição de Uruguaiana. Recebeu a patente de major honorário do Exército.

24. *La Lisette*, cançoneta francesa. Música e letra de Frédéric Berat, divulgada por Beranger.

25. Louis Agassiz, cientista suíço naturalizado norte-americano. Visitou o Brasil em 1865/66. Juntamente com a esposa, Elisabeth Cary Agassiz, escreveu uma obra sobre a sua viagem.

Notas

Vide ainda, a propósito das ligações com D.Pedro II, David James "O Imperador do Brasil e seus amigos da Nova Inglaterra", *Anuário do Museu Imperial*, v. XII, p. 13.

26. Luís Gomes era o fazendeiro no local, nessa ocasião. Hoje é a estação de Hermogênio Silva.

27. Hoje chama-se Três Rios, distrito destacado de Paraíba do Sul.

28. Baronesa de Entre-Rios, Claudina Pereira de Jesus, já viúva do 1º barão, Antônio Barroso Pereira, (falecido em 1862).

29. Vide nota nº 4.

30. José Antônio Barroso de Carvalho, barão e visconde com grandeza do Rio Novo, falecido no Rio de Janeiro em 1869. A viscondessa viúva foi elevada a condessa em 1880.

31. O barão do Piabanha chamava-se Hilário Joaquim de Andrade, seu primogênito chamava-se Antônio José Pinto de Andrade.

32. Serraria, hoje município de Comendador Levi Gasparian.

33. O nome do bandeirante abridor do Caminho Novo de Minas é Garcia Rodrigues Pais.

34. Estrada das Flores. Hoje leva a Rio das Flores (daí o seu nome), no município de Valença.

35. Teófilo Ottoni.

36. Aliás Matias Barbosa.

37. Simão Pereira, hoje município de Minas Gerais.

38. José Antônio da Silva Pinto, Barão de Bertioiga em 1861.

39. Matias Barbosa, como já foi dito.

40. Engano do Autor. O rio é o Paraíbuna.

41. Ainda existente. Fica em frente ao Museu Mariano Procópio.

42. Dirigido por Jorge Beresford, (segundo Cameron), proprietário em Petrópolis do Hotel Grão Pará.

43. Hoje Três Rios, como já foi dito.

PETROPOLIS



GUIA DE VIAGEM

POR

J. Tinoco

RIO DE JANEIRO

Typographia de L. Winter, rua do Hospício n. 91

1885

Reprodução da folha de rosto da obra de Tinoco

Dim.: 15,5 x 11 cm.

Na qualidade de correspondente do *Jornal do Comércio* coube-me ainda uma vez a honra de acompanhar Suas Altezas na viagem que fizeram às províncias do Sul e chegando a Petrópolis de volta dessa viagem no dia 14 de março do corrente ano ocorreu-me a idéia de fazer o trabalho que ora aparece. É um *Guia*, cuja utilidade é tão notória que, em falta de melhor, creio será ele de proveito.

Quem tiver a complacência de o ler apreciará a necessidade que houve de consultar diversos trabalhos para levá-lo a termo, o que me foi mui penoso porque geralmente é mais difícil obter dados e informações do que fazer obra própria.

Obedecendo ao velho preceito, *bien choisir parmi les vieilles choses c'est presque inventer des choses nouvelles*, julgo ter feito trabalho útil e digno de Petrópolis.

J.TINOCO

Rio, novembro 1885

GUIA DE PETRÓPOLIS

MEIOS DE TRANSPORTE

Agradáveis conduções tem o viajante para ir do Rio de Janeiro a Petrópolis, por mar e por terra. O ponto inicial da viagem é na estação da Prainha, antigo trapiche Mauá, onde trata-se de fazer nova ponte para embarque ⁽¹⁾. Há duas barcas para o serviço denominadas *Príncipe do Grão-Pará* e *Petrópolis*, que fazem a travessia da baía de Guanabara em pouco mais de uma hora, estando pronta a nova barca *Itamarati* que deve chegar dos estaleiros do Clyde no fim de dezembro e fazer, segundo o contrato, a viagem da Prainha a Mauá em 45 minutos. São cômodas e apropriadas a esse serviço, havendo nelas um restaurante que procura bem servir aos passageiros, mesmo os mais exigentes ⁽²⁾.

Os preços das passagens constam da competente tabela às pp. 81 e 82 ^(*).

A viagem é agradabilíssima pela baía. De um completo trabalho publicado ultimamente pelo sr. major Augusto Fausto de Sousa ⁽³⁾ pode-se dar circunstanciada notícia da majestosa baía. Dele extraímos, com a

(*) Nesta ed. págs. 241 e 242.

devida vênia, o seguinte: Há um ponto no Universo, onde a mão do Criador parece haver-se esmerado em reunir o maior número de belezas, acumulando nele tudo o que pode encantar os olhos e arrebatá-lo o espírito. É a esplêndida baía do Rio de Janeiro, a sem rival (na frase de milhares de viajantes).

Sua posição geográfica, felicíssima, aponta-a como forçosa escala e obrigada paragem de descanso e refrigério a toda a navegação e comércio, entre a Europa e Pacífico, entre o norte e o sul do continente americano. E essa mesma posição afortunada, a vastidão, segurança e fundo de seu ancoradouro, a formidável defensiva de que é suscetível, o enorme movimento que nele se opera, quer por navios de alto porte e longo curso (entre os quais paquetes para todas as cidades importantes) quer por vasos menores de navegação costeira, quer ainda por pequenos vapores e barcos que circulam a todo o momento para o litoral, a imensa riqueza dos artigos transportados por esses milhares de navios nacionais e estrangeiros, a variedade e beleza dos panoramas que apresentam suas ilhas, enseadas e montanhas que a orlam, a opulenta vegetação que matiza suas montanhas e várzeas adjacentes, a inesgotável abundância de peixes das espécies mais variadas e saborosas, são outros tantos motivos para encherem-na de orgulho e lhe firmarem a supremacia em todas as baías e portos conhecidos do globo terrestre.

São decorridos quatro séculos que a baía do Rio de Janeiro foi desvendada aos olhos do mundo civilizado; desde então tem sido ela visitada por um número incalculável de viajantes, exploradores, negociantes, naturalistas e curiosos; têm sido sulcadas suas águas pelas caravelas e bergantins dos descobridores, pelos comboios e galeões dos tributos e do comércio, pelas esquadras de todas as nações guerreiras, pelas expedições científicas dos Solis, Magalhães, Roggewein, Cook, Byron, Bougainville, Roussin, Freycinet, Dumont d'Urville e Mouchez, pelos sábios Saint-Hilaire, Darwin, d'Orbigny, Dénis, Neuwied e Agassiz. Todos têm prestado a sua homenagem de admiração e entoado hinos de louvor a tal maravilha.

Entretanto, forçoso é dizê-lo, poucos brasileiros conhecem bem o verdadeiro valor desse mimo com que a natureza dotou a sua terra! A não serem os pescadores e caieiros da margens e das ilhas, que apenas se importam de explorar com as redes a perene riqueza de seu fundo, ou os catraieiros que conduzem para o mercado a lenha, os víveres e as frutas do litoral, bem poucos entre nossos patrícios podem avaliar a baía que todo o mundo admira, limitando uns o seu trajeto à carreira da barca entre a corte e Niterói, avançando outros mais amantes de excursões até à estação de Mauá ou à festa de S. Roque em Paquetá; a maior parte, porém, apenas conhece o panorama que se desfruta do terraço do Passeio Público ou das praias de Santa Luzia e de Botafogo.

É do alto do Corcovado que se pode admirar a beleza da baía. Perante

vós desvenda-se o mais grandioso espetáculo que é dado gozar a olhos mortais! A um lado a esplêndida baía, a grande cidade imperial com seus risonhos contornos; em frente a formosa Niterói, meio oculta entre as montanhas ⁽⁴⁾; no centro a multidão de graciosas ilhas, a floresta de mastros dos navios surtos no porto, os vapores sulcando as ondas em todas as direções, ao fundo a linha de serras circundando a colossal baía; do outro lado as ilhas situadas fora da barra e um horizonte imenso, limitado ao longe pela abóbada celeste e tudo isto coroado pelo céu do mais sereno azul que fez exclamar o nobre índio Aimbiré da *Confederação dos Tamoios*:

Terras em que eu nasci, como sois belas!
Como és formoso, oh céu da Guanabara!
Mais azul do que as penas da araruna!

A baía do Rio de Janeiro é também chamada de Niterói (água escondida) na opinião de Aires do Casal e do dr. Batista Caetano e Guanabara, Ganabara ou Guaná pará (seio de mar) segundo Varnhagen. Está ela situada na lat. S. 22° 54' 24" e 0° 0' 0" long. O. do meridiano do Imperial Observatório do Rio de Janeiro, colocado no morro do Castelo da mesma cidade. Sua maior extensão, contada da ponta de S. João à foz do rio Magé, é de 30 quilômetros (5,5 léguas marítimas); a máxima largura entre as bocas dos rios Meriti e Macacu de 28 quilômetros e a circunferência acompanhando o contorno das praias de 140 quilômetros ou aproximadamente 25 léguas.

A entrada da barra tem apenas um e meio quilômetros de largura e esta ainda se divide em duas partes desiguais, das quais a maior de 900 metros, entre a Lage e Santa Cruz, é a única praticável por sua grande profundidade e segurança, ao passo que a outra entre a Lage e S. João, é perigosíssima à navegação por causa dos recifes e forte arrebentação.

Entrando a barra e seguindo até a ilha das Cobras notam-se como que duas baías distintas; uma que vai até esta ilha e ponta da Armação e outra que começando ali se prolonga de sul a norte alargando-se mais para a esquerda. A primeira é a que tem maior profundidade e é nela em que melhor se sentem as ações do fluxo e refluxo das marés, principalmente nas praias do Flamengo, Glória, Santa Luzia, Flechas e de Icaraí, fronteiras à barra. Na segunda baía, muito mais vasta e melhor abrigada dos ventos e correntes, é onde desaguardam muitos rios e nela são mais tranquilas as águas, o que se explica facilmente. O volume das águas que durante o fluxo entram pela estreita barra tem de espriar-se em uma superfície vastíssima e em tempo limitado, daí provém que a força da correnteza dividindo-se à proporção que avança para o fundo da baía, sua influência é já muito dinâmica quando chega à Ilha do Governador, além da qual dificilmente se propagará não só por causa das muitas ilhas, coroas e bancos que aí existem, como porque a esse

tempo já tem passado o período da enchente e começado na barra o da vazante.

Convém dizer que a baía tem os nomes de Guanabara e Niterói, aplicando-se este à margem oriental e aquele à ocidental. Outras considerações fazem crer que aquela primeira denominação se refere ao seio mais largo e interior onde existem quase todas as ilhas e desaguam os rios mais consideráveis e a segunda à parte da baía que fica entre as duas cidades. Varnhagem é de opinião que ela deveria chamar-se baía de Macacu, por causa de ser esse rio o mais importante tributário dela.

O aspecto da baía, quando se entra, é o de uma prisão cercada de montanhas, das quais descem muitos riachos e córregos, tornando-se alguns em rios, sendo os de mais importância em número de 17. Entre outros deve-se citar o Guaxindiba, em cujas margens encantadoras estiveram em 1815 o príncipe Maximiliano de Neuwied e seus companheiros os sábios Sellow e Freireyss. Diz o major Augusto Fausto que foi aí que Sellow, em honra à marquesa de Belas, dera o nome de begônia Belas à formosa trepadeira hoje mui vista em jardins e cujas flores, dizia ele, *brillaient de l'éclat de la flamme*. O rio Guaxindiba limita as duas comarcas de Niterói e Itaboraá; o rio Macacu, Macucu, segundo Gabriel Soares, ou como pensa o barão de Capanema, Mbocucu, nome de um marisco abundante no lodo, é o mais caudaloso que desagua na baía, importantíssimo pelas relações comerciais que mantiveram outrora seus portos com a praça do Rio de Janeiro, sendo que mais tarde adquiriu triste celebridade por causa de umas febres de caráter palustre que ainda conservam o nome de febres de Macacu; o Magé ou Magepe, segundo Pizarro, cujas margens são belas; o Guapi ou Aguapeí-Mirim que faz divisa entre os municípios de Itaboraá e Magé; o Inhomirim ou rio da Estrela, notável por uma cascata de 44 metros de altura e 20 de largura sobre imensa bacia escavada na rocha e por ter sido nele que pela primeira vez na província e talvez no Brasil houve navegação fluvial por vapor diariamente estabelecida pela Companhia Niterói e Inhomirim pelo decreto de 27 de maio de 1840, assim como nas pontes lançadas sobre suas margens ouviu-se o sibilo da primeira locomotiva que percorreu terra brasileira, tendo sido junto ao porto da Estrela que nasceu Luís Alves de Lima, duque de Caxias; o Iguaçu, cuja importância comercial outrora foi notável; o Meriti, cujo único valor consiste em marcar o limite norte do território da corte do Império, separando-o do município de Iguaçu; o Irajá, perto de cujas margens jazem as ruínas do antigo palácio episcopal e muitos outros como o Maracanã, Trapicheiro, Andaraí e o afamado Carioca, cujas águas descem do morro do Corcovado pelo aqueduto construído por ordem de Gomes Freire de Andrada. Este rio era chamado pelos tamoios rio sagrado, cuja virtude e excelência das águas eram consideradas favoráveis à beleza das mulheres bem como à voz dos cantores. Perto da foz deste rio existiu a primeira casa

de pedra da cidade do Rio de Janeiro, a qual ficou marcando o limite sul da sesmaria concedida por Mem de Sá em 1567 para patrimônio da câmara da nascente cidade de São Sebastião, sendo talvez por causa desse limite que ainda hoje são conhecidos por *cariocas* os naturais do município neutro e com especialidade os das freguesias urbanas.

Há na baía de Guanabara mais de 80 ilhas, quase todas situadas na parte mais ampla e onde as águas são mais calmas. Algumas são conhecidas por mais de uma denominação, umas isoladas, outras desertas, dispostas em grupos estas, habitadas aquelas, cobertas de vegetação ou formadas de grandes pedras e escavadas, mas todas concorrendo para justificar o que disse Manuel de Araújo Porto-Alegre no final de suas *Brasilianas*:

Cansada está minha alma, estão meus olhos
De tanta majestade! Eu te agradeço.
Oh! destino feliz, que me guiaste
A este panorama!

Partindo o viajante da Prainha vê à esquerda a ilha de Santa Bárbara, em frente à Gamboa, chamada antigamente ilha das Pombas, nome mudado para o atual porque em 1761 o conde da Cunha mandou ali edificar dois depósitos de pólvora sob a proteção de Santa Bárbara; à direita a ilha das Cobras, outrora da Madeira, porque dela muito se tirava, importantíssima pela sua posição e pelos edifícios que tem. Situada à leste da ponta do arsenal de Marinha, do qual se separa por um canal de 15 a 20 metros de profundidade e 110 na menor largura, a ilha tem 800 metros de extensão sobre 300 de largura. Pertenceu a João Guterres que em 1589 vendeu-a por 15\$300 a fr. Pedro Ferraz, fundador do mosteiro de S. Bento, sendo hoje propriedade do Ministério da Marinha, que ali tem o hospital, o quartel do batalhão naval, várias repartições e dois diques cavados na rocha viva; a ilha das Enxadas, ao norte da das Cobras, notável pela pedreira, donde se extraiu a pedra para a construção da igreja do Carmo na rua Primeiro de Março. Serviu ultimamente de trapiche e depósito de carvão de pedra, tendo sido comprada para esse fim mediante a exorbitante soma de 1.500:000\$000; funciona aí atualmente a Escola de Marinha. Pouco adiante da ilha das Enxadas existem as célebres *Feiticeiras*, assim chamadas pedras que se prolongam desde aquela ilha até grande distância, mais conhecidas pelo receio que delas têm os comandantes de vapores que entram no porto.

Prosseguindo a viagem ainda se avistam à esquerda as ilhas da Pombeba e dos Ferreiros sem grande importância; a de Sapucaia, notável por ser o depósito do lixo que é apanhado nas ruas da cidade para ser queimado; a do Bom-Jesus, Caqueirada ou dos Frades importante pela sua extensão de 2,5 quilômetros de comprimento de oeste a leste, e pelos

edifícios do edifícios do asilo dos Inválidos da Pátria, inaugurado com toda a solenidade a 29 de junho de 1868, no qual há um museu militar com muitas bandeiras, armas e outros troféus de vitórias do exército brasileiro, vendo-se na capela o corpo embalsamado do legendário general Osório ⁽⁵⁾. A denominação de Caqueirada refere-se à parte mais larga e habitada à oeste da ilha. Esse nome proveio do fato que se deu em janeiro de 1838, em que uma quadrilha de salteadores assassinou barbaramente um pobre velho chamado Antônio Gonçalves Liberal, que nada possuía. Os grupos de pedras, denominadas Ubus, onde encalhou ultimamente o cruzador *Almirante Barroso*, e da Passagem, e pouco depois a ilha Seca, bela e cheia de vegetação, pelo que - segundo Pizarro - melhor lhe assenta o nome de ilha Sécia. A do Governador, conhecida por *Paranapuã* dos indígenas, *Maracajá* ou do *Gato Bravo* dos primeiros portugueses, a *Isle Grande de Laet*, depois dos *Sete Engenhos* e finalmente do *Governador*, por ter sido propriedade de Salvador Correia de Sá. Tem 13 quilômetros de comprimento sobre 5 a 6 de largura e mais 40 de circunferência. Os frades beneditinos têm parte da ilha que lhes fora doada em 1695 pelo capitão Manuel Fernandes Franco. Por ocasião da vinda da família real ao Brasil em 1808, o abade fr. João da Madre de Deus mandou preparar uma casa para hospedar o príncipe d. João e uma tapada para o mesmo divertir-se na caça; esse príncipe tinha prazer em assistir as solenidades religiosas do convento, pelo que Porto-Alegre referindo-se à ilha disse:

Qual um tronco adornado de folhagens,
Boiar parece a grandiosa ilha,
Que do Governador conserva o nome,
O machado cruel ceifou seus bosques,
Que outrora um galeão no mar lançaram.
Alveja-lhe no centro o grão mosteiro
Dos filhos de S. Bento hospitaleiros.
De seus claustros na terra americana
Mafra ilusória o Rei João Fazia.

O imperador d. Pedro I visitou também essa ilha, cuja lavoura, outrora tão florescente, está quase aniquilada pelo flagelo das formigas, consistindo hoje a principal indústria no fabrico de cal, telhas e tijolos, extração de madeiras e lenha. A ilha d'Água, à leste da do Governador, tendo a forma de um quadrado de 320 metros, é notável pelo espesso arvoredado que conserva uma nascente de excelente água potável, donde se origina seu nome. A das Palmas em frente à matriz da do Governador; pouco adiante as do Aroeira, Milho, de forma circular, Rijo, rodeada de pedra, um pouco alta, tendo sido indicada pelo dr. Liais, em consequência de sua área e posição, para ser nela edificado o observatório astronômico, que tem de ser

mudado do morro do Castelo mais tarde ou mais cedo; as de Viparonga e Nhanquetá ou Anhangaitá, sem maior importância; a do Boqueirão ou dos Coqueiros, ao norte da do Governador, comprada pelo Ministério da Guerra em 1872 a Antônio Carlos da Silva Pinto por 28:000\$000 para serem aí construídos os depósitos de pólvora e munições de guerra, que foram inaugurados em 1874, cessando de então o perigo de existirem esses depósitos na ilha de Santa Bárbara perto dos bairros da Gamboa, Saúde e Prainha, é ela separado da do Governador por um canal de 115 braças de largura, no qual há fundo para navios de guerra de grande calado, tem água potável, muito arvoredo frutífero, casa de morada, três grandes paióis, dois dos quais pertencem ao Ministério da Guerra e um ao da Fazenda. Goza essa ilha da fama de muita produção de coqueiros vindos de Pernambuco, há mais de 70 a 80 anos. Grupos de pedras e ilhotas sem importância, entre as quais a Rachada, composta de duas pedras afastadas dois metros uma da outra e que pelas faces planas, que se opõem, supõe-se ter sido uma pedra cortada por um raio. A de Paquetá, a risonha e poética, a mais bela da baía de Guanabara, e a maior depois da do Governador tem 2,5 quilômetros de comprimento sobre largura mui variável. É ela hoje deliciosa vivenda para aqueles que procuram saúde e tranquilidade. A beleza dos panoramas e a salubridade do terreno tem sido decantadas desde 1832, época em que para ali foi desterrado o patriarca José Bonifácio, existindo lindíssimas pinturas de vários pontos dela. Do que se tem escrito basta lembrar que o dr. J. M. de Macedo fê-la teatro das belíssimas cenas do seu conhecido romance *Moreninha*. Manuel J. Gonçalves Júnior descrevendo-a exprime-se assim:

Surgindo d'água à flor, coberta de verdura,
O mar em torno dela, assim brando murmura:
- Tu és de Guanabara a mais formosa filha.
Nenhuma, como tu, no seu regaço brilha
Tão bela e tão gentil, oh Paquetá saudosa!
Eu mesmo nos vaivéns da luta porfiosa
Ao ver o solo teu coberto de verdores
Em ti penso beijar a Ilha dos Amores!

Ao fundo da baía à esquerda e em frente da capela da Guia há a ilha do Limão, rodeada de recifes, à que também se dá o nome de Simão de Pacobaíba.

Em toda a extensão norte da baía descortina-se a altaneira serra dos Órgãos, assim chamada por mostrar uma série de pontas ou picos inacessíveis, os quais vistos ao longe se assemelham aos canudos de um órgão, dentre os quais destaca-se singular pedra, que por parecer uma das mãos fechada com o dedo indicador apontando para o céu é denominada *Dedo de Deus*. Dessa alcantilada serra avistam-se o Corcovado com 712

metros de altura sobre o mar e mais longe o bico do Papagaio, ponto culminante da serra da Tijuca, situado a 1.025 metros segundo o Anuário do Observatório.

Chega o viajante ao termo da viagem por mar avistando o porto de Mauá, situado entre as duas capelas da Guia (antiga Ermida de Santa Margarida) à esquerda e dos Remédios à direita. Daí a viagem é por via férrea. Começando no porto de Mauá a primitiva Estrada de Ferro de Mauá, a primeira que se inaugurou no Brasil e na América do Sul ⁽⁶⁾, percorria, sem vencer dificuldades, terrenos pouco acidentados até a Raiz da Serra da Estrela. A bitola era de 1,68m., a declividade máxima de 1,25%, o raio mínimo das curvas 290,32m., tendo zona privilegiada de 20 quilômetros ao lado.

Por decreto nº 987 de 12 de junho de 1852 o governo concedeu privilégio por 10 anos para navegação a vapor entre a cidade do Rio de Janeiro e o Porto da Estrela, donde começaria a construção de uma estrada de ferro até a Raiz da Serra, que foi concedida pela província a 27 de abril do mesmo ano. O concessionário da estrada foi o cidadão Irineu Evangelista de Sousa, barão e mais tarde visconde de Mauá com grandeza ⁽⁷⁾.

A Companhia teve os estatutos aprovados por decreto nº 1.101 de 29 de dezembro de 1852; os trabalhos de campo foram encetados a 29 de agosto do mesmo ano, entregando-se ao tráfego a 30 de abril de 1854 a 1ª seção, sendo inaugurado o trecho, que restava, em 16 de dezembro de 1856.

O decreto nº 2.464 de 19 de setembro de 1860 aprovou os novos estatutos e ampliou por 30 anos o prazo do privilégio anteriormente fixado em 10. O marcado no privilégio concedido pelo então presidente da província Luís Pedreira de Couto Ferraz, depois visconde do Bom Retiro, em 27 de abril de 1852, foi prorrogado por mais 70 anos em 21 de fevereiro de 1883.

É esta a via férrea primogênita do Brasil e da América do Sul ⁽⁸⁾, a patriarcal Estrada de Ferro de Mauá, cujo nome desapareceu para ser batizada como a Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará. Assim transformada ela parte do porto de Mauá, galga o vale e serra da Estrela, vai a Petrópolis prolonga-se até S. José do Rio Preto. Foram concessionários os srs. Calógeras e Berrini, mas dela já havia falado prestante cidadão visconde de Mauá no dia 1º de dezembro de 1852, dizendo que uma estrada de ferro, que se dirigisse pelo vale do Rio Piabanha ao do Paraíba era o projeto mais racional de quantos se agitavam no Império sobre este importante assunto, em referência aos produtos do país no que toca às províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Pois bem, esta estrada está feita, é hoje realidade o projeto de visconde de Mauá, esse notável brasileiro que tem seu nome ligado aos mais importantes melhoramentos deste país.

A estrada partindo do porto e estação de Mauá, situada a 4 metros sobre o nível do mar desenvolve-se por planícies paludosas, cortadas pelos

rios Caioaba e Inhomirim e passando pela segunda estação denominada de Inhomirim vai ter à da Raiz da serra da Estrela no quilômetro 16.100 e na altitude de 44 metros sobre o mar, não excedendo de 1,25% a mais áspera das suas rampas.

Nada há que amenize a travessia de Mauá à Raiz da Serra senão o estabelecimento da fábrica da pólvora situada à esquerda e pouco antes da Raiz.

Em 1824 reconhecida a falta de proporções da fábrica da pólvora à margem da lagoa Rodrigo de Freitas, criada por decreto de 8 de maio de 1808, a inconveniência do seu estabelecimento em lugar próximo à cidade do Rio de Janeiro, tratou o governo de transferi-la para localidade mais conveniente. Foi então escolhido o lugar denominado Raiz da Serra, a 2 léguas da então florescente Vila da Estrela, abrangendo as fazendas do Velasco, Cordoaria e Mandioca, pertencentes a José de Azevedo Lemos, coronel João Antônio da Silveira Albernaz e Jorge Langsdorff. Foram a primeira e a terceira adquiridas por compra e a segunda por desapropriação, visto não ter o respectivo proprietário querido entrar em acordo com o governo. Houve o maior critério na escolha da localidade, fazendo-se a mudança da fábrica a 14 de outubro de 1867.

A fundação da atual fábrica foi confiada em 1831 ao inteligente major Manuel Pardal, que dirigia a da lagoa Rodrigo de Freitas, desde que o brigadeiro Napion que a fundara, havia deixado a sua direção.

A primitiva Fábrica de Pólvora da Estrela sofrera diferentes reformas em 1832, 1833, 1835 e 1840; só em 1849 sob a inteligente direção do conselheiro Manuel Felizardo ⁽⁹⁾ se tratou de emendar os erros cometidos anteriormente, trabalho cabalmente dirigido pelo conselheiro barão de Capanema ⁽¹⁰⁾, então ainda, jovem, que apenas concluía seus estudos. As oficinas foram reunidas em um recanto do estabelecimento entre as margens dos rios João Antônio e Caioaba, aproveitando-se as águas daquele para mover as diversas máquinas. Foram feitas importantes obras de arte, como sejam açudes, encanamentos de alvenaria e tubulares de ferro, aterros enormes, vias férreas, etc.

Em 1860 deu-se à fábrica regular organização, fornecendo bons produtos e quantidades reclamadas pelas urgências do Estado.

De 1864 a 1870 a fábrica teve um período de grande atividade, dando de si a melhor conta.

Terminada a Guerra do Paraguai o estabelecimento ficou abandonado a si mesmo, não sendo provido de novas máquinas e apropriadas ao fabrico da pólvora, como convinha. Esse descuido tornou-se erro, quando em 1875 houve ordem de parar as oficinas, reduzindo-se o pessoal ao de simples conservação dos edifícios e aparelhos.

Em 1883 tomando o coronel Ernesto A. da Cunha Matos a direção

da fábrica conseguiu pô-la no devido pé, reformando pouco a pouco as oficinas no intuito de fabricar dentro de pouco tempo pólvora de todos os tipos para o exército e armada e uso dos particulares. Sob proposta daquele funcionário foi reformada a fábrica por decreto de 31 de janeiro de 1885, melhorando-se os vencimentos dos operários que por serem os que pela natureza do serviço corriam mais risco eram os mais mal pagos. Essa reforma está dependente em parte de aprovação das câmaras. Os edifícios das oficinas foram reparados ultimamente, as máquinas antigas também sofreram reformas e consertos, tendo-se feito aquisição de alguns aparelhos necessários à respectiva oficina de máquinas; o laboratório recebeu valioso auxílio de instrumentos e finalmente nos edifícios fora do recinto das oficinas foram executados reparos e obras mais ou menos importantes, especialmente a enfermaria que foi completamente reconstruída.

A fábrica funciona regularmente, ocupando-se especialmente com o reparo de pólvora para artilharia Krupp, produzindo também alguma para caça. O pessoal mal dá para as necessidades do serviço, sendo que com a aprovação do atual regulamento tem ele de ser aumentado, garantindo-se que o aumento da despesa será coberto pela receita proveniente da venda de pólvora de caça e mina. Não faltam riquíssimas madeiras, distinguindo-se pela qualidade nas suas florestas virgens as seguintes espécies: Corindiba, Imbaíba, Molulu, Monjolo e outras.

O vale e a serra da Estrela serão para sempre lembrados na história da viação férrea do Brasil. O vale foi o primeiro território nacional cortado por trilhos, a serra foi a primeira onde se empregou o trilho central da cremalheira. Tanto no vale como na serra a Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará, construída pelo engenheiro Joaquim Lisboa auxiliado até certo tempo pelo engenheiro Marcelino Ramos da Silva, tem a bitola de 1 metro. Foram seus estatutos aprovados por decreto nº 8.120 de 31 de maio de 1881, começando a construção da linha em agosto do mesmo ano, e sendo entregue ao tráfego a 20 de fevereiro de 1883. O sistema de viação é o trilho central de cremalheira do sistema aperfeiçoado pelo engenheiro Nicolau Riggenbach. A linha principia elevando-se da Raiz sobre a encosta direita do vale do Caioaba donde, pouco acima do 2º quilômetro, começa a descortinar-se a baía de Guanabara. Entre o 4º e o 5º quilômetros corre a linha na margem esquerda do Caioaba, contornando daí em diante contrafortes até galgar o Alto da Serra. Além de paredes e numerosos boeiros e pontilhões de arco conta a linha obras de arte importantes, como sejam três pontes e dois viadutos a saber: 1ª a ponte do Batista com um vão de 8 metros e 9 de altura máxima em curva de 180 metros de raio e superestrutura metálica; 2ª a ponte de pedra sobre o rio Caioaba com quatro vãos de totalidade de 20 metros, curva de 150 metros de raio e altura máxima de 12 metros; 3ª a ponte da Caioaba Mirim com dois arcos cada um de 4 metros, vão central de 8 metros,

vigas de ferro, curva de 150 metros de raio e altura máxima de 10 metros; 4ª o viaduto da Grota Funda com o vão total de 58 metros, altura de 24 metros, encontros de pedra, superestrutura de ferro sobre base de cantaria e em curva de 150 metros de raio; 5ª o viaduto do Bonini com o vão de 33 metros, dividido em seis partes iguais por cinco pilares formados por colunas de ferro fundido e 8 metros de altura, estando o viaduto em curva de 150 metros de raio e à meia encosta, cuja base é reforçada por um paredão de 54 metros de comprimento e 6 de largura. Estas obras estão em declive de 15%, salvo a primeira, cujo declive é de 8%. É desse viaduto que o viajante pode admirar a beleza da baía de Guanabara, a obra prima do Criador nesta espécie, na frase do dr. André Rebouças. Os encantos desta privilegiada natureza estão descritos nas seguintes apreciações:

À esquerda, tanque azul entre verdura;
Dormindo Botafogo, oscila apenas,
Como o peito do infante ao sono entregue
No certo respirar entre mágoas tristes.
Além da Babilônia a serra extensa,
A corpulenta Gávea aos céus erguida,
Linda Tijuca donde a linfa pura
Vem rolando em caixões d'encontro à terra
E o Corcovado dominando o mundo.

(*João de Aboim - 1851*)

A cidade que ali vêdes traçada,
E que a mente voz traz tão ocupada,
Será nobre colônia rica e forte,
Fecunda em gênios, que assim o quis a sorte,
Será pelo seu porto desmarcado,
A feira do ouro, o empório freqüentado,
aptíssimo ao comércio, pois profundo
Pode as frotas conter de todo o mundo.

(*Fr. Francisco de S. Carlos - 1819*)

.....
Mas meus olhos não viram quem te iguale,
Divina Guanabara, em teus encantos!
.....

Não: eu não exagero! aos céus o juro,
Aqui junto dos céus: a Natureza,
Ao receber o toque sublimado
Do pomposo ademã com que a ornara
A mão do Criador, disse, espelhando-se

Nos céus, na terra e de si mesmo ufana:
- Serás, ó Guanabara, sempre e sempre
O brilho de meus olhos e o sorriso
Da terráquea beleza no universo.

.....
.....
Desta tua baía a Providência
Quebrou no espaço o molde; e no universo
Outro todo não há que iguale às formas
De tanta louçania e majestade.

(Barão de Santo Ângelo - 1863)

.....
Que panorama estupendo
desenrolou-se a meus olhos!
O dia as nuvens rompendo
e as nuvens orlando abrolhos!
Dir-se-ia que nessa hora
entre os eflúvios da aurora
na cordilheira e no vale,
por mirífica harmonia
o céu na terra se abria
à luz do sol tropical.
Que pitorescas montanhas!
que hospitaleira cidade
do oceano contra as sanhas
contra o horror da tempestade!
Que painel bem moldurado!
Que templo no Corcovado
para erguer-se a mente aos céus!
Aqui naturais fulgores,
além humanos labores
e em tudo o poder de Deus!

(Dr. Rosendo Moniz Barreto).

Que cena para os olhos! Como alegres
Estes vales não são, estas montanhas,
E os longos serros que nos céus se perdem
E se dilatam por extensos plainos!
Que vasto mar assetinado e quedo
Serenos refletindo a flor mimosa
Do céu azul e rúbido horizonte!

(Dr. J. Norberto de Sousa Silva - 1841)

Esta, disséreis, majestosa entrada
Do empório do mundo!... Aqui se ostenta:
O que era tênue arbusto em longas terras,
árvore Briareu fendendo as nuvens.
A pedra, que ao pastor fora na Europa
humilde assento onde o fato olhasse,
ei-la aí, em pirâmide trocada,
mole ingente, titânica! Em Tênuê outeiro
houvéreis visto lá, suave arroio
na encosta mansamente espreguiçar-se:
aqui tornado caudaloso rio
ou lago, ou catarata, ou mar sem termo.
Além âmbito estreito encerra um porto,
um banco, uns grãos d'areia, à flor das águas
aqui, nem posso o círculo que abraça
trezentas ilhas alcançar vaidosas!

(*Cons. José Feliciano de Castilho - 1847*)

Princesa Americana, eu te saúdo!
Tu és bela cercada de teus montes,
Tu és bela dormindo à fresca sombra
Da mangueira gentil com pomos d'ouro;
São belas as madeiras de teus bosques;
Tu és bela no cimo de teus morros
A brisa da manhã sorrindo alegre;
Tu és bela na calma de teus rios;
Em as tuas florestas, em teus cômoros;
Princesa Americana, és bela em tudo!

(*João de Aboim - 1851*).

Fazem o serviço de cremalheira 5 locomotivas de roda dentada, pesando cada uma em serviço 16 toneladas e sendo de 22 t. o peso normal do trem. A velocidade dos trens de passageiros é de 11 a 12 km por hora e de 8 a dos de carga. Cada locomotiva tem um freio de ar comprimido por injeção de água fria, do qual se usa na descida, além de dois manuais, que atuam na transmissão da roda dentada motora para obter parada instantânea. O material de transporte consta de 10 carros de 1ª classe com 360 lugares, 4 de 2ª com 90, 4 vagões para animais e bagagem, 25 vagões cobertos e 20 abertos. Além de um freio ordinário cada veículo está aparelhado com outro freio de roda dentada, capaz de fazer parar por si só todo o trem. A sólida construção da cremalheira e da via permanente e a energia e simplicidade dos freios, reunidos à fraca velocidade horizontal, dão a esta

linha, primeira do seu gênero na América do Sul, todas as desejáveis condições de segurança. Entretanto, o sistema Riggerbach é o que maior velocidade assegura na subida de serras, para galgar em 30 minutos, como permite aquele sistema, a serra da Estrela, uma locomotiva ordinária deveria andar à razão de 81 quilômetros por hora, o que seria impraticável.

No porto de Mauá e na Raiz da Serra existem armazéns, telheiros e plataformas para movimento de passageiros e cargas. A ponte que no porto daquela denominação possui a companhia foi reconstruída por maneira que recebe sob cargas e passageiros. No Alto da Serra estão as oficinas aparelhadas para todos os consertos e reparações.

A começar do Alto da Serra o leito da linha é do sistema comum de 2.782 km de extensão até à estação de Petrópolis, máximo declive de 2% e curvas de raio mínimo de 90 m. Existem neste trecho duas pontes de 10 e 14 metros de vão sobre o rio Palatinado ⁽¹¹⁾, ambas de superestrutura metálica, sendo feita a tração por máquinas comuns de Baldwin de 4 rodas conjugadas que substituem no Alto as de Riggerbach.

A estação de Petrópolis, situada a 826m sobre o nível do mar, é elegante e satisfazendo as necessidades do serviço, à cargo do dr. Berrini, apenas se ressentem às vezes de falta de espaço quando cresce a afluência de passageiros no verão.

No saguão vê-se a estátua (busto) do benemérito visconde de Mauá, ao qual fizera a diretoria da Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará solene manifestação por ocasião de subir ele pela primeira vez a serra da Estrela em uma estrada do sistema de cremalheira de cujo emprego na viação férrea do Brasil fora o sr. visconde o primeiro a cogitar ⁽¹²⁾.

No dia 30 de abril de 1884 presentes na estação o juiz de direito da comarca de Petrópolis e outras autoridades, diretoria da Companhia e muitos cidadãos, por ocasião de se inaugurar na estação o busto daquele grande brasileiro, nesse dia que era o do 30º aniversário da inauguração da primeira via férrea do Brasil, foram proferidas pelo dr. João Martins da Silva Coutinho, presidente da diretoria, as seguintes palavras:

“Meus senhores - completam-se hoje trinta anos que inaugurou-se a estrada de ferro de Mauá, a primeira construída no solo brasileiro. O povo saudou com entusiasmo este faustoso acontecimento como o início de grandes prosperidades. O cidadão ilustre que teve a fortuna de levantar a empresa e primeiro dotar o país com este poderoso instrumento de progresso é, pois, eterno credor de nossas homenagens e agradecimentos. Ele aqui de acha, o benemérito visconde Mauá.

Contrariedades de todo o gênero opuseram forte barreira à realização do projeto que sempre teve em vista, de levar os trilhos ao interior da província, beneficiando a lavoura e comércio desta importantíssima zona. Para vencer a serra da Estrela dispendeu o visconde de Mauá avultados

capitais em diversas tentativas e ainda foi o primeiro que mandou estudar na serra a aplicação do sistema de cremalheira, hoje realizado, logo que teve notícia do bom resultado que produziu na Suíça.

A diretoria da Companhia Príncipe do Grão-Pará julga-se feliz pela oportunidade que se lhe oferece de inaugurar nesta estação o busto do iniciador da estrada, que administra, em sua presença e no aniversário do dia em que viu coroados tantos esforços e concluída a primeira parte da obra que empreendeu com a maior energia e boa vontade. Dando assim o mais solene testemunho do apreço em que tem os importantes serviços do visconde de Mauá, a diretoria não só manifesta seus próprios sentimentos como também o dos acionistas da companhia que representa. Viva o *visconde de Mauá*.”

A essa saudação corresponderam entusiasticamente as pessoas presentes.

O visconde de Mauá respondeu nos seguintes termos:

“Vítima de um grande e não merecido infortúnio que veio abater-me no último quartel da vida, estava longe da minha mente ao deixar, durante curto prazo, a nova esfera de trabalho que me foi proporcionada por amigos dedicados que, mercê de Deus me não faltaram na adversidade, o ser aqui objeto da honrosa manifestação com que acaba de distinguir-se a ilustrada diretoria da Companhia Príncipe do Grão-Pará, ao completarem-se trinta anos que foi iniciado em nossa pátria o grande melhoramento, de que já gozavam algumas nações cultas, representado na viação férrea, de que fui humilde instrumento em época em que as mais robustas inteligências de nosso país o impugnavam, infelizmente sacrificando, eu, em vez de frutificar parte importante do capital que já possuía, o que não enfraqueceu a minha fé no triunfo da idéia que felizmente mereceu, para outras empresas, favores e proteção dos poderes do Estado, depois que se reconheceu que o futuro do Brasil dependia da aceitação do pensamento, que aliás, *para mim*, se no começo me foi prejudicial, *mais tarde*, com a realização da estrada de ferro Santos a Jundiaí veio criar-me tremendas dificuldades financeiras que treze anos de esforços não interrompidos de 1862 a 1875 não puderam dominar.

Agradeço do fundo de minha alma à ilustrada diretoria da Companhia Príncipe do Grão-Pará a distinção com que me honra e peço licença como brasileiro para oferecer-lhe nesta ocasião minhas felicitações e agradecimentos pela realização do trânsito através de escarpas montanhas da serra da Estrela pelo sistema das cremalheiras, de moderna invenção, que constitui, a meu ver, um grande triunfo na engenharia, aplicado à viação férrea, sempre que tenham de elevar-se aos picos de montanhas, aparentemente inacessíveis a tais obras, caminhos de ferro que garantam trânsito rápido e econômico ao produto do trabalho ou à produção, que determina a criação da riqueza em grande escala, meio seguro de elevar o nosso país aos altos destinos para que a natureza o fadou.

Na aplicação prática do invento que se executa com brilhante êxito na serra de Petrópolis a ilustrada diretoria, a quem me dirijo bem merece do país. Eu me orgulho de ter por continuadores da obra, que encetei, tão esforçados cavalheiros e faço votos para que o poder público, que tem o dever de proteger os esforços individuais que entendem com o progresso do país, lhes não regateie as concessões razoáveis e de que necessitem para conseguirem que a Empresa preste novos e maiores serviços à zona produtiva que pode aproveitar-se com mais vantagem da via de comunicação que as condições naturais lhe asseguram, garantindo melhor a renda a que tem direito o capital empregado e a empregar"

Com esta pública demonstração de elevado apreço prestou a diretoria da Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará justa e devida homenagem ao ilustre brasileiro o visconde de Mauá.

ESBOÇO HISTÓRICO E FUNDAÇÃO

Dirigindo-se da Corte à província de Minas Gerais a 25 de março de 1822 com o fim de acalmar a agitação política, aí existente, d. Pedro I teve de pernoitar na fazenda da Cordoaria, propriedade do coronel João Antônio de Albenaz, situada na Raiz da Serra, onde hoje funciona a fábrica de pólvora. Tal foi o fato que deu origem à transferência deste estabelecimento, que até então estava perto da lagoa Rodrigo de Freitas na Corte. Para realizar esta mudança a que se opunha o coronel Albenaz recusando vender a fazenda, teve o governo necessidade de desapropriá-la pelos meios legais, depositando o valor arbitrado (18:000\$000) no Tesouro, quantia que foi levantada tão somente pelos herdeiros 16 anos depois do depósito, porque durante sua vida Albenaz insistia em não levantar nem receber o valor da fazenda.

Havendo apenas pousado um dia na fazenda da Cordoaria d. Pedro I continuou a viagem pela primitiva estrada, que fica à direita da atual estrada de rodagem, e galgando a serra chegou ao Alto, onde não só pode restaurar-se das fadigas de uma jornada através péssimo caminho como também apreciar o deslumbrante panorama que daí se descortina, o que lhe sugeriu a idéia de construir um palacete naquele belíssimo lugar.

O imperador prosseguiu até a fazenda dos Correias (2 léguas adiante da atual cidade) onde foi pousar nesse dia. Aí manifestando seu desejo causou essa notícia geral satisfação tanto às pessoas que o acompanharam como àquelas que tinham vindo das circunvizinhanças para saudá-lo. Da realização desse desejo dependia a prosperidade daquele lugar onde faltava tudo, até os meios de comunicação, existindo apenas a escabrosa estrada da serra que começou a ser melhorada logo depois da passagem do

imperador. As obras de conserto e conservação foram administradas pelo coronel João de Azevedo Coutinho, pai do visconde de Sepetiba ⁽¹³⁾.

As preocupações do governo e os acontecimentos políticos daquele tempo não permitiram que o imperador repetisse suas viagens àqueles pitorescos sítios, ficando também adiada a construção do palacete no Alto da Serra até que infelizmente, por doença da princesa d. Paula, o imperador, depois de ouvir seus médicos que aconselhavam a mudança de ares para completo restabelecimento da princesa, resolveu levá-la com toda a família imperial para a referida fazenda dos Correias a 4 de dezembro de 1829. Esta fazenda que era propriedade do padre João Dias Correia, que teve a honra de hospedar a família imperial, fora concedida por carta de sesmaria de 5 de janeiro de 1720 a seus avós Manuel da Silva Correia e d. Maria da Conceição Correia, com a obrigação de construírem nela uma capela onde se celebrassem missas pelo menos aos domingos e dias santificados e bem assim que recebessem e dessem hospedagem aos governadores e vice-reis como aos generais e mais oficiais que transitassem para a província de Minas Gerais em serviço do rei ⁽¹⁴⁾. Estava compreendido no território da freguesia de Inhomirim que se prolongava até o barranco do rio Paraibuna no limite da província do Rio de Janeiro com a de Minas Gerais.

Cumprе mencionar aqui que os indígenas denominavam o rio - *Paraúna* - e a freguesia - *Anhomirim* - sendo que os novos habitantes em vez de conservarem estes nomes primitivos ou darem-lhe sua verdadeira tradução Rio Preto e Campo Pequeno inverteram as denominações que nada significam hoje.

Quando a família imperial regressou da fazenda dos Correias para a Corte o imperador d. Pedro I de passagem pela fazenda do Córrego Seco pertencente ao major José Vieira Afonso perguntou-lhe se queria vender a fazenda e o custo dela, ao que o major respondeu afirmativamente, avaliando-a em 50.000 cruzados (20:000\$000). Concordando no preço o imperador ordenou que se realizasse a compra ⁽¹⁵⁾. As terras da fazenda estendiam-se desde o Alto da Serra até o Alto de Quissamã, limite de Itamarati e apenas existiam nelas uma casa ordinária de moradia, dois ranchos para tropas pernoitarem e duas pequenas oficinas de ferraria, principal indústria do proprietário. Esta fazenda que passou a pertencer ao domínio particular do imperador d. Pedro I coube por herança a S. M. o Imperador o senhor d. Pedro II. Durante alguns anos ela foi arrendada a diversos entre os quais Roberto Malpas, Antônio Joaquim Tinoco e o major de engenheiros Júlio Frederico Koeler, que pagavam de arrendamento a quantia de 1:200\$000 ⁽¹⁶⁾.

Assim correram os tempos até que a lei provincial nº 193 de 12 de maio de 1840 mandando abrir uma estrada que, da Vila da Estrela, conduzisse ao Paraibuna sugeriu ao dr. João Caldas Viana, então presidente da província,

em 1843, a idéia de fundar uma colônia nas imediações do palacete que S. M. o Imperador mandara construir nas terras de seu patrimônio. Deve, pois, Petrópolis seu nascimento a umas turmas de colonos alemães que contratados com a casa Carlos Delrue, negociante em Dunquerque, a 17 de junho de 1844 só chegaram ao porto do Rio de Janeiro a 9 de junho de 1845, quase um ano depois! ⁽¹⁷⁾.

Coube ao senador Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, visconde de Sepetiba, a realização da idéia. O contrato exigia 600 casais de alemães, trabalhadores e oficiais de ofício, para serem empregados nas obras da estrada normal da Estrela, cujo plano e orçamento haviam sido feitos pelo major Koeler. Vindo 2.303 colonos quase ao mesmo tempo em diversos navios achou-se o governo provincial em sérios embaraços para acomodar hóspedes em tão grande número.

Foi nessa conjuntura que S. M. o Imperador mandou oferecer, por intermédio do seu mordomo o conselheiro Paulo Barbosa da Silva ⁽¹⁸⁾, as terras da sua fazenda do Córrego Seco para que nelas se estabelecessem os colonos. O visconde de Sepetiba aceitando tão magnânimo oferecimento, de acordo com o mordomo, enviou-os para aquelas terras onde chegaram a 29 de junho de 1845, ficando assim fundada a colônia de Petrópolis, cujo primeiro diretor foi o major Júlio Frederico Koeler que residia na mesma fazenda na qualidade de arrendatário. O mordomo mandou dividir as terras da fazenda para dá-las por aforamento e S. M. isentou os colonos por oito anos, findos os quais prorrogou-o a muitos deles como a outros perdoou o pagamento, socorrendo-os sempre.

Um ano depois de estabelecida a colônia, a 20 de maio de 1846, foi ela elevada à categoria de freguesia sob a invocação de S. Pedro de Alcântara de Petrópolis, desmembrando-se o seu território da freguesia de S. José do Rio Preto, termo da Paraíba do Sul, à que pertencia e passando a nova freguesia a fazer parte do termo da Estrela, sendo nomeado vigário o cônego Luís Gonçalves Dias Correia, proprietário da fazenda da Samambaia, situada nas vizinhanças da colônia, cuja primeira missa foi celebrada a 30 de junho de 1856 pelo internúncio Bedini no campo da Confluência. Assim era denominado o sítio onde existiu o Passeio Público ⁽¹⁹⁾, bárbara e caprichosamente arrasado para ali ser construído um palácio de cristal, verdadeira estufa, levantada sem razão de ser e cuja única utilidade tem sido o servir de lugar de dança e receptáculo dos produtos raros e minguados das exposições que se têm realizado em Petrópolis ⁽²⁰⁾.

No campo da Confluência havia uma cruz, que mostrava ao viajante o local em que se celebrou a primeira missa naquelas paragens ⁽²¹⁾. Essa cruz ainda hoje se vê alcada no mesmo sítio, graças a S. M. o Imperador que não permitiu fosse ela abatida quando se devastou o Passeio Público ⁽²²⁾.

A 19 de julho daquele ano os colonos protestantes também

celebraram a sua primeira cerimônia religiosa, oficiando o pastor Lallemand ⁽²³⁾.

Calma e gradualmente Petrópolis progredia e sua existência prolongava-se, graças ao visconde de Sepetiba, conselheiro Paulo Barbosa da Silva e major Júlio Frederico Koeler, a trindade executora da idéia da fundação da cidade. Este último faleceu a 21 de novembro de 1847 com quarenta e três anos de idade vítima do descuido de um dos seus amigos na ocasião em que se divertiam atirando ao alvo.

O visconde de Sepetiba já o havia dito, e a confirmação é geral, de dever Petrópolis a S. M. o Imperador o desenvolvimento que hoje goza.

A 8 de outubro de 1847 indo pela primeira vez de visita a Petrópolis a família imperial, foi residir na antiga casa da fazenda do Córrego Seco, onde está atualmente o Hotel Mills, ex-MacDowall, à rua D. Januária ⁽²⁴⁾, por ser a casa mais decente e espaçosa que havia, sendo para notar que existia outra boa casa, pertencente ao comendador Pedro José da Câmara, coletor aposentado de Niterói e o primeiro foreiro que construiu na colônia. Esta casa ainda existe, consideravelmente aumentada pelo seu atual proprietário Henrique Irineu de Sousa, à Praça Municipal ⁽²⁵⁾.

Cresceram a população e povoação tão rapidamente que, oito anos depois, a 19 de setembro de 1854 foi a freguesia elevada por lei provincial nº961 à categoria de cidade ⁽²⁶⁾. Os primeiros vereadores eleitos e empossados e que instalaram a Câmara Municipal foram os cidadãos coronel Albino José de Sequeira, presidente; dr. José de Calasans Rodrigues de Andrade, major Augusto da Rocha Fragoso, João Batista da Silva, capitão Manuel Francisco de Paula, dr. Tomás José da Porciúncula Manuel Cândido do Nascimento Brito, Inácio José da Silva Papai e o coronel de engenheiros Amaro Emílio da Veiga. Por complicações que sobrevieram às eleições, só foram empossados os vereadores a 17 de junho de 1859, ficando assim constituída a cidade de Petrópolis. O único que não exerceu o cargo foi o coronel Amaro Emílio da Veiga por ser oficial do exército e portanto incompatibilizado com aquele cargo ⁽²⁷⁾.

A cerimônia da inauguração da nova câmara foi celebrada com toda a solenidade pelo presidente da Câmara Municipal da Vila da Estrela, dr. Bernardino Alves Machado, que naquele ato pronunciou o seguinte discurso:

“Congratulo os habitantes de Petrópolis pela sua elevação à categoria de cidade, tendo-se assim feito a justiça devida à sua reconhecida importância e crescente prosperidade, que maior desenvolvimento vai por certo adquirir com a ilustrada administração de tão dignos vereadores.

Os elementos naturais de engrandecimento, a solicitude do governo da província e mais que tudo a desvelada proteção da Casa Imperial vos tornaram agradável e fácil a administração da nova municipalidade sem sobrecarregar vossos municípes com pesados impostos, bastando-vos a princípio alargar pouco e fiscalizar bem o que desta freguesia percebia a

Vila da Estrela, e cujas tabelas serão fornecidas pelo nosso procurador e secretário, logo que exigirdes.

Não sendo antagonísticos os nossos interesses, espero e peço que se mantenham as melhores relações entre a nova cidade e a Vila da Estrela e vejo disso bem seguro garante no prestante cidadão que tem de presidir vossos trabalhos e que não se esquecerá de que nasceu em Inhomirim e ali possui seus melhores estabelecimentos ⁽²⁸⁾.

As administrações por parte do governo da província e da Casa Imperial que fizeram Petrópolis nascer e crescer devem ser respeitadas em vossas deliberações.

Cada palmo de terreno conquistado sobre a natureza acidentada, sempre grandiosa e bela, destas serranias, cada pedra de vossa cidade atesta um benefício, e os nomes de suas principais ruas e praças perpetuarão vossa gratidão.

No governo da província sucedem-se os presidentes, mas continua nunca interrompida a solicitude pelo engrandecimento de Petrópolis.

E o que diremos de S. M. o Imperador que vos estabeleceu em terras de seu domínio particular, que aqui mandou construir a sua residência de verão, que particulariza seus socorros a vossos templos, a vossos hospitais e à parte mais indigente de vossa povoação, que finalmente vos honra e anima com sua presença?

Não sou o intérprete mais apropriado de vossos sentimentos de gratidão, e por isso limito-me a rogar-vos que me acompanheis na seguinte saudação:

Viva S. M. o Imperador! Viva a família imperial! Viva o augusto protetor da cidade de Petrópolis!” A sala da casa nº 12 da rua Paulo Barbosa ⁽²⁹⁾, destinada para esta solenidade, achava-se magnificamente ornamentada, vendo-se no lugar de honra o retrato de S. M. o Imperador, um dos primeiros trabalhos artísticos do pintor Joaquim da Rocha Frago ⁽³⁰⁾. Finda a cerimônia da posse, os vereadores com grande concurso de povo dirigiram-se à igreja matriz onde assistiram ao *TeDeum* ali celebrado em ação de graças pela instalação da nova cidade.

Às quatro horas da tarde desse dia houve esplêndido banquete oferecido pelos novos vereadores à população da cidade, terminando com um grande baile popular no Hotel Bragança, para o qual generosamente concorreu seu proprietário José Narciso Coelho, cedendo gratuitamente o salão e pagando de seu bolso as bandas de música que tocaram nesta festa até 4 horas da madrugada.

Emancipada a cidade de Petrópolis, o presidente da província dr. Inácio Francisco Silveira da Mota, depois barão da Vila Franca, deliberou extinguir a colônia, o que se realizou por ato de 5 de janeiro de 1860, ficando ela suprimida bem como sua diretoria, cargo que quase sempre fora

exercido pelo engenheiro encarregado das obras, que por conta da província se executaram, em estradas, pontes etc., em todo o distrito que se compunha de Petrópolis, Estrela e Paraíba do Sul. Tanto no cargo de diretor da colônia, como no de engenheiro das obras públicas da província, muito se distinguiu o ativo e inteligente major Júlio Frederico Koeler, que apesar dos muitos serviços não tem um monumento que ateste a sua dedicação, como zeloso funcionário, a Petrópolis! ⁽³¹⁾.

Não obstante haver sido extinta oficialmente a colônia, ela continuou a substituir de fato, tanto no culto religioso para o qual a província continua a subvencionar o cura alemão, como aos professores de primeiras letras desta procedência e nacionalidade que eram pagos igualmente pela província, assim como na parte material a colônia tinha a conservação dos seus caminhos, ruas, canais, etc., tudo à custa da mesma província.

DESCRIÇÃO

Prosseguiu a cidade-colônia na senda de progresso, auxiliada grandemente pela facilidade de comunicações, tanto para a Corte como para o interior da província. Possui a Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará, inaugurada no dia 20 de fevereiro de 1883 e que absorveu a Estrada de Ferro de Mauá, inaugurada a 30 de abril de 1854, graças ao brasileiro empreendedor visconde de Mauá e a Estrada de Rodagem União e Indústria, inaugurada a 12 de abril de 1856 por outro brasileiro Mariano Procópio Ferreira Lage.

A população da colônia em 1845 era de 2.303 almas, sendo que hoje a população permanente é de cerca de 10.000 almas, chegando talvez com a população flutuante durante a estação calmosa a 16.000 por causa da afluência de moradores da Corte, que procuram o ar puro das montanhas e o clima agradável da pitoresca cidade. A família imperial, o corpo diplomático tanto estrangeiro como alguns membros do nacional em gozo de licença fazem ali sua habitual residência de verão.

A população permanente de Petrópolis distingue-se pelo amor ao trabalho, índole pacífica e sentimentos religiosos. Para prova desta asserção deve-se declarar que muitas vezes tem-se reunido o tribunal do júri para julgamento de criminosos e não funciona essa instituição por falta de réus, que hajam cometido algum crime.

Para chegar-se a este resultado cabe em grande parte louvor ao governo que sempre manteve e aumentou as escolas públicas e o culto religioso desde a fundação da colônia. A cidade de Petrópolis está situada na latitude S. de 22° 31' (meridiano do Rio de Janeiro) e em parte das antigas

sesmarias de Bernardo Soares Proença, Luís Peixoto da Silva e Domingos Rodrigues Branco, abrangendo atualmente toda a fazenda do Córrego Seco e parte das denominadas Itamarati, Retiro, Quitandinha, Velasco e Morro Queimado.

A cidade está encravada dentro de vales formados por contrafortes da serra dos Órgãos, mais conhecida naquela altura por serra da Estrela. Suas ruas são na maior parte planas, macadamizadas e cortadas por confluente do Córrego Seco de outrora hoje rio Piabanha⁽³²⁾. Alguns desses confluente estão reduzidos a canais, com as margens taludadas e de alvenaria de pedra ora seca, ora cimentada.

O clima de Petrópolis é classificado pelos higienistas *clima alpino* ou de *grande altitude*.

A salubridade da bela cidade, devida principalmente à altitude e às florestas, que ainda revestem suas montanhas, tem decrescido, nestes últimos anos, pela falta de um regular abastecimento d'água e bem estudado sistema de drenagem e esgoto.

No inverno a falta de chuvas deixa a seco os confluente do Piabanha, e a atmosfera fica viciada pelas emanações dos detritos acumulados nos fundos dos canais; no verão, durante as grandes chuvas, chegam eles a transbordar, umedecendo o pavimento térreo das habitações.

Desde muitos anos o distinto engenheiro Antônio Maria de Oliveira Bulhões concebeu um vasto projeto de melhoramentos de Petrópolis regularizando o sistema de drenagem e de esgotos, e sustentando em devido nível a água dos canais e dos confluente não canalizados do Piabanha. Infelizmente os capitalistas só lembram-se de Petrópolis nos poucos meses, em que o calor e a *moda* os forçam a abandonar o Rio de Janeiro e acompanhar a corte imperial na sua pitoresca estação de recreio. Finda ela abandonam-na, durante longos meses, deixando-a deserta e sem recursos para melhorar e progredir.

Diversas observações têm sido feitas durante os 4 primeiros meses do ano e delas se chegou à seguinte conclusão:

Temperatura média: 20° gr. C.

Umidade média: 74,6.

Chuva média: 968 mm.

Número de dias: 46,6.

Evaporação muito superior à da Corte em consequência de sua altitude.

Apesar da proverbial salubridade de Petrópolis tem-se desenvolvido ultimamente uma moléstia que tem ceifado algumas vidas e que geralmente se deu o nome de tifo. Foram causas a falta d'água e o pouco asseio dos canais que não têm merecido atenção das autoridades competentes como lhes cumpria.

Foram aproveitados os diversos riachos que banhavam os arredores de Petrópolis, tais como, os riachos Paulo Barbosa, Portalegre, Simonsen, Avé Lallemand, de Lamare, Cemitério, Almeida Torres, Cavalcanti, Koeler, Lomonosoff, Saturnino, Theremin, Verna, Ribeiro, Gusmão, Odorico, Limpo, Palatino, Aureliano, Quitandinha e Piabanha ⁽³³⁾. Foram eles canalizados de modo a cortarem as ruas Renania, Imperador, Imperatriz, D. Maria II, D. Afonso Bragança, Princesa D. Leopoldina, Koeler, Visconde de Sousa Franco, Nassau e Westphalia em um percurso de 8 quilômetros. Existem 34 pontes provinciais com o vão variável de 8 a 16 metros, 1 municipal, 4 particulares e 3 da Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará. O Piabanha é o maior e o principal rio, recebendo na Praça D. Pedro II o Palatino e na Praça Calógeras o Quitandinha ⁽³⁴⁾.

Conta Petrópolis 12 praças, sendo as principais D. Pedro II, Municipal ⁽³⁵⁾, S. Pedro de Alcântara, Confluência e D. Afonso, 38 ruas das quais as principais são Teresa, Aureliano, Princesa D. Francisca, Princesa D. Januária, Imperador, Paulo Barbosa, Tonelero, Honório, Visconde de Sousa Franco, Palatinado, Imperatriz, D. Maria II, D. Afonso, D. Isabel, Joinville, Princesa D. Leopoldina, Westphalia, Nassau, Monte Caseros, Paulino Afonso, Duque de Saxe, Conde d'Eu, Bragança, Almirante Barroso, Bourbon, Renânia etc., com o desenvolvimento total de 25 quilômetros, dos quais 2 1/2 quilômetros pertencem à Estrada União e Indústria, que partindo do fim da Rua Westphalia prolonga-se suavemente até Juiz de Fora. Bela estrada de rodagem, toda macadamizada, tendo de extensão 150 quilômetros, margeia o rio Piabanha, quer à esquerda, quer à direita, até desaguar no Paraibuna, outro afluente do Paraíba, até ao ponto terminal que é em Juiz de Fora. Esta estrada foi o primeiro trabalho executado no Brasil pelo projecto engenheiro A. M. de Oliveira Bulhões, amparado pela força de vontade de Mariano Procópio. Hoje sua conservação está confiada ao major A. da Rocha Fragoso, cujo zelo e serviços são conhecidos e dispensam qualquer elogio. No princípio desta estrada à direita vê-se no corte de uma parede de terra uma lápide de mármore branco onde se lê a seguinte inscrição: *Sob a muito alta proteção de S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro II e na augusta presença do mesmo Senhor e de S. M. a Imperatriz a Companhia União e Indústria começou a construir esta estrada no dia 12 de abril de 1856.*

Petrópolis escolhida por S. M. o Imperador para sua residência de verão seria a Versalhes do Brasil se fossem melhor apreciadas e mais bem aproveitadas as condições especiais do clima e salubridade que encerra.

Quem chega a Petrópolis e nada conhece deve tomar condução e ver os lugares aprazíveis tais como Alto do Imperador, Itamarati, Quitandinha, Presidência, Cascatinha, onde há também um bonde que faz ponto na rua do Imperador, Cascata do Morin e tantos outros. Para fazer uma idéia de Petrópolis deve-se subir ao morro que fica por trás do Hotel de Orleans ⁽³⁶⁾ e daí apreciar o belo panorama que se descortina.

Há edifícios notáveis tanto pela elegância das construções como pelos belíssimos jardins, que fazem o encanto de quem os goza. Merecem menção as casas do barão do Catete ⁽³⁷⁾, João Luís Tavares Guerra ⁽³⁸⁾, José Tavares Guerra ⁽³⁹⁾, J. M. Frias, visconde de Carapebus ⁽⁴⁰⁾, coronel Avelar ⁽⁴¹⁾, João Inácio Tavares Joaquim A. Passos ⁽⁴²⁾, padre Bacelar ⁽⁴³⁾, Hotéis Orleans e Bragança ⁽⁴⁴⁾, comendadores E. Wilson ⁽⁴⁵⁾ e Rêgo Faria, padres Paivas ⁽⁴⁶⁾ e outras.

O Palácio Imperial é grande e tem bonita aparência visto da rua da Imperatriz. Seus jardins são cuidadosamente tratados. O palacete, onde residem SS. AA. a princesa imperial e seu esposo, foi construído pelo barão do Pilar, vendido a Manuel M. Bregaro, passou por morte deste ao comendador Rodrigo Delfim Pereira que o vendeu a SS. AA.

A velha matriz, situada à rua da Imperatriz, entre os ns. 13 e 15 e defronte do Palácio Imperial, foi levantada no grande barracão a princípio destinado para agasalho e recebimento dos colonos alemães. As obras para a transformação do barracão em igreja datam de 1848. O próprio provincial situado à rua do Imperador, na quadra compreendida entre as ruas Princesas D. Francisca e D. Januária, serviu a princípio de igreja da povoação e sede da diretoria da colônia e alojamento dos recém-chegados, depois de hospital, quartéis de colonos e dos africanos livres empregados nas obras públicas da cidade, estando atualmente dividido em uma escola pública de instrução primária para o sexo masculino, em cadeia e quartel do destacamento policial da cidade e em depósito das obras públicas, sendo em um dos compartimentos desse depósito que funciona por empréstimo a Agência do Correio, cujo serviço tem motivado queixas. É este um dos mais antigos edifícios da cidade, talvez o mais velho depois do Hotel Inglês. Sua construção fora de pau-a-pique e tem sido pouco a pouco reformado, conforme as exigências das necessidades públicas que tem determinado a sua transformação parcial e gradual ⁽⁴⁷⁾.

NOVA MATRIZ

A nova igreja matriz está sendo construída sob a invocação de S. Pedro de Alcântara. A idéia da construção deste templo no lugar em que se está construindo (morro de S. Pedro), data de muitos anos, segundo mostra a planta da cidade feita em 1845. Mais tarde houve intenção de construí-lo, porque a 12 de março de 1876, assentou-se com toda a solenidade a pedra fundamental. Não tendo agrado o projeto e sobrevindo outras circunstâncias não se deu começo aos trabalhos.

Só depois que chegaram da Europa SS. AA. em 1881 e manifestando o desejo de ver aquela edificação realizada é que o conselheiro Bernardo

Avelino Gavião Peixoto, então presidente da província, encarregou o engenheiro F. Caminhoá a 19 de outubro de 1882 de apresentar um projeto para construção da referida matriz que deveria ser de estilo gótico e com toda a perfeição da arte. Este projeto foi entregue ao presidente no dia 19 de fevereiro de 1883, por ele aprovado depois de o mandar orçar pela diretoria das obras públicas da província, sendo o orçamento aproximado em mais de 1.000:000\$000.

A 18 de janeiro de 1883 o mesmo presidente nomeou uma comissão para se encarregar das obras e agenciar donativos, a qual ficou composta assim: barão do Catete, presidente, conde da Estrela, barão da Lagoa, barão do Flamengo, cônego José Mendes de Paiva, cônego Francisco de Castro Abreu Bacelar, comendador José Francisco Bernardes, coronel Joaquim Ribeiro de Avelar, comendador Francisco Tavares Bastos, comendador Luís Antônio Martins, comendador Antônio de Calasans Raythe. Reunida a comissão foram nomeados secretário o conde da Estrela e tesoureiro o comendador Antônio C. Raythe, pedindo o barão do Flamengo demissão do lugar para o qual fora nomeado.

Organizada a comissão, mandou S. M. o Imperador entregar ao tesoureiro a quantia de 10:979\$000, já depositada no Banco Rural e Hipotecário com destino a ser aplicada às obras da nova matriz. Recebendo a comissão esta quantia, deu andamento imediatamente aos trabalhos, examinando o lugar em que fora assentada a primeira pedra. Vendo que o lugar era acanhado por causa da forma e sendo sacrificado o aspecto grandioso do edifício como o trânsito para os carros, resolveu a comissão comprar a casa do barão do Flamengo, com frente para a rua Joinville, para o que pediu autorização ao presidente da província, sendo que logo que foi ela dada efetuou-se a compra do referido prédio por 30:000\$000, depois da qual foi decidido que o terreno que estava elevado a 5,90m do nível da rua fosse rebaixado, ficando todo em forma de colina e tendo apenas 3m de altura a fim de facilitar a subida dos carros. A 10 de abril de 1883 começou o rebaixamento do morro de S. Pedro e a 1º de junho estando o trabalho bem adiantado decidiu a comissão que a colocação da igreja fosse em face da direção do eixo do canal da rua D. Afonso. Começaram então a fazer-se os alicerces das paredes em 16 de junho, sendo para isso obrigado a transportar o córrego que existia no terreno dos alicerces, fazendo-se um canal coberto que passava na rua Joinville, gastando-se com este trabalho perto de 2 meses e a quantia de 3:500\$000 ⁽⁴⁸⁾.

A 24 de agosto o presidente da província mandou por à disposição da comissão o restante dos *cem contos de réis*.... (70:000\$000) fixados no decreto nº 2.626 de 9 de outubro de 1882.

A comissão, em sessão, entendendo que havia vantagem na nomeação de novos membros sujeitou à aprovação do presidente da

província os seguintes nomes: barão de Quartim, comendador José Antônio Moreira Filho, hoje barão de Ipanema, comendador Malvino da Silva Reis, comendador José Antônio Soares Ribeiro, comendador Domingos Miguel de Andrade Rego Faria, comendador Luís de Seixas Correia, Henrique Irineu de Sousa, João Luís Tavares Guerra, João Inácio Tavares.

A 3 de outubro ao meio dia assentou-se a primeira fiada de pedras nos alicerces. A 18 de maio de 1884 foi inaugurada a pedra fundamental, tendo sido trasladada dois dias antes a que já existia, ficando esta por baixo daquela e nos alicerces do altar-mor. Celebrou a cerimônia o monsenhor Felici, interinamente encarregado dos negócios da Santa Sé. Terminada a cerimônia S. A. a princesa imperial apresentou a seus augustos progenitores o Livro de Ouro destinado a angariar donativos para construção do templo.

S. M. o Imperador	10:979\$000
S. M. a Imperatriz	50:000\$000
SS. AA. Conde e Condessa d'Eu	20:000\$000

S. M. o Imperador dignou-se de assinar no espaço de 10 anos a quantia de 100:000\$000 que com os já referidos 10:979\$000 fazem aquela importante soma. S. M. a Imperatriz da mesma forma dá a de 50:000\$000.

Depois desta cerimônia houve no Palácio Isabel em Petrópolis, reunião dos membros da comissão a fim de se combinar no modo prático de agenciar donativos.

Assinaram no Livro de Ouro os membros da comissão presentes:

Barão do Catete	20:000\$000
Barão de Quartim	11:000\$000
Barão de Ipanema	10:000\$000
Conde da Estrela	10:000\$000
Comendador Malvino da Silva Reis	10:000\$000
Comendador Antônio Calasans Raythe	10:000\$000
Comendador José Francisco Bernardes	10:000\$000
Comendador José Antônio Soares Ribeiro	10:000\$000
Dr. Manuel Vieira Tosta	1:000\$000

Mais tarde assinaram:

Comendador Domingos Miguel de Andrade Rego Faria ...	10:000\$000
Henrique Irineu de Sousa	10:000\$000
Barão da Lagoa	10:000\$000
Coronel Joaquim Rib.º de Avelar	5:000\$000
Comendador Francisco Tavares Bastos	2:000\$000
Comendador Luís Ant.º Martins	1:000\$000
Comendador Luís de Seixas Correia	1:000\$000

Contribuíram também:

A Companhia da Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará ...	15:000\$000
Barão do Flamengo	10:000\$000
Conde de Villeneuve	1:000\$000
DD. Francisca e Eufrásia Teixeira Leite	1:000\$000

Os alicerces estão concluídos. O embasamento da cantaria lavrada tendo 1,50m de altura e feito com o belo granito de Petrópolis está em andamento.

Despendeu-se até 31 de julho de 1885 a quantia de 160:854\$233 inclusive a compra do prédio do barão do Flamengo, rebaixamento do morro de S. Pedro e canal da rua Joinville ⁽⁴⁹⁾.

O templo ficará situado na praça de S. Pedro de Alcântara 3m acima do nível da rua D. Maria II na qual haverá uma grande escadaria no canto dessa rua e defronte do rio Quitandinha (rua D. Afonso) e de cada lado da escadaria um plano inclinado bastante suave para a subida dos carros. Sua fachada principal dará para o eixo do rio na rua D. Afonso, havendo em roda do edifício espaçoso adro e sendo ajardinado o resto do terreno.

A igreja, de estilo gótico, terá uma só torre, seu comprimento será de 71,14m não compreendendo a espaçosa escadaria exterior da fachada principal; sua largura sobre o transepto, compreendendo as espessuras dos muros, será de 33,44m; sobre o corpo da igreja, no lugar das três naves, também compreendendo as espessuras dos muros, será de 22,20m. Seu chão estará a 1,40m do solo a fim de dar mais grandeza ao edifício. A altura da torre, medida do chão até o princípio da cruz, será de 70m pouco mais ou menos. A igreja terá cinco entradas espaçosas a saber: a entrada principal dando para a rua D. Afonso e quatro laterais, sendo duas destas cobertas para os carros, visto o clima de Petrópolis assim o exigir. Entrando-se pela porta principal ver-se-á três naves: a principal (central) formando cruz com transepto, tendo 9m de largura sobre 22,80m de altura, as duas laterais terão cada uma 5m de largura pouco mais ou menos, sobre 10,25 de altura. Ao lado esquerdo da entrada estará a capela do batistério a qual será bastante espaçosa, terá 6,70m de largura sobre 9,44m de profundidade; ao lado direito achar-se-á a capela de Santa Isabel com as mesmas dimensões ⁽⁵⁰⁾. As duas escadas que ficarão entre estas capelas e a entrada principal conduzirão ao órgão, no coro, o qual ficará em face do altar-mor; dali partirão outras escadas que conduzirão ao lugar em que estarão colocados os sinos.

O transepto formando cruz com a nave principal terá também 9m de largura e 22,80m de altura, tendo aí duas capelas, uma de cada lado - a da esquerda será destinada a S. Pedro de Alcântara, padroeiro de Petrópolis e a da direita à Santa Teresa ⁽⁵¹⁾. O altar-mor ficará no fim da nave principal (central); à esquerda desse altar ficará a tribuna destinada à família imperial,

dando sobre um vestíbulo com saída particular; à direita achar-se-á a tribuna para os irmãos e nas mesmas condições que a precedente; por trás do altar-mor fica o lugar destinado ao capítulo, em seguida a sacristia com suas dependências e entrada reservada.

A igreja terá bastante luz por vastas janelas das naves laterais e da principal bem como pelos rosais, será bastante ventilada pelas ditas janelas e poderá conter 1.500 pessoas comodamente. Sua superfície compreendendo as espessuras dos muros, mas não as escadarias exteriores nem as entradas cobertas para carros, será de 1.500m.

Relativamente à preferência de estilo na construção do templo reservo-me o direito de transcrever, com a devida vênia, a notícia publicada na *Gazetinha do Jornal do Comércio* do dia 1º de março de 1883:

“*Uma igreja para Petrópolis.* - O sr. engenheiro Caminhoá teve a complacência de mostrar-nos algumas fotografias dos desenhos que fez para a construção de uma igreja matriz em Petrópolis. Oportunamente, depois de aprovados os planos, serão expostas aquelas fotografias e somente à vista delas se poderá fazer idéia do projeto, sendo incapaz de dá-la qualquer descrição que tentássemos. Mas antes disso algumas reflexões nos acodem que absolutamente nada têm com o trabalho do sr. Caminhoá e seu mérito científico e artístico; fê-lo ele provavelmente segundo lho encomendaram. Mas trata-se de uma obra para a qual a província do Rio de Janeiro tem de concorrer com uns 100:000\$000 e se algum peso pode ter as nossas reflexões, cumpre expendê-las desde já enquanto o projeto se não converte em resolução definitiva.

Projeta-se uma igreja de estilo gótico mais ou menos puro. Ora que figura vai fazer em Petrópolis um templo gótico? A mesma que uma cabeleira empoadada e encaracolada na cabeça de qualquer de nós trajando paletó branco e calças largas. Há uma coisa a que em estilo grave se costuma chamar - cor local - e há que os antigos familiarmente chamavam: dizer a letra com a careta; eis o que nos parece totalmente desatendido no projeto em questão.

Em cidades velhas, como Colônia, Estrasburgo, Milão, e tantas outras, admiramos as soberbas e majestosas catedrais e contemplando-as nos sentimos presos de tão involuntário quão profundo respeito. É que facilmente imaginamos que foram construídos aqueles templos senão pelos mesmos godos ao menos pelos seus imediatos descendentes dominados ainda do espírito gótico. O remoto passado impressiona vivamente à fantasia; a antigüidade selada pela mão dos séculos impõe respeito, mas essa outra arrebicada e envernizada é ridícula como quanto é falso e simulado.

Que tem de ver o Brasil com os godos? Quem acreditará em monumentos e ruínas góticas no seio desta virgem natureza? Nas nossas cidades mais velhas, com três séculos de existência, ainda aos templos antigos ou de antigo estilo podem ligar-se recordações de passadas eras, mas em Petrópolis que data de ontem!

Na cidade que tem o nome do atual monarca, por ele fundada e criada, um edifício gótico poderia ser tomado por epigrama pungente.

Nem é somente a antigüidade. Muito mais antiga do que o estilo gótico é a arquitetura grega, entretanto parece-nos que pelas suas formas graciosas e risonhas mais facilmente seria esta tolerada, como menos em desarmonia com a natureza e construções daquela cidade e mesmo com os idéias do século.

Os sombrios templos góticos de formas angulosas, com as suas enormes massas como a desafiar as catapultas dos inimigos da fé, com as suas arestas, as suas agulhas a apontar para o céu, harmonizavam com as crenças da Idade Média. Eram templos erguidos ao Deus dos claustros, dos cenobitas e dos ascéticos que consumiam a existência inútil para a humanidade; ao Deus dos exércitos, dos anátemas e das vinganças terríveis que nos filhos até a sétima geração visitava os pecados dos progenitores. O nosso Deus é o Deus do amor e da vida, é o Deus clemente que perdoa aos que crucificam o Cristo porque não sabem o que fazem; ergamos-lhes templos de formas arredondadas como o horizonte e a abóbada dos céus; risonhos, alegres e leves que nas asas do amor e da esperança ergam, elevem ao criador o espírito da criatura que adora, não o acabrunhem e esmaguem com terrores sob tenebrosas massas de granito. A esses templos rasguemos largos pórticos e janelas que deixem penetrar a flux a alma luz geradora e criadora da vida, pois é o Deus da vida que vamos ali adorar, da vida que perdura eternamente. A morte não é mais do que a transição desta existência terrena para outra mais sublime e etérea. A casa do Senhor vamos na oração buscar conforto, alento e esperança, possa dali o espírito expandir-se livremente pela imensidade dos céus que nos chamam e atraem. Entre alegre o cristão e alegre saia; Deus é todo amor não é pavor e espanto.

Sepultavam-se outrora os mortos nas escuras criptas das igrejas; damos-lhes hoje morada ao ar livre, sob árvores e flores, aos vívidos raios do sol, aos suaves bafejos do melancólico luar e do cintilar das estrelas. Mudaram de aspectos os cemitérios, mudem as igrejas; não queiramos risonhos os templos dos mortos e sombrios, pesados, abafadores os dos vivos.

Cada edifício deve trazer escultura no próprio estilo a data da sua construção. Deixemos os monumentos góticos onde estão. Anacronismos arquitetônicos já temos bastantes e bons nesta cidade do Rio de Janeiro; façamos para Petrópolis uma igreja de hoje.”

* * *

Conta Petrópolis também a igreja do Santíssimo Coração de Jesus, as capelas de Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Nossa Senhora da Conceição (da Renânia), asilo de Santa Isabel, Nossa Senhora da Soledade (na residência dos padres Paivas), São José (no segundo distrito) e igreja evangélica (na rua Joinville).

ASILO DE SANTA ISABEL

O padre Nicolau Germain, ex-vigário da freguesia de São Pedro de Alcântara em Petrópolis, francês de origem e brasileiro por adoção, cordialmente afeiçoado à nacionalidade que adotara, consagrou-se por mais de 20 anos ao mais escrupuloso desengano da importantíssima missão que se impôs. Convencido de que a educação moral, civil e religiosa é a única base inconcussa para sustentar o edifício social empenhou todo o seu valimento em proporcionar uma verdadeira educação às crianças deserdadas da fortuna. Faltando-lhe, porém, os recursos precisos para fundar uma escola que satisfizesse plenamente ao seu ideal recorreu à Congregação de São Vicente de Paulo, o Pai e o Apóstolo dos Desvalidos, sendo assim fundado o atual asilo de Santa Isabel, que começou em modestíssima escola destinada à educação de meninas pobres, ereta em casa térrea mediante 50\$000 mensais. Dentro de poucos meses era ela freqüentada por 100 alunas.

Faltando os recursos precisos para imprimir-lhe o desenvolvimento de que tanto carecia visto que nem para o aluguel havia a renda necessária e nestas críticas circunstâncias as próprias irmãs sofriam muitas necessidades, a condessa do Rio Novo, sabendo do estado precário de tão útil instituição, ofereceu gratuitamente por cinco anos o prédio que possuía na rua do Imperador nº 58, para o qual se mudou a escola em 1870. Este auxílio, verdadeiramente providencial, foi da maior importância para a sustentação da escola, não foi, porém, para acudir a todas as necessidades.

Por mais de uma vez, pois, resolveu a Congregação mandar retirar as irmãs que, ainda assim, não chegaram a abandonar o seu posto, porque por mais de uma vez também lhes proporcionou Divina Providência alguns recursos inesperados, que as animavam de novo a persistir no caridoso exercício da santa missão que se haviam imposto.

Terminado o prazo fatal de 5 anos, reaparece a primeira dificuldade com a falta de um edifício próprio em que a escola continuasse a funcionar e cujo aluguel importaria em sacrifício superior aos ainda muito minguados recursos do estabelecimento.

Nesta difícil conjuntura a condessa do Rio Novo, proprietária do prédio, sempre caritativa e solícita pela sorte dos desvalidos, tendo em alta consideração a educação das meninas pobres, propôs à congregação a venda do seu prédio por preço muito inferior ao valor real, com a condição

de ser utilizado, em todo o sempre, para aquele mesmo fim. Desse modo aquela benemérita senhora vendeu pela quantia de 24:000\$000 um prédio que valia cerca de 40:000\$000. Donde obter, porém, essa quantia de 24 contos quando o estabelecimento não dispunha nem de 24\$000?

Foi então que monsenhor Sanguigni, internúncio apostólico, solicitando com instância o concurso de alguns amigos, a fim de organizarem uma associação caritativa que se encarregasse de prover a tão grande necessidade, foi aceito o encargo, instalando-se a Associação Religiosa e Caritativa do Asilo de Santa Isabel, sob a presidência do senhor bispo diocesano, sendo o tesoureiro o referido vigário Nicolau Germain e secretário o cônego José Mendes de Paiva.

Redigidos os estatutos e aprovados pelas competentes autoridades, concorreram logo os sócios fundadores com as suas respectivas jóias nunca inferiores a 1:000\$, sendo o prédio comprado pela Associação e entregue à Congregação de S. Vicente de Paulo com a indeclinável condição de ser utilizado sempre em benefício da educação de meninas pobres. Vencida a primeira dificuldade e remediada a mais urgente necessidade, cumpria ocorrer às despesas em que importavam o custeio, incremento e a manutenção do estabelecimento que não possuía um real de patrimônio. Nenhum meio se oferecia com probabilidade de duração, senão a criação conjunta de um colégio anexo para a educação e instrução de meninas contribuintes, a fim de que os lucros que daqui proviessem fossem aplicados à manutenção do asilo das meninas pobres. Assim se propôs, assim se venceu. Novas dificuldades interpõem-se ainda à realização deste projeto. O edifício era insuficiente para tanto e sendo de absoluta necessidade aumentá-lo em maiores proporções, como realizá-lo sem capitais?

Veio nesta embaraçosa ocasião em auxílio da Associação um dos sócios fundadores monsenhor Francisco de Castro Abreu Bacelar, de saudosa memória! Propôs este virtuoso sacerdote adiantar sem juros a preciosa quantia para as indispensáveis obras, cuja importância excedeu a 100:000\$000, não se limitando sua inesgotável generosidade a este grandioso ato de caridade. Mais tarde sendo necessário mais amplo espaço de terreno para o desenvolvimento das construções, o mesmo sacerdote cedeu, da soma que havia emprestado, a quantia de 40:000\$ a fim de que a Associação pudesse fazer aquisição do novo terreno sem aumentar a dívida já contraída.

É para lamentar sinceramente, à vista do exposto, a perda de tão benemérito associado e seria absolutamente irreparável se não lhe sobrevivesse seu irmão o comendador Fernando de Castro Abreu Magalhães que até no espírito de caridade se mostrou sempre consangüíneo daquele cujo passamento foi tão profunda e sinceramente lamentado.

À custa de todos esses auxílios, verdadeiramente providenciais, o Asilo de Santa Isabel, criado na imperial cidade de Petrópolis, tem obtido cada ano notável incremento, prestando o benefício de uma verdadeira

educação moral, civil e religiosa a mais de 200 alunas das seguintes categorias:

Alunas internas contribuintes	50
Alunas internas gratuitas	33
Alunas meio pensionistas	54
Alunas externas gratuitas	64

É de 14 o número das irmãs de caridade, incumbidas do magistério e mais trabalhos deste estabelecimento, que reúne todas as condições higiênicas, tratamento acurado e alta capacidade da superiora ⁽⁵²⁾.

ASILO DO PADRE SIQUEIRA OU ESCOLA DOMÉSTICA DE N. SENHORA DO AMPARO

Esta casa de caridade fundada em 1868 pelo padre João Francisco de Siqueira Andrade é um verdadeiro baluarte contra a perversão dos costumes, contra as ameaças da miséria. É um estabelecimento destinado especialmente à educação de meninas desvalidas sem distinção de classe, cor ou origem, de modo que elas encontrando amparo e proteção possam viver de seu trabalho honesto e corresponder aos elevados fins de uma instituição de incontestável utilidade. Naquele santuário a órfã abandonada ou a menina pobre tem instrução indispensável à mulher, e acostumando-se ao trabalho, sendo o tempo ali dividido entre o estudo e o trabalho.

A escola funciona em vasto edifício situado na rua Bragança, esquina da D. Leopoldina, levantando por meio de esmolas e graças à força de vontade do padre Siqueira.

O que constitui a instrução das educandas consiste em doutrina cristã, ler e escrever corretamente a língua nacional e as quatro operações fundamentais da aritmética, exercício de leitura em livros piedosos, história sagrada e música de cantos, obras de agulha, costura, bordados, tecidos, flores, calçados de lã, chapéus etc., cozinhar, lavar e engomar, confeitaria, conhecimento prático de horticultura e jardinagem vulgares e prática na enfermaria da casa. Estes trabalhos são distribuídos semanalmente pelas educandas que são divididas em classes e estas em turmas, tendo-se em especial consideração as idades, forças físicas e aptidões de cada uma.

O asilo conta atualmente 69 meninas órfãs e desvalidas, sob a direção da irmã superiora d. Teodora de Schaeffer e Almeida ⁽⁵³⁾, e fiscalização do cônego José Bento de Andrade, irmão do fundador falecido a 10 de abril de 1881. Consta o patrimônio de 97 apólices, sendo a casa sustentada pela caridade pública. Desde a sua fundação (14 anos) tem saído para mais de 30 meninas, umas para criadas em casas de família, outras para professoras e adjuntas em colégios, e, finalmente, têm-se casado algumas. A educação das meninas tem sido tão esmerada quanto se tem podido.

A Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo vive de esmolas. Dentre outros benfeitores, cujos nomes não se ouvidarão jamais, destaca-se os de Vicente Ubelhart, que deixou em seu testamento o importante legado de 74:000\$000 em apólices da dívida pública aplicado ao patrimônio da casa por seu testamenteiro o comendador Manuel José Rodrigues. Da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, pode-se dizer, à vista dos fatos, que uma instituição desta ordem devida ter sido fundada a mais tempo pelos resultados benéficos que tem apresentado ⁽⁵⁴⁾.

HOSPITAL DE SANTA TERESA

Importante estabelecimento de caridade que valiosos serviços tem prestado o hospital de Santa Teresa situado no vale do Ingelheim ⁽⁵⁵⁾ é um vasto edifício perfeitamente ventilado, dividido em duas enfermarias para homens, uma de medicina, outra de cirurgia e duas para mulheres além de quartos particulares, modesta capela e outras dependências, onde se acham farmácias, refeitório, secretaria, sala do médico e aposentos para empregados. O pessoal compõe-se de um médico efetivo e um adjunto, capelão, escriturário, enfermeiro e ajudante, servindo o enfermeiro de farmacêutico, enfermeira, lavadeira, cozinheira e quatro serventes. Recebe pensionistas cuja tabela é a seguinte: quartos particulares 4\$000, enfermarias particulares 3\$000, enfermaria geral 2\$000, escravos 1\$200.

Ainda a S. M. o Imperador deve Petrópolis a fundação do atual hospital de Santa Teresa. Querendo dar mais uma prova de sua imperial solicitude pelos enfermos da colônia de Petrópolis e suas circunvizinhanças e desejando, além disto erigir um monumento que perpetuasse o nome e piedade da sua muito amada e prezada esposa a imperatriz d. Teresa Cristina Maria, houve por bem nomear uma comissão composta do barão de Lorena, Carlos Joaquim Wylep, Francisco José Bernardes e Adolfo Simonsen, sob a presidência de Paulo Barbosa da Silva, mordomo da sua Imperial Casa, que promovendo, segundo instruções que foram expedidas pelo dito mordomo, a revisão dos prazos, que tivessem caído em comisso naquela fazenda, apesar de ter sido prorrogado por duas vezes o prazo do tempo marcado para edificação, os fizesse aforar de novo em hasta pública, aos indivíduos que por eles oferecessem maior jóia de entrada, devendo o valor das jóias ficar empregado em fundos públicos enquanto não fosse aplicado para auxílio da construção sob a invocação de Santa Teresa. Ordenou portanto a Paulo Barbosa da Silva, do seu conselho, gentil-homem da sua Imperial Câmara e seu mordomo que assim o tivesse entendido e fizesse executar. Palácio de Petrópolis, em doze de abril de mil oitocentos e cinquenta e cinco, trigésimo quarto da Independência e do Império. Com a rubrica de Sua Majestade o Imperador. - *Paulo Barbosa da Silva*.

A importância dessas jóias e diversos donativos obtidos pela comissão elevou-se a 50:507\$856 que S. M. o Imperador mandou entregar em 1871 à presidência da província para terem a devida aplicação. As obras foram orçadas em 125:000\$000, passando além do orçamento com as obras suplementares.

A 2 de fevereiro de 1871 foi assentada a pedra fundamental do edifício, quando presidente da província o conselheiro Teodoro Machado Freire Pereira da Silva e engenheiro do distrito o dr. Eduardo dos Guimarães Bonjean. As obras começaram a 21 de fevereiro de 1872 na presidência do conselheiro Josino do Nascimento Silva, terminando em 1876, sendo inaugurado o hospital a 12 de março desse ano quando presidente da província o conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima, que nomeou uma comissão provisória composta dos srs. barão do Catete, barão de Maroim, comendador Bernardo Ferraz de Abreu, coronel Joaquim Ribeiro de Avelar, dr. Francisco Cândido de Bulhões Ribeiro, padre Francisco de Castro Abreu Bacelar, major José Cândido Monteiro de Barros, comendador Antônio Ribeiro Queiroga, comendador Paulino Afonso Pereira Nunes, que entre si resolveram criar uma comissão administradora que por unanimidade de votos ficou composta dos srs. barão do Catete, presidente, Paulino Afonso Pereira Nunes, secretário e coronel Joaquim Ribeiro de Avelar, tesoureiro, comissão aprovada a 5 de maio de 1876 pelo presidente da província. Mais tarde foi criado o cargo de vice-presidente que tem sido preenchido pelo dr. José Francisco Frougeth.

Petrópolis não seria digna da admiração dos que a visitam se não tivesse uma casa de caridade como o hospital de Santa Teresa.

PALÁCIO DE CRISTAL

Foi construído no local do antigo Passeio Público. É uma estufa que ostenta as suas colunas de ferro e paredes de vidro branco coberto de vidro opaco. Se o Palácio de Cristal tem sido conveniente e útil a Petrópolis poderão dizer os frequentadores da bela cidade que têm assistido às festas que ali se têm dado. O antigo Passeio Público era um belíssimo ponto de reunião de crianças e famílias.

O Palácio de Cristal foi construído nas oficinas da Sociedade Anônima de Saint-Sauveur-les-Arras para a Associação Hortícola e Agrícola de Petrópolis da qual é presidente S. A. o sr. conde d'Eu. Destinado a servir de lugar de exposição ou de festas tem a enorme estufa uma vasta sala composta de uma parte central e dois corpos laterais retangulares com uma superfície de 224 metros quadrados. Ligam-se ao corpo principal duas meias luas, cada uma com a superfície de 56 metros quadrados, no caso de haver exposição hortícola para receber pequenos volumes e plantas e em

numerosas reuniões os necessários acessórios para uma sala de festas. É incontestavelmente um elegante edifício solidamente construído pelo engenheiro Eduardo Bonjean.

Inaugurou-se esse palácio-estufa no dia 2 de fevereiro de 1884 com um baile dado em benefício da Associação Hortícola. Mais tarde realizaram-se ali exposições de flores e outros produtos embora sem animação ⁽⁵⁶⁾.

ESTABELECIMENTO HIDROTERÁPICO (DUCHAS)

Útil melhoramento e real serviço prestou a Petrópolis o cidadão francês Antoine Court construindo em 1877 o estabelecimento hidroterápico tão conhecido e que tão bons serviços tem prestado a enfermos que o procuram. Situado na rua Nassau, sã e arejada, ao sopé de uma colina coberta de frondosa vegetação que alimenta e fornece-lhe água com abundância e de boa qualidade, é visto de longe e agrada pelo local em que está, tendo sido construído em extensão conveniente para acudir às exigências da numerosa clientela que já tem. A sala de hidroterapia propriamente dita ocupa uma área de 10 metros quadrados e tem os hidróferos mais perfeitos e modernos como os que funcionam em iguais estabelecimentos de Paris, tais como os *hydromélangeurs* (misturadores d'água) para graduar a temperatura da água, que oscila durante o calor mais forte entre 12° e 15° e durante o inverno na do gelo. Oito a dez mil duchas são dadas desde o mês de novembro ao fim de junho a diferentes doentes de diversas moléstias. As que mais resultado têm obtido são as de vias respiratórias e digestivas, reumatismos, febres paludosas, intermitentes, nevralgias, nevropatia, paralisia etc.

O estabelecimento é freqüentado pela família imperial e alta roda do Rio de Janeiro que vai para Petrópolis. Muitos médicos visitam-no fazendo-lhe elogios.

As duchas diversas e banhos são aplicados aos homens pelo proprietário, o sr. Court, debaixo de prescrição do médico que fez o diagnóstico da moléstia e às senhoras, também de acordo com as prescrições do respectivo médico, por Mme. Court, que para isso dispõe de longa prática.

O estabelecimento está situado em distância calculada da cidade para obrigar o doente a fazer o necessário exercício de modo que se opere a reação. Possui boa sala de ginástica, vasta piscina, grande tanque de natação e bonito jardim, etc. ⁽⁵⁷⁾.

FRUITIÈRE BUISSON
(CRÊMÉRIE PARISIENNE)

Jules Buisson, o homem dos queijos e da manteiga fresca, o industrial caprichoso e tenaz que vive qual velho solitário - caminho da Quitandinha - cerca de meia hora distante da cidade, num retiro que ele denominou *Petit Dauphiné*, é o fundador da *Crêmerie Parisienne*. Este homem começou sua vida em Inhaúma, onde tentou fundar a *Crêmerie*, o que conseguiu em 1875, depois de uma pequena viagem a Petrópolis, onde reconheceu todas as condições necessárias para começar a sua indústria. A princípio teve todas as dificuldades como principalmente achar uma casa cuja colocação fosse conveniente, depois a de poder encontrar o leite necessário, pagando ao princípio 200 réis por litro sendo ainda hoje obrigado a pagar 160rs. Recebendo ele na média de 400 litros por dia paga 64\$000 aos colonos, seus fornecedores de leite. O sr. Buisson sustenta a grande necessidade de tornar-se o Brasil exportador de queijos e manteiga para a Europa, pois não lhe faltam os meios necessários para a prosperidade dessa indústria. Diz ele que os que conhecem as ricas e imensas pastagens das províncias de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, as quais sustentam milhares de cabeça de gado, não deixarão de fazer esta reflexão, que aliás ocorre a qualquer pessoa que queira meditar nos elementos necessários que possui o Brasil para suprir essa falta.

O fim que o sr. Buisson tinha em vista era o que os franceses chamam de *fruitière* (fábrica de queijos), que é uma sociedade de cultivadores reunindo-se em comum para levarem em dias e horas marcadas, em lugar preparado para esse fim, todo o leite que podem vender para o fabrico de queijos e manteiga. O Sr. Buisson hoje tem uma *fruitière*, recebendo leite de diversos, mas fabricando ele só os queijos e a manteiga, produtos que não têm competidor e cuja excelência já é admirada.

Tratando do capital empregado o sr. Buisson diz que o período lactário de uma vaca é de 300 dias por ano. Supondo que uma vaca dê somente 6 litros de leite por dia, teremos:

$$300 \times 6 = 1.800 \text{ a } 100 \text{ réis} = 180\$000.$$

O preço de uma vaca regular é de \$60 a 80\$000 réis, deixando logo no fim do primeiro ano um lucro de 100\$000 ao menos sem contar a criação e ainda o estrume que o colono aproveita.

A *fruitière Buisson* está situada, como disse, a caminho da Quitandinha numa pequena vivenda rodeada de jardim, encantadora como deve ser uma habitação de francês. A oficina para fabrico dos queijos e manteiga é asseiadíssima e confortável. Na frase do sr. Buisson é quase um crime entrar ali um profano, raros são os que têm merecido essa distinção do solitário da Quitandinha.

FÁBRICA DE TECIDOS NA CASCATINHA

A Companhia Petropolitana, organizada em 1874 por Bernardo Caymari, possui atualmente uma fábrica de fiação e tecidos com 6.000 fusos e 140 teares, situada na *Cascatinha*, em Petrópolis, local conhecido e de ótimo clima. A sua força hidráulica representada por uma queda d'água de 87 metros e volume de 700 litros, por segundo, traduz-se na maior seca e sem auxílio de açude em 800 cavalos-vapor.

Na parte baixa da queda, *thalweg* do Itamarati e do Piabanha, os terrenos da companhia acham-se cortados pela via férrea Príncipe do Grão-Pará, o que lhe permite o fácil transporte de todo o seu material de importação e exportação.

A atual fabricação, cerca de 7.000 metros diários, tem tido muita aceitação e procura no nosso mercado. O seu pessoal cifra-se em cerca de 400 operários de ambos os sexos.

A companhia tem a sua sede à rua 1º de Março nº 97, Corte.

Em assembléia geral que teve lugar a 4 de setembro de 1885, ficou resolvido que o capital da companhia fosse elevado a 2.000:000\$000 para dar maior desenvolvimento à produção daquela fábrica, aumentando o número de seus teares a 850 com a competente fiação de tinturaria. O capital acrescido já está todo subscrito e brevemente dar-se-á princípio às novas obras.

FÁBRICA DE TECIDOS NA RENÂNIA

Quem vai ou volta da Fruitière Buisson vê à margem do rio Quitandinha na rua Renânia ⁽⁵⁸⁾ um grande estabelecimento que ocupa uma área de mais de cinco mil metros quadrados com frente de duzentos metros correntes. Esse estabelecimento é a Imperial Fábrica de S. Pedro de Alcântara, cuja fundação é devida à iniciativa particular. Alguns negociantes do Rio de Janeiro resolveram fundar uma fábrica de tecidos de algodão, em Petrópolis, indústria que mais convinha ao lugar para serem aproveitados tantos braços sem ocupação que ao tempo da fundação existiam (1873). Dez anos depois o motor hidráulico foi ajudado por outro a vapor, máquina da força de 50 cavalos e ultimamente foi melhorado o receptor hidráulico, sendo substituído por uma roda de ferro do sistema Fairbairn que podem aproveitar 80% da força d'água disponível. A fábrica hoje dispõe de uma força de 20 cavalos.

A sua fiação tem 4.500 fusos e 108 teares de vários sistemas. Há no estabelecimento uma tinturaria bem montada e com as necessárias máquinas, uma oficina de serralheiro com importantes máquinas auxiliares, uma de funileiro e de carpinteiro.

A fábrica produz algodão branco de diversas qualidades, mesclados, cassinetas etc., tecidos que suprem com muita vantagem para o consumidor os similares que até bem pouco tempo eram importados do estrangeiro com grande prejuízo do produto nacional.

Calcula-se em 60.000 fardos de algodão o consumo desta fábrica por ano. O pessoal é de mais de 200 operários entre homens, mulheres e crianças, que vencem salários de 500 rs. a 5\$000 diários ⁽⁵⁹⁾.

HOTÉIS

Merecem justamente ser tratados em primeiro lugar os hotéis Bragança e Orleans, ambos de propriedade de Antonio Pereira Campos, um dos homens que mais serviços tem prestado a Petrópolis. O hotel Bragança está situado à rua do Imperador ns. 21 e 23 em grandes prédios, pertencentes outrora a José Narciso Coelho, Manuel Maria Bregaro, João Maria Bregaro e hoje ao comendador Rodrigo Delfim Pereira. O hotel tem 92 quartos, grande salão de visitas, diversas salas anexas aos quartos, sala de espera, jogo e grande refeitório com mesa para 200 pessoas, espaçoso salão de baile e teatro, vasta cozinha, cocheira, dispensa, adega, banheiros e outras dependências para o serviço e cômodos para criados e empregados do estabelecimento. É no grande salão desse hotel que faz suas reuniões o *Clube dos Diários*, assim denominada modesta associação sem estatutos nem regulamento criada por um grupo de viajantes que fazem a viagem redonda de Petrópolis à Corte diariamente.

O hotel Orleans situado na base de uma pequena colina na praça D. Afonso ao fundo e a cavaleiro do rio Quitandinha foi recentemente construído pelo seu proprietário o comendador Fernando de Castro Abreu Magalhães. O estabelecimento do hotel é de Antonio Pereira Campos que o inaugurou em 1883. É um belo edifício de majestosas proporções, tendo magníficas salas e confortáveis aposentos e outras dependências de um estabelecimento de primeira ordem neste gênero, talvez o primeiro do Brasil compreendendo mesmo o Grande Hotel em S. Paulo ⁽⁶⁰⁾.

Ambos os hotéis têm carros para conduzir passageiros para a estação da Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará sendo que o hotel Bragança também tem belos carros para passeios e digressões.

HOTÉIS BRAGANÇA E ORLEANS

Horário das refeições

Almoço (mesa redonda) 9 1/2 horas

Jantar (idem) 4 horas

NB. Qualquer refeição fora destas horas será considerada extra.

PREÇOS

Pensão diária: almoço, jantar, quarto	5\$000
Almoço extra	2\$500
Jantar extra	3\$500
Quarto para cada pessoa	2\$000
Um banho quente	1\$000
Um banho frio, chuva ou de cascata	\$500
Assinatura mensal de banho frio	12\$000

REGULAMENTO INTERNO

1º - O dia da chegada dos hóspedes será contado como uma pensão, qualquer que seja a hora em que chegarem.

2º - Os hóspedes que se não conformarem com o horário estabelecido para as refeições terão a bondade de declarar a hora em que querem ser servidos, vigorando então a tabela estabelecida para os extraordinários.

3º - Os hóspedes que quiserem ser servidos em seus aposentos pagarão mais 1\$000 diários por pessoa.

4º - Os hóspedes são rogados a inscrever seu nome e residência fora de Petrópolis, no livro que o estabelecimento tem para esse fim, não só para a regularidade do serviço como para se poder reclamar do correio a sua correspondência e devolver a que vier depois de sua retirada.

5º - Para regularidade dos lançamentos, os pedidos de vinho ou outros quaisquer extraordinários só serão satisfeitos à vista de cartões especiais firmados pelos hóspedes.

6º - Não é permitido aos hóspedes consumir vinho ou outras quaisquer bebidas que não sejam fornecidas pelo hotel.

7º - Os hóspedes que se ausentarem sem fazer a devida participação continuarão a pagar a sua pensão da mesma maneira que se estivessem presentes.

8º - O estabelecimento possui um serviço completo de campainhas elétricas, por meio das quais poderão os hóspedes chamar qualquer empregado, bastando para isso tocar no botão de marfim colocado no batente da porta, uma vez para criado e duas vezes para criada, dando tempo suficiente para se acudir ao chamado. Para evitar qualquer desarranjo, pede-se aos hóspedes o obséquio de só se servirem das campainhas quando lhes for absolutamente necessário.

9º - As contas dos hóspedes serão extraídas e liquidadas todas as segundas-feiras.

Observações. - Os hóspedes que tomarem cômodos para toda a estação calmosa (1º de dezembro a 30 de abril) terão direito a redução de

10% sobre a despesa extraordinária.

* * *

O hotel Inglês, à rua Princesa D. Januária nº 10, ex-hotel Mac Dowall, nome pelo qual é mais conhecido, está situado na primitiva casa da fazenda do Córrego Seco gozando o prédio dos forros do mais antigo da atual cidade de Petrópolis. O edifício pertenceu a princípio a d. Maria Arruda da Silveira, depois ao imperador d. Pedro I, a S. M. o Imperador o sr. d. Pedro II que o cedeu ao major Rodrigo Delamare Koeler, um dos fundadores de Petrópolis, pertencendo hoje a d. Ana Arruda da Silveira. O hotel é hoje propriedade de R. Mills e tem carro próprio⁽⁶¹⁾.

O hotel Grão-Pará, ex-Beresford, nome de seu proprietário George Beresford, está situado à rua do Imperador em frente ao Palácio Imperial. Fala-se português, francês, inglês e alemão. O hotel tem carro seu para condução de passageiros⁽⁶²⁾.

ESTRADA UNIÃO E INDÚSTRIA

O viajante que chega a Petrópolis deve percorrer a antiga Estrada União e Indústria, dividida em 2 seções, a 1ª de Petrópolis a Entre Rios (estação da via férrea D. Pedro II) e a 2ª dali a Juiz de Fora. A 1ª seção é a mais importante por ser de mais trânsito e por ter obras de arte de grande valor, primorosamente acabadas tais como a ponte metálica de Entre Rios sobre o rio Paraíba com 150m de comprimento, descansando em 2 formidáveis pegões e 2 pilares de cantaria lavrada, a do Piabanha sobre o rio deste nome medindo 74 m e descansando em 2 pegões e 1 pilar, embora menor do que a antecedente, as de Santana e da Posse sobre o mesmo rio Piabanha, iguais às outras na caprichosa execução e solidez e sem contar muitos pontilhões e boeiros.

A condução de passageiros por essa estrada é feita em diligências adotadas nas melhores estradas de rodagem da Europa tiradas por possantes animais com a velocidade de 4 a 5 minutos por quilômetro, fazendo o percurso de Petrópolis a Entre Rios e vice-versa de 5 a 6 horas inclusive o tempo necessário para a mudança de animais nas estações dos Correias, Pedro do Rio, Posse, Areal e Grama.

Os passageiros têm 3 classes de lugares a escolher nas diligências,

Os passageiros têm 3 classes de lugares a escolher nas diligências, dentro e fora.

Os preços são os seguintes:

	1ª cl.	2ª cl.	3ª cl.
Correias	3\$000	2\$500	2\$000
Pedro do Rio	6\$000	5\$000	4\$000
Posse	9\$000	7\$500	6\$000
Julioca	10\$500	8\$500	7\$000
Luís Gomes	12\$000	10\$000	8\$000
Entre Rios	15\$000	12\$000	9\$000

As diligências partem de Entre Rios às 11 horas da manhã e chegam a Petrópolis às 5 1/2 da tarde. Partem de Petrópolis às 4 1/2 horas da manhã, chegam a Entre Rios às 10 horas. São agentes da companhia os Srs. Francisco de Paula Duarte & cia., Rua Visconde de Sousa Franco nº 1.

ESTRADA DE FERRO PRÍNCIPE DO GRÃO-PARÁ

A Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará tem seu escritório na Corte à rua da Quitanda nº 119. A sua diretoria compõe-se dos srs. dr. João Martins da Silva Coutinho, presidente, dr. João Franklin de Alencar Lima, secretário, comendador Francisco Tavares Bastos, tesoureiro, dr. Luís Berrini, diretor delegado. O conselho fiscal é formado dos srs. comendador Albino de Freitas Castro, Francisco Carlos Naylor e Miguel Calógeras.

Empregados no escritório: João S. de Avelar, guarda-livros; Euclides de Andrade, contador; Miguel Fragoso, pagador; chefes de trem, Herculano Marques e Leopoldo Amaral. Agentes de estação: da Corte, Pio Fragoso; de Petrópolis, Bento Miguel de Carvalho Guimarães, praça Príncipe do Grão-Pará nº 7; do Alto da Serra, José Antônio Fragoso; de Mauá, José dos Anjos; de Inhomirim, Booz Alves da Fonseca; da Raiz da Serra, Bernardino Moreira de Freitas. Chefe das oficinas no Alto, Francisco Franco de Siqueira.

PREÇOS DAS PASSAGENS - ESTAÇÕES

Corte	1ª cl.	2ª cl.
Mauá	1\$200	1\$000
Inhomirim	2\$600	2\$000
Raiz da Serra	3\$900	3\$000
Petrópolis	7\$500	6\$000

Mauá

Corte	1\$200	1\$000
Inhomirim	1\$400	1\$000
Raiz da Serra	2\$800	2\$000
Petrópolis	6\$400	5\$200

Inhomirim

Corte	2\$600	2\$000
Mauá	1\$400	1\$000
Raiz da Serra	1\$400	1\$000
Petrópolis	5\$200	4\$200

Raiz da Serra

Corte	3\$900	3\$000
Mauá	2\$800	2\$000
Inhomirim	1\$400	1\$000
Petrópolis	4\$000	3\$200

Petrópolis

Corte	7\$500	6\$000
Mauá	6\$400	5\$200
Inhomirim	5\$200	4\$200
Raiz da Serra	4\$000	3\$200

Para os constantes passageiros de 1ª classe entre a Corte e Petrópolis há o recurso da assinatura que se dá do seguinte modo:

1º. Para 4 viagens redondas num mês	50\$000
2º. Para 8 viagens redondas num mês	80\$000
3º. Para viagens diárias num mês	120\$000
4º. Para viagens diárias num trimestre	300\$000
5º. Para viagens diárias num semestre	500\$000
6º. Para viagens diárias num ano	730\$000

Aos domingos e dias santificados vendem-se na estação da Corte, na Prainha, bilhetes de ida e volta a Petrópolis, válidos somente para o dia, ao preço de 8\$. Pagando, entretanto, 10\$000 réis tem direito a duas refeições no Hotel Bragança.

São cinco as estações da estrada: Mauá, Inhomirim, Raiz da Serra, Alto da Serra e Petrópolis.

Da tabela seguinte vê-se a altitude correspondente ao respectivo quilômetro a partir da Raiz:

K. 0	44m
K. 1.....	147m
K. 2.....	232m
K. 3.....	444m
K. 4.....	588m
K. 5.....	738m
K. 6 (*).....	854m
K. 7.....	847m
K. 8.....	829m
K. 8,810m.....	826m

É sabido que a Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará compreende hoje as linhas férreas de Mauá a Raiz da serra da Estrela, deste ponto a Petrópolis bem como seu prolongamento até São José do Rio Preto, dividindo-se em quatro seções, sendo a primeira do porto de Mauá a Raiz da Serra, a segunda daí à cidade de Petrópolis, a terceira desta ao Areal e a quarta do Areal a São José do Rio Preto, sendo este o ponto terminal da estrada.

O contrato da concessão do prolongamento da estrada, de Petrópolis a São José do Rio Preto, foi firmado a 3 de julho de 1884 com o governo provincial na presidência do Conselheiro José Leandro de Godói e Vasconcelos. A 3ª seção começa em Petrópolis a 100 metros aquém da estação, de modo que os trens terão de recuar para atravessar o rio Palatino sobre uma ponte férrea de 15m de vão e grande obliquidade, procurando daí o alto do Quissamã (0,700 km) que separa as vertentes dos rios Palatino e Itamarati. Nesse alto havia opção entre corte a céu aberto ou túnel, sendo este preferido à vista da estreiteza da garganta e portanto dos taludes enormes e mal seguros que teria o corte. O túnel de 60m de extensão, é todo revestido, com abóbada de tijolo, tendo passado por ele locomotiva pela primeira vez a 30 de outubro. Forma ele o ponto culminante do prolongamento a 826,80m acima do nível do mar. Do alto do Quissamã a linha desenvolve-se pela encosta à direita, à grande elevação acima do fundo do vale, com cortes e aterros de grande altura, entra no vale do Rio Itamarati e depois volta rio abaixo pela margem direita até a sua junção com o Piabanha logo abaixo

*. No Alto da Serra do Km 6 há 855m de altitude.

da Cascatinha (5,800 km). Forma este trecho uma descida contínua que vence 106,40m de altura, com o declive máximo de 22 por 0/00 na máxima parte de sua extensão. A volta de ferradura no vale de Itamarati apresenta uma curva que excede ao semicírculo e na qual se acham: 1^o um túnel de 140m de extensão, dos quais os primeiros 108 abertos na rocha viva, exigindo revestimento, os restantes 32, sendo a abóbada de cantaria; 2^o ao sair do túnel avista-se na distância de cerca de 500m a imponente cascata de Itamarati, passando-se imediatamente ao viaduto sobre uma cachoeira do mesmo rio com 67,20m de vão total, dividido em 3 vãos parciais iguais por dois pilares de ferro com 14,8m de altura acima da sua fundação. A construção é semelhante à do viaduto da Grota Funda (serra da Estrela), porém mais reforçada em razão da velocidade maior dos trens. A altura dos trilhos acima d'água do rio chega a 20m.

A partir do viaduto, embora a linha ainda se ache em altura considerável acima do rio, tornam-se menos pesadas as obras do leito. No fim da grande rampa, ora descrita, será estabelecida uma parada para o serviço da fábrica de tecidos na Cascatinha. Desse ponto em diante a linha acompanha o rio Piabanha pela sua margem direita com as seguintes pontes: 1^a de 9m de vão sobre o ribeirão da Samambaia em frente à fazenda do mesmo nome; 2^a de 19m de vão sobre o rio Bonfim do Padre Correia ⁽⁶³⁾, onde se vê histórica figueira; 3^a e 4^a de 9m de vão sobre os ribeirões do Padre Amaro e Urubu. No sítio denominado Olaria pouco abaixo da foz do grande afluente da margem esquerda, denominado rio da Cidade, exatamente no lugar onde houve a ponte da velha estrada de Minas, atravessa a linha o rio Piabanha mediante uma ponte com um vão único de 30m e obliquidade de 30 graus (15,300km). Os trilhos estarão ali na altitude de 684m e a cerca de 7,50m acima d'água. Continua a linha pela margem esquerda do Piabanha transpondo sucessivamente os ribeirões do Manga Larga, Magé, Pegado, Barra Mansa e outros menores. Da Cascatinha ao Itaipava (22,700km) os declives são insignificantes e as obras do leito de média importância. A partir do último ponto forma o Piabanha extensas cachoeiras, avultando a pedra no leito do rio e dos cortes. Em Pedro do Rio (altura de 644m) foi feita uma estação que fica a 26,100km de Petrópolis. Dois quilômetros além de Pedro do Rio a fralda de montanhas é de rocha compacta que por vezes desce nua até a água do rio, sendo porém a dificuldade da execução mais aparente do que real. A 31,500km de Petrópolis a linha abandona o Piabanha (altura de 622,800m) e começa a subir para o Alto do Cedro a fim de evitar as obras dispendiosas e o alongamento que encontraria se como a União e Indústria acompanhasse o rio pelas pedreiras e cachoeiras do Taquaril. O Alto do Cedro (32,750km) é transposto na altura de 643,40m mediante um túnel de 147m de extensão em reta, revestido na máxima parte, sendo de tijolo a abóbada. No túnel principia uma descida contínua com 7,200km de

comprimento e declive de $2 \frac{2}{3} \%$. A natureza íngreme e recortada da encosta, a grande altura da linha acima do fundo do vale, pelo qual corre o rio Iricanã, a necessidade de formar uma *boucle* ou ferradura ao sopé da rampa para obter desenvolvimento, fizeram avultar extraordinariamente as obras deste trecho, que apresenta 14 cortes com altura de 12 a 15 metros no eixo da linha e dois com mais de 25 metros, seis aterros com 12 ou mais metros e um com 22m de altura sem contar grande número de cortes e aterros que nos seus taludes atingem alturas não menores. Além do túnel do Alto do Cedro há um no contraforte do Leonardo com 72 metros de extensão, todo revestido em tijolo.

Em questão de obras de arte há um viaduto de 30m de vão total divididos em 3 vãos por 2 pilares de ferro, outro de 9m de vão, 5 paredões com 6 a 12m de altura além de outros menores e uma infinidade de boeiros de grande comprimento e finalmente no sopé da grande rampa e no vértice da ferradura a ponte sobre o rio Piabanha com 68m de vão total. Sendo os 2 vãos parciais extremos de 20m e de 14m os dois intermediários, estando os pilares nos. 1 e 2 numa ilha. A ponte é em curva sobre uma corredeira e a altura dos trilhos acima do rio chega a 9,30m. A partir desta ponte (39,750km) na altura de 451,60m desce a linha por declives mais brandos na margem direita do Piabanha até a confluência deste com o rio Preto (41,300km) onde está a estação do Areal na altura de 443,60m. É ela o ponto mais baixo do prolongamento e termina aí a 3ª seção. Está a 26km de Entre Rios pela Estrada União e Indústria e nela tocamos as freguesias de Bemposta, Cebolas e Sapucaia, o que é importantíssimo.

A 3ª seção ofereceu notáveis dificuldades de execução, podendo-se dizer que não há trecho que se possa francamente qualificar de obra leve. Os declives máximos já foram indicados. As rampas menos fortes estão todas abaixo de $1 \frac{3}{4} \%$, sendo o raio mínimo de 114,74m e o emprego quase constante na grande rampa do morro do Cedro.

A 4ª seção compreende o trecho entre Areal e São José do Rio Preto, tem 25,500km de extensão e margeia constantemente pelo lado direito o rio Preto, o qual pelo volume das águas é superior ao Piabanha do qual é aliás considerado afluente quando devera ser o contrário. Os morros que limitam o vale têm caráter menos abrupto que o Piabanha, as terras são melhores e portanto muito mais desenvolvida a lavoura.

Em frente ao arraial de São José que está à margem esquerda, a linha se acha na altura de 549,40m tendo assim vencido uma diferença de nível de 106m a partir do Areal. Forma o rio Preto numerosas cachoeiras ou corredeiras separadas por trechos de declive quase insensível. A mais importante estende-se entre 1,800km e 3,400km do Areal, sendo necessário um declive de $2 \frac{1}{2} \%$ nessa extensão toda para vence-la com numerosos cortes em rocha. É essa a máxima rampa da 4ª seção, exceção feita de uma

contra-rampa de 2% nas Águas Claras os outros declives não vão além de 1/2%.

Agudíssimas tortuosidades que de vez em quando apresenta o rio obrigaram em vários pontos a cortes importantes e paredões apesar de ter-se abaixado em alguns pontos excepcionais a 100m o raio mínimo de curvatura que na 3ª seção é limitado a 115m. Há numerosíssimos boeiros e pontilhões até 6m de vão, mas uma só ponte de 13m de vão sobre o rio Bonito (9,900km do Areal). Paredões atingem 6m de altura.

As localidades que merecem menção no percurso da linha são o arraial da Figueira (8km do Areal) na altura de 496m, a barra do Rio Bonito (10km) na altura de 497m, o Camboatá (17,900km) na altura de 526m, as Águas Claras (21km) na altura média de 533m e finalmente São José, arraial situado numa colina íngreme, estando a igreja a cerca de 50m acima do nível do rio ou proximamente na altitude de 600m. A extensão total do prolongamento (3ª e 4ª seções) é de 66,800Km. A Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará terá, portanto, perto de 92 quilômetros a partir de seu ponto inicial em Mauá.

A 30 de junho de 1885 estavam executadas no leito do prolongamento as obras em toda a extensão da 3ª seção (41,300km) e em metade (12,800km) da 4ª, procedendo-se à locação dos 12,500km restantes desta. As obras do leito nessa data haviam importado em 670:623\$538 sendo as da 3ª em 594:310\$108 e as da 4ª em 76:313\$430. Já estão colocadas a superestrutura férrea da ponte do Rio Palatino, ao sair da estação de Petrópolis, 15m de vão e prontos 705m de via permanente até a boca do túnel de Quissamã, estando projetadas e demarcadas as estações de Pedro do Rio e Areal. Achando-se perfurado o túnel de Quissamã, é de crer em vista do adiantamento das obras que se possa fazer sem interrupção o assentamento dos trilhos até Águas Claras, visto estarem quase concluídos os outros túneis e dever-se proceder antes da chegada dos trilhos à montagem do viaduto do Itamarati e das pontes sobre o Rio Piabanha na Olaria e no Areal.

Já chegaram 1.600 toneladas de trilhos e acessórios, desvios, caixas-d'água, giradores, superestruturas metálicas das pontes, duas locomotivas, 5 carros para passageiros, 3 ditos para animais, 40 vagões para mercadorias, material telegráfico, etc.

As obras de arte mais importantes são:

Túnel de Quissamã	60m
“ “ Itamarati	140m
“ “ Cedro	147m
“ “ Leonardo (Iricanã)	72m
	—————
Total.....	419m

Guia de Viagem

Viaduto de Itamarati	67,20m
Ponte do Piabanha (Olaria)	30m
Viaduto do Lajão.....	30m
Ponte do Piabanha (Areal).....	68m
	—————
Total.....	195,20m

Existem mais 7 pontes de 8 a 19 metros de vão e superestrutura metálica.

Apesar da dificuldade do terreno e da diferença de câmbio é de crer que o custo médio da 3ª e 4ª seções por km não exceda notavelmente de 40:000\$000 e que o prolongamento, tudo compreendido, custe 2.650:000\$000.

ESTRADA DE FERRO DO NORTE

A estrada de ferro denominada do *Norte*, teve origem na concessão feita a Alípio Luís Pereira da Silva, por decreto n. 8.725 de 4 de novembro de 1882 designadamente para construir uma via férrea entre a Corte e a raiz da serra de Petrópolis. A concessão aludida foi transferida a uma companhia que constituiu-se para levar a efeito a construção dessa estrada, cuja diretoria compõe-se dos srs. comendador Luís Plínio de Oliveira, presidente; M. G. Megaw, secretário (servindo durante sua ausência Cláudio S. de Vincenzi); B. S. Barcelos, tesoureiro, sendo o escritório da companhia à rua da Alfândega n. 42. Feitas as explorações e organizado o respectivo projeto, foi este aprovado pelo decreto n. 9.011 de 15 de setembro de 1883, tendo seu ponto de partida em São Diogo nesta Corte e o terminal no encontro com a antiga Estrada de Ferro de Mauá com a qual devia entroncar-se. Passando esta última a ser propriedade da Companhia Príncipe do Grão-Pará, a Companhia da Estrada de Ferro do Norte requereu e obteve do governo imperial concessão para prolongar a respectiva linha de um lado até as proximidades da cidade de Magé e de outro até um ponto próximo à igreja de Sant'Ana, na Corte, e feitos os respectivos estudos foram eles aprovados pelo decreto n. 9.235 de 28 de junho de 1884, confirmado pelo de 28 de fevereiro de 1885.

TRAÇADO

A estrada atualmente em construção de acordo com a respectiva concessão terá sua estação inicial nas proximidades da igreja de Sant'Ana, estando dependente de estudos definitivos a fixação do lugar; segue em direção ao morro da baronesa da Lage o qual tangencia e curvando à direita vai cortar a Estrada de Ferro D. Pedro II, atravessando-a em viaduto perto da Estação de São Francisco Xavier. Passando junto ao Prado Fluminense⁽⁶⁴⁾,

dirige-se diretamente à Penha e acompanhando em variáveis distâncias o litoral da baía corta as freguesias de Inhaúma, Irajá e Meriti entrando na província do Rio de Janeiro depois de passar o rio Meriti. Alcança o arraial do Pilar no município da Estrela e continuando a curva da baía, mas afastando-se sensivelmente dela vai encontrar a Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará não longe do seu termo na raiz da serra de Petrópolis (cerca de 3 quilômetros). Deste ponto em diante o traçado acompanha a serra e está sujeito à revisão. Neste trajeto são cortados os seguintes rios, além de outros pequenos tributários da baía: Jacaré, Faria, Meriti, Sarapuí, Iguaçu e Pilar, junto ao arraial deste nome, Saracuruna e Imbarié entre o Pilar e a Raiz da Serra. Sobre estes rios estão projetadas pontes de superestrutura de ferro com vãos entre 9 e 45 metros, em algumas delas com encontros de alvenaria de pedra, em outras sobre apoios de colunas de ferro encravadas com parafusos Mitchell. Avultam as obras de arte correntes, como boeiros, *drains* e pontilhões de 3m a 5m de abertura.

O que caracteriza este traçado é sua direção normal aos *thalwegs*, embora mal acusados que desagüam na baía, motivando a construção de obras de arte fora das proporções ordinárias, acrescentando a circunstância de serem atravessados os terrenos baixos e por vezes inundados que margeiam os rios. Mas estas circunstâncias, que se tem exagerado, no parecer de muitos, como dificuldades a vencer na construção da estrada, não têm avultado a ponto de encarecê-la além de limites razoáveis como adiante se verá.

O traçado oferece caracteres técnicos os mais favoráveis à tração de modo a permitir grande rapidez de movimento. Com material rodante apropriado será fácil atingir 60 a 65 quilômetros por hora para os expressos. A relação entre os trechos curvos e retos não atingem a 20% e o mesmo se observa quanto a de declives para a extensão de nível. As curvas em geral são de grandes raios e só excepcionalmente têm estes descido abaixo de 200m em caso nenhum de 180m.

Até ao encontro da Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará a Estrada de Ferro do Norte terá 51,5 quilômetros; o seu prolongamento até encontrar a estrada de Teresópolis não irá além de 18 quilômetros, o total, pois, ficará abaixo de 70 quilômetros. A bitola é de 1m entre trilhos.

Segundo o primitivo orçamento da estrada com todos os acessórios e material rodante seria de 35 contos por quilômetro; é provável, porém, que não atinja a esse algarismo pelos resultados já obtidos. A linha propriamente dita compreendendo o leito com as obras de arte e o material fixo - superestrutura metálica - ficará concluída dentro do limite da despesa de 25:000\$000 por quilômetro.

A estrada corta os municípios Neutro, de Iguaçu, Estrela e Magé e em seu trajeto passa por diversos estabelecimentos que já tiveram grande desenvolvimento na fabricação de tijolos e telhas, conservando-se alguns

em estado próspero, tais como - olaria da empresa Hancox - no Meriti, da Vassoura, do Pantanal, onde ainda existem ruínas de um palacete do qual se contam maravilhas, e do Rosário às margens do Sarapuí, a antiga importante fazenda de São Bento, à margem direita do rio Iguaçú, quatro olarias nas proximidades do Pilar, o estabelecimento do Rosário junto ao Saracuruna e o do Anhangá à margem esquerda deste rio.

Os terrenos atravessados são apropriados à pequena cultura em toda sua extensão; nos municípios de Iguaçú, Estrela e Magé pode florescer a cultura da cana e do arroz, e dessa cultura existiam outrora importantes estabelecimentos, cujos vestígios ainda se vêem, alguns dos quais começam de novo a florescer.

ESTADO ATUAL DAS OBRAS

Encetadas as obras de preparação do leito em princípio do ano passado, sendo datas de empreitada do km 5 até o km 28 e desde este último km até o cruzamento da estrada Príncipe do Grão-Pará, acham-se atualmente concluídas até ao Meriti e prestes a isto até ao Pilar, faltando construir as pontes sobre os Rios Meriti (já começada), Sarapuí e Iguaçú; devendo ser estas duas assentadas sobre colunas de ferro estando já encomendado o material respectivo. O movimento de terra entre o Pilar e o Saracuruna, sendo aliás de pouca importância, já foi encetado e brevemente sê-lo-á também no trecho restante até o cruzamento com a Estrada Príncipe do Grão-Pará.

Todas as obras estão sendo executadas com a maior solidez de modo a permitir com segurança o máximo da velocidade no tráfego.

CONDIÇÕES ECONÔMICAS

O capital dispendido na construção desta estrada, sendo relativamente módico, achará suficiente remuneração no tráfego da própria zona que ela percorre, onde a cultura e a população terão necessariamente de crescer com muita rapidez, atenta à circunstância de achar-se muito próximo do grande mercado da Corte. E bastaria isto para justificar o seu emprego. Não é impossível e antes é de presumir que a estrada de que se trata se constitua o tronco de outras como a do Grão-Pará e a de Teresópolis, se esta chegar a realizar-se, caso em que lhe está reservado grande futuro. Dissemos que a ligação com a do Grão-Pará é de presumir, porque parece estar isso na conveniência de ambas as estradas pela economia de tempo e de despesa que daí resultaria, sendo para notar que a viagem até Petrópolis poderia ficar reduzida a 1 1/2 hora, isto é, a pouco mais da metade do tempo que hoje se despende, além de suprimir-se a baldeação e viagem por mar, que a muitos repugna, e o preço de transporte podia ser sensivelmente reduzido.

Como quer que seja, a Estrada de Ferro do Norte tem sua vida garantida com os recursos do tráfego que encontra em seu percurso e que irão se desenvolvendo progressivamente pela facilidade de comunicação que ela proporcionará entre essa zona e a corte, zona outrora bastante aproveitada até que com a construção da Estrada de Ferro D. Pedro II e pelo desenvolvimento da lavoura do café, foram dali retirados os braços escravos, que agora passarão a ser vantajosamente substituídos pelos que a imigração proporcionará encontrando ali elementos de imediata prosperidade.

É digno de nota que da serra dos Órgãos descem diversas cachoeiras para a zona atravessada pela estrada, podendo ser vantajosamente utilizadas como motor para fábricas de toda a espécie como as que já ali existem, 2 de tecidos que são a de Santo Aleixo e a do Pau Grande, além da da pólvora pertencente ao Estado.

Para terminar cumpre observar que a Estrada de Ferro do Norte facilitando o desenvolvimento da pequena lavoura em toda a zona que circunda a baía de Guanabara prestará à população da grande capital do Império valiosíssimo serviço abastecendo-a abundantemente dos produtos dessa lavoura dos quais faz tão grande consumo. Acham-se projetadas as seguintes estações:

Sant' Anakm	0,000m	Pilarkm	33,900m
Jockey-Club km	6,500	Inhomirimkm	48,600
Penha km	13,900	Magé km	70,800

COLÉGIOS

Há colégios de primeira ordem tais como o Colégio Paixão, dirigido por José Ferreira da Paixão, rua do Palatinado n. 1, que é visto quando o trem chega a Petrópolis ⁽⁶⁵⁾; Colégio São José, dirigido por Aquiles Biolchini, à rua Imperador n. 81 ⁽⁶⁶⁾; e Colégio do Padre José Benedito Moreira, à rua Nassau ⁽⁶⁷⁾; estes para o sexo masculino. Além das Escolas de Santa Isabel e do Amparo já descritas, há a escola mista de d. Adelaide dos Santos, à rua Teresa n. 35 ⁽⁶⁸⁾.

CÂMARA MUNICIPAL

VEREADORES

Tenente Cândido José Vale de Almeida.
Capitão Bartolomeu Pereira Sudré.
Dr. Augusto de Miranda Sousa Gomes.
Dr. Manuel Antônio Bordini.

Capitão Antônio Carlos de Magalhães.
Antônio Joaquim Alves Cabral.
Dr. Domingos de Lima Ferreira de Brito.
Dr. Henrique Kopke.
Alexandre Tridon.

Secretário - Manuel José Moreira Guimarães.
Procurador - José Inocêncio de Oliveira Matos.
Administrador dos Cemitérios - Antônio Simões da Silva Júnior.
Porteiro - Antônio Joaquim Freire da Silva.
Fiscais - José Antônio Dias Janiques e Gabriel José Pereira Bastos.
Guardas dos Cemitérios - Jacó Justen e João Guilherme Fragoso Falque.
Administrador do Matadouro - Isidoro José Pereira Bastos.
Aferidor - Manuel José Coelho.

O secretário da Câmara Municipal também exerce o lugar de bibliotecário. Tanto a secretaria como a biblioteca estão abertas todos os dias úteis das 9 da manhã às 3 da tarde, sendo permitido o empréstimo de livros.

JUIZ DE DIREITO

Dr. Manuel Vieira Tosta (Dá audiência na casa da Câmara Municipal às quintas-feiras ao meio-dia) ⁽⁶⁹⁾.
Suplentes - Os juizes municipais de Petrópolis e da Estrela.

JUIZ MUNICIPAL

Dr. Artur Anes Jácome Pires (Dá audiência na casa da Câmara às quartas-feiras às 11 horas da manhã).

PROMOTOR PÚBLICO

Dr. Joaquim Fabiano Nogueira Alves.

TABELIÃES

Capitão Inácio da Gama Moret e Tenente João Cordeiro de Carvalho.

DELEGADO DE POLÍCIA

Major Ricardo Narciso da Fonseca
Substitutos - Capitães Francisco Inácio da Silveira e Ernesto José Olive.

SUBDELEGADOS

Capitão José Francisco de França e Silva e Luís Antônio Gomes Campeão.

José Nicolau Tinoco de Almeida

CULTO CATÓLICO

Vigário - Padre Teodoro Esch, na Matriz.

Sacerdotes - Cônego José Mendes de Paiva, Frei José Maria Dallorto, Padre Francisco Mendes de Paiva, Padre Joaquim Mendes de Paiva, Padre João Soares de Sousa Coutinho, Padre José Benedito Moreira.

IGREJA EVANGÉLICA

Pastor - Ricardo Schulz.

Presbíteros - Frederico Guilherme Lindscheid, Miguel Sixel, Henrique Moreira da Silva, Jorge Tainain, Carlos Kersten, Augusto Deguw.

Foi o templo à Rua de Joinville construído à custa da comunidade evangélica por meio de contribuições agenciadas por ela.

IRMANDADE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO ⁽⁷⁰⁾

Provedor - Noel da Gama Moret.

Secretário - Aquiles Biolchini.

Tesoureiro - Antônio Teixeira de Azevedo.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA COMERCIAL E ARTÍSTICA ⁽⁷¹⁾

Presidente - Antônio Pereira Campos.

Secretário - Bento Miguel de Carvalho Guimarães.

Tesoureiro - José Teixeira de Azevedo.

SOCIEDADE DE BENEFICÊNCIA BRUDERBUND ⁽⁷²⁾

Presidente - Frederico Guilherme Lindscheid.

Secretário - Frederico Stroele.

Tesoureiro - Pedro Kappaun.

TELÉGRAFO ⁽⁷³⁾

Estacionário - José Antônio de Oliveira Costa, telegrafista de 1.^a classe.

Adjunta - D. Maria Cândida Parente Costa.

Estafeta - Antônio Vieira Machado.

Inspetor da Linha - Antônio Máximo da Silveira.

CASA IMPERIAL

Serve interinamente de Superintendente, no impedimento do Comendador Manuel Gomes Archer, o escrivão Luís Antônio Gomes Campeão.

Guia de Viagem

CORREIO ⁽⁷⁴⁾

Agente - Comendador Antônio José Correia Lima.

Ajudantes - Manuel José Coelho e alferes Ernesto José Correia Lima.

Tem dois carteiros e três caixas urbanas.

OBRAS PÚBLICAS

Engenheiro - Dr. José Martins da Silva, a cargo do qual está a 5ª circunscrição que se compõe dos municípios da Sapucaia, Magé, Petrópolis e Estrela e das freguesias de N. S. da Conceição de Belaposta e Sant' Ana de Cebolas no município da Paraíba do Sul.

COLETORIA

Coletor - João Guilherme Pinto de Sousa.

ADVOGADOS

Dr. Henrique Kopke e tenente Cândido José Vale de Almeida.

MÉDICOS

Além dos médicos que fazem semana no Paço Imperial de Petrópolis há outros que residem nessa cidade como os srs. drs. Augusto de Miranda Sousa Gomes, dr. Domingos de Lima Ferreira de Brito e dr. José Tomás da Porciúncula.

Alguns clínicos vantajosamente conhecidos no Rio de Janeiro vão a Petrópolis durante alguns meses do verão por amor de sua profissão. Entre outros os drs. Monteiro de Azevedo, João Paulo, Cipriano de Freitas, Bento Maria da Costa, Pedro Afonso Franco, Félix Antônio Vaz.

FARMACÊUTICOS

João Gustavo Rose, farmácia da Probidade, José de Oliveira Mota de Azevedo, farmácia da Casa Imperial.

ESCOLAS PÚBLICAS

Há três para o sexo masculino e cinco para o sexo feminino. Há também uma escola municipal. A superintendência do ensino público está vaga, sendo esse serviço feito por dois inspetores paroquiais nos competentes distritos.

José Nicolau Tinoco de Almeida

AGENTECONSULAR

De Portugal - Dr. Jacinto B. Pinto da Fonseca.

AGENTE DE LEILÕES

Capitão Francisco Inácio da Silveira.

TIPOGRAFIA

O Mercantil, propriedade do Capitão Bartolomeu Pereira Sudré⁽⁷⁵⁾.

CASAS DE NEGÓCIOS

AÇOUGUES

André Kozlowsky, Cristiano Finkenauer, Miguel Kraus, Francisco Gall, Francisco Mayworm.

ALFAIATES

Antônio Manuel Pires, Antônio Pinto, Antônio Simeão Correia da Silva, Felício Miguel Gervedo, João Bretz, J. C. Loureiro, Ludovico Antônio de Maio, Miguel Castilho, Valentim Galm.

ARMAZÉM DE FERRO

Felipe Faulhaber.

BARBEIROS

João José da Costa Carneiro, Manuel L. de Resende Júnior, Ricardo Soares de Avelar.

BILHARES

Salão da Floresta, Francisco da Cunha Pacheco, Ventura Rodrigues Pereira.

COCHEIRAS

Antônio Brandão, George T. Land & Bruck, João A. de Sousa Coutinho, Salvador Joaquim Martins.

COLCHOEIROS

Antônio Gonçalves da Cunha, Francisco J. Morais.

CONFETARIAS

Alipio de Sá & Cia., Francisco Garaza, José da Rosa Garaza.

CONSTRUTORES

Carlos Spangenberg, Gonçalo de Araújo Viana, João Webler & Irmãos, Pedro De Schepper, Pedro Teodoro Eppinghaus.

Guia de Viagem

CORREIROS

José Weirich, Jorge Deister, Paulo Hehn.

DEPÓSITOS DE GÊNEROS

Bernardo Wellisch.

ESCULTOR

Carlos Spangenberg (Bengaleiro).

FÁBRICA DE CARROS E CARROÇAS

Luís Sternack, Filipe Faulhaber.

FÁBRICA DE CHAPÉUS DE SOL

Antônio Esteves Pereira.

FÁBRICA DE CERVEJA

Frederico Guilherme Lindscheid, Jacó Backer & Irmão, João Machado Barcelos, Manuel Eppelsheimer.

FÁBRICA DE CIGARROS E CHARUTOS

Antônio de Lemos Vasconcelos, Augusto César Machado, João Batista Alves, José de Vargas, Maciel & Filho (também agência de jornais da Corte ao lado do Hotel Bragança).

FAZENDAS, ARMARINHOS, SECOS E MOLHADOS, ETC.

Anastácio Mesquita do Paço, Antônio Alves da Costa, Antônio Alves da Cunha, Antônio Augusto de Oliveira Matos, Antônio Carlos de Magalhães, Antônio Duarte Pinto, Antônio Gonçalves da Cunha, Antônio Joaquim Luís, Antônio José do Santos, Antônio Moreira da Cunha Leite, Antônio Muniz da Silva, Antônio Pereira Campos & Cia., Antônio da Rocha Veiga, Antônio Rodrigues de Lima, Antônio Teixeira de Azevedo, Aires Ferreira dos Santos, Bento José Gomes, Cândido da Silva Palmeira, Carlos Alves de Mesquita, Carlos Rafael Pedriny, Cristóvão Jorge, Clemente José Ferreira de Almeida, Costa & Cia., Daniel Vieira Dias, Dias & Bernardo, Diogo Fernandes de Castilho, Domingos Manuel Dias & Cia., Domingos de Sousa Nogueira, Ernesto José Olive, Faria & Ribeiro, Fernando Finkenauer, Francisco José da Silva, Francisco de Paula Duarte & Cia., Francisco de Sousa Martinho, Guilherme Eppinghaus, João Correia da Costa, João Ferreira de Oliveira, João Grotz, João Lisboa, João Pereira Lopes, João Ribeiro, Joaquim Gomes da Rocha, Joaquim José da Silva Leite, Joaquim Pinto de Carvalho, José Clavery, José Gomes de Pinho, José Duarte Soares, José Gaspar da Cunha Freitas, José João Martins Branco, José Joaquim Azara, José Joaquim da Silva Leite, José Luís Ribeiro, José Manuel Gomes, José Teixeira de Azevedo, Joseph Molitor & Cia., João Filipe Viard, Lino Gonçalves de Sá, Lucas de Carvalho Alvim, Manuel Homem de Meneses, Manuel José da Silveira, Manuel José de Araújo

José Nicolau Tinoco de Almeida

Aranha, Silva & Albuquerque, Simão Manuel Ferreira de Oliveira, Vitorino Antônio da Rocha, Vitorino Rodrigues de Figueiredo.

FERRAGENS, TINTAS ETC.

Alexandre Tridon, Jacó Schaefer & Irmãos.

FERREIROS

Antônio Nunes Rodrigues, Jacó Monken, João Reyther, Maurício Reicheldt.

FUNILEIROS

Adão Boller, Conrado Pfeiffer, Guilherme Kallenbach, José Brand Filho, José Kallenbach.

GRAVADORES EM CRISTAL

Guilherme Sieber, Heinrich Sieber.

HORTICULTORES

Henrique Meyer, J. B. Binot.

MADEIREIROS

Adão List, Antônio José Tinoco, Antônio Peixoto da Costa, Antônio de Sá, Carlos List, Carlos Kopp, Francisco de Sá C. Torres, Inácio José da Costa, João Malthor, José Antônio Domingues, Manuel José de Caldas, Pedro Teobaldo.

MARCENEIROS E CARPINTEIROS

A. A. Azara de Oliveira, Augusto Deguw, Filipe Duriez, Filipe Vogt, Francisco Moreira da Silva, Henrique Eckardt, Jacó Nicolay Filho, João Webler & Irmãos, José Nicolay, Júlio Grünwald, Pedro Antônio Schanuell, Pedro Teodoro Eppinghaus.

MODISTAS

Dreyfus (Mme.), Jeanne Carré (Mme.), Elisa Casqueiro & Filha.

OLARIAS

Guilherme Carlos, José Antônio Leite.

OURIVES E RELOJOEIROS

Miguel Rittmeyer, Paulo Rittmeyer.

PADEIROS

Alexandre Lago & Cia., Antônio Joaquim Fernandes, Matos & Costa, Pedro Caheins.

PEDREIROS

Antônio da Costa, Antônio Faleiro, Antônio Pereira Mateus, Antônio Vieira, Francisco Martins Faleiro, Gonçalves de Araújo Viana, Ricardo Faleiro.

Guia de Viagem

FOTÓGRAFOS

A. Heitor, Ernesto Papf.

PINTORES

Henrique Roeder, Jorge Foggel, Pedro José Hingel.

RELOJOEIRO

George Kahen & Cia.

RETRATISTA A ÓLEO

Ernesto Papf.

SAPATEIROS

Adão Nicodemus, Augusto Darr, Bernardo Gregorius, Francisco Ferreira Barcelos, Frederico Krüger, Guilherme Lynch, João Esch Júnior, João Felipe Tanain, Manuel Fernandes Carneiro, Miguel Kappaun, Miguel Kind, Pedro Ramos Carneiro.

TAMANQUEIROS

Bernardino de Almeida, Manuel José de Almeida, Manuel Pinto da Rocha.

TÍLBURI (Cocheiro de)

Manuel Dutra de Andrade faz ponto em frente ao Hotel Bragança.

TINTUREIRO

Ferrete.

PROPRIETÁRIOS E CAPITALISTAS

Adão Boller, Alexandre Wagner, André Flaeschen, André Koslowsky, Antoine Court, Antônio Augusto Coelho de Sousa, Capitão Antônio Carlos de Magalhães, Comendador Antônio José Correia Lima, Comendador Antônio R. Queiroga, Dr. Antônio Paulo de Melo Barreto, Major Augusto da Rocha Fragoso, Barão do Catete, Barão da Penha, Barão de Quartim, Capitão Bartolomeu Pereira Sudré, Dr. Bernardo Xavier Rebelo de Faria, Carlos Alves de Mesquita, Carlos de Araújo e Silva, Carlos Máximo de Sousa, Carlos Spangenberg, Comendador Carlos Xavier do Amaral, Carlos Valais, D. Cornélia Luisa Davi, Senador C. Otoni, Custódio José Teixeira, Domingos Ancede, Domingos Gomes Ferreira da Costa, Domingos J. Teixeira de Azevedo, Comendador Eduardo Wilson, Dr. Luís da Cunha Feijó, Dr. Félix Antônio Vaz, Fernando de Castro Abreu Magalhães, Francisco José de Moraes, Dr. Francisco de Carvalho Figueira de Melo, Comendador Francisco Tavares Bastos, Guilherme Mahul, Gustavo Robbe, herdeiros de Francisco de Castro Abreu Bacelar, herdeiros do Conselheiro Jobim, herdeiros de Said-Ali, capitão Inácio da Gama Moret, Jacó Schaefer, João José Brück, João José

Dias, João Lisboa, João Luís Tavares Guerra, João Maria Bittencourt, João de Sousa, comendador Joaquim Antônio dos Passos, comendador Joaquim Ribeiro de Avelar, José Ferreira da Paixão, José Luís Ribeiro, cônego José Mendes de Paiva, José Nicolay, José de Oliveira Morado, capitão José Pinheiro de Siqueira, José Tavares Guerra, José Vieira Cristo, Luís Gomes Lisboa, comendador Manuel Dias da Cruz, Manuel Gomes Ferreira da Costa, Manuel José Coelho, dr. Manuel Vieira Tosta, d. Maria Wazenller, comendador Miguel Cordeiro da Silva Torres e Alvim, Miguel Calógeras, Pedro Caheins, Pedro De Schepper, Pedro Eppinghaus, Plácido Viard, comendador A. C. Raythe, comendador Rodrigo Delfim Pereira, SS. AA. conde e condessa d'Eu, padre Teodoro Esch, Teodoro Schaefer, Tomás Vieira Maciel, Valbert Robbe, conselheiro Vicente Saboia, Vitorino Rodrigues de Figueiredo, visconde de Carapebus, visconde do Castelo de Lousã, viscondessa de S. Bernardo, viúva Amaral, viúva Calógeras, viúva José Caetano de Andrade Pinto, viúva Conrado Vogt, viúva Coulon, viúva Lira, viúva Martins Costa, viúva Pereira Jorge, viúva Vignerón, viúva William Scully.

FAZENDEIROS E LAVRADORES

Antônio Augusto de Oliveira Matos, Antônio Aurélio Alves da Silva, Antônio Luís Gomes Campeão, Antônio Vicente Correia, Bernardino Teixeira da Mota Bastos, Francisco da Cunha Teles, Francisco José Fialho, Francisco Luís de Faria, Guilherme Anastácio Duprat, Guilherme Carlos, herdeiros de Francisco Caetano do Vale, herdeiros de Luís Mariano dos Santos, herdeiros do visconde de S. Bernardo, João Cardoso de Lemos, major José Cândido Monteiro de Barros, José Clavery, José da Cunha Teles, José Francisco da Silva, José Inocência de Oliveira Matos, José Marcelino da Costa e Sá Filho, Luís José de Macedo, d. Maria Adelaide Valente de Sá, Mariano Dias Alves, Sátiro José Vieira, Severino Fernandes Galvão, viscondessa de S. Bernardo, viúva Miranda Pinto.

NOTAS

1. A Prainha, atual Praça Mauá.
2. Informa o sr. Gilberto Ferrez ("Um passeio a Petrópolis em companhia do Fotógrafo Marc Ferrez", *Anuário do Museu Imperial*, 1948, p. 27) que, além dessas aqui mencionadas, havia ainda a *Mauá*, a *Guarani* e a *Piabanha*.
3. *A Baía do Rio de Janeiro, sua história e descrição de suas riquezas*, Rio, 1882. O trecho citado da obra não é transcrição.
4. A cidade do Rio de Janeiro recebeu, em 1647, o título de *Leal*, por sua atitude na aclamação de d. João IV. Em 1823, em comemoração ao Fico, teve seu título modificado para *Mui Leal e Heróica*. Niterói, antiga Vila Real da Praia Grande (título que lhe concedeu d. João VI) é quem recebeu, em 1841 o título de *Imperial*.
5. O corpo do marechal Manuel Luís Osório, marquês do Erval, encontra-se hoje sob o monumento à Praça Quinze de Novembro, antigo Largo do Paço.
6. Informa, documentalmente, o historiador Cláudio Ganns - "Vicissitudes da Primeira Estrada de Ferro Brasileira, *Anuário do Museu Imperial*, v. XVI, p. 47) - que a Estrada de Ferro Mauá, "em ordem estritamente cronológica, foi a 21ª do mundo, sendo da América a 6ª e da América do Sul a 3ª.
7. Títulos concedidos em 1854 e 1874, respectivamente.
8. Ainda é Cláudio Ganns quem informa (*ob. e loc. cit.*) ter sido esta estrada a 3ª da América do Sul, tendo antes sido construídas as do Canadá, do México e do Peru (1850) e do Chile em 1852.
9. Conselheiro Manuel Felizardo de Souza e Melo.
10. Guilherme Schüch de Capanema. Barão em 1881.
11. Palatino é o nome do rio. Palatinado é o quarteirão por ele banhado.
12. O busto de Mauá foi transferido para a Estação da Leopoldina no Rio de Janeiro, onde se encontra.
13. O pai do visconde de Sepetiba chamava-se Aureliano de Sousa e Oliveira.
14. Esta informação que não resiste ao confronto com a documentação, seria ainda divulgada por Raffard, onde, certamente, foi basear-se Tinoco. A fazenda, quando o imperador (aliás, ainda príncipe regente) a conheceu, em março de 1822, pertencia ao padre Antônio Tomás de Aquino Correia, que a herdara de seus pais, Manuel Correia da Silva e Brites Maria da Conceição. Por morte do sacerdote, ocorrida em 1824, passou a fazenda à propriedade de sua irmã e herdeira Arcângela Joaquina da Silva, cujo filho, o cônego Alberto da Cunha Barbosa, administrou a fazenda durante muitos anos. A carta de concessão de sesmaria ao avô do padre Correia, Manuel Antunes Goulão, é de 12 de novembro de 1760 e não estabelece nenhuma das condições divulgadas por Tinoco. O padre João Dias Correia, aqui mencionado, é sobrinho-neto do padre Correia e nunca foi proprietário da fazenda.
15. Inicialmente, pretendeu d. Pedro I adquirir a própria fazenda dos Correias, mas ante a recusa de d. Arcângela, foi obrigado a voltar as vistas para a propriedade vizinha, a fazenda do Córrego Seco, logo adquirida por 20 contos de réis. Tanto a escritura como a comunicação do imperador ao ministro Barbacena, não fazem menção a cruzados...
16. Entre os arrendatários conta-se ainda Tomás Gonçalves Dias Goulão, irmão do 1º vigário de Petrópolis. O preço do arrendamento era de um conto de réis por ano.

17. A idéia da fundação de uma colônia agrícola no Córrego Seco é do major Koeler, que a entrosou, nesse passo, com a de Paulo Barbosa, que era construir no Córrego Seco um palácio de verão para o imperador.
18. Paulo Barbosa da Silva nasceu em Sabará em 1794. Depois de uma mocidade toda dedicada ao exército recebe a incumbência de uma missão diplomática na Europa, onde toma parte na granda trama que resultou no segundo casamento de d. Pedro I. Em 1833 é nomeado mordomo da Casa Imperial onde haveria de prestar os mais assinalados serviços, e no exercício de cujo cargo morreria em 1869. Sua influência na fundação de Petrópolis é tão decisiva, que d. Pedro II não teve dúvida em chamá-la de "sua filha".
19. O logradouro teve os nomes de Campo de Sant'Ana, Passeio Público, praça Calógeras, praça Moreno e, por fim, Palácio de Cristal (Sodré, Alcindo, "Palácio de Cristal", Centenário de Petrópolis, V. II p. 125).
20. O Palácio de Cristal foi levantado em 1884, por iniciativa da Associação Agrícola e Hortícola de Petrópolis, de que era presidente o conde d'Eu, para ser o local de exposições de flores e dos produtos da cidade. Construído em França, nas oficinas de Saint-Sauverles-Arras, sendo montado no local pelo engenheiro Eduardo Bonjean. Em seu recinto a 01/04/1888, comemorou Petrópolis a libertação dos seus últimos escravos com uma cerimônia que contou com a presença da princesa Isabel e dos principesinhos. Com a proclamação da República, serviu para inúmeras finalidades, sendo, em 1938, por iniciativa de Alcindo Sodré, aí instalado o Museu Histórico de Petrópolis.
21. O primeiro culto católico celebrado em Petrópolis não pode ter sido a célebre missa da praça da Confluência, pois no sermão proferido pelo internúncio nessa oportunidade, faz ele referência a uma estada anterior em Petrópolis. Aliás, o major Koeler em ofício ao presidente da província, de 23/08/1846, declara que os primeiros atos religiosos (católicos e protestantes) foram celebrados em sua própria casa.
22. Desde 1846 existia no parque do Palácio de Cristal uma cruz de madeira, elevada por ocasião do 1º aniversário da chegada dos colonos a Petrópolis. Foi retirada por volta de 1902, quando foi o logradouro arrendado à firma Pascoal Segreto. Mas em 1932, por iniciativa do jornalista petropolitano Walter Bretz, foi a cruz recolocada (mas agora em cimento) no seu lugar histórico.
23. Segundo ofício de Koeler citado na nota 21.
24. Hoje avenida Marechal Deodoro.
25. Na casa de Pedro José da Câmara hoje funciona a secretaria de Obras da prefeitura.
26. A lei que elevou Petrópolis a cidade é de 29 de setembro de 1857.
27. As leis de 01/10/1829 e de 25 de junho de 1831 declaravam incompatível a função de vereador com a de militar da ativa.
28. O presidente da 1ª Câmara Municipal de Petrópolis, coronel Albino de Sequeira (como ele se assina nas atas da Câmara), era proprietário no Fragoso, tendo sido vereador e presidente da Câmara Municipal da Vila da Estrela.
29. Funcionou a 1ª Câmara Municipal de Petrópolis no local onde se ergue hoje o edifício Rocha, à rua Paulo Barbosa n. 146.
30. O retrato do imperador, óleo do pintor Joaquim da Rocha Fragoso, custou 250 mil réis, incluindo a moldura. Foi, por ocasião da proclamação da República, recolhido (juntamente com o de Koeler) ao depósito. Foram recolocados no salão da Câmara em 1905, por iniciativa do vereador Artur de Sá Earp, então presidente da municipalidade.

31. A estátua do major Koeler, obra do escultor Antônio Geraldês, foi erguida, por iniciativa do prefeito Cordolino Ambrósio, na praça Princesa Isabel, sob a qual foram colocados seus restos mortais, transferidos do cemitério municipal.

32. O antigo Córrego Seco é o atual rio Palatino que se atira no Quitandinha sob o obelisco. O rio Piabanha nasce no Retiro, desce pela atual avenida Piabanha e recebe o Quitandinha junto ao Palácio de Cristal.

33. O rio *Paulo Barbosa* é afluente do Piabanha, margem esquerda, banhando todo o quarteirão da Mosela. Recebe, como tributários o rio *Porto Alegre*, à direita, e o *Simonsen*, à esquerda. O rio *Avé Lallemand* e outro afluente do Piabanha, margem direita, banha o quarteirão Bingen. O rio *Delamare* (ou de la Mare) nasce nas encostas do morro da Presidência e ladeia a atual rua Duque de Caxias, atirando-se no Piabanha, margem direita, próximo ao almoxarifado da prefeitura. Rio do *Cemitério* é afluente do Quitandinha, margem esquerda. Nasce nos terrenos do Cemitério Velho, atravessa canalizado as ruas Fabrício de Matos, Montecaseros e Sete de Abril, atirando-se no rio *Tronco* na esquina dessa rua, com a av. Roberto Silveira. Rio de *Almeida Torres*, também tributário do Quitandinha. Atravessa, canalizado, toda a avenida Ipiranga e atira-se ao rio *Tronco* em frente ao palácio da Princesa. Rio *Cavalcanti* nasce do alto Valparaíso e desce (em parte capeado) pela avenida Portugal e rua Gonçalves Dias, atirando-se no Quitandinha na altura das Duas Pontes. Rio *Koeler*, banhava a propriedade do célebre major, na Terra Santa, e desce (canalizado) pela rua Rocha Cardoso, jogando-se no Quitandinha. Rio *Lomonosoff* nasce no Quarteirão Suíço e percorre, depois de receber o rio César, corre pelos fundos das casas da rua Casimiro de Abreu e, depois de capeado, desce pelas ruas Benjamin Constant e Santos Dumont, atirando-se no Palatino em frente ao busto do Marechal Carmona. Rio *Saturnino* banha o Quarteirão Siméria, parte da rua Olavo Bilac e atira-se no Quitandinha, (margem direita) na Ponte do Fones. Rio *Themerin* é afluente do Saturnino (margem esquerda) procede do Cortiço e é acompanhado pela rua S. Sebastião. Rio *Verna* nasce nas vertentes da Castelânea, acompanhado pela rua Cristóvão Colombo em toda a extensão e joga-se no Aureliano (margem esquerda) na altura da praça Pasteur. Rio *Ribeiro*, também afluente (margem direita) do Aureliano, procede do morro entre a Castelânea e a rua Teresa. Rio *Gusmão*, tributário do Palatino. Nasce no Alto da Serra e percorre (capeado) a rua Teresa e vai jogar-se no rio *Tronco* na rua Dr. Sá Earp. Rio *Odorico* desce do morro da rua Santos Dumont (ladeira do Costa Gama) e atira-se no Palatino em frente à estação rodoviária. Rio *Limpo* é um dos braços formadores do Palatino (antigo Córrego Seco), nasce no Morin e percorre os quarteirões Palatinado Superior e Inferior até a estação rodoviária. Daí acompanha o traçado da rua do Imperador, atirando-se no Quitandinha na praça D. Pedro, sob o obelisco. Rio *Aureliano*. Banha o quarteirão Castelânea, margeando as ruas Prof. Cardoso Fontes e Saldanha Marinho, jogando-se no Quitandinha, nas Duas Pontes. Rio *Quitandinha* nasce nas montanhas da antiga fazenda desse nome e, depois de formar o lago em frente ao antigo hotel, desce para o centro da cidade, acompanhando o trecho final da estrada Rio-Petrópolis. Recebe o Palatino sob o obelisco e percorre a Rua da Imperatriz e as Avenidas Tiradentes, Koeler e Roberto Silveira. Separa as ruas Alfredo Pachá e Padre Siqueira e atira-se no Piabanha atrás do Palácio de Cristal. Rio *Piabanha*, nasce atrás da pedra do Retiro e desce para

Petrópolis pelos quarteirões Woerstadt e Bingen. Corta a rua Carlos Gomes e a avenida Piabanha em toda a sua extensão. Recebe atrás do Palácio de Cristal o Quitandinha e segue pela Westfália margeando (ora à direita, ora à esquerda) a estrada União e Indústria, atirando-se no Paraíba em Três Rios.

34. Vide nota anterior onde estão retificados esses enganos.

35. A praça Municipal, atual praça Visconde de Mauá, não figura no mapa de Koeler, de 1846. As plantas dos prazos onde hoje se ergue o palácio da Câmara Municipal, datadas de 1847, assinadas por Gustavo de Frontin, engenheiro da superintendência da Fazenda Imperial, também não indicam a praça. Os prazos, em ambas as plantas, avançam até a rua da Imperatriz. Mas em 1859, o título passado ao primeiro foreiro menciona fazer a propriedade testada para a *Praça da Imperatriz*. Quando, porém, se criou a municipalidade, em 1857, passou o logradouro a chamar-se *Praça Municipal* - numa estranha previsão de que ali viria a instalar-se a sede do governo. Mas quando ainda propriedade de Mayrinck o edifício, entre os anos de 1865-66, sofreu a praça um grande aterro (ata da Câmara). E em 1872 requer o vereador Manuel Antônio Bordini que entre a Câmara em entendimentos com José Carlos Mayrinck para mandar arborizar a Praça Municipal "uma das mais importantes, para recreio do público, e achando-se (...) fora das vistas da Câmara dando lugar a que se suponha ser particular"- e "que faça ter abertas as portas da dita praça para conhecimento e logradouro público"- donde se conclui ser cercada a praça.

36. Foi depois Palace Hotel e hoje ali funciona a escola de engenharia da UCP. O morro aí citado é a atual colina de Fátima.

37. À atual av. Koeler, 260, onde hospedou-se o presidente Campos Sales, durante seu período presidencial. Em 1872 (09/01) requeria o futuro barão do Catete marcasse a Câmara o alinhamento da casa que pretendia construir à rua de D. Afonso. Funcionou depois ali o colégio S. José, dos padres de Sion, que o transferiram a Napoleão Esteves e mais tarde ao prof. Mário Mesquita. Hoje é a sede da Companhia Sta. Matilde.

38. Ficava à rua de Joinville (Ipiranga) em frente à de seu irmão. O prédio, abandonado, ruiu com o tempo (vide nota seguinte).

39. O prédio ainda existe - à av. Ipiranga, 716 - e pertence à família Rocha Miranda.

40. Antônio Dias Coelho Neto dos Reis, 2º barão com grandeza (o 1º fora seu pai e homônimo) em 1867, visconde com grandeza em 1847 e conde em 1888. A casa por muito tempo conhecida como Ville des Palmiers, à pr. Princesa Isabel esquina de 13 de Maio. Em 1873 despachava a Câmara requerimento de Pedro Dechepper "encarregado das obras do barão de Carapebus, pedindo alinhamento e nivelamento (...) para fazer o baldrame de um muro destinado a fechar a chácara do dito barão (...) à rua de Joinville, canto da de D. Isabel".

41. Prédio já referido em nota anterior, pertencia então a Joaquim Ribeiro de Avelar (depois visconde de Ubá) pertence hoje à Universidade Católica de Petrópolis.

42. A casa do comendador Joaquim Antônio dos Passos foi por ele construída na esquina do largo e rua D. Afonso (praça da Liberdade e avenida Koeler) e celebrou-se como a residência de Mme. Landsberg, que lhe acrescentou o pórtico com colunas nos fundos (vide J. D. Silveira, "Portugueses na Formação de Petrópolis", *Centenário*, cit., v. V p. 15). O prédio foi construído em 1871, segundo ofício do Fiscal da Câmara (ata da sessão de 16/10/1871).

43. O padre, mais tarde monsenhor Francisco de Castro Abreu Bacelar, homem de grandes posses, construiu para sua residência, o prédio à rua D. Afonso, hoje propriedade da família Franklin Sampaio. Posteriormente, ao tempo em que era seu proprietário João Teixeira Soares, foi vendido um prazo à sua frente, a Antônio Roxo-Roiz, príncipe de Belford, que aí construiu a Vila Itararé, ficando o antigo palacete com acesso pela praça da Liberdade. Monsenhor Bacelar, nascido em Portugal, transferiu-se ainda jovem para o Brasil e aqui ordenou-se sacerdote. Foi proprietário em nossa cidade, construindo grande número de casas na rua que então se abria e que veio receber seu nome. Celebrizou-se por seu espírito caritativo, muito auxiliando o hospital Sta. Teresa, de cuja comissão administrativa fazia parte. Foi eficiente auxiliar dos padres Germain e Siqueira nas grande obras que são os asilos de Sta. Isabel e do Amparo. Seu último empreendimento foi a construção do edifício em que viriam a funcionar o Hotel Orleans, depois Palace Hotel, e a Faculdade de engenharia da U.C.P. Monsenhor Bacelar faleceu nesta cidade em 1884.
44. Os hotéis Orleans e Bragança (vide nota 14 da *Viagem Pitoresca*, de Taunay), a partir do período de Antônio Pereira de Campos (que foi proprietário de ambos), comunicavam-se por meio de rede telefônica particular, constituindo a Companhia do Grandes Hotéis de Petrópolis, conforme Walter Bretz em *Tribuna de Petrópolis*, 17 de setembro de 1924.
45. O comendador Eduardo Pellew Wilson, natural da Bahia, conde de Wilson pelo rei de Portugal. Sua casa ficava à atual av. Roberto Silveira n. 12.
46. A residência dos padres Paiva (Antônio, José, Joaquim e Francisco Mendes Paiva) foi transformada no seminário S. Vicente. Aí foi fundado o colégio desse nome. Lá está de pé, à av. Barão do Rio Branco, (v. J. D. Silveira, "Portugueses na Formação de Petrópolis", *Centenário*, cit. v. V p. 22).
47. Na presidência Porciúncula (1892/94) foi construído, no local, o atual edifício do Forum.
48. Trata-se do rio Almeida Torres.
49. Além dos donativos particulares, também a província deveria colaborar, conforme sessão da Câmara Municipal de 15/07/72, quando o vereador Manuel Antônio Bordini solicita se requeira ao governo provincial a construção do novo templo desta cidade, "a bem do culto religioso, deste município" e cuja verba já tinha sido votada pela assembléia. E ainda em 1873 (ata de 8 de fevereiro) requer o vereador Bartolomeu Pereira Sudré providências para o levantamento da nova matriz, para o que votara a assembléia a verba de 100 contos de réis. No mesmo ano (ata de 5 de julho) insiste o vereador José Ferreira de Paixão para que a província dê logo início às obras da nova matriz, visto o mau estado da existente. Responde o presidente não poder atender o pedido...
50. O plano aqui descrito, depois de uma dilatada paralisação das obras, foi modificado pelo engenheiro Heitor da Silva Costa, destinando-se esse local para o mausoléu dos imperadores.
51. Qual seria então o orago da nova matriz? O decreto de 16 de março de 1843 determinava expressamente: "uma igreja com a invocação de S. Pedro de Alcântara". Pelo que se vê não seria obedecida essa determinação, pois que a imagem do padroeiro ficaria onde está hoje a do Santíssimo e a de St^a Teresa em frente a este.
52. A esse resumo histórico de Tinoco, julgou-se de interesse acrescentar uns poucos dados: Fundou-se em Petrópolis a Associação Caritativa e Religiosa St^a Isabel (em homenagem à princesa imperial) e que foi a semente do colégio St^a Isabel. A

- Associação Religiosa e Caritativa fundou-se em 1870 e o colégio, propriamente dito, em 1877. A casa da condessa do Rio Novo elevava-se no local hoje ocupado pelo colégio, mas por uma carta da princesa Isabel a d. Pedro II (no arquivo do príncipe d. Pedro), de 12/09/1866, nesse ano já se achavam em Petrópolis as Irmãs de Caridade: “Fomos à missa às 10 ½ e depois ver o pequeno estabelecimento das irmãs de caridade que aqui há agora”.
53. A primeira diretora do Asilo do Amparo foi d. Teodora de Schaeffer e Almeida (não era irmã). A 29/09/1885 transmite ela o cargo para a primeira superiora (esta, sim, era irmã) madre Francisca Pia de Siqueira, sobrinha do fundador, e conhecida como mamãezinha.
54. O Asilo do Amparo foi fundado em 1871 pelo pe. João Francisco de Siqueira Andrade (o padre Siqueira), paulista de Jacareí. O prédio se ergue na esquina da av. Roberto Silveira e r. Padre Siqueira. Dedicou-se o sacerdote inicialmente à educação de rapazes, mantendo na velha casa da fazenda que fora do padre Correia, o Instituto Científico S. José.
55. O quarteirão Ingelheim é cortado pelo rio Alpoim. O rio que corre em frente ao hospital é o Piabanha.
56. Sobre o histórico do famoso pavilhão ver “O Palácio de Cristal” no *Anuário do Museu Imperial*, v. XIX p. 5. Monografia de Lourenço Luiz Lacombe.
57. O Imperial Estabelecimento Hidroterápico funcionava à rua de Nassau n. 8 (av. Piabanha n. 350). Foi instalado no prazo n. 648 do Quarteirão Nassau, que pertencera inicialmente a João Meyer, conforme planta do major Koeler. Passou posteriormente a Bernardo José Falletti que o transferiu ao cidadão francês Antoine Court. Passou mais tarde à propriedade do dr. Miguel Pereira que o vendeu ao prof. Abreu Fialho, cuja família é ainda dona do prazo. Informa Alcindo Sodré (*Centenário* cit. v. VI, p. 90) que “ali se praticava, com requinte hidroterápico, a ducha à *la Reine*, ducha mitigada e ducha escocesa. Para outras informações sobre As *Duchas* ver o livro de Silvio de Abreu Fialho “Reminiscências de um duchista”, *Música de Cavalinhos*, p. 180.
58. Hoje rua Washington Luís.
59. Da Fábrica de Tecidos S. Pedro de Alcântara existe, no arquivo do Museu Imperial, um importante documento, infelizmente com data ilegível. É a minuta de um ofício dirigido a José Antônio Rodrigues, a respeito da construção do prédio dessa indústria - levantado “contra as posturas municipais” “em terreno destinado a logradouro público”. Protesta ainda o signatário contra a muralha “erguida sobre o leito do rio, que ficou, por isso, três metros mais estreito”. Também a Câmara Municipal (ata de 28/12/72) se pronuncia, quando o proprietário da fábrica, Azevedo Rocher & Cia. solicita a mudança do açude, advertindo quanto ao local “onde indevidamente acha-se hoje construída a citada fábrica.”
60. A partir do período de Antônio Pereira de Campos tiveram a mesma direção comunicando-se por meio de uma linha telefônica particular (W. Bretz, *Tribuna de Petrópolis*, 17/09/1924).
61. Para uma informação correta sobre este hotel e também a velha casa da fazenda, ver a cit. obra de Taunay.
62. Ver, ainda uma vez, a citada obra.
63. O rio chama-se rio Morto.
64. No local foi construído o estádio Maracanã.

65. O colégio Paixão funcionava em prédio já demolido e existente no Palatinado (Dr. Sá Earp esquina de Sousa Franco). Seu diretor, prof. José Ferreira da Paixão, latinista consumado, tinha grande renome como educador. D. Pedro II visitou o colégio várias vezes, interrogando os alunos. Sucederam a outros colégios que ali tinham sede.

O prazo pertencera inicialmente ao primogênito do marquês de Paraná e na planta de Koeler está o terreno reservado para a praça de Mainz. Em 1850 foi a propriedade arrendada a João Batista Calógeras que aí manteve um colégio também de grande renome até 1859. Nesse ano sucedeu-o José Falletti, cujo colégio Santa Teresa gozou também de merecida fama.

66. Dr. Aquiles Biolchini manteve por muitos anos o colégio S. José, que adquirira do pe. Moreira, o qual transferiu-se para a rua dos Artistas.

67. O colégio S. José fundado pelo dr. Aquiles Biolchini, foi adquirido pelo pe. José Benedito Moreira. Este, natural de Portugal, nasceu em Ferreira, no Além Tejo, e faleceu no Rio em 1924. Chegou ao Brasil em 1870, depois de ter sido missionário na Ásia. Adquirido o estabelecimento que instala em 1886 no prédio em que funcionara o colégio Kopke à atual av. Piabanha. O colégio do pe. Moreira, de legendária tradição, duraria até 1889 (V. Lourenço Luiz Lacombe, “Velhos Colégios de Petrópolis”, *Tribuna de Petrópolis*, 09/07/1950).

68. A professora Adelaide Luísa da Costa Santos teve seu colégio inicialmente na atual r. Carlos Gomes e deixou merecido renome.

69. Dr. Manuel Vieira Tosta Filho, 2º barão com grandeza de Muritiba em 1888. Era veador da imperatriz e da princesa Isabel. Acompanhou, com a mulher, a família imperial ao exílio.

70. A Irmandade do S.S. Sacramento foi fundada em 31 de dezembro de 1853 e constituída em 28 de novembro do ano seguinte.

71. Atual Real Sociedade Portuguesa de Beneficência. Foi fundada em 24 de setembro de 1875, por Antônio Pereira Campos, José Antônio Lira, Manuel Gonçalves de Sousa e Manuel Fernando Carneiro.

72. A instituição foi fundada por iniciativa do jornalista Pedro Mueller, diretor do *Germânia*, a 01/11/1864, com o nome de Deutsche Brasilianische Kraukenkasie Bruderbund.

73. O telégrafo funcionava à rua do Imperador, em local não designado pelo Laemmert, depois na rua de Bourbon (hoje Dr. Nelson de Sá Earp). Daí voltou novamente para a rua do Imperador, no edifício Provincial (onde está hoje o Fórum). Em maio de 1865 há uma referência no livro do 4º Distrito de Obras da Província, a consertos “de pau a pique [sic] da casa em que funciona o telégrafo elétrico”. Em 1882 funcionava o telégrafo à “rua do Imperador, defronte da casa n. 21 [sic!] (ver Cabral, Alfredo do Vale, *Guia do Viajante no Rio de Janeiro*).

74. A agência dos Correios de Petrópolis foi criada a 8 de março de 1848, logo no início da povoação. Os serviços tiveram início logo em 9 de novembro e foram instalados na residência do agente, à rua da Imperatriz. Aí funcionou a *Casa do Correio*, como era chamada, mudando-se depois para a rua de Bourbon (no atual n. 297 da rua Dr. Nelson de Sá Earp) onde está hoje o restaurante Bauernstube. Em 1876, passou para uma dependência do próprio provincial, conhecido como *A Nação* (onde está hoje o edifício do Fórum) e dez anos depois (1886) foi transferida a agência para a r. de D. Januária n. 20 (av. Marechal Deodoro), onde permaneceu até março de 1899, daí mudando-se para a rua de Paulo Barbosa n. 31 (quase na esquina com

a rua do Imperador) e em 1903 para o n. 152 da mesma rua, onde se manteve até a mudança para a sua atual sede própria.

O 1º agente (conforme, aliás, consta do texto) foi Antônio José Correia Lima, sucedeu-lhe Cândido José Vale de Almeida, nomeado em 1889, exonerado em 1892. Nesse ano foi nomeado Antonino Condé que se manteve no cargo até 1913, quando foi nomeado João Antônio Mendes Tota, barão de Mendes Tota em 1888, que ocupou o cargo até 1922, quando foi nomeado Walter João Bretz que se manteve até 1944. Nesse ano assumiu as funções Otávio Leopoldino Cavalcanti de Moraes que exerceu as funções por dois períodos: de 1944 a 1948 e de 1951 a 1956. Nesse intervalo (1948 a 1951) Mauro Gouveia Xavier, que foi sucedido por José Freire de Medeiros, de 1951.

75. O *Mercantil* foi o primeiro jornal de Petrópolis, fundado a 3 de março de 1857. Foi seu fundador Bartolomeu Pereira Sudré, que mantinha uma tipografia - também a 1ª de Petrópolis. O jornal fez a campanha pela elevação à cidade. O negócio girava sob a firma Sudré & Nunes, constituída pelo já citado e José Marcelino Nunes. Sua primeira sede foi na rua Teresa n. 23, mudando-se depois para o n. 25, transferindo-se depois para a rua Aureliano n. 5. Em 1892 foi o jornal transformado em *Gazeta de Petrópolis*.

TH. C.

OS

ESTABELECIMENTOS UTEIS

DE

PETROPOLIS



PETROPOLIS

Typ. de B. P. Sudré. — Rua Thereza n. 65.

1879

Reprodução da folha de rosto da obra de Cameron.

Dim.: 12,5 x 8 cm.

Os Estabelecimentos Úteis de Petrópolis

Aos cidadãos Bartolomeu Pereira Sudré, Antônio Pereira Campos e José
Ferreira da Paixão, apóstolos do trabalho, oferece este escrito

O AUTOR

AO LEITOR

No intuito de tornar conhecida em seus melhoramentos esta cidade, empreendemos a tarefa de traçar o presente trabalho, que defeituoso na forma é todavia a expressão da verdade.

Atendendo a que nos achamos em um ponto central, embora hoje não muito longe da corte, graças ao encurtamento de distâncias. Petrópolis torna-se uma das cidades se não das mais adiantadas, ao menos, estabelecendo proporções, uma das que mais se têm avantajado.

Felizmente conta ela hoje alguns estabelecimentos que oferecem ao viajante motivos de dizer que - não somos uma população morta e que neste recanto do Brasil sente-se sangue americano ao lado da vida européia: - reconhece-se a força de uma geração nova educada nos princípios da prática de uma família velha.

COLÉGIO PAIXÃO

Situado no Palatinado Inferior, o visitante que chega da Corte, avista ao entrar na cidade, um edifício de magnífica aparência e erguido em um ponto pitoresco e espaçoso, à margem do pequeno riacho que vindo de Itamarati ⁽¹⁾ banha esta cidade em parte.

Logo à primeira vista conhece-se que aquele edifício deve oferecer uma agradável vivenda, já pela sua posição, já pela sua construção, como pela forma por que é ventilado.

É aí que se acha estabelecido o colégio Paixão ⁽²⁾.

Visto exteriormente agrada e atrai, mas visitado e examinado o seu interior, provoca a admiração e inspira louvores a quem tem delineado aquele mundo, permita-se-nos a hipérbole, a quem administra aquele estabelecimento.

Aqui são as salas de estudo, além dos dormitórios, as rouparias, o salão das comidas, os lavatórios, todas estas seções da casa arejadas, claras, assejadas e na melhor ordem.

E quando se nos diz que ali moram anualmente cerca de cento e cinquenta pessoas, admiramo-nos, porque nos parecia haver espaço para mil, tal o método que em tudo se observa, tal a forma porque tudo está organizado.

Isto é quanto ao edifício em si e quanto às condições higiênicas em que se acha.

Mas voltemo-nos à parte essencial: deixando de lado a saúde do corpo, ocupemo-nos da vida do espírito.

Dirigido pelo sr. José Ferreira da Paixão, que aos talentos naturais e aos vastos conhecimentos adquiridos alia a longa prática do magistério, esse estabelecimento desde o ano de 1870, tem ele prosperado e de ano a ano mais títulos de recomendação têm chamado sobre si.

Devido simples e unicamente à sua força de vontade e tino administrativo, que não a proteções especiais, a apoio político, ou a outra qualquer

circunstância extraordinária, se tem operado esse progresso.

O sr. Paixão tem se feito rodear de um corpo docente, ilustrado e sensato, não fez do seu estabelecimento um mercado; e por isso o seu discípulo ali recebe não só a instrução como a educação.

Aquela casa representa um templo e a missão do preceptor é um verdadeiro sacerdócio.

É por isso que começando, como há pouco dissemos, em 1870, há três anos a média dos alunos pensionistas tem sido de cento e vinte, quando nos primeiros anos foi de cinquenta a setenta.

É por isso que, embora a prevenção que se nota na corte contra os examinados que não frequentam os colégios da capital, têm os estudantes deste colégio, inscritos para os exames na instrução pública, obtido resultados brilhantíssimos, alcançando o colégio Paixão sempre uma média de 80% de aprovações, entre as quais não poucas com distinção.

Relevantes serviços tem em verdade prestado à nossa sociedade esse colégio e chamado a atenção sobre esta cidade, que em si o contém.

No ano corrente foram matriculados na faculdade de direito um de seus estudantes e outro na de medicina.

E para o ano devem matricular-se um na faculdade de medicina e outro na escola politécnica, havendo alguns aos quais apenas falta um preparatório para que possam matricular-se em qualquer das faculdades do Império.

Quanto à moralidade de costumes, a carinhos paternos, a essas lições, que os cuidadosos e bons pais dispensam a seus filhos, têm-nos os alunos desse colégio no seu diretor e em sua virtuosa e exemplar esposa.

Por menor que seja o aluno, a mais extremosa das mães pode confiá-lo a esse estabelecimento: aí ele encontra o cuidado que reclama a criança e a educação que faz o homem.

Ali não se ouve articular uma queixa, não se vê a tristeza em um rosto de criança, não há morbidez que desfigura e empalidece: nas horas de estudo vê-se que a atividade se desenvolve por igual, que todas aquelas inteligências se vão robustecendo: - nas horas do folguedo é um brincar que encanta, é um contentamento que seduz.

E entre aquele enxame de crianças que estudam e brincam, porque seus pais podem dispensar a quantia necessária para a sua instrução e os seus folgares, encontram-se algumas que o Sr. Paixão as trata com igualdade, porque compenetrado de seu dever de homem educado as têm chamado a si por serem pobres, como que as tem perfilhado, e por isso ei-las que estudam e brincam quando pela indigência de seus pais condenadas à ociosidade das estradas ou a trabalhos não correspondentes à sua idade.

Um homem que procede como o sr. Paixão bem merece de seus conterrâneos, o diretor de um estabelecimento como o de que nos ocupamos

faz jus às simpatias e reclama a mais alta consideração da sociedade de que faz parte.

Ele nos dá uma prova solene de que é um fiel adepto da escola que prega esta máxima sublime: todo o progresso nas artes, na indústria e nas ciências está especialmente dependente da difusão da instrução, sem a qual o engrandecimento e prosperidade das nações seria uma verdadeira utopia.

Nós o saudamos porque - ao enfrentarmos com o homem que trabalha pelo avantajamento das idéias, as palavras que nos vêm aos lábios são - *Salve, homem útil!*

ASILO SANTA ISABEL

Continuando na nossa tarefa de ocupar-nos (*sic*) dos estabelecimentos notáveis desta cidade temos de dedicar-nos agora ao Asilo Santa Isabel, dirigido por essas santas e virtuosas senhoras que, despindo as galas do mundo e vestindo os trajes da humildade, de corpo e alma se consagram a ações meritórias e à grande obra do futuro da sociedade ⁽³⁾.

- Educar a mulher é curar do porvir, disse-o alguém que melhor do que nós sempre falava.

E não há contestar essa verdade, porque esse ente privilegiado, esse mimo da criação, encerra em si o gérmen do bem e se por aberração esse gérmen não frutifica é sempre porque mão maldosa lho arranca do seio - ou não lhe dando a instrução necessária ou dando-lhe aquela que no caminho do erro a precipita.

Acordes são todos os pensadores em dizer que a instrução é mais necessária à mulher que ao homem, porque a ela e só a ela está confiada a educação do filho, que mais tarde tornado o homem assume uma responsabilidade ilimitada no viver social.

É por isso que, não podendo deixar de evangelizar esse princípio, fazemos as opiniões dos mais abalizados escritores e dizemos também que - educar a mulher é curar do porvir.

Parte essencial da educação é a instrução; e aquela que é aplicada pelo exemplo e pela palavra, e aquela que é dada por quem pode dizer da consciência pura - *imita-me e ouve-me* - é incontestavelmente a mais proveitosa e que mais sazonados frutos oferece.

As preceptoras do colégio denominado *Asilo Santa Isabel* estão bem no caso de ministrar essa instrução, porque inspiram-se na religião - base sólida da sociedade e portanto da família, laço que estreita a criatura ao Criador, código que em artigos claros e de fácil compreensão expõe os nossos deveres e a nossa missão nesse peregrinar a que chamamos vida,

no qual os areiais ardentes só queimam os pés dos que se arredam da vereda do bem e só liba no cálix de fel o que na fonte do bem se não vai saciar.

Por isso dissemos nós que elas pertenciam a essas mulheres que se consagram a ações meritórias.

Naquele estabelecimento, pela educação e pela instrução, forma-se o ente social completo - a filha, a esposa, a mãe: no livro encontra a teoria, na direção da casa acha a prática.

Os seus resultados devem ser forçosamente vantajosos, como o têm sido os de outros dirigidos pela mesma disciplina e criados em todo o orbe cristão: é possível aos que conhecem os existentes na capital do império e na província de Minas Gerais ajuizar destes resultados.

Visitamo-lo para dele nos ocuparmos, não falamos por informações, vimo-lo e impossível fora vê-lo sem admirá-lo.

O edifício é vasto e dividido de forma a não se poder notar uma falta de conveniência, a não se poder descobrir um lado daquele todo onde a mais zelosa perspicácia não tivesse imprimido o seu olhar.

Os seus compartimentos são arejados e espaçosos, os dormitórios, organizados pela mais sábia prudência, são colocados nos pontos mais convenientes: o refeitório, onde o asseio se revela ainda nos menores objetos, os lavatórios situados em lugar o mais apropriado, os banheiros, e finalmente todas as dependências dão um pleno testemunho do tino organizador de que era dotado o delineador do Asilo Santa Isabel.

Na parte relativa ao estudo, presidido sempre pelas senhoras que dirigem o estabelecimento, fala lisongeiramente o resultado do exame que procedeu-se ali ultimamente, e no qual as alunas, entre as quais algumas com mui pouco tempo de frequência, revelaram adiantamento suficiente a demonstrar o bom sistema de ensino ali seguido.

Quanto à moralidade do estabelecimento fora demasia o quereremos descrevê-la, desde que traçamos o primeiro período do presente artigo.

E em uma casa onde as imagens do Senhor dos Senhores e da *Mãe das Mães* presidem a todos os atos, onde a Divindade tem um templo em todas as inocentes almas que ali existem, a moral impera em toda a sua grandeza e o vício passa sem tentar o ingresso.

No Asilo Santa Isabel encontra a menina educanda os carinhos maternais que na tenra idade são indispensáveis, conchega-se Àquele que chamava as crianças, extasia-se na contemplação d'Aquela que a via-dolorosa deu o mais sublime exemplo da grandeza da mulher.

Na capela, erigida em um dos salões do prédio, capela onde se vê que a inspiração vem de Deus, deve a menina sentir-se boa, pois para ali entrar o mal ficará à porta, e ao sair deve conhecer-se santa porque as almas unguidas pelo bálsamo da fé não podem ser contaminadas pelo mal.

Terminando as nossas observações acerca desse vasto edifício que

podemos dizer de primeira ordem, cumpre-nos acrescentar que a criança entrada para ali menina, dali sai - mulher -, mulher em toda a extensão do qualitativo - para a ventura e para a adversidade, para o gozo e para a luta, para o lar e para a sociedade.

Depois do que dissemos é com dor que vamos fazer um apelo, é com dor que o fazemos, porque em uma sociedade culta como a nossa, esse apelo devia ser desnecessário.

Soubemos que o Asilo Santa Isabel luta com dificuldades para sustentar-se, que o número de suas pensionistas é limitadíssimo, e condoeu-nos essa notícia.

Esse estabelecimento é digno de toda a atenção como de todo o apoio, é uma necessidade preenchida, é um templo em cuja fachada deve ler-se esta inscrição: - *Pais, entregai-nos meninas, nós vos daremos mulheres.*

Apelamos pois para aqueles que amam suas filhas, que sabem compenetrar-se das obrigações inerentes à paternidade, e convidamo-los a visitar o edifício, a conhecer-lhe as bases, a estudar-lhe os costumes.

Se formos ouvidos o Asilo Santa Isabel, tornar-se-á pequeno e a sociedade tornar-se-á maior.

Nesse reclamo que fazemos aos pais não podemos esquecer-nos de que - a indiferença é sempre um crime.

HOTEL DE BRAGANÇA ⁽⁴⁾

Eis o estabelecimento notável de Petrópolis que vai hoje ocupar a nossa atenção, e que embora suficientemente conhecido não podemos furtar-nos ao dever de nesta nossa - como revista - lhe consagrarmos um espaço.

Fique de passagem consignado que não temos a pretensão de o tornar mais conhecido, e que o nosso fito é apenas reproduzirmos a impressão agradável que nos ficou da visita que ultimamente, e na qualidade de amigo desta cidade, lhe fizemos, a fim de podermos, com mais afouteza, colocá-lo ao lado dos estabelecimentos que mais dignos se tornam de um lugar neste trabalho, que vamos aos poucos levando a cabo.

Desde que habitamos esta cidade conhecemos o Hotel de Bragança, e temo-lo visto em muitas e variadas fases, pela direção de uns e outros, que à testa dele têm estado, porque esse estabelecimento tem uma história longa e cheia de alternativas.

Deixemo-la - essa história - de parte, e que envolta nas brumas do passado dê ela lugar à luz do presente.

Imaginemos o que pode haver de comodidade e de luxo, ponhamos

à frente o aparato que deslumbra e o confortável que seduz, enfeixemos na mão todos os desejos e ambições que encerram em si a bondade da vida, encarada pelo lado do bem-estar da matéria e o repouso do espírito, e com essa bagagem de idéias e desejos transponhamos as portadas do hotel em questão.

Aí encontraremos o quanto basta para satisfazer-nos e diremos mais - quando sonharmos um desejo, ao despertar do sonho deixará ele de sê-lo.

O hotel de Bragança, graças ao tino administrativo que caracteriza o seu atual proprietário, o sr. Campos, está na plana dos primeiros estabelecimentos deste gênero: esse senhor tem ali dispendido não pequena soma de contos de réis, mas em compensação pode-se dizer hoje - diretor e proprietário de um estabelecimento de primeira ordem.

Visitando-o com a avidez da curiosidade e a calma do observador, não perdendo de vista a mínima parte daquele grande todo, confessamo-lo - a admiração era substituída pela surpresa, o encanto vinha após o enlevo, e pela mente nos passavam as recordações do antigo hotel de Bragança e víamo-las corridas de vergonha se afastarem para darem lugar ao que presentemente é.

Não ficou recanto da casa que por nós não fosse examinado; e essa casa é vasta, e essa casa contém cerca de oitenta apartamentos e tem acomodações espaçosas e em tudo confortáveis para duzentas pessoas.

Examinamos quase um a um esses apartamentos e já não era a curiosidade que nos guiava: íamos arrebatados por essa espécie de atração que se exerce sobre nós quando, ao termo de percorrer um espaço rodeado de seduções, apressamos o passo no giro mas desejando não chegar-lhe ao termo.

Vimos os belos aposentos, as salas luxuosamente guarnecidas, o salão de jantar - digno de um ledor de Brillat-Savarin -, o jardim que está com ele em comunicação, o salão de baile e o palco aí levantado.

E vimos ainda a cozinha, onde de encontro aos nossos hábitos, tivemos de demorar-nos, pois incontestavelmente é ela digna de especial menção: a cozinha do hotel de Bragança pode-se dizer - o ápice daquele monumento que teve por arquiteto o sr. Campos.

A casa de banhos, com seus assejados banheiros de chuva, cachoeira etc., foi por sua vez uma das dependências que nos chamou a atenção pela sua boa ordem.

Afinal, terminada a visita, saímos desse estabelecimento e maravilhado dávamo-nos parabéns pelo que tínhamos visto - não nos causando admiração o fato de famílias de classes as mais elevadas o preferirem a outra residência.

Realmente a família habituada a habitar palácios a não repetir um chamado, a ser servida sem a delonga de um segundo - ao chegar a esta

cidade e hospedar-se no hotel de Bragança razoavelmente se pensará presa de um sonho e se perguntará:

- Pois em verdade estes aposentos me são novos?

O pessoal do estabelecimento, o sistema de comunicação por meio das campainhas elétricas, o cuidado empregado no serviço das câmaras, finalmente tudo quanto conhecemos do hotel que nos ocupa, contribui para que em Petrópolis possa ser preferida a estada no hotel à moradia particular.

Acrescentamos às vantagens enumeradas a do ponto em que se acha ele colocado, na posição de mais vida social, próximo à agência dos carros da serra, à estação telegráfica e ao correio, e em um local de beleza indescritível, como tantos desta pitoresca cidade.

E rematemo-las, essas vantagens, com as do caráter lhano e afável do seu proprietário, que solícito sabe advinhar o querer do seu hóspede e na qualidade de bom dono de casa sabe prever e prevenir.

Terminamos a grata lembrança da nossa visita ao hotel de Bragança dizendo que - tão necessário era ele a Petrópolis quanto a ele foi necessário o seu atual dono e administrador.

HOTEL BERESFORD⁽⁵⁾

Pela ordem que traçamos a este nosso trabalho cabe a vez do Hotel Beresford, e que não é sem grande prazer que dele nos vamos ocupar por tornar-se esse estabelecimento merecedor de uma visita, desde que tratar-se (*sic*) de melhoramentos e progressos da cidade de Petrópolis.

A tabuleta do hotel contém um nome recomendável a quantos o conhecem - é o nome de um inglês, e isso quer dizer - do homem que abraça o meio de vida para o qual tem pendor, e que por esse princípio reúne as qualidades exigidas em um bom diretor.

O sr. Jorge Beresford tem a prática necessária do ramo de negócio que escolheu para sua ocupação: e bem alto fala a administração do hotel União, estabelecido em Juiz de Fora, quando sob sua gerência.

Não somos nós quem diz que - a gerência referida por si só é bastante a recomendar qualquer estabelecimento que esteja debaixo de suas vistas; não somos nós, repetimos: são aqueles que ali hospedados, e viajantes habituados aos melhores hotéis, não cessam de acompanhar com palavras laudatórias a recordação da sua estada no hotel União.

Foi portanto animado da certeza que dele teria de ocupar-nos que penetramos no hotel Beresford e o percorremos a examiná-lo.

De ante-mão sabíamos que não iríamos encontrar o luxo ostentoso, mas a comodidade indispensável, porque é proverbial que - o inglês prefere

a singeleza ao aparato, a nudez do natural ao atavio do artificial.

E conhecendo aquela casa em outra época admiramo-nos da completa mudança nela operada, porque apresentou-se-nos aos olhos um prédio com divisões tão apropriadas e agradáveis que fez nos esquecer o antigo conhecido.

Realizou-se ali uma total metamorfose, e devido ao tino diretor do sr. Beresford e à sua assídua vigilância oferece esse hotel uma deliciosa vivenda.

Como sempre temos procedido nestas nossas visitas aos estabelecimentos não nos satisfizemos com simples informações ministradas: certificávamo-nos do quanto víamos para afinal com segurança podermos expender o nosso juízo.

Não ficou pois canto da casa que não fosse visto; e foi-nos agradável robustecer a crença que nos animava ao ali penetrarmos.

Difícil fora ao certo de contentar quem, depois de imitar-nos na visita, não estivesse a nosso lado para dizer - que o hotel Beresford na ordem de estabelecimentos recomendáveis ocupa um lugar de honra.

Descrever o estabelecimento com seus cômodos aposentos, seus salões bem mobiliados, sua cozinha assejada, seu bonito jardim, sua bem sortida adega, sua casa de banhos, enfim todas as suas dependências, fora tarefa que muito prolongaria este escrito e que podemos a ela poupar-nos uma vez que declinamos o nome de seu proprietário, que, como acima dissemos - é um homem que abraçou um meio de vida para o qual tinha pendor.

A sua situação é ótima e o serviço interno é feito com uma regularidade irrepreensível; e pessoas que ali se têm hospedado nos têm informado de que a sua cozinha nada deixa a desejar.

Tanto basta para chamar a atenção pública sobre esse estabelecimento, e a clientela que o frequenta constitui-se diariamente uma autorizada voz que só faz ouvir merecidos encômios ao seu administrador.

Por nossa parte limitamo-nos a expor o juízo que formamos do hotel Beresford, e a transmitir aqueles que nos lêem as impressões que nos ficaram da nossa visita a ele.

O nosso juízo todo favorável e justo resumimo-lo nestas poucas palavras: - o hotel Beresford é uma vivenda agradável e cômoda.

As nossas impressões serão terminadas por um cordial cumprimento ao sr. Beresford, estabelecido com hotel à rua do Imperador n. 56.

As pessoas que vierem visitar esta cidade não devem esquecer-se desta casa, e procurando-a, ali encontrarão ordem e asseio, comodidade e sossego.

HOTEL INGLÊS, ANTIGO MC. DOWALL ⁽⁶⁾

Depois de visitarmos dois estabelecimentos quais os últimos de que nos temos ocupado, depois de havermos expendido a nossa opinião franca sobre eles, não lhes poupando os encômios a que fazem jús - termos de tratar de um outro nas mesmas condições é na verdade empresa difícil de ser bem realizada.

Todavia o dever manda e é força obedecer; a justiça preside ao nosso intento e não há recuar quando nos temos imposto uma tarefa que deve ser levada a termo.

Há um estabelecimento notável, uma casa que faz honra ao lugar, embora em concorrência com outras, embora nas mesmas condições de progresso, e é dever de quem o visita, desde que deu juízo sobre os seus congêneres ocupar-se também.

Fácil é de saber-se que tratamos do importante hotel Inglês, antigo Mc. Dowall, que foi aqui montado em 1861, e que, então prestando a sós um grande serviço ao lugar, continua a sustentar seus foros e créditos pelos melhoramentos que a sua incansável administração opera anualmente para que nunca decaindo, ao contrário, esteja a par dos mais adiantados.

Na sua criação oferecia já o hotel Mc. Dowall todas as vantagens exigidas e era procurado de preferência aos demais então existentes, hoje, em concorrência com outros, continua a merecer a mesma procura e a ser alvo de louvores de quantos o frequentam.

Esse fato altamente depõe a favor da administração da casa, e dele concluiu-se que o tino que presidiu à sua criação mais e mais se tem desenvolvido, e que nunca se julgando chegada ao termo do progresso a sua direção não para no trabalho de engrandecê-la.

Ei-lo patente, ei-lo que por si atesta a verdade de quanto dissemos.

Visitamos os hotéis Bragança e Beresford, e, ao visitá-lo por sua vez, reconhecemo-lo à norma dos demais, e não podemos conter uma exclamação admirativa.

Seríamos tachado de parcial, de injusto se o não fôssemos visitar para dele nos ocuparmos, se o não fizéssemos figurar na resenha dos estabelecimentos úteis ao lugar.

E tanto mais nos penalisaria isso quando nos lembrássemos de que assim procedendo íamos de encontro aos nossos princípios de - parar para admirar a obra do trabalho, de ir em busca do trabalhador para a nós uní-lo no abraço fraterno.

No hotel Inglês tem Petrópolis um motivo de orgulho, porque ele, como os seus dois outros iguais, concorre com grande contingente para que seja uma verdade o que dissemos no exórdio destes escritos, quando assim

nos exprimimos: - *não somos uma população morta.*

Um estabelecimento montado para receber e bem acomodar cerca de cem pessoas, com seus aposentos espaçosos e ventilados de forma a respirar-se o ar puro, com vasto salão de jantar, salas de visitas destinadas a homens e senhoras, ótimos banheiros, grande jardim e dependências necessárias a uma casa destinada a este ramo de comércio - eis o que acabamos de ver e percorrer.

E firmamos nosso juízo neste assunto a podermos afirmar que outro lugar não conhecemos que, em condições semelhantes a Petrópolis, contenha três hotéis como os que nos têm dado matéria para os três artigos que temos traçado ultimamente.

Percorrido o hotel Inglês, antigo Mc. Dowall, ao dali nos retirarmos e ao recordarmo-nos de quanto havíamos visto, o nosso espírito regozijava-se dessa recordação.

O asseio irrepreensível, a ordem que em tudo se nota, o previdente cuidado no bem-estar de seus hóspedes, recomendam vantajosamente o sr. R. Mills, seu proprietário e diretor.

Frequentado sempre por sociedade escolhida poder-se-á formar ali um mundo à parte, onde à falta de outro ponto de reunião possam os hóspedes proporcionar-se horas de prazer e recreio.

Nada falta naquela casa para a comodidade da vida, desde os aposentos até o serviço interno, que, sob as vistas do prático diretor e feito por empregados sempre da maior confiança, não dá lugar a que possa ser articulada a mínima queixa.

Terminando com este os artigos relativos aos hotéis de Petrópolis, folgamos tanto de havê-los visitado quanto sentimos, já pelas proporções deste escrito, já pela forma que lhe damos, não podermos mais alongar-nos nas nossas descrições.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO ⁽⁷⁾

Estabelecer um problema difícil, impor-se vigílias para resolvê-lo e não repousar senão depois de achada a solução.

Criar na mente um edifício, plantar-lhes os alicerces e contruí-lo até o final sem ceder à fadiga - resultante do esforço.

Rodear-se de obstáculos e, sem a arma que debela as dificuldades - o capital, lutar sem recuar um passo até abrir-se passagem.

São feitos titânicos que dir-se-iam irrealizáveis se os fatos não

tivessem uma lógica convincente - se a fé não fosse um verdadeiro escudo nas mundanas lidas.

Um estabelecimento criado nesta cidade - e incompleto por enquanto na forma - é um documento vivo de que houve aqui um homem que se propôs:

Provar à evidência que na cruzada do bem não é lícito duvidar do apoio;

Edificar uma casa que se constituísse um baluarte contra a perversão dos costumes, contra as ameaças da miséria;

Firmar o princípio de que - acima do querer do homem só existe a vontade de Deus.

E esse homem do modo o mais brilhante o desempenho da tarefa imposta, e difícil mas brilhantemente vai conseguindo avançar na obra da conclusão.

A Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo nasceu de uma inspiração grandiosa, tem um fim grande como é o seu princípio - terá uma duração ilimitada como ilimitado é o suave domínio da caridade.

Nesta cruzada santa o novo Eremita empunha um lábaro respeitável, e em letras bem visíveis a legenda está traçada: - *Dar aos pobres é emprestar a Deus!*

Corre-se a debelar a miséria e a opulência ocupa vanguarda, busca-se combater a ociosidade e o trabalho destroniza o ócio, faz-se mister a fraqueza e o forte se abraça ao fraco.

Inquestionavelmente o livro compulsado é o escrito por Deus para ser lido pelo homem.

Inquestionavelmente aqueles que têm acompanhado o sr. Padre João Francisco de Siqueira Andrade, são outros tantos apóstolos que propagam o código selado com o sangue do Mártir.

Esse estabelecimento, fundado em 1868 ⁽⁸⁾ e destinado a formar criadas para os serviços domésticos e professoras, preenche fins elevadíssimos e de incontestável utilidade.

Supérfluo fora enumerar as vantagens que de sua existência resultam ao corpo social, desde que saibamos que a órfã desvalida ou a menina paupérrima adquirem naquela casa a instrução necessária e indispensável à mulher, afazem-se aos hábitos do trabalho, bebem as normas da honestidade; e ao receber os benefícios que lhes são outorgados - pelo pendor natural - compreendem que têm obrigação de ser boas para bem compensar a bondade dos que as salvaram e protegem.

Em verdade grandes deviam ter sido as dificuldades com que arcou seu criador para conseguir a realização da humanitária idéia, e o acreditamos sinceramente quando em seu último relatório diz - que muitas vezes foi repellido como utopista e outras tantas como louco, criança e inexperiente!

Essas dificuldades porém foram desaparecendo de dia para dia; e à proporção que a idéia foi tomando corpo e que a dúvida se converter em certeza efetuar-se-á o completo aplanamento do terreno; e o socorro virá sem ser reclamado, e às fadigas que hoje o atormentam sucederá o repouso tranquilo, que nos oferece a convicção de que dedicamo-nos a outrem no seu bem estar devemos encontrar recompensa.

Visitando esse estabelecimento, estudando-o com a calma do observador, ouvindo a sua história, nos sentíamos atraídos por uma força superior e nos orgulhávamos de contemplar um tal quadro e de ouvir tal narrativa.

Quarenta e três moças e meninas ali estavam dedicadas a seus trabalhos, contentes de sua posição, e como que em coro harmonioso entoando louvores a quem tão felizes as tornavam.

Nós as vimos - aquelas pobres-ricas - acumulando tesouros na adoração do trabalho.

E não as consideramos as pobres a quem se prodigaliza a esmola, mas sim as operárias a quem se paga o salário: mulheres que, salvas das garras da indigência ou da perdição, abrigadas sob o manto do labor honesto vivem dessa vida pura que faz do mundo um paraíso - onde o espírito em calma e ocupado em boas obras não se apercebe do tumultuar das paixões, nem se sente a alma atormentada pelas exigências da vaidade.

Naquela casa por enquanto pequena, mas já de sobra suficiente para as asiladas que conta, é de encantar a sábia disposição que a tudo preside, a boa ordem na distribuição da casa, o asseio e comodidades que, entregues aos cuidados das locatárias, são por elas caprichosamente promovidos.

As boas regras da economia ali observadas dão lugar a que aquele estabelecimento se mantenha em condições de com não grande receita poder fazer face à despesa; e o balanço que temos à vista, e quem acompanha o relatório a que pouco acima nos referimos, é um valioso título a recomendar a sua boa gestão.

Ali a menina aprende a trabalhar, e economiza o tempo empregando-o no estudo: quando sabe trabalhar, do trabalho aufere o lucro e aprende então a economizar - não lhe sendo permitido malbaratar o seu ganho.

Vimos alguma coisa que nos revelou o adiantamento das que estudam, vimos alguma outra coisa que nos fez admirar os bons resultados do tempo que se emprega no aprender.

Foi-nos franqueada a sala do estudo e foram para nós abertos os armários dos trabalhos; e éramos precedidos pela distinta senhora que tem a seu cargo a direção daquele bendito grupo de promessas.

Banidos completamente daquele santuário o luxo e a ostentação, ergue-se ali em sua sublime nudez a verdade, que traja as vestes da singeleza - a ordem substitui o aparato e a modéstia contrapõe-se à vaidade.

O ideal do sr. Padre Siqueira, belo na sua origem, torna-se grandioso em sua realização.

Lícito não é duvidar das infalíveis vantagens que promete esse asilo-escola, como lícito não é supor que um dia possa vir em que a braços com óbices insuperáveis a sua direção tenha de reconhecer a impossibilidade de sua sustentação.

A semente germinou e a árvore dará frutos.

Passado o ligeiro golpe de vista sobre o edifício existente cumpre-nos agora ocupar-nos do seu complemento, visto como dissemos que - esse estabelecimento está incompleto na forma.

Alongando os olhos a um futuro talvez não muito distante, o criador da *Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo* projetou a construção de um edifício em condições a poder prestar-se de modo vantajoso à satisfação de seus fins, um edifício que pudesse dar guarida, se não a todas as desvalidas que o procurassem a pedir-lhe um abrigo, ao menos a um número mais elevado que aquele que conta atualmente.

Tanto auxílio lhe havia sido dispensado já, tanta animação o impelia nas afanosas jornadas, aos ouvidos tantas vezes lhe soara a palavra *avante*, que fora de fraco não empreender a tarefa, que fora de injusto o duvidar dos homens.

E pois, plantados os alicerces, eis que a obra vai progredindo; mas a fadiga redobra à proporção que o edifício se eleva, porque é necessário um trabalho superior às forças do operário, porque se a obra se agiganta o capital enfraquece.

É nestas circunstâncias urgente um apelo à caridade pública - novo apelo que de certo será ouvido por quantos não se deixarem ensurdecer nas bacanais do vício.

O grande templo erguido à caridade vai subindo pouco a pouco, os apóstolos dessa virtude santa devem meter ombros à obra.

A esmola, essa intermediária entre deus e os homens, esse laço que estreita a humanidade, deve cair como chuva abençoada no terreno em que foi espalhada a semente.

Como ontem - deve vir hoje a opulência a debelar a miséria: não está completa a obra e não seria de almas generosas deixar sem fim um tão bonito princípio.

A esmola e só a esmola poderá traçar essa palavra necessária, porque o estabelecimento não tem rendimentos suficientes, porque ali tem sido e continuarão - a ser recebidas unicamente crianças inteiramente pobres e órfãs expostas ao desamparo.

Para a conclusão dessa obra são necessários ainda cerca de 80:000\$: não é muito para um estabelecimento que tem jogado com soma superior a 300:000\$, na qual estão incluídos 81:000\$ de seu patrimônio, obter essa

quantia, desde que tenhamos em vista que a caridade e só a caridade tem concorrido para um tal resultado.

É mais um óbolo, mais uma sobra, diremos mesmo, mais uma privação - porque corre-nos a todos o dever de privarmo-nos do necessário sempre que ao nosso próximo faltar o indispensável.

E imitando o sr. padre João Francisco de Siqueira Andrade, ao terminar a sua última exposição, datada de 1º de janeiro do corrente ano, diremos também: a boa educação de um povo está para a estabilidade e bem-estar do mesmo povo como em igual proporção o sólido alicerce de pedra está para a segurança e conservação do edifício.

HOSPITAL DE SANTA TERESA

Uma cidade como Petrópolis, centro de trabalho e lugar de recreio, ponto privilegiado pela natureza para refúgio da mais elevada parte da sociedade escolhida da capital, Petrópolis - a industrial e aristocrática, fora incompleta de certo e não teria direito aos foros de que goza, se o estabelecimento de que nos vamos ocupar não estivesse aí para atestar que nada lhe falta à sua grandeza.

Mais de uma cidade conhecemos nós onde abundam os edifícios suntuosos, onde o comércio é ativíssimo, onde o dinheiro sobra para o desperdício do jogo e a ostentação do luxo, mas onde o pobre enfermo não encontra um abrigo, um asilo no qual busque os socorros que a caridade cristã ordena serem dispensados, que o espírito humanitário determina que sejam distribuídos.

Petrópolis - graças à munificência imperial em primeiro lugar e depois à generosidade de cidadãos que nunca se deixam ficar aquém no exercício dos deveres sociais - conta em si a casa de caridade de Santa Teresa, edifício construído ultimamente sob o risco e vistas de hábil e talentoso profissional.

De longo tempo existente aqui a instituição, ressentia-se ela da falta de uma casa apropriada a seus fins: ainda essa falta foi superada, e eis que hoje vemos em uma aprazível localidade levantado esse edifício - talvez o primeiro da cidade de Petrópolis, não diremos já pelo que representa, mas pelo que significa.

A casa de caridade de Santa Teresa é um monumento de alta significação, e que fala em sua mudez pedindo bênçãos e louvores para aqueles que o ergueram.

Demorarmo-nos na descrição minuciosa desse edifício, depois de haver-mos dito que foi ele construído sob as vistas de um hábil profissional,

fora repetir que - observadas as regras da arte arquitetônica é ele um edifício elegante, respeitadas todas as conveniências higiênicas e relativas à boa acomodação é ele uma casa onde as divisões internas e a colocação dos apartamentos por si mesmas contribuem para que o doente, no gozo daquela calma e bem-estar que lhe são indispensáveis, mais suportável suponha o seu mal, menos pungentes as dores que o torturem.

Igualmente fora superfluidade ocupar-nos com a direção interna desde que ao voltarmos as vistas ao pessoal empregado encontramos ali como médico assistente o distinto sr. dr. Domingos de Lima Ferreira de Brito, já de sobra conhecido por seus méritos e talentos ⁽⁹⁾, e o antigo enfermeiro e boticário desse estabelecimento, o sr. Jorge Kuhn, que, prático e inteligente como é, por si só constitui uma garantia de boa ordem naquela direção e responde pela moralidade e habilitações dos outros seus companheiros na tarefa a que se consagram ⁽¹⁰⁾.

Não nos demoraremos pois nessa parte e substituiremos o espaço que a isso teríamos de dedicar dando ligeiro histórico desse estabelecimento que arquivado na memória de nossos leitores perpetuará nomes que bem merecem de seus contemporâneos e vindouros.

Esse histórico nos foi ministrado por um amigo que se interessa por estes escritos que traçamos, ocupando-nos unicamente dos estabelecimentos úteis de Petrópolis, e em resumo é o seguinte:

Quando criou-se a colônia a administração da província estabeleceu um hospital para receber os colonos pobres, que não tivessem meios de se tratar em suas casas.

A lei provincial n. 725, de 25 de outubro de 1854, criou um patrimônio de trinta e quatro apólices da dívida provincial a favor de uma casa de caridade em Petrópolis ⁽¹¹⁾.

Por decreto n. 390, de 12 de abril de 1855, S.M. o Imperador, querendo dar mais uma prova da sua solicitude pelos enfermos da colônia de Petrópolis e suas circunvizinhanças, e desejando além disso erigir um monumento que perpetuasse o nome e piedade de S.M. a Imperatriz, nomeou uma comissão composta do barão de Lorena, Carlos Joaquim Wylep, Francisco Joaquim Bernardes e Adolfo Simonsen, sob a presidência do conselheiro Paulo Barbosa da Silva, para que procedessem a revisão dos prazos que tivessem caído em comisso, devendo o valor das jóias de entrada dos mesmos prazos ser empregado em fundos públicos até que fosse aplicado para auxílio da construção de um hospital sob a invocação de Santa Teresa.

A importância dessas jóias e diversos donativos obtidos pela comissão elevou-se a 50:507\$856, que S.M. o Imperador mandou, em 1871, entregar à presidência da província para terem a devida aplicação, contribuindo desta forma a munificência imperial em grande parte para a construção desse majestoso edifício.

Graças pois ao elevado espírito da caridade que operou em quantas almas se devotaram a tão grandiosa missão, vemos hoje o hospital de Santa Teresa prestando os serviços para que foi destinado; e milhares de pessoas, que lhe tem devido o mais benévolo agasalho, juntando a sua voz à nossa para entoar louvores à sublime e santa virtude.

E graças ao zelo de sua atual administração, composta dos srs. barão do Catete, presidente; Antônio Augusto Coelho de Sousa, tesoureiro; capitão Augusto da Rocha Fragoso, secretário, a mais restrita e bem entendida economia é ali observada, e os maiores cuidados são dispensados à conservação e créditos da pia instituição.

Vai assim o hospital de Santa Teresa em progressivo andamento e até 31 de dezembro do ano passado o movimento dos doentes no novo edifício foi o seguinte:

Vindos do antigo hospital	18
Entraram.....	626
Saíram.....	493
Faleceram	114
Ficaram em tratamento	37
Esses doentes eram:	
Do sexo masculino	529
Do sexo feminino	115
Livres.....	593
Escravos.....	51
Nacionais.....	275
Estrangeiros	369
Pobres	533
Pensionistas	93
Praças do corpo policial	18

Por esses algarismos vê-se que há ali os cuidados necessários para com os enfermos, prestando-se atenção aos números de entrados e falecidos.

Pelos mesmos algarismos chega-se à conclusão de que é aquela casa um verdadeiro templo erguido à caridade se se tiver em vista a diferença que vai dos doentes pobres aos de outras condições.

Pode por tanto orgulhar-se esta cidade por contar no número de seus estabelecimentos úteis a casa de caridade de Santa Teresa, que tão bem preenche os seus fins e que assim oferece ao desvalido enfermo um abrigo caritativo e salvador.

Com palácios suntuosos, com jardins aprimorados, com passeios atraentes, com fábricas e oficinas - pouco fora Petrópolis sem o seu hospital: mais que os altares ao luxo, à distração e ao trabalho vale de certo o altar à caridade.

A santa virtude que protege os pobres é o mais belo ornamento do brasão dos ricos ⁽¹²⁾.

ESTABELECIMENTO HIDROTERÁPICO

A hidroterapia ou método de tratamento que consiste em combater as moléstias pelo uso da água fria, conhecida em todas as épocas da história da medicina, foi desde 1828 posta em voga por um aldeão da Silésia, chamado V. Priessnitz, que morreu em 1851, e exercida por espaço de trinta anos em um estabelecimento fundado por ele em Graefenberg.

Mais tarde muitos estabelecimentos análogos ao de Graefenberg foram fundados na Prússia - em Marienberg, e em França - em Paris, Bellevue, Auteuil, Issy, Lyon, Dijon, Divonne, etc.

A respeito desse sistema muito escreveram Scouletten, Schedel, Gillebert-Dhercourt, e outros profissionais.

Reconhecida a hidroterapia como sistema que dava bons resultados em muitas enfermidades vulgarizou-se ela, de forma a caber-nos por nossa vez.

Mas para que mais eficaz seja o resultado e mais pronta a cura, é de necessidade que a escolha da água seja o primeiro cuidado do que tomar a si a criação do estabelecimento destinado a esse fim.

Porque é da qualidade da água que depende a maior ou menor presteza na obtenção da cura - como já o tem dito os que do assunto se tem ocupado.

O sr. A. Court, cidadão francês ⁽¹³⁾, residente nesta cidade, encontrou aqui, na Rua Nassau, um terreno - escabroso na verdade - mas que lhe oferecia uma excelente água com a altura suficiente, e além do mais com a vantagem da localidade - a mais aprazível que se pode imaginar.

Outro que não ele, medindo a extensão do sacrifício e calculando os esforços de que teria de lançar mão para vencer as escabrosidades do terreno até poder edificar o importante estabelecimento que ali hoje se apresenta, de certo recuaria, considerando a empresa - não só difícil - mas ainda - impossível de ser realizada.

Estava porém bem gravada no pensamento desse homem a máxima do imortal Franklin - *todo aquele que afirma ser possível conseguir-se qualquer coisa sem trabalho e sem fadiga é um envenenador.*

Tendo diante de si um espaço de terra que, podendo ser útil, de nada servia, o sr. Court resolveu aproveitar-se daquela utilidade.

Começou a obra e foi trabalhando; e mais trabalhava quanto maior era o obstáculo a vencer.

Ele tinha visto outros estabelecimentos, do gênero daquele que ideara, progredirem e darem não só lucro, mas renome a seus instituidores, muitas vezes bendiziam os criadores dos mesmos estabelecimentos, grande era o número dos agradecidos ao serem eles visitados, e esta lembrança e aquela água que vinha de pedra em pedra, alvíssima e fria sob o maior calor, como que o encorajavam no esforço, constituindo-se promessas de uma boa recompensa.

Principiado aos poucos, aumentado de dia para dia, melhorado, embelezado, chegou afinal ao ponto em que se acha, não completo ainda - para o querer de seu proprietário - mas satisfazendo já a todas as necessidades.

Tanto assim é, que visitado por hábeis e ilustrados médicos, entre os quais podemos mencionar os srs. drs. Rocha Lima, Furquim Werneck, Eiras, Sabóia, Pertence, Hilário de Gouveia, barão de Teresópolis, Carneiro Leão, Pedro Afonso, Felício dos Santos e barão de Maceió, tem o estabelecimento hidroterápico do sr. Court merecido as mais favoráveis opiniões.

Nós, que estamos afeitos de ver os hospitais quase que semelhantes às detenções e claustros, ficamos encantados de ver o modo por que ali pode ser distribuído o tempo que tem o doente a seu dispor e a distração que pode buscar naquele centro de vida beneficiado pela natureza, onde o ar que se respira é puro, o panorama que se estende à vista é majestoso e o domicílio, o lugar de descanso, confortável.

Não é um edifício acanhado, onde a custo se possa achar comodidade - é um vasto espaço ocupado metodicamente, com proporções para bem abrigar trinta pessoas; e ali encontra-se o salão das duchas, propriamente dito, onde podem ser operadas cinquenta aplicações por hora, graças às suas divisões, as asseidadas piscinas, o tanque de natação, os jardins pitorescamente distribuídos, finalmente - o remédio que minora e debela o mal e a distração que facilita a cura.

Ao simples exame daquele conjunto de dependências vê-se, a não admitir dúvida, que gênio criador presidiu ao trabalho; e que só uma inteligência muito desenvolvida o poderia imaginar e uma mão muitíssimo prática o traçou.

O sr. Court aproveitou-se indubitavelmente do estudo e do conhecimento visual, e conseguiu uma obra modelo, convindo observarmos que, para o edifício mostrar-se ao fim de dois anos tal qual é, deve muito haver trabalhado o construtor e com muita perseverança e coragem.

No salão das duchas, ponto mais importante da casa, vemos a água descer por uma torre de quinze metros de altura, especialmente reservada para esse fim e dando uma pressão de atmosfera e meia, vir fornecer alimento aos hidróferos, fabricados com suma perfeição no Rio de Janeiro

e destinados a todos os curativos, por contar todos os principais aparelhos.

Nas piscinas vemos uma outra água, trazida também de altura igual e com as mesmas virtudes, sempre renovada por ser água nascente.

E isso revela da parte do sr. Court o maior escrúpulo e desejo de bem servir o público porque bastante difícil lhe foi alcançar esse resultado fazendo caixas, desviando leitos, canalizando.

Tivemos ocasião de examinar minuciosamente esse estabelecimento, e podemos afoutamente dizer que a menor de suas dependências não deixou de ser vista por nós.

Um médico que tivesse tomado a si a missão de criar aquele estabelecimento não o teria melhor delineado, nem mais estritamente observado as regras da higiene e os preceitos determinados pela ciência.

É na verdade um capital bem empregado o que foi gasto na sua edificação e que pode ser calculado em quantia superior a 80:000\$.

De certo se não arrependerá o sr. Court desse emprego de suas economias, porque infalivelmente auferirá em não demorado prazo as vantagens a que faz jus, e verá o seu estabelecimento - que já tem merecido as visitas da augusta família imperial, da exma. sra. baronesa do Catete⁽¹⁴⁾ e de quantas pessoas gradas e homens da ciência frequentam esta cidade - poder prestar todos os serviços para que foi instituído, amortizando-se assim aquele débito.

Desde que bem conhecido seja, único na sua posição, não lutando com outros que lhe façam concorrência, o estabelecimento hidroterápico de Petrópolis é um depósito inesgotável de benefícios para a humanidade e de recompensa para os esforços do seu criador.

A população da Corte e a de muitas léguas em derredor desta cidade deverão vir aqui buscar a saúde que lhes falte, e ao voltar a seus lares bendirão o nome do homem, que descobrindo aquela água salutar e reconhecendo-lhe o valor a soube aproveitar.

E o bendirão ainda - porque aqui terão achado um aplicador que observa as instruções do facultativo sem desviar-se uma linha do determinado nelas, uma casa onde nada falte ao seu bem-estar, uma temperatura sempre agradável, um ar puro a respirar, e finalmente a cidade de Petrópolis, com todos os seus atrativos e belezas naturais e artísticas.

Vindo para esta cidade de recreio, onde a vida desliza-se suavemente entre os elementos que lhe são indispensáveis, o visitante que aqui está não se pode julgar em um exílio, o doente que para aqui vier não se poderá dizer *desengano*.

Foi firmando-se no conhecimento destas importantes vantagens, que o sr. Court montou o seu estabelecimento: será devido a elas que ele receberá a recompensa de seu labor.

Seja cada um visitante do estabelecimento hidroterápico de Petrópolis

um pregoeiro da verdade, auxilie cada qual com o seu contingente ao infatigável iniciador; e prestarão um serviço relevante à sociedade, que se avanta pelos esforços dos homens que sabem trabalhar não para si exclusivamente mas para todos em geral.

Por nossa parte louvamos a tenacidade do sr. Court, graças à qual podem os habitantes da corte - em três e meia horas hoje - e os de Minas e S. Paulo - em menos de um dia de cômodo e agradável transporte - procurar nesse sistema de tratamento o que lhe não deram outros de que tenham lançado mão.

Louvamos o sr. Court, a quem Petrópolis deve muito, porque ele aqui levantou um edifício que lhe dá nomeada e valor - aproveitando-se da sua boa posição e ótimas condições higiênicas ⁽¹⁵⁾.

IMPERIAL FÁBRICA DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA ⁽¹⁶⁾

Não há muitos anos tristes preocupações abalavam os que conhecendo bem a situação de Petrópolis viam como que agonizando a sua população à míngua de elementos da vida.

Colônia agrícola em seu começo estava evidenciado que à lavoura se não prestava o terreno, e que o agricultor estrangeiro achava-se sem terras para lavrar, e portanto sem trabalho a que dedicar as suas forças.

Cidade puramente de recreio vivia apenas três ou quatro meses no ano, e o resto do tempo era de quase vegetação para os habitantes permanentes.

No entanto pequeno não era o número dos que tinham presos aqui os seus interesses, o fruto de seu trabalho, a habitação de sua família com aquelas comodidades que lhes eram indispensáveis.

Na impossibilidade de se desapegarem completamente deste lugar, onde como que tinham raízes, desmembravam-se as famílias, iam estes ou aqueles em busca de trabalho longe de Petrópolis, e pois diminuindo o número de habitantes decrescia por consequência a força vital da localidade.

Então clamava-se e a bom clamar a inércia dos capitais, contra o aferrolhamento da moeda; e dizia-se razoavelmente: - não pode medrar a lavoura, morre por isso o comércio, salve-nos da queda a indústria!

Reconhecia-se a necessidade das fábricas que proporcionassem trabalho aos braços válidos que se inutilizavam no ócio. Lamentava-se que morresse o que tinha tanta seiva e vida tanta.

Nessa época, quando o desânimo aumentava à proporção que a

descrença avançava na invasão, houve uma espécie de grito de revolta; e dir-se-ia que essa população que anoitecera agonizante amanhecera animada de uma vida nova.

Eram braços novos e robustos que lançavam os alicerces de uma cidade em construção; não tinha sido o sono que alquebra, mas esse outro sono que avigora, o que se havia apoderado desses homens.

Eles não haviam desanimado; cansados de uma luta prolongada repousaram um pouco para se erguerem mais fortalecidos.

E desse esforço supremo, desse despertar repentino, surgiu Petrópolis - a manufatureira.

Não mais era necessário buscar longe o que perto havia.

O trabalho sorria para todos, chamava a postos os seus filhos; e o suor do operário fazia reverdecer a árvore da felicidade que só a esse benéfico orvalho pode dever o viço e o frescor.

Já não era o passo tardo do homem que treme pelo dia seguinte, lembrando-se das privações da véspera; era o andar acelerado do que vai com certeza buscar o bem-estar próprio e dos seus.

A primeira fábrica ia ser montada, as picaretas trabalhavam, o edifício subia.

Era bonito de ver-se como essa porção de gente laboriosa deixava traduzir-se-lhe no rosto a alegria que lhe ia na alma.

Depois de uma longa noite de decadência via ela despontar uma aurora de prosperidade, e reconhecia a verdade da sentença árabe - o contentamento é a maior riqueza e a pior pobreza o desalento.

Afinal soou a hora do labor e ali está uma fonte onde o sequioso de bem-estar vai saciar a sede que o devorava, onde o trabalhador encontra o elemento necessário à sua vida.

E hoje vemos, situada à margem esquerda do rio Quitandinha, na rua Renânia, a Imperial Fábrica de S. Pedro de Alcântara, de fiação e tecidos de algodão, movida por água represada no mesmo rio logo acima dos prazos da fábrica.

É pois deste importantíssimo estabelecimento que nos vamos ocupar, agradecendo à sua direção a benevolência que dispensou-nos ao ministrar-nos as informações que lhe pedimos.

Contém essa fábrica 3.500 fusos fiando até o número 20, consumindo uma força de perto de 50 cavalos.

Todas as suas máquinas, tanto de fiação como de preparação, são das melhores fábricas inglesas de Manchester e por isso dignas de um exame minucioso dos visitantes.

Os seus teares podem trabalhar desde o pano unido e liso até as mais lindas musselinas.

Os tecidos aí fabricados são sacos para café, lona para velas, fazendas

brancas para roupa de trabalho e muitos outros que substituem com vantagem aos importados da Europa.

Tem uma tinturaria montada nas melhores condições higiênicas e que contém os principais aparelhos aplicados a esta arte.

Produz todas as cores tanto em fios como em tecidos e nas melhores condições de fixidez, não sendo excedida em nada nas tinturas do algodão pelas melhores tinturarias da Europa.

Esta fábrica produz diariamente 3.500 metros de tecidos e o seu pessoal é de 120 operários, entre meninos e meninas, mulheres e homens.

Os primeiros regulam ganhar 500 a 800 réis e os últimos até 4\$000 diários, podendo-se estabelecer uma média diária de 1\$700 por operário.

Anexas à fábrica há uma oficina de ferreiro, outra de carpinteiro e uma terceira de funileiro, todas preparadas com boas máquinas e prontas a satisfazer todos os consertos da fábrica.

Lastimamos que o motor deste importante estabelecimento não forneça em todas as estações do ano uma força suficiente para mover todas as suas máquinas e se não fora a represa - onde os proprietários consumiram para mais de 40:000\$000 - certa seria a crise.

E tanto mais fora para lamentar a cessação de trabalho nos tempos de seca, quanto perigariam os interesses do estabelecimento e também os de dezenas de famílias que nele encontram certos o trabalho e a alimentação.

Felizmente até hoje esse fato não foi observado e a *Imperial Fábrica de S. Pedro de Alcântara* tem prosperado e servido de baluarte a quantos, lhe dando suas forças, nela encontram o trabalho que buscavam.

Ela vai ganhando terreno em interesse e em crédito e mau grado a dificuldade com que luta a indústria em nosso país, pela proteção que se dispensa à estrangeira, a sua manufatura está sendo ótimamente aceita no mercado e fácil por consequência é a sua extração.

Luta com a concorrência, luta com a indiferença, mas na luta cabe-lhe o triunfo, por que os seus produtos são perfeitos, porque a sua direção visa mais de um fim; e ao lado do interesse pecuniário, ou melhor diremos - acima desse interesse, coloca ela os créditos da indústria nacional.

A *Imperial Fábrica de S. Pedro de Alcântara* leva de vencida todas as dificuldades, e prossegue na sua marcha progressiva, filha como é de uma idéia generosa - qual a de ocupar braços que se perdiam, de um espírito de independência - qual o de estabelecer a indústria em nosso país.

Saibamos nós brasileiros auxiliar esses cometimentos e animar os que os empreenderam, e pouco a pouco nos livraremos de pesadas tutelas emancipando-nos pelo trabalho.

TIPOGRAFIA DO MERCANTIL ⁽¹⁷⁾

Era Petrópolis simples colônia, povoação em princípio, com poucas casas, más ruas - não calçadas e tortuosas ainda, quando para aqui veio um homem, que era acompanhado por um poderoso elemento do progresso.

Trazia um prelo e o material necessário para um jornal: vinha fundar aqui o primeiro estabelecimento útil - a tipografia, vinha oferecer aos habitantes da nova colônia um advogado que defendesse a sua causa.

Desse estabelecimento devia sair essa luz que ilumina a grande obra do futuro da humanidade - a imprensa: uma folha de papel impressa constituída em grandioso símbolo de vitalidade e impulso.

Sem rodear-se de promessas, sem lançar tributo que a ninguém onerasse, mas só confiando em seu trabalho e em sua persistência - o apóstolo do progresso vinha arriscar-se ou à perda de seus esforços, se mal acolhido fosse, ou, no caso contrário, a beneficiar a todos com os melhoramentos de que havia então carência.

Patriótico sentimento o animava e a sua aspiração única era tornar-se útil sem ser pesado, dar muito - embora pouco recebesse, preencher essa obrigação que todo o homem bem intencionado contrai com a sua consciência - empregar as suas forças e os elementos de que dispõe em bem servir a causa pública.

Não havia duvidar do bom acolhimento que lhe foi dispensado, e no dia 3 de março de 1857 entrava Petrópolis na relação dos lugares que sustentavam o advogado que pugnassem pelos seus interesses e engrandecimento.

Nesse dia apareceu o primeiro número do *Mercantil*.

* *

Eis o modo que ele se apresentou: “O *Mercantil* ao encetar a sua tarefa, prescindindo de vãs promessas de engrandecimento e de prodígios, que só com o tempo poderão verificar-se, não pode deixar de consignar em seu artigo de prospecto o programa de sua carreira, o qual é o seguinte:

“Pugnar pelo desenvolvimento do progresso do comércio, da indústria e da agricultura;

Pelo engrandecimento material de Petrópolis;

Curar dos verdadeiros interesses da sociedade;

Reclamar os direitos do povo, quando julgar que eles são atacados;

Respeitar e fazer respeitar o cidadão honesto e a família;

Sustentar a autoridade quando ela disso se tornar dignamente credora;

Fazer difundir por todas as classes a ilustração e todos os conhecimentos

úteis, por ser esse o fim essencial da grandiosa missão que foi pela Providência assinalada à imprensa.

Nunca o veneno da calúnia, nem a peçonha execranda da malidicência será admitida em nossas colunas, por isso que censurar, criticar, dois vocábulos já em si distintos por sua significação etimológica, não importam o descrédito e o adultério dos atos mais ingênuos do homem de bem, nem supõe a inteligência de colocar em odioso transparente os fatos ocorridos no santuário da vida doméstica.”

* *

Começada a luta pelo engrandecimento de Petrópolis sustentou sempre esse jornal o seu posto.

Outros vieram - lutaram e caíram: e o *Mercantil* seguiu na romagem.

Logo em princípio teve de pugnar pela autonomia da localidade, sujeita então à Estrela.

A população revoltava-se contra a *madrasta*, queria trabalhar para o seu aumento, precisava de melhoras, e o dinheiro remetido para a Estrela fazia falta a Petrópolis.

O *Mercantil* na estacada sustentou o direito queixoso e - Petrópolis afinal foi elevada a cidade.

Não havia iluminação, os desastres repetiam-se, as vítimas sucumbiam afogadas no rio: ei-lo reclamando contra essa falta e - a iluminação veio repará-la.

A cidade carecia de embelezamentos, as antigas pontes arruinavam-se, as chuvas produziam esboroamentos que estreitavam as ruas; ei-lo aconselhando a arborização, a reedificação das pontes, o levantamento de cais e - a diretoria de Obras Públicas atendendo à reclamação corria a satisfazer a justa exigência.

Sempre que se tratou de melhorar, de engrandecer, a sua redação advogou a causa de Petrópolis, e fê-lo de modo a merecer o apoio que em vinte e três anos lhe tem sido concedido.

Não mercadejando, não se deixando levar pelas proporções da paga, mas sim desinteressada e espontâneamente o jornal cedeu suas colunas sempre às inteligências que se quiseram consagrar à causa pública.

Se algumas vezes as têm recusado é para as torpes questões que aviltam aos que escrevem e aos que publicam o escrito.

Assim - nunca se viu a sós na luta: a seu lado teve sempre a população sensata como baluarte, assim como por escudos tinha a razão e o direito.

Muito do que Petrópolis mostra hoje, ao *Mercantil* o deve, porque faltas há que não são reparadas quando não conhecidas, e que fazê-las conhecer é um serviço prestado.

A missão do jornal está preenchida desde que ele diz - *deve-se fazer*: porque ele representa a opinião - que é a maior soberana, a opinião - que é a melhor diretora.

Na sua tarefa gloriosa tem o *Mercantil* se mostrado afanoso e infatigável, e enquanto prosseguir na vereda que há trilhado de certo não lhe faltarão o apoio e a estima geral.

* *

Deixando o jornal em si e voltando-nos agora para a casa de trabalho - a oficina tipográfica, vemos aí um desses estabelecimentos úteis quer o encaremos pelo lado moral, quer pelo material.

É daí que tem saído muitos homens serviçais à sociedade, que se dedicam a um trabalho do qual provém o bem-estar geral.

É da tipografia que sai o livro e é o livro o melhor guia a seguir.

O estabelecimento tipográfico tem sido e é sempre olhado com a maior atenção por quantos se consagram à árdua tarefa de apostolar o bem e propugnar pela prosperidade do gênero humano.

E aquele se imprime o *Mercantil*, dirigido por um desses artistas da velha escola, escola que não admitia o charlatanismo e onde os preceitos da arte eram observados sem discrepância de um ponto, tem-se constituído dos que mais no caso estão de merecer apoio e respeito.

O nosso bom amigo, o sr. Bartolomeu Pereira Sudré, que resume em si a direção do jornal e a administração das oficinas, o infatigável filho do trabalho, que se tem elevado por seus merecimentos e esforços, não se poupando sacrifícios tem levado o seu estabelecimento a esse grau de aumento em que hoje o vemos.

Acompanhando os progressos da arte, na renovação de seu material e na aquisição do que aparece de moderno em gosto e perfeição, alcança o sr. Sudré o poder encarregar-se de trabalhos delicados e de luxo.

E não poucos trabalhos tem daí saído dignos de séria atenção e merecidos encômios.

Dir-se-á talvez que laços de simpatia e estima nos tornam suspeitos neste juízo: destruímos esse mau conceito desde que é sabido que a não merecer-nos louvor calar-nos-íamos quando não quiséssemos proferir a censura.

Conhecer a tipografia do *Mercantil*, visitá-la e não endereçar ao seu proprietário um cumprimento fora injustiça imperdoável.

Antes de o saudar não escreveríamos a palavra

FIM

NOTAS

1. O rio é o Palatino e desce do bairro do Morin.
2. Vide, ainda, a respeito, a nota 65 dī *Guia de Petrópolis*.
3. Ver, também, a propósito, a nota 52 dī cit. *Guia*.
4. Ver, ainda, a respeito, a nota 14 da *Viagem Pitoresca*, de Taunay.
5. *Id. ib.* o final da nota 12 da *Viagem Pitoresca* cit.
6. *Id. ib.* o final da nota 67 da cit. *Viagem*.
7. *Id. ib.* nota 54 dī *Guia de Petrópolis*, de Tinoco.
8. O asilo foi instalado à rua de Bragança (hoje av. Roberto Silveira) esquina da rua de D. Leopoldina (hoje rua Padre Siqueira). O terreno foi adquirido com donativos arrecadados pelo próprio pe. Siqueira.
9. Antônio Machado (*Centenário*, cit. v. I, p. 313) reafirma esses conceitos: “Domingos de Lima Ferreira de Brito, médico, que desfrutou em Petrópolis de uma popularidade talvez ainda não igualada [...]”.
10. Jorge Henrique Kuhn foi, talvez, o dentista de Petrópolis. O Museu Imperial possui alguns de seus instrumentos de trabalho.
11. O primitivo hospital funcēiniu onde hoje está o convento de Lourdes, à av. 7 de Abril, 655.
12. Há no Arquivo do Museu Imperial um ofício de 24 de fevereiro de 1854 do pastor Avé Lallemand ao diretor da colônia, Alexandre Manuel Albino de Carvalho, propondo empregar, por sugestão do pastor Hoffmann, o hospital de Petrópolis ou “algum estabelecimento caritativo às Irmãs de Caridade de S. Vicente de Paulo”.
13. Antoine Court era o seu nome.
14. Ex-marquesa de Abrantes. Casara-se como visconde Silva, título concedido pelo rei de Portugal. Feito barão do Catete em 1876 e elevado a grandeza em 1887.
15. Para outras e maiores informações sobre *As Duchas*, ver no livro de Sílvio de Abreu *Fialho Música de Cavalinhos*, “Reminiscências de um Duchista”, à p. 180.
16. Sobre esta fábrica de tecidos existe, no Arquivo do Museu Imperial, um importante documento, infelizmente com data ilegível. É a minuta de um ofício dirigido a José Antônio Rodrigues, a respeito da construção dī prédio dessa indústria - levantado “contra as posturas municipais”, “em terreno destinado a logradouro público”. Então quem autorizou a construção? O prédio, de fato, ocupa o trecho final da rua do Imperador, na parte hoje denominada Prof. Pinto Ferreira. Protesta ainda o signatário do citado ofício contra a construção da muralha, “erigida sobre o leito do rio, que ficou, por isso, 3 metros mais estreito”. Na ata da Câmara, de 28/12/1872, há (a propósito do pedido de Azevedo Rocher & Cia. para mudança do açude) uma referência ao local “indevidamente acha-se hoje construída a citada fábrica”.
17. O *Mercantil* foi o 1º jornal de Petrópolis, fundado a 3 de março de 1857. Foi seu fundador Bartolomeu Pereira Sudré, que trouxe para a cidade a 1ª tipografia. O negócio girava sob a firma Sudré & Nunes, constituída do já citado e José Marcelino Íuças. Foi instalado na rua Teresa, mudando-se depois para a rua Aureliano. Em 1892 foi o jornal transformado na *Gazeta de Petrópolis*.

ÍNDICE DAS MATÉRIAS

MARIA DE LOURDES PARREIRAS HORTA	
Apresentação da Edição Comemorativa	i
FRANCISCO MARQUES DOS SANTOS	
Apresentação de Cidade de Petrópolis: reedição de quatro obras raras	9
CARLOS AUGUSTO TAUNAY	
Viagem Pitoresca a Petrópolis	15
Advertência	19
Petrópolis I	21
Petrópolis II	26
Petrópolis III	51
Petrópolis - (J. NORBERTO)	69
Ensaio para a solução do problema de tornar mais barata a viagem de Petrópolis	81
LOUREÍÇO LUIZ LACOMBE	
Notas	87
REVERT HENRY KLUMB	
Doze horas em Diligência	107
À Sua Majestade a Imperatriz	111
Do Rio de Janeiro a Petrópolis pelo vapor e a Estrada de Ferro de Mauá	119
Prefácio	123
A Partida	124
Correias	130
Pedro di Rio	133
Posse	134
Julioca	144
Luís Gornes ou Campo da Grama	144
Entre-Rios	150
Serraria	165
Paraibuna	166
Simão Pereira	172
Matias	172
Ponte Americana	177
Estação do Juiz de Fora	178
Hotel União	185
Do Rio de Janeiro a Petrópolis por Entre-Rios - Estrada de Ferro de Dorn Pedro II	186
LOURENÇO LUIZ LACOMBE	
Notas	191

JOSÉ NICOLAU TINOCO DE ALMEIDA	
Petrópolis - Guia de Viagem	197
Apresentação	199
Meios de Transporte	201
Esboço Histórico e Fundação	216
Descrição	221
Nova Matriz	224
Asilo de Santa Isabel	230
Asilo do Padre Siqueira ou Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo	232
Hospital de Santa Teresa	233
Palácio de Cristal	234
Estabelecimento Hidroterápico (Duchas)	235
Fruitière Buisson (Crêmerie Parisienne)	236
Fábrica de Tecidos na Cascatinha	237
Fábrica de Tecidos na Renânia	237
Hotéis	238
Estrada União e Indústria	240
Estrada de Ferro Príncipe do Grã - Pará	241
Estrada de Ferro do Norte	247
Colégios	250
Autoridades, Instituições e Profissões	250
LOURENÇO LUIZ LACOMBE	
Notas	259
TOMÁS CAMERON	
Os Estabelecimentos Úteis de Petrópolis	269
Dedicatória	271
Ao Leitor	273
Colégio Paixão	275
Asilo Santa Isabel	277
Hotel de Bragança	279
Hotel Beresford	281
Hotel Inglês, antigo Mc. Dowall	283
Escola Doméstica de N. Senhora do Amparo	284
Hospital de Santa Teresa	288
Estabelecimento Hidroterápico	291
Imperial Fábrica de S. Pedro de Alcântara	294
Tipografia do Mercantil	297
LOURENÇO LUIZ LACOMBE	
Notas	301

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

MUSEU IMPERIAL

Cidade de Petrópolis: Reedição de Quatro Obras Raras

Reprodução da folha de rosto	vii
------------------------------------	-----

CARLOS AUGUSTO TAUNAY

Viagem Pitoresca a Petrópolis

Reprodução da folha de rosto	15
Palácio Imperial	17
Rua do Imperador	29
Gruta das Saudades	35
Colégio de Kopke	37
Entrada da Westphalia	45
Cascata do Retiro do Bulhões	49
Planta de Petrópolis	85

HEVERT HENRY KLUMB

Doze Horas em Diligência

Reprodução da folha de rosto	107
Petrópolis - Vista Geral	109
Petrópolis - Hotel Inglês	113
Petrópolis - Palácio Imperial	115
Ponte do Retiro	117
Cascata di Bulhões - Cascatinha	121
Samambaia - Vale	125
Cascata dos Cirreias	127
Pedro di Rio Estação	131
Taquaril - Passagem	135
Vale da Posse	137
Posse - Estação	139
Ponte da Posse	141
Tropa em Marcha	145
Julioca - Estação	147
Ponte de Sant' Ana	151
Ponte das Garças sobre o Paraíba	153
Entre-Rios - Vista geral	155
Serraria	157
Pedra da Paraibuna	159

Cascata do Inferno - Paraihuna	161
Paraibuna - Estação.....	163
Ponte do Zanha.....	167
Ponte de João Carlos.....	169
Cidade de Juiz de Fora.....	173
Juiz de Fora - Estação.....	175
Retrato de Mariano Procópio Ferreira Lage.....	179
Juiz de Fora - Quinta do Comendador Lage.....	181
Juiz de Fora - Colônia Pedro II.....	183
Bosque da Imperatriz.....	187
Planta e perfil longitudinal da Estrada da Cia. União e Indústria.....	189
JOSÉ NICOLAU TINOCO DE ALMEIDA	
Petrópolis - Guia de Viagem	
Reprodução da folha de rosto.....	197
TOMÁS CAMERON	
Os Estabelecimentos Úteis de Petrópolis	
Reprodução da folha de rosto.....	269

Este livro foi impresso no ano de 1995
nas oficinas da EDITORA GRÁFICA SERRANA LTDA.
Rua General Rondon, 1500 - Petrópolis - RJ - Tel: (0242) 42-0055